UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E
LINGUÍSTICA GERAL

FERNANDA CANEVER

**Evidências para um modelo de língua baseado no uso:
O infinitivo flexionado em português brasileiro**

VERSÃO CORRIGIDA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Evani de Carvalho Viotti

São Paulo

2012

*Para os meus pais,
Isa e Alemão,
e para os meus avós,
Alzira (in memoriam) e João,
exemplos de superação e de força,
grandes amores e alicerces da minha vida...*

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais, Ricardo e Maria Luisa, por me ensinarem a ser responsável e por terem sempre me deixado livre para fazer minhas escolhas, ainda que muitas vezes isso tenha significado temporadas longas longe de casa: sem a confiança e o apoio de vocês eu não teria chegado até aqui.

Agradeço aos meus avós, João Andrade e Alzira, pelo amor incondicional, pela amizade verdadeira e por me mostrarem a diferença que o estudo faz na vida das pessoas.

Aos meus irmãos, Ricardo Canever Filho e Rafael Canever, agradeço por acreditarem tanto em mim. À minha família, em especial à minha prima, Thaís Andrade da Silva, agradeço pelo carinho e à minha tia, Raquel Canever, agradeço por ter financiado algumas importantes etapas acadêmicas.

Agradeço aos meus amigos queridos de longa data Fernanda Zulin, Myrella Cassetari, Rafael Umezu, Genésio Zandonadi Jr., Camila Costa, Thiago Secol, Letícia Colliri, Leonardo Colliri, Jaqueline Ariadne, Fernando Gicci Hernandez, Anna Maria Russo e Lucidalva pela amizade sincera e por compreenderem minha ausência em tantos momentos: vocês moram no meu coração.

Agradeço ao meu querido amigo Fernando Maresma pelo apoio em alguns dos momentos mais difíceis da minha vida: você é um anjo que Albuquerque me trouxe.

Agradeço à minha terapeuta cognitiva Fabiola Boschetti por ter me fornecido as ferramentas cognitivas necessárias para que eu pudesse, mesmo em meio a diversos desafios, manter meu equilíbrio emocional e meu foco. Os conhecimentos que você compartilhou comigo são valiosíssimos e contribuíram de um modo impressionante para a minha qualidade de vida.

Aos queridos Guilherme Monteiro, Caio Braz, André Braz, Elidia Carvalho,

Paulo Wiermann, Sônia Galvão, Cristiane Schimmtt, Edi Carlos, Donizete Santos, Paulo Tsumura, Estácio Batista e Getulio Hirata, Tatiana Batistuti, Daniele Fernanda Lavecchia e Patricia Penachio agradeço pelo carinho, pelo apoio e por todo o aprendizado que o convívio com vocês me traz.

Agradeço aos professores do Colégio São José, especialmente à professora Maria do Carmo e à professora Sandra, pela sólida formação e a todos os meus queridos colegas “palotinos” por terem tornado minha vida escolar mais interessante.

Agradeço à minha orientadora, Evani Viotti, por ter, desde 2003, acreditado tanto em mim e por ter me incentivado a fazer tantas andanças pelo mundo. Seus questionamentos, críticas e conselhos, além da leitura cuidadosa dos meus textos, são responsáveis pelo meu amadurecimento acadêmico e por esta dissertação ter sido concluída com tanto prazer.

Agradeço a todos os professores que contribuíram para a minha formação como linguista, em especial ao professor Ronald Beline Mendes e à professora Evani Viotti, meus professores de Elementos de Linguística, que certamente são responsáveis por despertar em mim o amor à Linguística; aos professores Marcos Lopes, Ana Paula Scher, Cristina Altman, Leland McCleary, Maria Célia Lima-Hernandes, Paulo Chagas de Souza, Mário Viaro e Chris Sinha pelas inspiradoras aulas e conversas; aos professores do Departamento de Linguística da Universidade do Novo México, William Croft, Sherman Wilcox, Jill Morford, Melissa Axelrod por me acolherem com tanto carinho durante o meu intercâmbio acadêmico em sua universidade e por serem responsáveis pelo aprofundamento dos meus conhecimentos em Linguística Cognitiva; ao professor Stefan Th. Gries, da Universidade da Califórnia em Santa Barbara, pela preciosa ajuda com o R e pela paciência durante as horas que eu passei em seus plantões de dúvida no instituto de verão do LSA de 2011; também pelas frutíferas aulas e conversas durante o instituto, agradeço aos professores Michael Barlow, Suzanne Kemmer, Richard Blythe, William Croft e Kathrin Campbell-Kibler: seus cursos foram de fundamental importância para a conclusão desta dissertação.

Agradeço ao colega linguista Chris Kudelka, que durante o instituto do LSA em Boulder me ajudou a resolver questões relacionadas à extração

automática dos dados a partir do R. À Lucia da Silva e à Livia Oushiro, agradeço pela indispensável ajuda com o Latex.

Agradeço aos colegas do grupo EstudosR, Livia Oushiro, João Cortese, Ágata Soares, Rafael Rocha e Danilo Carlos pela valiosa ajuda com o R e aos colegas do LLIC, Ivan Zanni, Juliana Nasser, Thaís Bolgueroni Barbosa, Lygia Rachel Testa Torelli, Renata Moreira, Ana Luísa Seelander, Aline de Palma, Alexandre Guimarães, Ana Luisa Barguil e Joana Franco assim como aos colegas Vítor Nobrega, Caio Travaglio e Aline Benevides pelas enriquecedoras conversas e discussões acadêmicas.

Agradeço a todos os colegas linguistas que conheci ao longo da minha trajetória acadêmica, especialmente à Livia Oushiro, pelo apoio, pela amizade, por ser minha interlocutora nos últimos anos e por me inspirar a ir além.

Agradeço à Erica, ao Robson e ao Ben Hur, pelo carinho, pela ajuda sempre que eu precisei e pela paciência.

Pelo financiamento desta pesquisa, agradeço ao CNPq.

*The more comfortable
we become with being stupid,
the deeper we will wade into the unknown
and the more likely we are to make big discoveries.
– Martin A. Schwartz*

Resumo

À luz de modelos de língua baseados no uso ([Langacker, 2000](#)), que assumem que os princípios fundamentais da estrutura linguística são derivados da experiência com a língua, o objetivo deste estudo é contribuir para a investigação de como se dá o contínuo processo de atualização do nosso conhecimento linguístico, em especial explorando a questão de como algumas inovações são incorporadas na língua.

Para responder a essa questão, ainda em aberto na literatura baseada no uso, o fenômeno linguístico investigado foi o infinitivo flexionado, cujo uso gramáticos modernos consideram intrigante. A partir de um recorte de construções com o infinitivo que apresentam variação entre as formas flexionada e não-flexionada, foi feita uma quantificação da variação no emprego da flexão do infinitivo em um *corpus* sincrônico de língua escrita culta.

Para o levantamento dos dados, foi compilado um *corpus* de 11.000.000 palavras formado por 180 teses e dissertações de alunos do curso de Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais da USP, que recebeu o nome de *Corpus LLIC-PósLetrasUsp*. Como se trata de um grande volume de dados, a extração dos dados feita de modo automático com o software livre R, apontado atualmente como o mais completo concordanceador disponível ([Gries, 2009](#)).

Os resultados encontrados no estudo de *corpus* apontam para diferentes tendências de emprego da flexão a depender dos contextos sintáticos em que ocorrem. Apesar de ter sido verificada uma tendência à não-flexão em algumas construções, tais como as perífrases modais e aspectuais, nas orações finais, causais e temporais, por exemplo, a preferência pela forma flexionada do infinitivo é clara.

Uma vez que modelos baseados no uso propõem que há uma correlação entre a frequência de ocorrência de estruturas e seu grau de arraigamento cognitivo, a alta frequência de ocorrência de formas flexionadas do infinitivo em variados contextos sintáticos, inclusive em contextos em que o sujeito do infinitivo está claro, demonstra que a flexão do infinitivo está se tornando cada vez mais arraigada na gramática dos falantes. Assim, esta pesquisa vem ressaltar a importância dos estudos de frequência para o mapeamento dos fatos linguísticos e para a descrição gramatical das línguas naturais.

Neste estudo, também é feito um esboço de um modelo de língua baseado no uso *mais dinâmico e mais social*, que incorpora as propostas dos estudos da “terceira onda” (*third wave*) de investigação sociolinguística e que representa uma tentativa inicial de acomodar a teoria da variação dentro do quadro teórico baseado no uso.

Palavras-chave: modelos de língua baseados no uso; linguística cognitiva de corpus; infinitivo flexionado; variação linguística; português brasileiro

Abstract

In light of usage-based models ([Langacker, 2000](#)), which assume that the fundamental principles of linguistic structure derive from the experience with language, the aim of this study is to contribute to the investigation of the continuous update of linguistic knowledge, especially by exploring the question of how some innovations propagate and are incorporated in speakers' grammars.

To address this open question in the usage-based literature, the inflected infinitive, which modern grammarians consider intriguing ([Cunha & Cintra, 2008](#)), was investigated. After selecting some infinitive constructions which show variation between the inflected and uninflected forms, the variation in the usage of the infinitive in these constructions was quantified in a synchronic standard written corpus.

To obtain the data, a corpus containing 11.000.000 words and consisting of 180 theses and dissertations written by students of the Faculty of Philosophy, Letters and Social Sciences of University of São Paulo was compiled and named *Corpus LLIC-PósLetrasUsp*. Given the size of the corpus, the data extraction was achieved automatically through the use of the open software R, considered the most powerful concordancer available at the moment ([Gries, 2009](#)).

Depending on the constructions in which the infinitive occurs, the results point to different tendencies in the usage of the inflection. Even though there is no preference for the inflection in constructions such as modal and aspect periphrases, in causal, final and temporal clauses, for instance, the preference for inflected forms is clear.

Because usage-based models assume that there is a correlation between the

frequency of occurrence of a structure and its degree of entrenchment, the high frequency of occurrence of the inflected infinitive in different syntactic contexts, including contexts in which where the infinitive subject is clear, shows that the inflection of the infinitive is becoming continuously more entrenched in speakers' grammars. Thus, this study highlights the importance of frequency studies in the investigation of linguistic phenomena and in the grammatical description of natural languages.

This study also presents the sketch of a proposal named *A more dynamic and a more social usage-based model*, which, by incorporating the view of the “third wave” of sociolinguistic investigation ([Campbell-Kibler, 2008, 2009](#); [Eckert, 2005, 2008](#)), represents an initial attempt to accommodate variation theory within the usage-based framework.

Keywords: Usage-based models; corpus cognitive linguistics; variation; inflected infinitive; Brazilian Portuguese

Sumário

Lista de Tabelas	xiv
Lista de Figuras	xvii
Introdução	1
1 Fundamentação teórica	8
1.1 Modelos linguísticos baseados no uso	8
1.1.1 Evidências de efeitos de frequência	15
1.1.2 Incorporação de novas estruturas na gramática	16
1.2 Mudança linguística baseada no uso	17
1.2.1 Modelos matemáticos de mudança linguística	23
1.3 Aprovação social e hiperacomodação	25
1.4 O significado social da variação linguística	30
1.5 Considerações finais	34
2 Infinitivo flexionado	36
2.1 Sobre a origem do infinitivo flexionado	37
2.2 Construções instáveis	38
2.3 Dados recentes colhidos pelo LLIC	47
2.4 Construções investigadas neste estudo	48
3 Metodologia	49
3.1 O corpus	51
3.2 Extração e manipulação dos dados	53
3.2.1 Preparação dos arquivos	55

3.2.2	Algumas noções centrais do R	57
3.2.3	Desvendando o R	64
3.2.4	Scripts finais	75
3.2.5	Considerações finais	79
4	Análise dos dados	81
4.1	Quantificação da variação	82
4.1.1	Construção 1 – Complemento adjetival	83
4.1.2	Construção 2 – Complemento nominal	85
4.1.3	Construção 3 – Perífrases aspectuais/modais	86
4.1.4	Construção 4 – Orações finais	89
4.1.5	Construção 5 - Orações causais	92
4.1.6	Construção 6 – Orações relativas	94
4.1.7	Construção 7 – Construções com verbos de alça- mento	95
4.1.8	Construção 8 - Orações completivas	97
4.1.9	Construção 9 - Orações temporais	99
4.1.10	Construção 10 - Ênclise/Próclise	102
4.2	Considerações finais	105
5	Esboço de uma proposta mais dinâmica e mais social	107
5.1	A flexão do infinitivo à luz desta proposta	111
5.2	Considerações finais	113
	Conclusão	114
	Referências	116
	Anexo A - Listas de concordâncias	121
	Anexo B - Teses e dissertações utilizadas	147

Lista de Tabelas

2.1	Futuro do subjuntivo e Infinitivo em Português	38
2.2	Futuro do subjuntivo e Infinitivo em Espanhol	38
3.1	Corpus LLIC-PósLetrasUsp	53
4.1	Construção 1 – Complemento adjetival (quadro geral)	83
4.2	Construção 1 – Complemento adjetival na voz passiva	83
4.3	Construção 1 – Complemento adjetival na voz ativa	84
4.4	Construção 2 - Complemento nominal	86
4.5	Construção 3a - Perífrases aspectuais	87
4.6	Construção 3b - Perífrases modais	88
4.7	Construção 4 – Orações finais (quadro geral)	89
4.8	Construção 4 – Orações finais com 1p. plural	89
4.9	Construção 4 – Orações finais com 3p. plural	90
4.10	Construção 4 – Orações finais com 3p. plural na voz passiva	91
4.11	Construção 4 – Orações finais com 3p. plural na voz ativa	91
4.12	Construção 5 – Orações causais (quadro geral)	92
4.13	Construção 5a – Orações causais com 1p. plural	93
4.14	Construção 5b – Orações causais com 3p. plural	93
4.15	Construção 6 – Orações relativas	94
4.16	Construção 7 – Construções com verbos de alçamento (quadro geral)	95
4.17	Construção 7a – Construções com verbos de alçamento 1p. plural	96
4.18	Construção 7b – Construções com verbos de alçamento 3p. plural	96
4.19	Construção 8 - Orações completivas (quadro geral)	97
4.20	Construção 8a - Orações completivas com 1p. plural	98

LISTA DE TABELAS

4.21	Construção 8b - Orações completivas com 3p. plural	98
4.22	Construção 9 - Orações temporais (quadro geral)	99
4.23	Construção 9 - Orações temporais com 1p. plural	100
4.24	Construção 9 - Orações temporais com 3p. plural	101
4.25	Construção 10a - Próclise	102
4.26	Construção 10b - Ênclise	103

Lista de Figuras

1.1	<i>Loop baseado em Kemmer & Israel (1994)</i>	10
1.2	<i>Proposta de adaptação da Figura 1.1.</i>	14
1.3	<i>Curva de substituição de variantes em formato S.</i>	24
3.1	<i>Nota de rodapé e quebra de página em um arquivo em .pdf</i>	56
3.2	<i>Trecho do arquivo convertido de .pdf para o formato .txt</i>	56
3.3	<i>A janela de comando do R: o console.</i>	58
3.4	<i>Editor do R.</i>	63
3.5	<i>Algumas expressões regulares</i>	64
3.6	<i>Carregamento de arquivos por áreas.</i>	66
3.7	<i>Criação do vetor allfilos</i>	67
3.8	<i>Criação do vetor allfiles</i>	67
3.9	<i>Script inicial com a função grep</i>	68
3.10	<i>Parâmetros para abertura dos arquivos de resultados.</i>	69
3.11	<i>Arquivo com os resultados da busca</i>	70
3.12	<i>Arquivo com os resultados da busca filtrados</i>	71
3.13	<i>Script que resolve a questão dos rótulos</i>	74
3.14	<i>Script final</i>	76
3.15	<i>Script final – ajuste 1</i>	77
3.16	<i>Script final – ajuste 2</i>	78
3.17	<i>Script final – ajuste 3</i>	79
3.18	<i>Resultados a partir do script final – 1p. plurall</i>	80
3.19	<i>Resultados a partir do script final – 3p. plural</i>	80
5.1	<i>Proposta de adaptação do diagrama 2</i>	108

LISTA DE FIGURAS

2	<i>Construção 1</i>	121
3	<i>Construção 1.</i>	122
4	<i>Construção 2.</i>	122
5	<i>Construção 2.</i>	123
6	<i>Construção 3.</i>	124
7	<i>Construção 3.</i>	125
8	<i>Construção 3.</i>	126
9	<i>Construção 3.</i>	126
10	<i>Construção 3.</i>	127
11	<i>Construção 3.</i>	128
12	<i>Construção 3.</i>	128
13	<i>Construção 3.</i>	129
14	<i>Construção 3.</i>	130
15	<i>Construção 3.</i>	131
16	<i>Construção 3.</i>	131
17	<i>Construção 3.</i>	131
18	<i>Construção 3.</i>	132
19	<i>Construção 4</i>	132
20	<i>Construção 4</i>	132
21	<i>Construção 4.</i>	132
22	<i>Construção 4.</i>	132
23	<i>Construção 4.</i>	133
24	<i>Construção 4.</i>	133
25	<i>Construção 4.</i>	134
26	<i>Construção 4.</i>	135
27	<i>Construção 4.</i>	135
28	<i>Construção 4.</i>	136
29	<i>Construção 4.</i>	136
30	<i>Construção 4.</i>	137
31	<i>Construção 5.</i>	137
32	<i>Construção 5.</i>	137
33	<i>Construção 5.</i>	138
34	<i>Construção 5.</i>	138

LISTA DE FIGURAS

35	<i>Construção 5.</i>	138
36	<i>Construção 6.</i>	138
37	<i>Construção 6.</i>	139
38	<i>Construção 6.</i>	139
39	<i>Construção 6.</i>	140
40	<i>Construção 7.</i>	140
41	<i>Construção 7.</i>	140
42	<i>Construção 7.</i>	141
43	<i>Construção 7.</i>	141
44	<i>Construção 8.</i>	142
45	<i>Construção 8.</i>	142
46	<i>Construção 8.</i>	142
47	<i>Construção 9.</i>	143
48	<i>Construção 9.</i>	143
49	<i>Construção 9.</i>	143
50	<i>Construção 9.</i>	144
51	<i>Construção 9.</i>	144
52	<i>Construção 9.</i>	144
53	<i>Construção 10.</i>	145
54	<i>Construção 10.</i>	145
55	<i>Construção 10.</i>	146
56	<i>Construção 10.</i>	146
57	<i>LLIC-PósLetrasUsp</i>	147
58	<i>LLIC-PósLetrasUsp</i>	148
59	<i>LLIC-PósLetrasUsp</i>	148

Introdução

É a fala que faz evoluir a língua: são as impressões recebidas ao ouvir os outros que modificam nossos hábitos linguísticos.

F. de Saussure, *Curso de Linguística Geral*

Quando o assunto é língua, todos nós temos uma opinião a respeito do que é bom, ruim, elegante, apropriado, inapropriado, estranho, pedante e por aí vai. Mesmo linguistas, que se rotulam descritivistas e se opõem à noção de certo e errado adotada pela gramática normativa, reconhecem a força da norma ao afirmar, por exemplo, que em determinadas situações ou a depender da modalidade linguística certos usos são mais ou menos adequados (Cameron, 1995).¹ Uma vez que todos estão sujeitos às pressões sociais envolvidas no uso da língua, falantes em geral sentem dúvidas e não apenas demonstram preocupação em relação à forma como falam, mas também avaliam a fala de seus interlocutores a cada interação.

Se por um lado avaliações linguísticas dessa natureza parecem sugerir que se trata de ações conscientes,² estudos da área de psicologia social demonstram

¹ De acordo com Cameron, a própria noção de registro traz consigo certa normatividade, no sentido de que há uma pressão e uma expectativa em relação à adequação ao registro: “Because language-using is paradigmatically a social, public act, talking (and writing and signing) must be carried on with reference to norms, which may themselves become the subject of overt comment and debate.” (Cameron, 1995 : 2)

² Cameron chama tais avaliações de práticas de *higiene verbal*, mas o termo *higiene*, além de pressupor

que muitos processos perceptivos e avaliativos são feitos de modo automático e inconsciente (Bargh & Chartrand, 1999).

Assim, o que acontece a todo momento é (i) uma constante busca de adequação ao registro e de conformação ao que se acredita ser o esperado com vistas ao alcance de objetivos interacionais diversos; e (ii) um constante monitoramento da fala daqueles com quem interagimos. Tal monitoramento, porém, não significa que necessariamente são feitos juízos de valor, mas que são feitas análises automáticas da fala dos nossos interlocutores em uma espécie de cálculo sociolinguístico inerente a todo ato comunicativo.³

Um fenômeno que ilustra a preocupação em relação à forma com que se fala é a chamada *hipercorreção* (Labov, 1972). Segundo Labov, falantes pertencentes à classe média baixa revelam uma profunda insegurança linguística e apresentam uma maior tendência de cometer excessos ao tentar fazer uso das formas de prestígio associadas aos pertencentes à classe média alta.⁴ Ou seja, a fala de pessoas pertencentes à classe mais alta é o parâmetro usado para determinar o que é correto e o que está além do correto é *hiper*correto, no sentido de ser exagerado e fora do padrão utilizado pelos falantes de prestígio.⁵ Com base nos achados de Labov acerca do comportamento linguístico dos falantes da cidade de Nova York, a visão canônica que se tem do conceito de

ações conscientes, sugere que há algo ruim ou sujo que é conscientemente evitado e, por isso, esse tipo de termo será evitado.

³ Pensando nessas práticas dessa forma, não é difícil imaginar o estranhamento causado por alguém que, por exemplo, pronuncie todo -r final de verbos no infinitivo, ou seja, alguém que esteja indo na contramão do que já é extremamente natural na língua falada – no caso, o apagamento desse -r final nos verbos. Ainda que alguns possam argumentar que não avaliariam negativamente esse falante, muito provavelmente a grande maioria ficaria confusa e se perguntaria: “O que será que essa pessoa está querendo? Por que será que ela está falando desse jeito?”

⁴ *Prestígio*, na literatura sociolinguística, é um termo que está associado às classes socioeconômicas mais altas, mas não é um conceito muito bem definido. Além de também existir o conceito de *prestígio encoberto*, que não está necessariamente relacionado a classes socioeconômicas, mas sim a questões de identidade e de pertencimento de grupos, o prestígio pode também ser associado a altos graus escolaridade.

⁵ Um exemplo do fenômeno no português brasileiro é o uso de ‘eu tinha chego’ em vez de ‘eu tinha chegado’. Ao contrário de verbos como ‘pagar’, ‘pegar’ e ‘ganhar’, que têm duplo particípio, de acordo com a gramática normativa o verbo ‘chegar’ tem apenas uma forma de particípio, que é a forma ‘chegado’. Curiosamente dados de língua em uso revelam a presença de formas como ‘eu tinha falo’ ou ‘eu tinha mando’, o que sugere que as formas mais reduzidas dos verbos de duplo particípio estão se espalhando para outros verbos. À primeira vista, o fenômeno tende a ser avaliado negativamente e relacionado a falantes das classes mais baixas que generalizam e usam as formas reduzidas de particípio mesmo nos casos em que tais formas não “existem”. Entretanto, é importante frisar que tais considerações são apenas especulativas e ilustrativas, uma vez que um estudo da variação dessas formas é certamente indispensável para uma melhor compreensão do fenômeno e para que se possa afirmar quais as classes que de fato estão inovando e empregando as novas formas de particípio.

hipercorreção é fundamentalmente relacionada à classe média baixa (Boyland, 2001; Labov, 1972).

Estudos mais recentes, tais como aqueles que se baseiam na *teoria de acomodação comunicativa* (*communicative accommodation theory*), entretanto, propõem que, por razões pragmáticas, aqueles considerados falantes de prestígio também hipercorrigem (Giles & Williams, 1992). Nessa mesma linha, a partir da investigação de dois casos clássicos de hipercorreção no inglês,⁶ Boyland (2001) oferece evidências empíricas de que falantes das classes mais altas usam variantes hipercorrigidas embora acreditem que estejam usando a norma padrão. Provenientes de um estudo de corpus e de uma pesquisa de aceitabilidade, tais evidências apontam para a importância da frequência de uso na definição daquilo que é considerado padrão.

Esses achados são interessantes por duas razões. A primeira delas diz respeito à ideia de que falantes de prestígio também hipercorrigem, o que significa uma reformulação no conceito tradicional de hipercorreção. Assim, atualmente o fenômeno deve ser entendido de modo mais amplo: não apenas os pertencentes às classes socioeconômicas mais baixas são linguisticamente inseguros e tentam se conformar ao que acreditam ser o padrão usado pelas classes mais altas, mas falantes de um modo geral tentam se conformar àquilo que acreditam ser o esperado, convencional, ou apropriado nas situações comunicativas em que se encontram, o que pode vir a ter, como resultado, usos inovadores.

A segunda razão por que tais estudos recentes relacionados a fenômenos de hipercorreção são fascinantes está relacionada à ideia de efeitos de frequência e de como nosso conhecimento linguístico é modelado a partir da nossa experiência com a língua. Ao demonstrar que a intuição dos falantes a respeito do que é convencionalizado pode mudar à medida que certas construções se tornam mais frequentes e passam a soar mais *naturais*, Boyland chama a atenção para as propostas de modelos baseados no uso e para como elas podem contribuir para o estudo da variação e da mudança linguística (Boyland, 2001).

Com o crescente interesse pelo estudo da fala nas últimas décadas, linhas

⁶ *You and I* na posição de objeto e o uso de *whom* em contextos não-padrão, como em “Thanks to all whom helped me.”

teóricas que têm como objeto a língua em uso, como é o caso da sociolinguística, têm sido consideradas ‘baseadas no uso’. No entanto, conforme cunhado por [Langacker \(1987, 2000\)](#), tal termo se refere à premissa de que o conhecimento linguístico emerge do uso, não significando apenas que a investigação linguística se vale de dados naturais. Simplesmente trabalhar com dados de fala e corpora não significa assumir que o conhecimento linguístico é resultante da experiência concreta com a língua. Assim, ao ouvir falar de *teorias* baseadas no uso, deve-se ter em mente que se trata de uma visão de língua em que o sistema linguístico dos falantes é fundamentalmente baseado em eventos de uso, ou seja, em que a gramática de cada falante é *formada* a partir do uso concreto da língua.

A remodelação contínua do nosso conhecimento linguístico a partir do uso concreto da língua proposta pelas teorias baseadas no uso deve ser vista como um vai-e-vem dinâmico entre o que está armazenado e aquilo a que se é exposto, em uma espécie de laço de realimentação entre instâncias concretas de uso linguístico e suas representações mentais ([Barlow & Kemmer, 2000](#)). Em outras palavras, o uso concreto não é apenas o produto da gramática de um falante, mas também serve de base ou *input* para o desenvolvimento dessa gramática. Além de realimentar as gramáticas de cada falante, o uso de estruturas linguísticas na vida diária de uma comunidade de fala pode resultar na emergência de novos padrões, o que caracteriza o conhecimento linguístico como um sistema dinâmico aberto.

Partindo das premissas de que há uma preocupação constante em relação à forma com que se fala no sentido de sempre haver a intenção de acomodação ao que se imagina ser o esperado nas diferentes situações comunicativas e de que processos cognitivos relacionados à frequência de uso podem explicar fenômenos tradicionalmente tratados como hipercorreção, o objetivo geral desta dissertação é contribuir para a investigação de como se dá o processo de atualização do nosso conhecimento linguístico. Em especial, é explorada a questão de como certas inovações sobrevivem e se tornam convencionais ([Croft, 2000](#)).

No âmbito da linguística cognitiva de corpus, que é um casamento teórico-metodológico entre o modelo de língua baseado no uso proposto por [Langacker](#)

(2000) e a linguística de corpus, este trabalho investiga o infinitivo flexionado em português brasileiro a partir de um estudo de frequência de uso. Considerando que tanto as formas flexionadas quanto as não-flexionadas são possíveis em inúmeras construções com o infinitivo, os próprios gramáticos admitem se tratar de um fenômeno bastante controverso na sintaxe do português (Cunha & Cintra, 2008).

Theodoro Henrique Maurer Junior, cujo trabalho sobre a origem e sintaxe do infinitivo flexionado é considerado uma das mais importantes contribuições para o estudo do fenômeno, enfatizou que apesar da aparente complexidade e da “impressão de anarquia” deixada pelo infinitivo, as regras que subjazem seu emprego são bastante simples e todas as incertezas do infinitivo flexionado português resultam dos casos facultativos em que as duas soluções são possíveis (Maurer Jr, 1968 : 154). Apesar de podermos questionar a ideia de simplicidade das regras para o uso da flexão do infinitivo, o fato é que o estudo de Maurer oferece evidências valiosas acerca da propagação do infinitivo flexionado desde sua criação. Entre as construções que apresentavam variação, Maurer cita as seguintes:

- (1) a. Daqui se inferem duas consequências muito dignas de ser notadas.
 b. Estes estrangeirismos são difíceis de serem entendidos.
- (2) a. Convém preparar-nos.
 b. Convém prepararmo-nos.
- (3) a. Eles também trabalham muito para obter este resultado.
 b. Eles também trabalham muito para obterem este resultado.
- (4) a. Alegramo-nos imensamente de receber notícias.
 b. Alegramo-nos imensamente de recebermos notícias.

Segundo Maurer, nas construções (1) e (2) as formas flexionadas eram mais frequentes, enquanto nas construções (3) e (4) soavam mais naturais e eram mais frequentes as formas não-flexionadas. De acordo com o paradigma em que este estudo foi realizado, tais evidências sugerem que, na época do estudo, as formas flexionadas apresentavam um alto grau de arraigamento na

gramática dos falantes apenas em algumas das construções que apresentavam variação.

Visando a investigar o grau de arraigamento dessas mesmas construções *instáveis* nas gramáticas de um grupo de falantes com um alto grau de escolaridade, esta dissertação quantifica a variação dessas construções em um *corpus* sincrônico de língua escrita culta. O *corpus* LLIC-PósLetrasUsp, compilado especificamente para a realização deste estudo, é formado por 180 teses e dissertações produzidas por alunos de pós-graduação em Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo entre os anos de 2000 e 2010 e contém aproximadamente 11 milhões de palavras. A ideia que subjaz a escolha metodológica de utilizar um corpus de língua escrita para demonstrar que a mudança acontece através do uso é a de que uma alta frequência de ocorrência de inovações na variedade escrita deve corresponder a mudanças que ocorreram na interação e que agora pertencem ao sistema linguístico dos falantes.

Em vez de fazer uso das convencionais ferramentas comerciais utilizadas na linguística de corpus, este estudo utiliza uma nova ferramenta para a manipulação e extração dos dados de modo automatizado – o software livre R. A incorporação de noções básicas de programação ilustra uma mudança no perfil dos linguistas de corpus que, segundo [Shepherd \(2011\)](#), está aprendendo a pensar como um engenheiro da computação.

Além de representar uma nova perspectiva no que diz respeito às metodologias utilizadas na manipulação e processamento dos dados, ao ilustrar o casamento teórico-metodológico entre a linguística cognitiva e linguística de *corpus*, este estudo ressalta a importante contribuição que estudos de frequência podem trazer para as diferentes teorias linguísticas, tornando-as empiricamente fundamentadas.

Uma vez feita a fundamentação teórica no capítulo 1, o capítulo 2 é dedicado à uma descrição do infinitivo flexionado, em especial das construções que apresentam variação entre as formas flexionada e não-flexionada e que serão quantificadas. No capítulo 3, são discutidas questões metodológicas referentes ao processo de compilação do corpus e ao processo de manipulação dos dados feita de modo automático a partir do software R. No capítulo 4, são

apresentados e discutidos os resultados do estudo de frequência do infinitivo flexionado em português brasileiro.

Por fim, no capítulo 5, é feito um esboço de uma proposta de teoria baseada no uso que, partindo do conceito de competência comunicativa proposto por Hymes (1991 [1979]), incorpora as ideias de Eckert (2005, 2008) e de Campbell-Kibler (2008, 2009) relacionadas à dinamicidade dos significados sociais das variantes linguísticas. O que será proposto é que, em cada interação, nós não somos expostos a estruturas de modo neutro, mas, retomando o que foi dito a respeito das constantes avaliações que fazemos acerca da língua que usamos e a que somos expostos, está sempre acontecendo um processo automático de avaliação das estruturas utilizadas pelos nossos interlocutores, que depende crucialmente de quem eles são e de como os percebemos. Assim, a nossa gramática individual – o nosso estoque de conhecimento linguístico – incluiria também informações sociolinguísticas dinâmicas. Como consequência dos processos avaliativos inconscientes que realizamos a cada interação, a competência comunicativa proposta por Hymes como sendo nossa capacidade de intuir quais são os registros mais adequados em diferentes situações de fala também estaria, conforme proponho, sendo constantemente remodelada a partir do uso linguístico. Da mesma forma que as estruturas apresentam graus de arraigamento que podem ser reforçados ou não, os valores sociais dinâmicos associados às estruturas linguísticas estão sendo continuamente reforçados ou alterados.

Uma vez que valores sociais positivos podem ser atribuídos às variantes, elas podem então se tornar preferidas socialmente, o que explicaria por que algumas estruturas inovadoras conseguem sobreviver e se tornar convencionais.

Tais ideias são consoantes com a ideia de variação inerente/heterogeneidade ordenada proposta por Weinreich *et al.* (1968: 100) e, além de contribuir para o entendimento de como inovações são incorporadas na língua e representam uma tentativa de acomodar a teoria da variação no quadro teórico baseado no uso.

Capítulo 1

Fundamentação teórica

1.1 Modelos linguísticos baseados no uso

Ao contrário de teorias que veem a língua como um sistema autônomo, a linguística cognitiva assume que a língua é parte da cognição e, portanto, seu desenvolvimento está intimamente associado ao desenvolvimento de habilidades cognitivas gerais. Assentados na premissa de que a nossa cognição é *corporeada*, segundo a qual nossa organização conceitual é vista como um produto da interação de nossos corpos com o ambiente em que vivemos, estudos da linguística cognitiva enfatizam o papel da experiência na formação e na constante reestruturação do nosso conhecimento linguístico (Johnson, 2006; Lakoff & Johnson, 1999).

Essa ênfase dada à experiência fica evidente nos trabalhos de Ronald Langacker, proponente da Gramática Cognitiva (Langacker, 1987, 1991, 1999). Nesse modelo, definido como *baseado no uso*, “uma língua é descrita como um inventário estruturado de unidades linguísticas convencionais” (Langacker,

2000: 8).¹ Longe de ser uma organização fixa, nosso conhecimento linguístico seria uma espécie de estoque dinâmico constantemente reestruturado pela atividade linguística.

Por meio de nossa habilidade cognitiva de *esquematização*, a partir da qual somos capazes de lidar com diferentes graus de abstração, extraímos esquemas mais e mais abstratos a partir de experiências semelhantes recorrentes, através da qual somos capazes de fazer generalizações a partir de um conjunto de experiências similares. Segundo Langacker, a habilidade de esquematizar é um tipo especial de capacidade de *abstração*, sendo que, à medida que somos expostos a eventos de uso, fazemos abstrações de suas características mais específicas que têm como resultado estruturas menos precisas e detalhadas. O produto desse processo de esquematização é uma gama de estruturas abstratas (esquemas), que servem como *moldes* (*templates*) para futuras experiências linguísticas.

Considerando que “os esquemas que emergem se originam do uso concreto” (Langacker, 2000),² ou seja, que os esquemas mais abstratos – ou de nível alto (*high-level schemas*) se originam dos esquemas mais próximos das ocorrências concretas (*tokens*) – ou de nível baixo (*low-level schemas*), esse é um modelo que se constitui de baixo para cima, e, por isso, é chamado *bottom-up*.³

Além disso, por armazenar tanto os padrões mais abstratos emergentes – os *esquemas* – quanto as instâncias mais específicas a partir das quais os padrões emergem – as *instâncias*, o modelo baseado no uso é uma proposta não-reducionista e redundante.⁴

O seguinte diagrama procura capturar o conceito de uma gramática baseada no uso conforme proposta por Langacker (2000):

¹ Original:(...) a language is described as a structured inventory of conventional linguistic units.

² Original: the schemas that emerge spring from the soil of actual usage (Langacker, 2000: 3)

³ Ao contrário de modelos *bottom-up*, modelos *top-down*, dos quais a Gramática Gerativa é um exemplo, são constituídos de cima para baixo, isto é, a partir de esquemas abstratos de alto nível.

⁴ Langacker cita modelos reducionistas, de acordo com os quais apenas as regras mais gerais são armazenadas, e defende que regras e listas não são mutuamente excludentes, mas que ambas podem ser estocadas no sistema (Langacker, 1988: 264).

Figura 1.1 Loop baseado em *Kemmer & Israel (1994)*

No quadrado maior, que representa a gramática ou o estoque linguístico, estão armazenados *esquemas* e *instâncias*, ou seja, estruturas com variados graus de abstração. Tais estruturas, que emergem de eventos de uso, também são responsáveis por guiar o uso da língua, configurando a relação de interdependência que as flechas entre o quadrado da gramática e o quadrado do uso concreto procuram capturar. Gramática e uso, portanto, estão em situação de realimentação: a gramática serve de base para o uso enquanto o uso serve de base para a formação da gramática.⁵

Além de auxiliar na compreensão e na produção de novas estruturas, a gramática é constantemente realimentada pelos eventos de uso na vida diária das comunidades de fala já que, a cada interação, o inventário é alterado seja pelo reforço de rotinas já existentes seja pela emergência de novas rotinas que podem ou não se tornar parte do sistema.

Em relação ao armazenamento de novas estruturas, Langacker propõe que instâncias são incluídas no inventário linguístico apenas quando atingem o status de unidade, sendo que, para ele, ser *unidade* significa ser uma *rotina*

⁵ A afirmação de que a gramática de cada falante é formada a partir do uso concreto da língua pode sugerir a existência de *uso sem gramática*. Por isso, é importante ter em mente que o uso linguístico depende das construções armazenadas no estoque linguístico de cada falante tanto na produção, quanto na compreensão.

cognitiva (Langacker, 1988:264). Através da habilidade geral de formação do hábito, rotinização ou automatização do comportamento, a qual Langacker chama de *arraigamento* (do inglês *entrenchment*), a ocorrência de eventos deixa pistas que facilitam sua recorrência. Sendo assim, a repetição faz com que eventos se tornem rotinas mais facilmente realizadas e se tornem arraigadas. No entanto, Langacker admite que a diferenciação entre o que é ou não unidade é bastante delicada:

Como o arraigamento é um questão de grau, não há uma clara linha de demarcação entre estruturas novas e aquelas com o status de unidades. (Langacker, 2000:10)⁶

Segundo o autor, o arraigamento equivale à emergência de um *atrator*, como discutido por modelos conexionistas (Langacker, 2000:6). Ao explorar o tipo de computação empregado pelo cérebro, esses modelos propõem que os processos cognitivos se dão através de interações entre unidades de processamento semelhantes aos neurônios, sendo tais interações governadas por conexões aprendidas gradualmente através da experiência (Plaut, 2003:143).⁷ A ocorrência de interações – ou de *padrões de ativação* – reforça as conexões existentes, que, ao se tornarem mais e mais *arraigadas*, tendem a facilitar a ocorrência de estruturas semelhantes. Isto é, a partir da recorrência de interações semelhantes entre unidades de processamento menores, emergem unidades ou padrões que funcionam como atratores na medida em que passam a atrair estruturas, que são categorizadas e produzidas de acordo com elas de modo cada vez mais automático.

Ao tratar unidades como estruturas produzidas de modo automatizado e pré-fabricado, sem que haja necessariamente uma atenção voltada para as partes que as compõem (Langacker, 1987:57), Langacker está sugerindo que tais estruturas se tornaram hábitos, o que pressupõe que elas estavam presentes na experiência linguística dos falantes com uma considerável frequência. Se as estruturas precisam ser utilizadas com certa frequência para se tornar

⁶ Original: Since entrenchment is a matter of degree, there is no clear line of demarcation between novel structures and those with the status of units.

⁷ Plaut adverte, porém, que, em modelos conexionistas, unidades e conexões não são consideradas em uma correspondência direta com neurônios e sinapses, apesar de a semelhança entre os processos auxiliar na compreensão de como se dá a formação de rotinas cognitivas (Plaut, 2003:144).

arraigadas, a frequência tem então um papel central no desenvolvimento da gramática de uma língua. Assim, o esperado seria que aqueles interessados nas tendências relacionadas aos graus de arraigamento de estruturas linguísticas em diferentes comunidades de fala procurassem tais evidências em estudos quantitativos. No entanto, apesar do papel de destaque atribuído ao uso na constante remodelação do nosso *estoque linguístico*, Langacker não realizou estudos quantitativos baseados no uso efetivo da língua que levassem em conta efeitos de frequência e não explorou as razões por que algumas novas rotinas se tornam arraigadas e outras não.⁸

Joan Bybee, por sua vez, que já advogava a favor de um enfoque “baseado no uso” antes mesmo de o termo ser cunhado por Langacker,⁹ sempre ressaltou a importância de levar em conta como a frequência de uso - tanto a frequência de ocorrência de um elemento (*token frequency*) quanto a frequência de um padrão (*type frequency*) influenciam a gramática e o processamento linguístico (Bybee, 1985, 2006a,b, 2010).

Tendo definido o modelo baseado no uso como um paradigma de pesquisa amplo que engloba o funcionalismo e a linguística cognitiva,¹⁰ Bybee afirma que uma ideia compartilhada por todos que se rotulam teóricos *baseados no uso* é a de que a gramática é “a organização cognitiva da experiência individual com a língua”, o que justifica a importância da frequência de uso dentro desse modelo (Bybee, 2006b: 2).¹¹

Bybee se vale do conceito de *exemplares* da psicologia para propor que a gramática é formada por uma vasta rede de conexões entre representações cognitivas, que, apesar de abstratas, apresentam uma forte conexão com a experiência concreta (Bybee, 2010):

Exemplares são ricas representações da memória; eles contêm, ainda que em potencial, toda a informação que um usuário da língua pode

⁸ Apesar de não ter realizado estudos quantitativos, Langacker preparou uma base teórica firme que enfatiza o papel do uso na formação do nosso conhecimento linguístico. Assim, atualmente, estudos quantitativos embasados nessa proposta constituem uma importante agenda de pesquisa desse âmbito teórico.

⁹ Langacker considera o trabalho desenvolvido por Bybee visionário (Langacker, 2000: 46).

¹⁰ De acordo com Bybee, os trabalhos desenvolvidos por ela e funcionalistas tais como Joseph Greenberg, Paul Hopper, Sandra Thompson e Talmy Givón, que já reconheciam que o estudo da estrutura linguística não deveria ser isolado do uso da língua, formam a base do que hoje se conhece por *modelo baseado no uso* (Bybee, 2006b).

¹¹ Original: (...) grammar is the cognitive organization of one's experience with language.

perceber em uma experiência linguística. Essa informação inclui detalhes fonéticos, inclusive traços redundantes e variáveis, itens lexicais e construções utilizadas, o significado, inferências feitas a partir desse significado e a partir do contexto, e propriedade do contexto social, físico e linguístico. (Bybee, 2010 : 14)¹²

Além de ressaltar o caráter altamente reduntante dessas representações, Bybee explica que elas são impactadas a cada instância de uso linguístico. No caso de já existir na rede do falante um exemplar idêntico a uma determinada ocorrência de uso, esse exemplar sobre o qual a ocorrência é mapeada é fortalecido, se tornando mais facilmente acessível. Equivalente ao arraigamento cognitivo discutido por Langacker, esse fortalecimento faz com que os exemplares sejam acessados mais automaticamente.¹³ Quando o uso é inovador e não existe um exemplar equivalente, esse primeiro uso deixa marcas que podem facilitar sua recorrência e um eventual fortalecimento na rede. A frequência de ocorrência, portanto, desempenha um papel fundamental no fortalecimento cognitivo das estruturas.

Apesar de Bybee explicar a constante reestruturação da gramática em termos da teoria exemplares enquanto Langacker o faz em termos de incorporação de novas unidades, as propostas desses autores a respeito do que seria uma gramática baseada no uso são compatíveis e complementares. Sendo assim, o seguinte diagrama pretende ilustrar o que seria uma gramática baseada no uso à luz das propostas de Bybee e Langacker:

¹² Original: Exemplar representations are rich memory representations; they contain, at least potentially, all the information a language user can perceive in a linguistic experience. This information consists of phonetic detail, including redundant and variable features, the lexical items and constructions used, the meaning, inferences made from this meaning and from the context, and properties of the social, physical and linguistic context.

¹³ Embora a ideia de fortalecimento de exemplares seja equivalente à habilidade cognitiva de automatização do comportamento discutida por Langacker, Bybee utiliza os termos *lexical strength* e *autonomy* e não o termo *entrenchment*, traduzido por “arraigamento”. Nesta dissertação, para fazer referência ao processo de formação de hábito ou de fortalecimento de representações cognitivas através do uso repetido, emprego o termo “arraigamento”.

Figura 1.2 Proposta de adaptação da Figura 1.1.

Esse diagrama pretende capturar a ideia de que uma gramática baseada no uso é um *mapa do uso* e, por isso, apresenta gramática e uso ligados por linhas tracejadas.¹⁴ Ou seja, em vez de ver gramática e uso como entidades distintas - ainda que interdependentes, eles devem ser vistos como parte de um vai-e-vem dinâmico. É essa ideia de dinamicidade, central à proposta baseada no uso, que as flechas maiores visam a enfatizar: a remodelação contínua do nosso conhecimento linguístico a partir do uso concreto da língua se dá através de uma espécie de laço de realimentação entre ocorrências concretas e suas representações, armazenadas com diferentes graus de abstração e que incluem, necessariamente, informações sobre a frequência de ocorrência (Barlow & Kemmer, 2000; Kemmer & Israel, 1994).

A depender do foco do pesquisador, a gramática pode parecer mais saliente do que o uso ou o uso pode parecer mais saliente que a gramática, sendo tais diferenças no grau de saliência indicadas, na figura acima, pela cor cinza escuro. No entanto, é importante ter em mente que, ao contrário do diagrama 1 que traz uso e gramática em tamanhos diferentes sugerindo que são duas entidades distintas, no diagrama 2 tudo faz parte de um todo dinâmico. Com o objetivo de ressaltar que gramática e uso formam uma unidade que pode ser vista de diferentes ângulos, as facetas uso e gramática têm o mesmo tamanho.

¹⁴ Bybee se referiu à gramática como sendo um 'mapa do uso' no curso intitulado *Language, Usage, and Cognition*, ministrado na UFMG, entre os dias 8 e 14 de setembro de 2011 e foi a partir dessa ideia da autora que eu desenvolvi o diagrama ilustrado na figura 1.2.

1.1.1 Evidências de efeitos de frequência

Alguns estudos oferecem evidências empíricas dos efeitos cognitivos da nossa experiência linguística, especialmente aquela relacionada a efeitos de frequência e de repetição de estruturas. Bybee & Slobin (1982), por exemplo, investigaram os verbos do inglês que formam o passado com a alternância de -d para -t, como em “send - sent” e procuraram verificar a hipótese de que há uma correlação entre a frequência de ocorrência de estruturas e seu grau de arraigamento cognitivo.

Ao comparar uma lista de verbos em uma gramática histórica do inglês com os mesmos verbos em um dicionário mais recente, os autores observaram que as formas que retêm a forma irregular com -t são altamente frequentes. O fato de que as formas irregulares que apresentam alta frequência de ocorrência permanecem irregulares e resistem à mudança corrobora a hipótese de que tais formas estão bastante arraigadas na gramática dos falantes. Formas irregulares com baixa frequência de ocorrência, por sua vez, tendem a ser regularizadas, isto é, por serem menos frequentes acabam por ficar suscetíveis ao nivelamento analógico em direção às formas mais frequentes.

O efeito da frequência de ocorrência das palavras também é documentado na literatura psicolinguística. Tanto em testes de monitoramento lexical quanto em testes de decisão lexical, foi demonstrado que os falantes respondem mais rapidamente a palavras com alta frequência de ocorrência (Whaley 1978 in Vogel Sosa & Macfarlane 2002). A frequência de ocorrência não apenas causa impacto no armazenamento das palavras individualmente, mas a repetição frequente de combinações de palavras causa impacto cognitivo, conforme demonstrado por Vogel Sosa & Macfarlane (2002). Seu estudo mostrou que sequências altamente frequentes são armazenadas como unidades independentes a depender de sua frequência de co-ocorrência. Utilizando um teste de monitoramento lexical, os autores investigaram o tempo de reação à palavra *of* dentro de sequências altamente frequentes, as quais eles chamaram de *unidades pré-fabricadas (prefabs)* tais como *kind of* ou *sort of*, por exemplo. Os resultados mostraram que nos contextos mais frequentes o tempo de reação foi mais demorado. O atraso no acesso de uma palavra dentro da combinação

corroborar, portanto, a hipótese de que a frequência de co-ocorrência faz com que as sequências sejam armazenadas como unidades autônomas.

Efeitos de frequência desse tipo são consistentes com o modelo de língua baseado no uso uma vez que esse modelo não impõe restrições em relação ao tamanho e complexidade sintagmática das unidades que podem ser armazenadas.

1.1.2 Incorporação de novas estruturas na gramática

Apesar de Bybee e de muitos estudos que se basearam nas suas propostas terem sempre levado em conta o impacto da frequência de uso na gramática, assim como Langacker, Bybee não explora por que alguns usos inovadores se tornam frequentes e, portanto, arraigados, passando a influenciar usos subsequentes. Embora acredite que informações sociais podem ser armazenadas nos exemplares, a questão de como essas informações se relacionam com aumentos de frequência de uso não é explorada em seus trabalhos.

Quando as inovações emergem, elas naturalmente têm baixa frequência de ocorrência ao passo que as variantes convencionais apresentam alta frequência de ocorrência e, portanto, alto grau de arraigamento. Assim, considerando-se apenas a frequência, o esperado seria que todas as inovações desaparecessem e fossem vencidas pelas variantes já estabelecidas (Blythe & Croft, *no prelo*). O fato de que algumas construções inovadoras são propagadas e eventualmente se tornam as variantes convencionalizadas demonstra que, além da frequência, outros fatores estão envolvidos no processo de propagação das novas construções.

Entre os linguistas que, além da frequência, levam em conta os fatores sociais envolvidos na dinâmica da língua, estão William Croft e Salikoko Mufwene, cujas propostas referentes à mudança linguística são apresentadas na seção seguinte.

1.2 Mudança linguística baseada no uso

Tradicionalmente, a linguística histórica emprega analogias e metáforas entre a teoria da evolução e a mudança linguística, o que indica que existem semelhanças entre esses dois domínios. Entretanto, é preciso atentar para a questão de quais estruturas paralelas precisariam estar presentes para que tais analogias e metáforas sejam legítimas (Croft, 2008:220).

Por essa razão, em vez de utilizar analogias e metáforas provenientes da biologia, Croft (2008) propõe que é mais interessante pensar em uma teoria geral de mudança evolucionária que dê conta da evolução biológica, da mudança linguística e de outros fenômenos tais como a evolução cultural. Ou seja, para o autor, uma vez abstraídos os princípios gerais do que seria um enfoque evolucionário, pode-se pensar na aplicação de tais princípios em diferentes domínios: na língua, na biologia, etc.

Segundo Croft, uma teoria geral de mudança evolucionária está assentada na premissa de que a mudança acontece através da replicação, processo pelo qual entidades são copiadas de tal modo que as entidades resultantes contêm toda ou grande parte da estrutura das entidades originais. Nos casos em que as entidades copiadas são idênticas às originais, fala-se em *replicação normal*. Além disso, um modelo evolucionário de mudança envolve duas etapas: a geração de variação no processo de replicação – a *replicação alterada* – e a seleção (ou propagação) de variantes – a *replicação diferencial* (Croft, 2000).

Entre as teorias gerais de mudança evolucionária que atraíram a atenção de linguistas históricos, está a *análise generalizada da seleção* (*generalized analysis of selection*), proposta por Hull (1988).¹⁵ Nesse modelo, o *interator* é definido como qualquer entidade que interage com o ambiente de modo a causar replicação diferencial dos replicadores relevantes e não apenas um veículo para a replicação do replicador, conforme propõe Dawkins (1982 in Croft 2008), por exemplo. Assim, ao contrário de linhas que negam o papel do interator no processo de seleção, Hull propõe que é na interação do organismo

¹⁵ Filósofo da ciência, Hull (1988) explica o processo de mudança conceitual na ciência através de sua teoria geral de análise da seleção. Segundo ele, os conceitos científicos são replicadores, os cientistas são os interatores e, uma vez gerada a variação no processo de replicação dos conceitos, a replicação diferencial se dá através de publicações, palestras e aulas.

com o seu ambiente que acontece a seleção:

A análise geral da seleção proposta por Hull é, portanto, centrada no processo pelo qual a interação do organismo com seu ambiente causa a replicação diferencial de replicadores. (Croft, 2008: 220)¹⁶

Na linguística, uma aplicação da teoria geral de análise da seleção no caso de mudança linguística é a *teoria de seleção de enunciados* (*theory of utterance selection*) proposta por Croft (2000). De acordo com esse modelo, a língua muda através do uso da língua e não através da aquisição da linguagem.¹⁷

Tendo cunhado o termo *linguema* (*lingueme*) para fazer referência à instância de estrutura linguística replicada, Croft vê o processo de mudança linguística da seguinte forma: o falante, que é o interator, replica linguemas ao interagir com outros falantes. A comunidade de fala é a população em que a replicação acontece, e o ambiente inclui o contexto social do evento de fala, seus objetivos, assim como os outros membros da população. Assim, de acordo com a proposta de Croft, os falantes mudam o sistema através da replicação de suas gramáticas, ou mais especificamente, através da replicação de linguemas – entidades empiricamente reais.

Para ressaltar o papel central da interação no processo de mudança da língua, Croft se baseia em teorias de língua em uso tais como a de Clark (1996), de acordo com quem o uso linguístico é uma ação conjunta em que o falante e seu interlocutor compartilham um mesmo objetivo. Isto é, através da língua, as pessoas realizam ações: fazem acordos, fofocam, se conhecem melhor, fazem promessas, pedem desculpas. Desse modo, para Clark, a língua não deve ser vista apenas como um meio de comunicação, mas como um meio para que objetivos extralinguísticos sejam alcançados.

Por se tratar de ações conjuntas, os falantes precisam coordenar suas ações individuais e fazem isso através de mecanismos de coordenação, tais como a *convenção*, por exemplo:

Uma convenção é uma regularidade no comportamento, parcialmente

¹⁶ Original: Hull's general analysis of selection is thus centered on the processes by which the interactor's interaction with its environment causes the differential replication of replicators.

¹⁷ Conforme a visão da Gramática Gerativa.

arbitrária, que faz parte do conhecimento compartilhado em uma determinada comunidade (...). (Clark, 1996: 71)¹⁸

No caso da língua, as regularidades de comportamento são o que os falantes regularmente fazem e esperam que os outros também façam ao utilizar a língua para diferentes fins. Embora o sistema linguístico seja formado por “regras” fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas, Clark chama a atenção para o fato de que tais comportamentos regulares são apenas usos em potencial. Uma vez que a cada interação surgem novos problemas de coordenação, soluções não-convencionais estão continuamente emergindo, exatamente conforme proposto por teorias de língua baseada no uso (ver seção 1.1).

Desse modo, apesar de a dinamicidade do uso linguístico causar um aparente caos e uma certa instabilidade no sistema, constantemente desequilibrado pela emergência de novas estruturas, é a convenção, ou seja, a regularidade no comportamento linguístico arraigado em uma comunidade de fala, que garante uma considerável estabilidade na língua Clark (1996: 71). Sendo assim, para entender a constante remodelação da gramática, processo que inclui tanto a emergência e o armazenamento de novas estruturas quanto o reforço das já existentes, é importante levar em conta que a língua necessariamente implica conhecimento compartilhado. Embora as teorias baseadas no uso assumam que os indivíduos têm diferentes conhecimentos linguísticos, isto é, que a gramática de cada indivíduo é diferente devido às diferentes experiências linguísticas de cada um ao longo da vida, é fundamental que haja uma considerável intersecção entre as gramáticas dos falantes para que a língua cumpra sua função.

Considerando, então, que falantes replicam suas gramáticas visando a atingir seus objetivos sociointeracionais, os falantes procuram se conformar ao que é acordado como sendo o convencional na comunidade de fala em que estão inseridos (Clark, 1996). Segundo Croft (2000), a *replicação normal* no caso do uso da língua acontece quando há conformação à convenção.

Durante o processo de replicação de linguemas, frequentemente não

¹⁸ Original: A convention is a regularity in behavior, partly arbitrary, that is common ground in a given community (...).

acontece conformação à convenção e emergem inovações, ou seja, acontece a *replicação alterada*. Nesse passo inicial de geração de variação – primeiro passo para a mudança linguística, Croft explica que inúmeros mecanismos podem estar envolvidos, tais como expressividade ou busca por mais clareza. Mecanismos teleológicos, de acordo com os quais falantes inovariam com o objetivo de modificar a língua, são rejeitados.

Uma vez gerada a variação através da replicação alterada, variantes diferentes se tornam disponíveis para os falantes. Quando a nova variante é selecionada por outros membros da comunidade de fala se dá a *replicação diferencial*, que leva ao arraigamento cognitivo.

Assim como Clark, que vê o estudo do uso linguístico como uma ciência cognitiva e uma ciência social, Croft afirma que, dada a natureza social da linguagem, a propagação de novas estruturas em uma comunidade de fala depende crucialmente de fatores sociais:

A replicação de linguemas nos enunciados é fundamentalmente um processo cognitivo, mediado pela ativação de alguma estrutura mental e rotina motora-articulatória. (Essa estrutura mental/ rotina mental é adquirida pela exposição a ocorrências prévias do linguema no uso da língua). E a replicação de linguemas é igualmente um processo social, mediado pelo falante na interação verbal. Se um falante não fala, ele não replica linguemas. (Croft, 2000: 30)¹⁹

Croft sublinha, portanto, que é na interação social que falantes mudam a língua: é no uso da língua que são geradas inovações, que, a depender dos valores sociais que recebem, podem ou não se propagar.²⁰ No entanto, como as variantes linguísticas precisam estar arraigadas na gramática dos falantes para se perpetuar, o autor chama a atenção para a importância de levar em conta o conhecimento linguístico individual armazenado, que é algo cognitivo. Desse modo, o modelo proposto por Croft tem o diferencial de aproximar as propostas baseadas no uso da linguística cognitiva e a sociolinguística.

¹⁹ Original: Replication of linguemes in utterances is fundamentally a cognitive process, mediated by activation of some mental structure and articulatory motor routine. (This mental structure/ mental routine is of course acquired from exposure to prior occurrences of the linguemes in language use.) And replication of linguemes is equally fundamentally a social process, mediated by the speaker in conversational interaction. If a speaker doesn't speak, she will not replicate any linguemes.

²⁰ Croft acredita que pressões funcionais estão presentes apenas na geração da variação e não na seleção, o que me parece um pouco radical. Retomo essa discussão, porém, no capítulo 5, ao apresentar o esboço do que considero uma proposta *dinâmica* de remodelação do conhecimento linguístico armazenado.

A sobrevivência ou morte das estruturas cognitivas dependem de seu grau de arraigamento na mente (...). A alteração nas proporções de variantes de uma variável linguística no uso é ocasionada pela alteração no grau de arraigamento de tais variantes nas gramáticas dos falantes. Essa alteração é resultado do valor social dessas variantes para falantes individuais, mas o efeito global é um ajuste de seu valor de ativação, ou uma alteração em seu arraigamento na gramática de um falante. Croft (2000:32)²¹

Com relação à propagação das variantes, Croft apresenta a seguinte tipologia:

- Evolução neutra (*neutral evolution*)
A propagação depende da frequência de ocorrência da variante. Flutuações aleatórias levam à mudança. Meros efeitos de frequência.
- Seleção pela frequência de interação (*neutral interactor selection*)
Diferenças na frequência de interação com outros interatores levam à propagação. A frequência com que os interatores interagem determina se uma variante vai ser propagada ou não. Em conformidade com estruturas de redes sociais, membros de uma comunidade de fala interagem com certos membros mais do que com outros, e como resultado disso os membros são expostos a diferentes frequências de ocorrência das variantes. Valores sociais não estão envolvidos.
- Seleção pelo peso dado ao interator (*weighted interactor selection*)
A propagação da variante depende do valor social atribuído ao interator. Embora seja uma questão social, na medida em que envolve a interação, nem todos os interatores impactam a seleção da mesma forma: alguns são mais valorizados socialmente do que outros.
- Seleção pelo replicador (*replicator selection*)
A escolha depende do valor atribuído à variante (ex. prestígio e identidade).

²¹ Original: The survival or death of cognitive structures depends on their degree of entrenchment in the mind (...). The shift in proportions of the variants of a linguistic variable in usage is brought about by shifts in degrees of entrenchment of those variants in the grammars of the speakers. This shift is a result of the social value of those variants for individual speakers, but the global effect is an adjustment of their activation value, or a shift in their entrenchment, in a speaker's grammar.

Trudgill (2004 in [Baxter et al. 2009](#)), por exemplo, propõem que a frequência é suficiente para explicar a propagação. Em seu estudo sobre a emergência do inglês na Nova Zelândia, Trudgill argumenta a favor do determinismo, segundo o qual as variantes majoritárias necessariamente ganham sem que algum valor social esteja envolvido no processo de seleção. A pura frequência tanto do uso das variantes, quanto de interação com falantes que as utilizam é, conforme propõe Trudgill, suficiente para explicar o processo de formação daquela variedade linguística.

Por considerar apenas efeitos de frequência de ocorrência e a similaridade semântica com formas altamente frequentes, [Bybee \(2006a,b, 2010\)](#) parece levar em conta apenas o mecanismo que Croft chama de evolução neutra. [Croft \(2000\)](#) e [Baxter et al. \(2009\)](#), por sua vez, afirmam que os quatro mecanismos estão em jogo, mas estudos empíricos são necessários para uma melhor compreensão de como funcionam e interagem esses quatro mecanismos de propagação.

Semelhante à teoria de mudança linguística desenvolvida por Croft, a proposta de [Mufwene \(2001, 2008\)](#) também é um modelo evolucionista. Ao investigar a emergência de crioulos, Mufwene argumenta que esse processo é semelhante, por exemplo, à emergência das línguas românicas, que surgiram em situação de contato linguístico entre o latim vulgar e línguas locais com as quais os romanos passaram a interagir ([Mufwene, 2008](#): 84).

Diferentemente daqueles que propõem que as crianças são responsáveis pelo desenvolvimento dos crioulos, Mufwene afirma que os adultos são os principais inovadores na mudança linguística e na emergência de novas variedades linguísticas, tais como as línguas crioulas. Para Mufwene, as estruturas linguísticas que existem nas mentes dos falantes se propagam ou desaparecem nas comunidades de fala a depender da estrutura social dessas comunidades. Por essa razão, o autor fala em *ecologia da mudança linguística*.

Ao ser introduzidas, novas variantes podem vir a fazer parte da variedade linguística falada por uma população de falantes a depender da dinâmica social dessa população. Assim como Croft, Mufwene acredita que as inovações são geradas à medida que os falantes estão tentando se conformar à convenção, ou seja, guiados pelos objetivos interacionais:

Uma coisa é certa: os falantes-aprendizes tentam falar como os falantes da língua alvo, mas não pensam na gramática ou sistema como um linguista faria. (Mufwene, 2008: 87)²²

A visão de Mufwene é revolucionária na medida em que o autor vê o contato linguístico como uma característica essencial para a mudança linguística em geral. A partir do momento em que dois falantes estão interagindo, as estruturas linguísticas que cada um tem armazenadas em suas mentes estão sendo impactadas e a língua está mudando.

Neste enfoque, é crucial reconhecer que as mudanças normalmente consistem em modificações nos padrões de variação em uma mesma língua, não necessariamente na introdução de novas variantes (McMahon 1993: 248) ou perda de outras. Elas podem consistir, no nível populacional, em mudanças nas frequências estatísticas das variantes, com algumas que costumavam ser recessivas se tornando dominantess. (Mufwene, 2008: 23)²³

E ainda:

A variação dentro de uma população tende a permanecer estável a menos que algo aconteça em sua ecologia externa de modo a causar um distúrbio no “balanço de poder” entre as variantes em competição. (Mufwene, 2008: 23)²⁴

Tais distúrbios no balanço de poder entre as variantes, que equivalem a flutuações nos graus de arraigamento conforme o modelo de língua baseado no uso proposto por Langacker (2000), são socialmente motivados.

1.2.1 Modelos matemáticos de mudança linguística

Um grupo de pesquisadores que inclui linguistas, físicos e matemáticos está buscando uma formalização para a *teoria de seleção de enunciados* à luz da

²² Original: One thing is certain: learners try to speak like those speakers of the language that they target, but they are not targeting a grammar or “system” in the way that a linguist would do.

²³ Original: Critical to this approach is recognizing that changes often consist of only modifications of patterns of variation within a language, not necessarily the introduction of new variants (McMahon 1993: 248) or loss of some others. They can consist, at the population level, of shifts in the statistical frequencies of the variants, with some becoming dominant that used to be recessive.

²⁴ Original: Variation within a population is likely to remain stable unless something happens in its external ecology that disturbs the “balance of power” between the competing variants.

física social (Baxter *et al.*, 2006, 2009). Após modelar a hipótese de Trudgill matematicamente, esse grupo concluiu que, apesar de a frequência ter de fato desempenhado um papel importante, ela sozinha não seria capaz de dar conta do processo investigado no intervalo de tempo em questão Baxter *et al.* (2009).

Blythe & Croft (no prelo), que fazem parte do grupo interessado em modelar a mudança linguística, em um trabalho recente, investigaram quais mecanismos de seleção propostos por Croft (2000) precisariam estar presentes para explicar a substituição de variantes em uma trajetória temporal na forma de curva em S, como no seguinte gráfico:²⁵

Figura 1.3 Curva de substituição de variantes em formato S.

Os autores demonstram que o padrão de trajetória temporal de uma mudança em forma de curva em S pode ser capturado apenas se os mecanismos de propagação incluem seleção de replicadores – a valoração diferente de variantes em competição. Ou seja, para explicar a trajetória-padrão de mudança linguística, as variantes precisam ter adquirido algum valor social positivo (Blythe & Croft, no prelo).

Apesar de o interesse específico desse grupo de pesquisadores ser o de modelar a mudança linguística no sentido de *substituição de variantes* e não no sentido de *atualização constante da gramática através da experiência linguística dos falantes*, como proposto por Mufwene (2008) e conforme focalizado neste estudo, os primeiros resultados das tentativas de formalização matemática da mudança representam um avanço importante no estudo das línguas naturais.

²⁵ Extraído de Blythe & Croft (no prelo), que utilizaram dados de Poplack & Malvar (2007:144), esse gráfico representa a trajetória da evolução das variantes do futuro em português brasileiro.

Tais achados da modelagem matemática são evidências de que (i) a frequência, embora não seja suficiente, desempenha um papel importante na formação e reestruturação da língua e (ii) olhar para fatores sociais é essencial para a investigação de como nossas gramáticas mudam continuamente.

Desse modo, mesmo não tratando a mudança no sentido de necessariamente ter havido alguma substituição de uma forma por outra, a visão que norteia este estudo e que é baseada nesses recentes achados matemáticos é a de que existe uma correlação entre o grau de arraigamento e os valores sociais atribuídos às variantes linguísticas guiando a mudança linguística enquanto remodelação contínua da gramática resultante da atividade linguística dos falantes.

Embora a complexidade dos sistemas sociais dificulte a avaliação empírica de quais mecanismos podem estar envolvidos na propagação de variantes e nas flutuações nos graus de arraigamento das estruturas armazenadas cognitivamente, a sociolinguística tem um papel fundamental na investigação desses processos. Por essa razão, na próxima seção, são discutidos alguns dos trabalhos realizados no âmbito da sociolinguística e que podem contribuir para a investigação de atualização do conhecimento linguístico armazenado.

1.3 Aprovação social e hiperacomodação

Conforme discutido na introdução, a preocupação constante em relação à forma com que se fala no sentido de sempre haver a intenção – ainda que provavelmente na maior parte das vezes inconsciente ([Bargh & Chartrand, 1999](#)) – de acomodação ao que se imagina ser o esperado nas diferentes situações comunicativas pode gerar inovações provenientes de dúvidas dos falantes em relação ao que é correto gramaticalmente. Sendo assim, olhar para tais desvios deve auxiliar na compreensão de como nosso conhecimento linguístico é alterado através da experiência com a língua. Nesse sentido, retomo a discussão a respeito de estudos recentes sobre hipercorreção para demonstrar a importante intersecção entre esses estudos e a gramática baseada no uso.

A hipercorreção é tradicionalmente vista como fruto da insegurança

linguística da classe média baixa que, em ascensão social, procura falar como os falantes de *prestígio* da classe média alta (Labov, 1972). Como resultado de uma avaliação errada do que é correto gramaticalmente e com o objetivo de evitar *erros*, esses falantes inseguros adotam as novas formas hipercorrigidas, passando a utilizá-las de modo generalizado em contextos em que os falantes de *prestígio* não as utilizariam. Segundo Labov, entre os hipercorretores originais estão as mães e professoras, que desempenham um papel central na propagação das *novas* formas entre falantes mais jovens. Dada a forma supergeneralizada como padrão, falantes que são frequentemente expostos a esses usos hipercorrigidos crescem com a intuição de que tais usos são gramaticais independentemente de sua classe social, não apresentando a mesma insegurança linguística inicial dos hipercorretores que resultou na emergência da forma hipercorrigida.

Para Hock & Joseph (1996 in Boyland 2001), um outro fato que precisa ser considerado é o de que a correção explícita pode impactar as crenças que os falantes têm a respeito de quais formas linguísticas são corretas. Esses autores investigaram um caso clássico de hipercorreção no inglês – uso de *you and I* em posição de objeto, como em:

- (1) ‘The possible misunderstanding between you and I’.

Ao dizer que a forma *between you and I* é um exemplo clássico de hipercorreção, os linguistas estão dizendo que se trata de um uso não-padrão que eles acreditam ser proveniente de um erro de cálculo em relação ao que é correto gramaticalmente. Embora a construção *you and I* como objeto seja gramatical para alguns falantes, prescritivamente falando a construção *you and I* é gramatical apenas como sujeito.

Conforme propõem Hock & Joseph (1996 in Boyland 2001), falantes jovens que crescem sendo corrigidos ao dizer algo como “Charlie and me went to the movies”, generalizam essa correção explícita de tal modo que passam a acreditar que a forma *Charlie and me* é sempre incorreta prescritivamente. Assim, como consequência da frequente correção explícita, a ideia de que a forma *you and I* é a correta vai se solidificando de uma forma tal que esses

falantes passam a acreditar que a forma é a correta em todos os casos.

Segundo Boyland, nesse cenário que faz parte da explicação padrão do fenômeno de hipercorreção existem 3 categorias de falantes: o hipercorretores originais da classe média baixa, os falantes da classe média alta que falam a língua-alvo e a geração mais jovem que adquire a nova variedade vernacular. Não é discutida, portanto, a possibilidade de que falantes de *prestígio* podem ser afetados ou podem participar da hipercorreção, constituindo assim uma quarta categoria: a de falantes de *prestígio* que hipercorrigem.

A teoria da acomodação comunicativa (Giles & Williams, 1992) estende o modelo de hipercorreção de modo que este passa a incluir o uso de hipercorreção devido a razões pragmáticas, independentemente de insegurança ou de crenças metalinguísticas. De acordo com essa proposta, falantes mudam sua fala para enfatizar ou minimizar as diferenças sociais entre eles e seus interlocutores, em uma espécie de escolha consciente com fins interacionais. Assim, ao admitir que falantes em geral tendem a aproximar seu jeito de falar ao jeito de falar de seu interlocutor quando acreditam que essa é a estratégia mais apropriada para o alcance de seus objetivos interacionais, a teoria de acomodação comunicativa estende a noção de hipercorreção e admite que falantes normalmente classificados como falantes de *prestígio* também fazem usos hipercorrigidos.

O fato de que falantes de *prestígio* hipercorrigem é interessante uma vez que, de acordo com a proposta inicial de hipercorreção, os falantes de *prestígio* são os modelos para os hipercorretores. Isto é, os falantes que teoricamente utilizam o padrão-alvo dos hipercorretores também têm um padrão ao qual procuram se conformar.

Interessada em investigar as propostas sobre a hipercorreção e seus limites, Boyland (2001) atenta para o fato de que um modelo como a teoria de acomodação comunicativa não oferece uma explicação sobre como falantes de *prestígio* passam a ver determinadas formas como corretas ou aceitáveis, já que esse modelo explica apenas mudanças na performance e não na competência.

Boyland, que também investigou o emprego do sintagma *you and I* em posição de objeto, confirmou a existência de uma quarta categoria envolvida no processo de hipercorreção: a de falantes de *prestígio* que utilizam formas

não-padrão embora acreditem que estejam usando as formas prescritas.

Entretanto, enquanto a teoria da acomodação oferece uma explicação em termos de pragmática e de forças psico-sociais, Boyland oferece evidências de que processos cognitivos baseados em frequência produzem o que normalmente se chama de hipercorreção, processos esses que explicam as mudanças nas intuições dos falantes. Uma pista é o fato de estar envolvida a adição de uma construção de origem externa na gramática individual do falante – mesmo já possuindo uma determinada forma padrão em sua gramática, esse falante gradativamente passa a aceitar uma outra forma que desempenha a mesma função. Tal fato sugere que uma teoria atraente capaz de explicar essa aceitabilidade gradual precisaria explicar porque construções altamente frequentes são adicionadas às suas gramáticas. Uma teoria como essa, para Boyland, seria capaz de não apenas explicar o uso hipercorrigido, mas inclusive intuições hipercorrigidas.

A possibilidade de que a exposição frequente a determinadas construções pode mudar a gramática de um falante foi investigada e confirmada por Luka & Barsalou (1998 in [Boyland 2001](#)), em um dos poucos estudos a respeito das mudanças dos julgamentos gramaticais entre falantes adultos. Segundo os autores, cada vez que um falante é exposto a uma determinada construção, essa construção soa mais natural para este falante, que se torna mais propenso a utilizá-la. Ou seja, independentemente da classe social, à medida que os falantes a sua volta usam a construção hipercorrigida, a probabilidade de que falantes de prestígio adotem esse uso aumenta.

Os padrões dos resultados sugerem que a mudança da intuição associada à hipercorreção pode ocorrer não apenas na transmissão descontínua de geração para geração, mas, em vez disso, ocorrer em função de uma mudança na representação mental dos falantes do dialeto de prestígio. A frequência de exposição além de ser uma explicação viável para casos de hipercorreção, pode ser um dos fatores que aceleram o progresso de propagação de formas hipercorrigidas.

Além de pesquisar as atitudes dos falantes em relação às construções investigadas, Boyland também realizou um estudo que pudesse oferecer evidência quantitativa de que a frequência tem, de fato, um efeito observável no com-

portamento gramatical. Assim, visando a descobrir se a frequência pode ser uma explicação viável para casos de hipercorreção ou ainda se pode ser um dos fatores que aceleram o progresso de hipercorreção, Boyland realizou um estudo de corpus e constatou que um fator determinante de quando uma forma de prestígio vai se espalhar para contextos não-padrão é sua frequência em seu contexto original. Assim, segundo ela, quando a hipercorreção ocorre, a variante que preferencialmente é supergeneralizada é a mais frequente.

Assim, o estudo de Boyland tem duas contribuições importantes: (i) ele confirma a existência de uma quarta categoria – a de falantes de prestígio que hipercorrigem; e (ii) oferece evidências de que processos cognitivos baseados em frequência são capazes de alterar a intuição linguística desses falantes.

Ao propor que os falantes de prestígio começam a usar a forma nos contextos não-padrão sob influência dos padrões linguísticos de outros falantes, a meu ver, Boyland está partindo de uma ideia de gramática dinâmica baseada no uso, admitindo que a gramática individual de cada falante é remodelada constantemente e sofre efeitos de frequência.

O fato de Boyland concordar que a hipercorreção normalmente motivada socialmente ocorre, embora seu estudo demonstre que considerar a frequência de uso é indispensável para o estudo da propagação de formas hipercorridas, sugere que, assim como Croft, ao ver da autora, os quatro mecanismos de seleção propostos pela teoria de seleção de enunciados estariam envolvidos no processo de remodelação das gramáticas individuais (ver seção 1.2).

Com base nos achados de Boyland acerca de processos cognitivos relacionados à frequência de uso, para evitar a ideia de escolha consciente que vem associada ao termo hipercorreção, inovações gramaticais percebidas como “exageros” serão tratados neste estudo como exemplos de *hiperacomodação* (*overaccomodation*). Conforme discutido por Coupland et al., quando os falantes parecem estar fazendo mais ajustes do que aqueles necessários ou apropriados para a interação, ainda que suas intenções sejam positivas, esses falantes acabam, muitas vezes, por ser avaliados de forma negativa por seus interlocutores (Coupland et al. 1988 in [Zuengler 1991](#): 239). Partindo, portanto, de um conceito mais relacionado a estratégias comunicativas, neste estudo o termo hiperacomodação é empregado no sentido de que falantes,

influenciados pelas formas mais frequentes a que são expostos, acabam por estender os padrões frequentes a contextos não-padrão.

1.4 O significado social da variação linguística

Os estudos sociais da variação linguística, segundo Penelope Eckert, têm sido realizados a partir de três “ondas” de investigação sociolinguística, que não apenas empregam diferentes metodologias, mas que representam modos distintos de ver a variação (Eckert, 2005).

Como explica Eckert, de acordo com os estudos que fazem parte da “primeira onda” (*first wave*), a variação linguística reflete o pertencimento a categorias pré-determinadas socialmente, sendo o uso da variação o parâmetro utilizado para determinar o pertencimento ou não a essas categorias sociais. Estudos dessa linha de investigação, que formam a base dos estudos do significado social da variação, demonstram a distribuição das variantes entre as classes sociais e destacam a relevância da norma-padrão entre as comunidades de fala (Eckert, 2005 : 4).

Estudos pertencentes à “segunda onda” (*second wave*), por sua vez, em vez de focalizar as categorias demográficas mais amplas, focalizam categorias mais dinâmicas à medida que é investigada a natureza do significado social *local*. Ainda que em momentos posteriores esse significado social local também possa ser relacionado com as estruturas sociais mais amplas, há, nessa linha de investigação, um destaque maior para as estruturas locais.

Já na “terceira onda” (*third wave*) de investigação, da qual Eckert é pioneira, procura-se demonstrar que é a partir do uso da variação que as categorias e o significados sociais são construídos. Definido por Campbell-Kibler (2009 : 136) como o “conteúdo social conectado a determinado comportamento linguístico na mente do falante/ouvinte”,²⁶ o “significado social” das variantes linguísticas disponíveis, em vez de simplesmente refletir categorias sociais pré-definidas, é localizado na performance, na atividade linguística. Assim, uma vez que o fluxo da vida cotidiana – que inclui alterações individuais, alterações na

²⁶ Original: Social meaning, then, is social content tied in the minds of a given speaker/hearer to a particular piece of linguistic behavior

comunidade e nos tempos – é contínuo e dinâmico, a construção do significado social da variação é igualmente apresentada como um processo em andamento (Eckert, 2005, 2008).

Baseada na ideia de que variáveis não têm significados fixos e estáticos, mas sim diversos significados em potencial, Eckert propõe o conceito de *campo indexical* (*indexical field*), que seria “uma constelação de significados relacionados ideologicamente, alguns dos quais podem ser ativados no uso situado da variável”. (Eckert, 2008: 453)²⁷

Eckert explica que:

Variáveis têm campos indexicais e não significados fixos porque os falantes usam as variáveis não apenas para refletir ou reafirmar o seu lugar pré-ordenado no mapa social, mas para fazer movimentos ideológicos. (Eckert, 2008: 464)²⁸

Por meio da reutilização estratégica de recursos linguísticos, ao que Eckert se refere como um *processo de bricolagem*, os estilos de cada pessoa vão sendo ajustados de situação a situação:

Variáveis são em princípio associadas a significados bastante abstratos, derivados de padrões de larga-escala em comunidades estratificadas e sobrepostas (imaginadas ou não). As variáveis então adquirem significados mais locais e mais precisos à medida que são vivificadas em estilos reconhecidos localmente, que são, por sua vez, construídos através de reconhecíveis combinações de recursos compartilhados. (Eckert, 2005: 5)²⁹

Embora as ideias de “bricolagem” e de “movimentos ideológicos” possam sugerir que se trata de escolhas conscientes, a opção pelo emprego de uma ou outra variante depende em certa medida dos conceitos possíveis já armazenados. Como resultado das contínuas análises e interpretações da fala daqueles com quem interagimos, o que se dá por meio de nossa habilidade de analisar

²⁷ Original: A constellation of ideologically related meanings, any one of which can be activated in the situated use of the variable.

²⁸ Variables have indexical fields rather than fixed meanings because speakers use variables not simply to reflect or reassert their particular pre-ordained place on the social map but to make ideological moves.

²⁹ Original: Variables come to be associated with fairly abstract meanings, derived from large-scale patterns in layered and overlapping communities (imagined or otherwise). They can then take on more local and precise meanings as they are vivified in locally-recognized, which are, in turn, built on recognizable combinations of shared resources.

a variação a nossa volta, emergem esquemas interpretativos (Eckert, 2008). Em um processo semelhante ao do arraigamento de estruturas linguísticas na gramática, como discutido por Langacker (2000), tais padrões de pensamento, resultantes da forma com que os usos são percebidos e interpretados, podem ser reforçados cognitivamente de modo a influenciar usos e interpretações futuras. Processos cognitivos não-conscientes, portanto, parecem estar relacionados à ativação de um ou de outro significado social.

Segundo Campbell-Kibler (2008), entre alguns dos fatores que podem influenciar a associação de determinados conceitos a determinadas variantes, também estão as informações que os ouvintes têm a respeito de seus interlocutores. Isso porque, segundo ela, em uma interação comunicativa, o ouvinte tem uma certa visão do falante, que pode ser fruto de interações anteriores ou simplesmente de expectativas decorrentes da situação comunicativa:

As reações do ouvinte a recursos específicos da performance não apenas influenciam o comportamento de um determinado falante mas o próprio comportamento futuro do ouvinte em relação àquele falante, assim como seu próprio uso desses recursos. (Campbell-Kibler, 2008 : 639)³⁰

No entanto, apesar de afirmar que o fortalecimento de esquemas interpretativos desempenha um papel crucial na percepção sociolinguística, Campbell-Kibler explica que:

As percepções são moldadas por usos e análises anteriores de uma determinada variável, mas não são completamente determinadas por essa história. (Campbell-Kibler, 2008 : 639)³¹

Ou seja, apesar de os significados sociais armazenados influenciarem a forma com que as variantes são interpretadas, a cada interação, a cada instante, reinterpretações e posicionamentos estão acontecendo, podendo emergir novos esquemas. Considerando que nós, seres humanos, tentamos compreender o significado social das formas linguísticas a cada interação, Eckert afirma que é

³⁰ Original: Listener's reactions to specific resources within a performance influence not only the behavior of a given speaker but the listener's own future behavior toward that speaker, as well as their own deployment of the resources themselves.

³¹ Original: The perceptions are shaped by previous uses and analyses of the variable, but not fully determined by this history.

na interação diária que a variação produz e adquire significado social (Eckert, 2008:472).

Desse modo, a flexibilidade do significado social das variantes utilizadas proposta por Eckert é resultante das diferentes experiências linguísticas de cada um, o que é compatível com os modelos dinâmicos de língua baseado no uso (ver seção 1.1).³² Por exemplo, embora tradicionalmente a variável dominante e padrão seja geralmente tratada como não-marcada enquanto a não-padrão é marcada e possui significado social, Eckert aponta que a própria marcação é tão fluida quanto as comunidades que usam a língua (Eckert, 2005).

Interessada em investigar como os ouvintes avaliam variantes disponíveis, Campbell-Kibler (2008) investiga diferentes interpretação da variável *-ing* do inglês, mesmo quando usada pelos mesmos falantes, nos mesmos contextos linguísticos. Por meio de um experimento *matched-guised*,³³ Campbell-Kibler demonstra que os ouvintes associam o uso da variante velar *-ing* a conceitos como “educação”, “inteligência”, “articulação”, estando tal interpretação associada à visão de que a forma velar é a forma completa e, portanto, mais trabalhosa, enquanto a forma apical é a forma reduzida e demanda menos esforço. Além disso, a autora demonstrou que os ouvintes interpretam o uso de *-ing* a partir da impressão que formam dos falantes, impressão essa baseada no estilo da fala e no conteúdo do enunciado.

Com base em estudos realizados na área da psicologia social (Bargh & Chartrand, 1999), que demonstram que muitos processos avaliativos e perceptivos são realizados automaticamente, Campbell-Kibler diz nem as interpretações feitas pelos ouvintes nem as intenções dos falantes são necessariamente ações conscientes. Segundo a autora, tais processos podem ter se tornado arraigados de modo que são feitos automaticamente, embora ainda seja desconhecida a relação entre tais processos supostamente automáticos e as ideologias e os julgamentos conscientes (Campbell-Kibler, 2008:641).

³² Essa compatibilidade entre as propostas da terceira onda de investigação sociolinguística e os modelos dinâmicos de língua baseados no uso é retomada no capítulo 5.

³³ Após ouvir gravações com as diferentes variantes investigadas, neste tipo de experimento, os participantes da pesquisa respondem a um questionário a respeito de suas impressões a respeito dos falantes na gravação.

1.5 Considerações finais

Neste capítulo, eu apresentei e discuti: (i) o que são modelos de língua baseados no uso; (ii) duas teorias de mudança linguística baseada no uso – a teoria de seleção de enunciados proposta por [Croft \(2000\)](#) e teoria proposta por [Mufwene \(2008\)](#); (iii) os avanços recentes no que diz respeito à modelagem matemática da mudança linguística, que tem sido realizada por linguistas em parceria com físicos sociais; (iv) as contribuições dos estudos relacionados a fenômenos de hipercorreção/hiperacomodação realizados no âmbito da sociolinguística; (v) e, por fim, trabalhos recentes realizados sob o rótulo de terceira onda de investigação sociolinguística, que enfatizam o dinâmico processo de construção do significado social da variação linguística.

A ideia central do capítulo, portanto, é a de que o conhecimento linguístico individual armazenado está constantemente sendo reatualizado a partir do uso da língua, o que significa que:

Nada entra na língua sem ter sido antes experimentado na fala e todos os fenômenos evolutivos têm sua raiz na esfera do indivíduo. Foi preciso que uma pessoa o improvisasse, que outras a imitassem e o repetissem, até que se impusesse ao uso. ([Saussure, 1995 \[1969\]](#) : 196)

Embora as ideias saussurianas, do modo como são tradicionalmente interpretadas e propagadas, pareçam incompatíveis com as ideias de teorias baseadas no uso,³⁴ algumas passagens do Curso de Linguística Geral [CLG] revelam um Saussure mais dinâmico e que admite a constante remodelação da língua através da fala, tais como:

Sem dúvida, esses dois objetos estão estreitamente ligados e se implicam mutuamente; a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça; historicamente, o fato da fala vem sempre antes (...) é ouvindo os outros que aprendemos a língua materna; ela se deposita em nosso cérebro somente após inúmeras experiências. ([Saussure, 1995 \[1969\]](#) : 27)

³⁴ Saussure é, inclusive, citado por teóricos baseados no uso para destacar a mudança no foco de investigação linguística nas últimas décadas, já que estudos da língua em uso conquistaram um espaço importante nas agendas de pesquisa da Linguística apesar de tradicionalmente o objeto de investigação linguística ter sido a língua.

Outro exemplo dessas passagens é a afirmação de que a língua é um “tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade” (Saussure, 1995 [1969] : 21), que sintetiza o postulado central das teorias baseadas no uso de que a língua se constrói a partir da experiência concreta com a língua. As *marcas* que se formam nos indivíduos podem ser entendidas como os esquemas que emergem do uso efetivo da língua, ou seja, as abstrações feitas a partir de instâncias de uso e que ficam armazenadas na nossa gramática com diferentes grau de *arraigamento*..

Assim, apesar de a leitura canônica que se faz do Curso de Linguística Geral [CLG] ser a de que Saussure, por considerar a fala o lugar do caos e da vontade individual e a língua o verdadeiro objeto de estudo da Linguística, cavou um abismo entre língua e fala, é interessante verificar que algumas passagens do CLG – ainda que poucas – resumem a proposta central dos modelos de língua baseados no uso e, mais especificamente, os pressupostos teóricos que norteiam este estudo.

Capítulo 2

Infinitivo flexionado

A flexão do infinitivo, que entre as línguas românicas é possível apenas em português, tem intrigado aqueles que procuram propor regras para orientar a escolha entre as formas flexionada e não-flexionada. [Cunha & Cintra \(2008\)](#), por exemplo, diante da complexidade envolvida nesse peculiar fenômeno da língua portuguesa, admitem que quase todas as regras propostas parecem ser insuficientes.

Entretanto, de acordo com Theodoro Henrique Maurer Junior, cujo trabalho sobre a origem e sintaxe do infinitivo flexionado é considerado uma das melhores contribuições para o estudo do fenômeno, a complexidade é apenas aparente. Para ele, é possível identificar regras fixas e claras “no emaranhado aparentemente tão confuso do emprego do infinitivo flexionado e do invariável” ([Maurer Jr, 1968](#): 133). Maurer propõe que, uma vez entendida a origem do infinitivo flexionado português, seu emprego se torna lógico e simples.

Sendo assim, para fundamentar a investigação sincrônica desse fenômeno em português brasileiro, inicio este capítulo apresentando a visão de Maurer a respeito da origem e da propagação do fenômeno desde sua criação. Em

seguida, à luz das regras que têm sido propostas para guiar o emprego da flexão no infinitivo, apresento e discuto o que eu chamo de *construções instáveis* – construções infinitivas cuja variação já havia sido atestada por Maurer, bem como dados colhidos por integrantes do grupo LLIC desde o início de 2009. Com isso, pretendo demonstrar que a complexidade do fenômeno não é apenas aparente como afirma Maurer, mas que, como admitiram [Cunha & Cintra \(2008\)](#), estamos diante de uma questão em aberto. Por fim, encerro o capítulo com a delimitação das construções instáveis cuja variação é quantificada neste estudo de corpus.

2.1 Sobre a origem do infinitivo flexionado

Para Maurer, o infinitivo flexionado é um infinitivo que recebeu desinências verbais após ter recebido um sentido pessoal ([Maurer Jr, 1968](#):68). O infinitivo teria adquirido pessoalidade por admitir sujeitos nominativos, conforme ilustram os exemplos abaixo:

- (1) Ter eu saúde é bom. (p. 68)
- (2) Ter ele saúde é bom. (p. 68)

Assim, uma vez que o sujeito nominativo conferiu às formas infinitivas um sentido pessoal, Maurer explica que os falantes teriam transferido, por analogia, as flexões do futuro do subjuntivo nos verbos regulares, constituindo, assim, as formas flexionadas: termos nós, terem eles, terdes vós.

O infinito com sujeito no caso nominativo precedeu certamente o infinito flexionado e foi, sem dúvida, o fator decisivo de seu aparecimento. (p. 70)

Essa transferência que aconteceu no português mas não em espanhol pode, segundo Maurer, estar relacionada à alta frequência de uso da forma pessoal do infinitivo no português na faixa ocidental da Península Ibérica, o que pode ter sido um fator decisivo para a criação da forma flexionada na língua portuguesa. Para Maurer, porém, outro fator importante para a emergência

da forma infinitiva flexionada apenas em Portugal é a identidade parcial entre as formas do futuro do subjuntivo e do infinitivo na primeira e terceira pessoas do singular existente no português, mas não no espanhol:

Tabela 2.1 Futuro do subjuntivo e Infinitivo em Português

	Futuro do subjuntivo	Infinitivo
1p sing	se eu falar	para eu falar
3p sing	se ele falar	para ele falar

Tabela 2.2 Futuro do subjuntivo e Infinitivo em Espanhol

	Futuro do subjuntivo	Infinitivo
1p sing	si yo hablare	para yo hablar
3p sing	si él hablare	para él hablar

Ao ver de Maurer, a identidade parcial em português é uma explicação viável para a extensão das outras desinências pessoais para o infinitivo e, segundo ele:

Não é de admirar que, uma vez criada a forma idiomática do infinito português, ela tenha acabado por invadir várias construções nas quais, de acordo com os hábitos sintáticos românicos, o infinito impessoal era corrente. (p. 92)

Interessado em investigar a propagação da flexão no infinitivo, Maurer quantificou seu emprego em textos literários portugueses. Embora o emprego da forma flexionada seja muito antigo, “documentando-se desde os primeiros textos da língua” (p. 92), o autor verificou que era “extremamente rara a ocorrência da forma flexionada no uso medieval” (p. 93). Apenas no século XVI, mais especificamente nos textos de Camões, é que foi constatada uma maior frequência de uso da construção pessoal.

2.2 Construções instáveis

Ainda que seus estudos de frequência não tenham sido baseados em grandes corpora, [Maurer Jr \(1968\)](#) oferece evidências valiosas para a investigação da

propagação do infinitivo flexionado em português desde seu aparecimento, que, segundo ele, ocorreu antes de 1200 . Além de reunir dados de diversas épocas, suas observações acerca da naturalidade de certas construções podem ser contrastadas com os padrões de uso atualmente.

Conforme propõe o autor, é importante ter em mente a diferença entre as duas formas do infinitivo: enquanto a forma flexionada expressa seu sentido pessoal através da flexão, a forma não-flexionada se refere a um processo de maneira geral e vaga, sendo, para o autor, o verdadeiro infinitivo (p. 134; p. 136). Para os casos em que o sentido do infinitivo é claramente pessoal ou claramente impessoal “é possível enunciar regras fixas e rigorosas, isto é, regras que, no uso normal e corrente da língua, não admitem exceção” (p. 135).

Entre tais regras rigorosas apresentadas por Maurer, está a seguinte:

Regra [I]: Quando o infinito é rigorosamente impessoal, isto é, quando a ação expressa por ele se refere a nenhum agente determinado, quer enunciado com o próprio infinito, quer indicado no contexto, ele é sempre invariável (impessoal). (p. 135)

Nos exemplos (3) e (4), as ações expressas pelas formas “trabalhar” e “desprezar” não se referem a nenhum agente determinado, se tratando, assim, do que Maurer considera infinitivos claramente impessoais.

(3) Trabalhar é útil para o corpo e para o espírito. (p. 136)¹

(4) Não é possível desprezar essas judiciosas ponderações. (p.136)

Outro exemplo apontado como Maurer como claramente impessoal é o infinitivo com valor de imperativo. Segundo o autor, na forma imperativa, o infinitivo é um substantivo verbal de sentido genérico empregado em expressões exclamativas, como em:

(5) Trabalhar! Brada da sombra a voz imensa de Deus!” (p. 145)

Uma forma infinitiva que Maurer considera rigorosamente impessoal, mas que apresenta variação em determinadas construções é o infinitivo que se

¹ Os exemplos de (3) a (26) foram extraídos de Maurer Jr (1968), porém não são numerados no original.

prende a certos adjetivos, substantivos ou verbos, geralmente por meio de uma preposição, como em:

- (6) Cousas repugnantes de ver. (p. 137)
- (7) Os livros eram fáceis de ler. (p. 137)

Considerando a Regra I, os infinitivos em (6) e (7) não devem ser flexionados por se tratar de formas impessoais. No entanto, Maurer chama a atenção para o fato de que, em construções como essas, o infinitivo ativo é interpretado com o sentido passivo (p.139).

Conforme explicita Maurer,

[o] português admite a construção passiva [...] quer com o infinitivo perifrástico, formado com o auxiliar ser, quer - mais comumente - na forma pronominal com a partícula se, se bem que se trate de uma construção de vitalidade limitada na tradição da língua. (p. 142)

Tais construções passivas às quais Maurer se refere na passagem anterior – uma formada por um infinitivo perifrástico e outra por um infinitivo precedido pela partícula se, são ilustradas, respectivamente, pelos exemplos (8) e (9):

- (8) Os livros são difíceis de se lerem. (p. 142)
- (9) Estes estrangeiros são difíceis de serem entendidos. (p. 142)

Maurer explica então que a forma flexionada surge nesse casos porque o infinitivo se refere a um agente conhecido (o agente da passiva), que é interpretado como seu sujeito. Ou seja, Maurer admite que há variação e afirma que, embora a forma flexionada seja a mais frequente, há ocorrências da forma invariável com a forma passiva, como em:

- (10) Eram dignas de se ouvir as expressões virulentas. (p. 143)
- (11) Daqui se inferem duas consequências muito dignas de ser notadas. (p. 143)

Apesar de Maurer estar discutindo infinitivos rigorosamente impessoais – que, segundo ele, deveriam permanecer rigorosamente invariáveis – a afirma-

ção de que, nos casos ilustrados pelos exemplos de (8) - (11), a forma mais frequente é a forma flexionada indica que a definição do que é “rigorosamente impessoal” é bastante delicada. Por essa razão, não deve surpreender o fato haver variação nesses casos.

Outro caso de variação está relacionado a casos contemplados pela Regra II, que diz o seguinte:

Regra [II]: Quando o infinito é claramente pessoal, isto é, quando tem sujeito próprio — expresso ou não —, é sempre flexionado, pouco importando que o seu sujeito seja idêntico ao do verbo regente ou não. (pg. 145)

Sendo assim, no exemplo (12), em se tratando de um infinitivo que tem sujeito expresso — ‘vocês’, a forma infinitiva vem flexionada:

(12) Será melhor vocês saírem um pouco mais cedo².

Maurer explica que apenas as formas infinitivas mais próximas ao sujeito apresentam uma forma flexionada, ficando as mais distantes na forma invariável.

O que o autor sugere é que o fato de o infinitivo se afastar do sujeito expresso diminui a obrigatoriedade da flexão. Por outro lado, ao dizer isso, Maurer parece não estar levando em conta o fato de que a distância pode ser um fator decisivo no emprego da flexão em casos em que o falante quer retomar o sujeito a fim de evitar mal-entendidos e ambiguidade. Segundo [Bechara \(2009\)](#), a flexão pode ocorrer em casos em que, estando o verbo principal afastado do auxiliar, o falante queira “avivar a pessoa a quem a ação se refere”. (p. 284)

Por sua vez, o exemplo (13) mostra um infinitivo que não tem sujeito expresso, mas que se refere a um agente indicado pelo contexto, recebendo, portanto, a flexão:

(13) Antes de chegarmos, tinham realizado a votação.

² Dados de língua falada atuais revelam a falta de concordância nesses casos: “Será melhor vocês ir”, porém este tipo de fenômeno não foi investigado neste estudo

Se o verbo ‘chegar’ não fosse flexionado, seu sujeito seria interpretado como ‘eles’.

Com relação à obrigatoriedade do emprego da forma flexionada, Maurer diz que ela existe quando se enuncia um agente indeterminado na 1ª pessoa do plural, como em:

- (14) Apesar de estarem batendo, ele não abre. (p. 148)

Em inúmeros casos com sujeito não expresso, o emprego da flexão no infinitivo depende do sentido que se quer expressar. Quando se quer enfatizar o sujeito da ação, deve-se empregar a flexão. Caso a ênfase esteja na ação verbal, a forma infinitiva pode permanecer não-flexionada (Maurer Jr, 1968).³

- (15) a. É preciso acabar hoje. (p. 147)
b. É preciso acabarmos hoje. (p. 147)

No exemplo (15)a, em que o infinitivo é invariável, não é feita referência a um agente verbal, se tratando, assim, de um sentido impessoal. No entanto, no exemplo (15)b, a flexão faz referência a um sujeito definido ‘nós’ e o sentido é pessoal.

Mesmo apresentando a regra II como rigorosa, Maurer menciona uma construção que ele considera um “desvio estranho”. Segundo ele, em construções nas quais o infinitivo vem acompanhado de um pronome pessoal reflexivo, a presença do pronome confere ao infinitivo um sentido pessoal, o que faria, em tese, com que a flexão se tornasse obrigatória. Entretanto, Maurer diz que a língua portuguesa admite a forma não-flexionada do infinitivo e afirma que, desde a época arcaica, as duas construções se encontravam lado a lado:

- (16) Convém preparar-nos. (p. 149)

- (17) Convém prepararmo-nos. (p. 149)

O infinitivo acompanhado de pronome reflexivo é considerado um *desvio estranho* da regra II porque, segundo o filólogo, apesar do sentido pessoal

³ Said Ali (1921) e Bechara (2009) afirmam o mesmo.

conferido pelo pronome, não há sujeito nessas orações infinitas. Seguindo a linha de raciocínio de Maurer, em não havendo sujeito, não pode haver emprego obrigatório do infinitivo flexionado.

Entre os exemplos da construção impessoal com pronome reflexivo que o autor encontra em textos de autores modernos, estão os seguintes:

- (18) Ao aproximar-nos da França, o coração não bate violento, não se derramam lágrimas como ao avistar a terra em que nascemos.
- (19) Mas, para que fatigar-nos? Não está aí a audácia que supre o engenho, e o desfaçamento que se erige em talento e dispensa o estudo?
- (20) Parece-me que era mais decente deixar-te desses mistérios.

É importante ressaltar, ainda, que Maurer levanta a questão da colocação pronominal e diz que nos casos em que tanto os pronomes quanto os substantivos são antepostos, a forma flexionada é mais natural:

O emprego da forma flexionada constitui, sobretudo, um desenvolvimento sintático moderno, mas aqui ele é abundantemente documentado, mesmo nos mais cuidadosos escritores de Portugal e do Brasil, desde que venha anteposto ao infinito, colocação que representa também ele um uso generalizado na língua atual (...). A generalização do infinito flexionado resulta naturalmente dessa posição nova do substantivo, que, anteposto ao infinito, tende a ser sentido como o seu verdadeiro sujeito, determinando a concordância estabelecida entre a forma verbal e o substantivo a que se prende. (p. 175)

Nos casos de próclise ou de substantivo anteposto ao infinitivo, tanto o pronome quanto o substantivo são sentidos como se fossem os verdadeiros sujeitos, o que explica o porquê da forma flexionada ser mais frequente. Entretanto, nos casos de ênclise, o infinitivo não-flexionado era mais frequente.

Considerando que, segundo ele, as regras I e II não admitem exceções, o fato de que o próprio Maurer lista inúmeras áreas de instabilidade inclusive ao discutir o que ele considera regras claras e fixas demonstra que nem tudo se resume a uma regra simples e clara de flexão sempre que o infinitivo tem sujeito, como afirma o autor:

[a]pesar de toda a aparente complexidade de regras do seu emprego, em última instância, tudo se reduz a esta regra simples e transparente: o infinito é flexionado quando tem sujeito. (Maurer Jr, 1968:69)

Essa regra simples se torna complexa porque o que autor entende por *ter sujeito* não fica claro. Se à primeira vista pode parecer que significa *ter sujeito expreso*, ao apresentar a regra II – referente ao emprego obrigatório do infinitivo flexionado, Maurer diz que em casos em que o agente não-expresso é conhecido pelo contexto há obrigatoriedade da flexão. Ou seja, uma vez que o autor considera que o agente não-expresso conhecido pelo contexto é o sujeito do infinitivo, fica difícil entender que *não ter sujeito* significa *não ter sujeito expreso*.

Uma segunda possibilidade seria entender que, para Maurer, *ter sujeito* significa *ter um sujeito específico* e não vago como nos exemplos (3) e (4), citados na regra I. Contudo, mesmo nesses exemplos existe um sujeito, ainda que genérico.

Ainda em relação à questão do que Maurer entende por *ter sujeito*, ao discutir os desvios estranhos da regra II, o autor diz que o infinitivo das construções com pronome reflexivo não tem sujeito. Assim, apesar do sentido pessoal conferido pelo pronome, não pode haver obrigatoriedade da flexão nessas construções.

(21) Convém preparar-nos.

Ora, como é que o pronome pode atribuir um sentido pessoal ao verbo e esse permanecer sem sujeito próprio ainda que não expreso? Aqui, talvez Maurer esteja pensando em *ter sujeito* como *ter sujeito expreso*. Apesar de o sujeito ‘nós’ não ser expreso, ele existe e é facilmente retomado.

Com relação às construções com pronome reflexivo, Maurer defende que a forma flexionada era mais lógica, sendo *estranha* a possibilidade de não flexionar mesmo estando ao lado de um pronome pessoal.

Todas as construções instáveis apresentadas até este momento são consideradas exceções das regras I e II, teoricamente sem exceção. As construções apresentadas a seguir, no entanto, fazem parte do que o próprio Maurer chamava de *terreno vacilante*, onde se encontram todas as incertezas a respeito

do emprego do infinitivo flexionado português. Nesse “terreno vacilante, em que duas soluções são possíveis” não há obrigatoriedade da forma flexionada porque não se trata de infinitivos rigorosamente pessoais (p. 154). A regra III, portanto, trata do emprego facultativo do infinitivo flexionado:

Regra [III]: Quando o infinito, apesar de não ter sujeito próprio, exprime, contudo, uma ação exercida por um agente que conhecemos do contexto e ao qual esta se atribui, pode ser flexionado ou invariável, embora frequentemente se dê preferência ora a uma ora a outra, das duas formas do infinito. (Maurer Jr, 1968: 154)

As formas infinitivas dos exemplos a seguir têm sujeito, embora todos expressem ações cujos agentes são conhecidos pelo contexto (p. 153):

- (22) a. Eles também trabalham muito para obter este resultado.
b. Eles também trabalham muito para obterem este resultado.
- (23) a. O diretor só aceitou os candidatos com capacidade de ler ...
b. O diretor só aceitou os candidatos com capacidade de lerem...
- (24) a. Eles crêem ter cumprido o dever.
b. Eles crêem terem cumprido o dever.
- (25) a. Alegremo-nos imensamente de receber notícias tão agradáveis a respeito de seu êxito.
b. Alegremo-nos imensamente de recebermos notícias tão agradáveis a respeito de seu êxito.
- (26) a. Vocês podem retirar-se agora e, se houver alguma necessidade imperiosa mais tarde, voltar para o escritório.
b. Vocês podem retirar-se agora e, se houver alguma necessidade imperiosa mais tarde, voltarem para o escritório.

Maurer afirma que não há dúvida de que, em todos esses casos facultativos, a construção normal seria a forma impessoal, mas afirma que:

Não é de admirar que, uma vez criada a forma idiomática do infinito português, ela tenha acabado por invadir várias construções nas quais, de acordo com os hábitos sintáticos românicos, o infinito impessoal era corrente. (Maurer Jr, 1968: 92)

Surgem, de acordo com Maurer, numerosos fatores, alguns de caráter bastante subjetivo que podem determinar a preferência por uma ou outra forma:

É essa liberdade relativa - às vezes quase absoluta - que dá ao estrangeiro e, muitas vezes, mesmo a nacionais, a impressão de verdadeira anarquia sintática no uso dessa interessante forma verbal da língua.
(p. 154-155)

Como o próprio autor afirmou, desde a sua criação, a flexão do infinitivo vem se espalhando para novas construções. Além disso, em várias construções a forma flexionada e a forma invariável têm convivido lado a lado. De um modo geral, apesar da tentativa de simplificação dos critérios de emprego do infinitivo flexionado, a obra de Maurer reforça complexidade relacionada ao emprego do fenômeno.

Com exceção dos casos em que há um sujeito nominativo, em que tanto Maurer quanto os gramáticos modernos consideram a falta de concordância “gramaticalmente” incorreta, não há critérios rígidos para a flexão ou não-flexão do infinitivo:

Numerosas têm sido as regras propostas pelos gramáticos para orientar com precisão o uso seletivo das duas formas. Quase todas, porém, submetidas a um exame mais acurado, revelaram-se insuficientes ou irreais. Em verdade, os escritores das diversas fases da língua portuguesa nunca se pautaram, no caso, por exclusivas razões de lógica gramatical, mas se viram sempre, no ato da escolha, influenciados por ponderáveis motivos de ordem estilística, tais como o ritmo da frase, a ênfase do enunciado, a clareza da expressão. Por tudo isso, parece-nos mais acertado falar não de regras, mas de tendências que se observam no emprego de uma e de outra forma do infinitivo. (Cunha & Cintra, 2008 : 499)

Ao explicar que a flexão no infinitivo ocorre “quanto o autor intencionalmente põe em relevo a pessoa a que o verbo se refere”, Bechara também revela uma postura flexível em relação ao infinitivo flexionado. Para o gramático, fora da locução verbal, o fato de o infinitivo aparecer flexionado sugere que a atenção do falante está voltada para a pessoa do sujeito e não para a ação verbal (Bechara, 2009 : 286), como em:

- (27) Estudamos para vencermos na vida.

Segundo Bechara, portanto, uma construção como a do exemplo (27) não está incorreta.

Partindo da ideia de que na maioria dos casos a flexão é *facultativa* e de que em vez de “regras existem tendências”, para investigar quais são as tendências de uso do infinitivo flexionado em português brasileiro atualmente é necessário olhar para a língua em uso. Na seção seguinte, portanto, são apresentados dados recentes colhidos por membros do LLIC.

2.3 Dados recentes colhidos pelo LLIC

Em alguns dos dados mais recentes, o emprego da flexão chama a atenção devido a um aparente “uso exagerado da flexão”.

- (28) Os fenômenos sob análise acabam por não serem registrados de forma sistemática, prejudicando a sustentação empírica dos trabalhos. (LLIC_ev29Mar09)
- (29) Precisamos pedir a colaboração da Mariana para termos... (LLIC_ev9fev09)
- (30) Eu e meu primo viemos para São Paulo para podermos lançarmos nosso cd. (LLIC_fc31mai09)
- (31) Os parentes dos passageiros ainda têm esperança de receberem notícias boas. (LLIC_fc01jun09)
- (32) Nós temos que nos prepararmos para a Copa de 2014. (LLIC_ev06jul10)
- (33) Esse tipo de atitude do Theu infelizmente estamos cansados de vermos nas ruas. (LLIC_fc20jun09)
- (34) Nós não vamos nos determos nessa questão. (LLIC_fc15jun10)
- (35) Nós dois temos que cedermos. (LLIC_fc10ago10)
- (36) Favor desligarem seus celulares! (LLIC_fc26set10)
- (37) Vão se foderem! (LLIC_fc10set11)

2.4 Construções investigadas neste estudo

Entre as inúmeras construções com o infinitivo que apresentam variação entre as formas flexionada e não-flexionada, foram selecionadas para o estudo de corpus as seguintes:⁴

Construção 1 – Complemento adjetival

Construção 2 – Complemento nominal

Construção 3 – Perífrases aspectuais/modais

Construção 4 – Orações finais

Construção 5 – Orações causais

Construção 6 – Orações relativas

Construção 7 – Construções com verbos de alçamento

Construção 8 – Orações completivas

Construção 9 – Orações temporais

Construção 10 – Ênclise/Próclise

⁴ É importante ressaltar que a divisão em "categorias" inspiradas pelo estudo de Maurer Jr. foi apenas uma divisão que viabilizou as buscas de ocorrência ou não da flexão no infinitivo em diferentes contextos sintáticos.

Capítulo 3

Metodologia

Na medida em que a contagem de frequência de ocorrência de construções torna possível a identificação de quais estruturas são supostamente mais arraigadas cognitivamente, estudos de corpus têm ganhado cada vez mais espaço na agenda de pesquisa da linguística cognitiva. Ou seja, uma vez que – como sugerido pelo modelo de língua baseado no uso – há uma correlação entre a frequência de ocorrência das expressões linguísticas e o grau de arraigamento dessas expressões nas gramáticas dos falantes, a verificação de flutuações na frequência de ocorrência é uma etapa importante na descrição e investigação de fenômenos linguísticos.

Por oferecer evidências empíricas que corroboram a hipótese de que o conhecimento linguístico é resultado do uso efetivo da língua, o uso de corpora na linguística cognitiva tem feito com que a linguística de corpus seja utilizada como metodologia dentro dessa perspectiva teórica, em uma espécie de casamento teórico-metodológico que alguns rotulam de *Cognitive Corpus Linguistics* (Arppe *et al.*, 2010; Gries, 2009). É nesse âmbito que este estudo de corpus foi realizado: com o objetivo de quantificar a variação no uso instável do infinitivo flexionado nos contextos discutidos no capítulo 2, a

linguística de corpus foi utilizada como metodologia.¹ Para a manipulação e extração dos dados, neste estudo optei pela utilização do software livre R (Team, 2011), apontado por Gries como o mais completo concordanceador disponível atualmente (Gries, 2009).

Ferramenta básica na Linguística de corpus, um concordanceador é um programa utilizado para extrair dados de corpora eletrônicos. Especialmente em se tratando de corpora volumosos e não-etiquetados, ou seja, aqueles formados apenas por *textos crus* (*raw texts*), que não contêm tipo algum de anotação linguística,² a busca pelas construções nas quais o pesquisador está interessado depende fundamentalmente de programas capazes de filtrar esses textos. Por exemplo, como seria possível procurar exemplos do uso do infinitivo flexionado em um corpus não-etiquetado como o utilizado neste estudo, que contêm milhões de sequências de letras e palavras? Concordanceadores são programas que fazem exatamente isso: eles realizam buscas automáticas pelas palavras ou sequências que são de interesse do pesquisador e recuperam os contextos nos quais as expressões de busca ocorrem. Supondo que o interesse seja na combinação “para fazermos”, por exemplo, é gerada uma lista de *concordâncias* com a expressão de busca centralizada, com o contexto precedente à esquerda e o contexto subsequente à direita. Esses programas, porém, não fazem a contagem dos dados, sendo que é tarefa do pesquisador filtrar e quantificar seus dados.

É importante notar, entretanto, que, embora esse tipo de busca automática possa parecer tarefa de programadores, o linguista desempenha um papel fundamental na definição de como as buscas devem ser realizadas, afinal é o linguista quem melhor pode descrever seu objeto. Além disso, o linguista também tem o importante papel de avaliar as listas de concordâncias, o que pode eventualmente ter como resultado o levantamento de novas hipóteses, que, por sua vez, podem acarretar novas estratégias de busca.

Com relação aos concordanceadores disponíveis, linguistas de corpus

¹ Segundo Gries (2009), a Linguística de Corpus é uma metodologia que utiliza textos naturais e ferramentas informáticas para descrever a língua, podendo ser utilizada em diferentes linhas teóricas da Linguística. Ou seja, para o autor, assim como não faz sentido dizer que assim como experimentos psicolinguísticos são uma teoria, não faz sentido atribuir à Linguística de Corpus status teórico.

² Em corpora etiquetados ou anotados, os itens lexicais possuem etiquetas morfológicas, gramaticais ou sintáticas em cada item lexical, que facilitam as buscas.

tradicionalmente utilizam ferramentas comerciais que possuem interfaces bastante amigáveis.³ No entanto, em vez de fazer uso dessas ferramentas tradicionais, a opção pelo uso do R neste estudo se deve ao fato de que, além de gratuito, através dele o pesquisador tem maior autonomia para definir como suas buscas devem ser realizadas (Gries, 2009). Apesar de depender de noções de programação, o que, num primeiro momento pode vir a intimidar linguistas, os benefícios trazidos pelo uso do R são inquestionáveis e seu uso tem se difundido entre linguistas que realizam estudos quantitativos.

Neste capítulo, além de discutir questões relacionadas à compilação do corpus utilizado para o estudo, são descritas as etapas envolvidas na manipulação e extração dos dados a partir do software R. Para demonstrar como o processo de busca automatizada de dados com o R foi gradualmente avançando, são apresentados os primeiros passos, em que apenas as funções básicas foram utilizadas, bem como as soluções encontradas para os desafios que surgiram ao longo do caminho. Por fim, após descrever o script final, são demonstrados os pequenos ajustes que foram feitos para realizar as buscas de cada uma das construções investigadas. O objetivo geral deste capítulo é destacar a importante contribuição que o aprendizado metodológico relacionado ao universo da programação e da estatística, ainda que básico, tende a trazer para estudos linguísticos.

3.1 O corpus

Para quantificar a frequência de ocorrência das variantes em um corpus de língua escrita culta, foi necessário compilar um corpus de português padrão escrito atual. Foram, então, escolhidas as produções escritas dos alunos de pós-graduação da área de Letras por se tratar de falantes altamente escolarizados dos quais se espera, especialmente na situação comunicativa em questão – redação de teses acadêmicas, o uso da norma padrão. Investigar o uso do infinitivo flexionado desse grupo de falantes, independentemente de quão diferente ele fosse do que é prescrito, poderia responder a seguinte pergunta:

³ Tais como *Wordsmith tools* ou *Monoconc*.

O que é que os alunos de pós-graduação de Letras na USP consideram o padrão nos casos em que o emprego do infinitivo flexionado é facultativo?

O interesse específico por falantes com alta escolaridade justifica, assim, a necessidade de compilação do corpus uma vez a utilização de outros corpora já disponíveis, tais como o NILC-São Carlos, por exemplo, não seria útil porque não haveria controle de quem escreveu o texto.⁴

O corpus compilado, formado por 180 teses e dissertações de alunos do curso de Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais da USP⁵ recebeu o nome LLIC-PósLetrasUsp⁶ e tem aproximadamente 11 milhões de palavras.

Utilizar um corpus de língua escrita para demonstrar que a mudança acontece através do uso pode parecer, num primeiro momento, contraditório. Entretanto, essa escolha metodológica se justifica pelo fato de que a alta frequência de ocorrência de uma construção em um corpus de língua escrita deve ser visto como um sintoma de que essa construção está arraigada no conhecimento linguístico dos falantes. Isto é, mesmo após as inúmeras revisões que a modalidade escrita permite, a presença frequente de determinadas construções em teses e dissertações redigidas por pessoas que, supõe-se, têm um cuidado particular com o registro formal da língua sugere que tais construções são o que tais falantes consideram correto gramaticalmente.

Visando a garantir o balanço e a representatividade do corpus, foram selecionados 30 textos de 6 diferentes áreas: Literatura Portuguesa; Semiótica e Linguística Geral; Filologia; Letras Orientais (Estudos judeus, russos, japoneses e árabes); Estudos Clássicos e Francês.

⁴ O corpus NILC – São Carlos contém textos brasileiros do registro jornalístico, didático, epistolar e redações de alunos, não sendo possível controlar que tipo de falante produziu os textos porque os autores dos textos não são explicitados. Assim, mesmo que uma alta frequência de ocorrência do infinitivo flexionado fosse verificada nesse corpus, tal resultado não seria útil para esclarecer quais as formas que falantes cultos estão utilizando com maior frequência.

⁵ As teses e dissertações estão disponíveis em formato .pdf no Banco de Teses da USP: <http://www.teses.usp.br/>

⁶ O LLIC – Laboratório Língua, Interação e Cognição é o grupo de pesquisa da USP do qual sou membro e que é coordenado pelos professores Evani de Carvalho Viotti e Leland McCleary.

Tabela 3.1 Corpus LLIC-PósLetrasUsp

Áreas	Número de textos	Número de palavras
Literatura Portuguesa	30	1.675.619
Linguística	30	1.370.015
Filologia	30	1.913.000
Estudos Clássicos	30	2.516.889
Letras Orientais	30	1.670.403
Francês	30	2.023.399
Total	180	11.169.325

3.2 Extração e manipulação dos dados

Conforme mencionado no início deste capítulo, apesar de existirem concordanceadores comerciais com interfaces bastante amigáveis disponíveis no mercado, o uso desse tipo de software envolve questões que fogem do controle do pesquisador. Segundo [Gries \(2009\)](#), ao utilizar um software comercial, o pesquisador fica à mercê do criador do software porque alterações no programa podem fazer com diferentes resultados sejam obtidos em diferentes buscas. Além disso, o autor explica que concordanceadores comerciais têm parâmetros pré-definidos em relação à forma com que as buscas serão feitas, o que diminui a autonomia metodológica do pesquisador. Outro problema dessas ferramentas comerciais, ao ver de Gries, é o fato de elas não são versáteis no que diz respeito a formatos de codificação – o Unicode, por exemplo, ainda não é compatível em muitos concordanceadores comerciais ([Gries, 2009](#)). Isto significa que, a depender da língua utilizada ou do formato do corpus, o pesquisador pode obter resultados distorcidos porque o software simplesmente não reconhece certos caracteres.⁷

O software livre R, que é a alternativa ao uso de concordanceadores comerciais utilizada neste estudo, é uma linguagem de programação, uma calculadora e um programa de gráficos estatísticos amplamente utilizado

⁷ De fato, ao tentar utilizar o *Monoconc 3* com o corpus LLIC-PósLetrasUsp, não foi possível fazer a busca por causa dos acentos portugueses.

nas ciências exatas. Embora seja mais conhecido por suas potencialidades relacionadas à estatística, nos últimos anos o R tem sido utilizado com sucesso em estudos de corpus e, por essa razão, tem sido apontado como o mais completo concordanceador disponível atualmente (Gries, 2009).

Ao mesmo tempo que se embrenhar no mundo da programação é um desafio para aqueles sem conhecimento prévio no assunto, como era o meu caso, linguistas inseridos no enfoque da linguística cognitiva de corpus, como é o caso de Stefan Gries, têm enfatizado os grandes benefícios de realizar estudos quantitativos a partir de programas poderosos como o R.⁸

Conforme defende Gries, entre os grandes benefícios de trabalhar com um software como o R é o fato de que isso oferece ao pesquisador maior controle em relação à forma com que sua busca é feita. Além disso, outro grande benefício destacado pelo autor é o fato de que depois que se aprende os comandos básicos utilizados para realizar as diferentes tarefas pretendidas, ou seja, uma vez aprendido como escrever scripts, pode-se reutilizar partes de scripts já prontos, fazendo apenas alguns ajustes para diferentes buscas.

Uma vez exposta a esse programa no início desta pesquisa,⁹ optei por trilhar esse caminho e, juntamente com outros alunos da Universidade de São Paulo também interessados em aprender a usar o programa, formamos um grupo de estudos que veio a se chamar *estudosR*,¹⁰

A partir da leitura de um manual sobre o R escrito para linguistas Gries (2009), os conhecimentos adquiridos foram sendo aplicados pouco a pouco na minha pesquisa.¹¹ Logo que os primeiros resultados foram obtidos, ficou claro que os benefícios justificavam o desafio de mergulhar no até então desconhecido

⁸ Uma versão do R com uma interface mais amigável que tem sido utilizada por sociolinguistas é o Rbrul, que, por ser mais poderoso estatisticamente, tem sido utilizado como alternativa ao *Goldvarb*.

⁹ O Professor Stefan Gries, da Universidade da Califórnia em Santa Barbara, ofereceu um workshop de 3 dias na Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo em abril de 2009, em que apresentou o R. No entanto, em razão da escassez do tempo, não se aprofundou nas questões metodológicas. Para aprofundar meus conhecimentos em R, em julho de 2011 fiz o curso *Quantitative Corpus Linguistics with R* ministrado pelo professor Gries no *Summer linguistic institute* promovido pelo LSA (*Linguistic Society of America*) na Universidade do Colorado em Boulder, nos Estados Unidos. Durante as 4 semanas de curso, utilizei os plantões de dúvida oferecidos pelo professor Gries pra discutir questões e problemas pontuais relacionados à minha pesquisa.

¹⁰ O grupo *estudosR*, coordenado por mim e por Livia Oushiro (também pós-graduanda em Linguística pela USP), iniciou suas atividades em agosto de 2009 e foi fundamental para o avanço desta pesquisa.

¹¹ Além do grupo *estudosR*, também foi de grande ajuda o contato que mantive com o grupo na internet coordenado pelo professor Gries - *Quantitative Corpus Linguistics with R*.

universo da programação. Fazendo uso apenas de comandos elementares, que basicamente dependem do conhecimento de computações simples baseadas na lógica de funções e argumentos, em 4 meses obtive resultados surpreendentes com o programa. Embora nessa altura ainda fosse preciso fazer ajustes nos scripts de modo a refinar e otimizar a busca, a grande potencialidade do programa já havia ficado não apenas evidente como palpável.

3.2.1 Preparação dos arquivos

Como os textos estavam em formato .pdf, para poder ser carregados no R, cada um dos arquivos foi convertido para .txt.¹² Essa conversão, porém, cria um problema difícil de ser resolvido: os conversores de arquivos em .pdf para o formato .txt transformam as notas de rodapé em texto corrido exatamente na posição em que ocorrem, ou seja, no fim das páginas, quebrando a última linha do texto principal. Isso significa que a última palavra das páginas com nota de rodapé e a primeira palavra das páginas seguintes, além de ser separadas pelo número da página, são separadas pela nota de rodapé.

Para ilustrar esse problema, compare as figuras 3.1 e 3.2. Na figura 3.1, mostro como a nota de rodapé aparece no arquivo original em .pdf. A nota de rodapé 1, que ocorre após a palavra “Dostoievski”, vem originalmente inserida no final da página 9, após a quebra de linha da última frase do texto principal que continua na próxima página: “no [quebra de linha] mínimo, o mais detalhista(...)”. Entretanto, na conversão para formato .txt, o programa ignora que se trata de uma nota de rodapé e a insere entre as palavras “no” e “mínimo”, como pode ser visto na figura 3.2.

¹² Os arquivos foram convertidos por meio do programa Pré-Visualização do sistema Mac Os, embora inicialmente tenha sido utilizado o conversor online PdfTotextOnline.

Figura 3.1 Nota de rodapé e quebra de página em um arquivo em .pdf

Figura 3.2 Trecho do arquivo convertido de .pdf para o formato .txt

O fato de as últimas frases serem interrompidas pela notas de rodapé nas quebras de linha pode ocasionar uma perda de ocorrências nas buscas

por concordância. Assim, por exemplo, considerando o trecho ilustrado nas figuras 3.1 e 3.2, imagine que o objetivo seja fazer uma busca de todas as ocorrências das palavras “no” e “mínimo” juntas. Uma interrupção como essa impediria o programa de encontrar a concordância “no mínimo” na passagem acima. Em formato .txt, em vez de ser precedida pela palavra “no”, a palavra “mínimo” vem antecedita pelo número da página anterior¹³ e pelo texto da nota de rodapé 1.

Esse tipo de problema é um alerta importante para aqueles que trabalham e confiam em corpora sem conhecê-los bem ou sem conhecer as circunstâncias nas quais os mesmos foram compilados e manipulados. Apesar de ser uma questão delicada por poder comprometer os resultados estatísticos, neste estudo de corpus optei por utilizar o corpus em formato .txt mesmo com as interrupções. Retirar todas as notas de rodapé manualmente comprometeria a proposta central da metodologia que era a de fazer as buscas de modo automatizado para que fosse possível lidar com um grande volume de dados.¹⁴

Assim, feitas as conversões, os arquivos já podem ser carregados no R. Antes de discutir o carregamento dos arquivos e a busca pelos dados, porém, na seção seguinte apresento alguns conceitos básicos do R fundamentais para a compreensão do processo de extração automática dos dados por meio desse programa.

3.2.2 Algumas noções centrais do R

O R é um programa que trabalha a partir do modelo de comando-resposta: na janela de comandos do R – o console, você digita uma linha de código com algum comando e pressiona *enter*. O programa executa a função pedida, apresentando os resultados no próprio console, os comandos feitos no R

¹³ Caso o problema fosse apenas o número da página, uma solução seria inserir os números na busca, fazendo com que o programa procurasse a palavra “no” seguida ou não por 1 ou mais números de 0 a 9 seguido(s) pela palavra “mínimo”. No caso das notas de rodapé, porém, não foi encontrada uma solução para evitar a perda de dados.

¹⁴ Esse problema causado pela conversão dos arquivos e o possível comprometimento da significância estatística dos resultados não prejudicam a proposta deste estudo de corpus uma vez que não há a pretensão de que este estudo de frequência esgote a investigação da variação no uso do infinitivo flexionado. Pelo contrário, por meio do desenvolvimento de uma metodologia capaz de facilitar futuros estudos quantitativos mais significativos estatisticamente, neste momento visou-se simplesmente a quantificar tendências de uso.

também podem ter como resultado uma janela com um gráfico ou um arquivo de dados. Quando a função foi executada corretamente, o R pede por mais input a partir do sinal de maior “>”, o chamado *prompt*, conforme ilustrado na figura 3.3.

```
R Console
Stop Source/Load Quartz Start X11 Authentication History Set Colors Open In Editor New Document
~ Help Search

R version 2.13.1 (2011-07-08)
Copyright (C) 2011 The R Foundation for Statistical Computing
ISBN 3-900051-07-0
Platform: i386-apple-darwin9.8.0/i386 (32-bit)

R é um software livre e vem sem GARANTIA ALGUMA.
Você pode redistribuí-lo sob certas circunstâncias.
Digite 'license()' ou 'licence()' para detalhes de distribuição.

R é um projeto colaborativo com muitos contribuidores.
Digite 'contributors()' para obter mais informações e
'citation()' para saber como citar o R ou pacotes do R em publicações.

Digite 'demo()' para demonstrações, 'help()' para o sistema on-line de ajuda,
ou 'help.start()' para abrir o sistema de ajuda em HTML no seu navegador.
Digite 'q()' para sair do R.

[R.app GUI 1.41 (5874) i386-apple-darwin9.8.0]

[Workspace restored from /Users/FeCanever/.RData]
[History restored from /Users/FeCanever/.Rhistory]

> 1+1
[1] 2
> 3+3
[1] 6
> 5*2
[1] 10
> 10/5
[1] 2
> x<-10
> x/2
[1] 5
> |
```

Figura 3.3 A janela de comando do R: o console.

Como o R também é uma calculadora, cálculos matemáticos – como os feitos diretamente no console da figura 3.3 – ilustram o modelo comando-resposta a partir do qual o R funciona. Para fazer a soma de 2+2, por exemplo, após a inserção de 2+2, pressiona-se a tecla *enter*:

```
> 2+2  
[1] 4
```

Para facilitar o manuseio dos resultados intermediários, é possível armazená-los em variáveis simbólicas. A variável `x`, por exemplo, pode ser definida com o número 2:

```
> x <- 2
```

Após escrever essa linha de comando¹⁵ e clicar em *enter*, não há resultado visível imediato, porém o `x` passa a ter o valor de 2, podendo ser usado em outras expressões. Mais frequente, porém, que o armazenamento de apenas um elemento é o armazenamento de sequências de elementos – os *vetores*, que podem ser criados a partir de uma instrução para unir elementos – a função **concatenar** “`c`”, como em:

```
> idades <- c(10, 20, 30, 40, 50)  
> idades  
[1] 10 20 30 40 50
```

O vetor *idades*¹⁶, formado por números, pode então servir como argumento de inúmeras funções, como a **soma** (*sum*):

```
> sum(idades)  
[1] 150
```

¹⁵ O *operador de tarefas* (*assignment operator*) é formado pelos caracteres `<-` que assemelham a uma seta apontando para a variável e é utilizado no armazenamento dos dados nos vetores.

¹⁶ O `[1]` antes dos elementos é a posição do primeiro elemento da linha no vetor. Como o vetor *idades* só tem uma linha, essa informação não é útil, mas caso se trate de um vetor mais longo, a posição no vetor pode ser uma informação importante.

Ou ainda, por se tratar de um programa para fins estatísticos em que vários cálculos já estão pré-programados, pode-se obter a **média**¹⁷ entre os elementos do vetor *idades* da seguinte forma:

```
> mean(idades)
[1] 30
```

Ainda em relação à função **concatenar**, pode-se unir vetores de diferentes tamanhos, como em:

```
> x <- c(1, 2, 3)
> y <- c(10, 20)

> c(x, y)
[1] 1 2 3 10 20
```

Além de números, vetores também podem armazenar caracteres. Para formar, por exemplo, um vetor chamado *objetivo* que contenha os elementos “busca”, “de”, “dados”, insere-se a seguinte linha de comando, que inclui a função **concatenar** e que traz cada um dos elementos entre *aspas*:

```
> objetivo<- c("busca","de", "dados")
```

Para verificar se o vetor *objetivo* foi salvo corretamente, basta digitar o nome do vetor no console e apertar *enter*.

¹⁷ Para executar alguma função, é preciso saber o nome da função e os argumentos ela exige para então colocá-la no console do R. Como os argumentos exigidos por cada função precisam aparecer em uma ordem fixa, para facilitar a utilização das funções, o R tem inúmeros argumentos básicos pré-definidos que não precisam ser inseridos quando utilizados no modo default (ver Gries (2009)).

```
> objetivo  
[1] "busca" "de"  "dados"
```

Uma função central para praticamente todas as operações de carregamento de corpora e amplamente utilizada no desenvolvimento deste estudo foi a função `scan`, que serve para carregar o conteúdo de arquivos de textos em vetores:

```
scan(file=file.choose() , sep= "\n", what="char")
```

O arquivo carregado pode então ser armazenado em um vetor:

```
ling1<-scan(file=file.choose() , sep= "\n", what="char")
```

É possível, ainda, carregar múltiplos arquivos a partir do seguinte comando¹⁸:

```
files<-select.list(dir(), multiple=TRUE, title="Choose some stuff")
```

Para verificar quais vetores estão salvos no R,

¹⁸ Esse comando é o utilizado ao se trabalhar com sistema Mac OS, como é o meu caso.

```
ls( )
```

Para remover todas as estruturas de dados (vetores, listas, etc):

```
rm(list=ls())
```

Entre os comandos básicos utilizados neste estudo, merecem destaque ainda a função `cat`, usada para salvar os resultados em arquivos ou vetores e que pode ser entendida como *cole x em y*; a noção de **execução condicional**, que diz para o R fazer algo apenas se uma determinada condição for satisfeita; e o `loop`, que instrui o R a executar um certo comando repetidas vezes:

```
all.filos<-list()
for (i in all.filos) {
  all.filos[[i]]<-scan(all.filos[i],what="char", sep="\n")
}
```

O que essa sintaxe está dizendo pode ser parafraseado como: *para cada vez que você encontrar a sequência x, execute a função y*.

Pequenos programas (*scripts*)

Além de um certo nível de complexidade, em vez de inserir os comandos linha a linha, pode-se trabalhar com scripts, que são coleções de linhas de código do R armazenadas em um arquivo ou na memória do computador de alguma forma¹⁹.

¹⁹ Uma opção é utilizar a função `source`, que lê os comandos de um arquivo, por exemplo, e os executa.

Outra opção mais interativa é trabalhar em um editor, o que facilita a execução de um ou mais linhas do script no R. Ou seja, em vez de trabalhar no Console do R, você pode trabalhar no Editor do R, por exemplo, e ao executar o script nesse arquivo, o R vai se comportar como se cada linha de código estivesse sendo inserida no console uma a uma.

Figura 3.4 *Editor do R.*

Existem, ainda, noções básicas relacionadas ao universo da programação que são de fundamental importância para a compreensão de como a extração automática dos dados foi realizada. São as chamadas expressões regulares, as quais eu sintetizo na figura 3.5:

`^` = início de uma expressão
`$` = fim de uma expressão
`|` = pode ser lida como “ou”, separa alternativas
`( )` = isola partes da expressão regular que deve ser tratada como uma unidade
`{ }` = cerca uma expressão quantificadora
`+` = $\{1,0\}$ uma ou mais das unidades precedentes
`?` = $\{0,1\}$ zero ou uma da unidade precedente
`[ ]` = início e fim de uma classe de caracteres
`\w` = palavra
`\b` = limite de palavras
`\s` = espaço

Figura 3.5 *Algumas expressões regulares*

O uso de expressões regulares ou *regex* (da abreviação do inglês *regular expressions*) especifica como as buscas pelas sequências de caracteres de interesse devem ser feitas. Por exemplo, caso o objetivo seja procurar todas as sequências de caracteres terminadas em -rmos, pode ser escrito o comando “`rmos$`”, que pode ser traduzido como “toda sequência de caracteres terminada em rmos”.²⁰

3.2.3 Desvendando o R

Antes de seguir com a apresentação dos avanços graduais no processo de extração automática dos dados, é importante ficar claro quais instruções deveriam ser dadas ao R. Basicamente, o que eu queria dizer para o R era:

- em quais arquivos ele deveria realizar as buscas;

²⁰ Comandos escritos a partir de expressões regulares serão mais discutidos na seção 3.2.4.

- o que ele deveria procurar nesses arquivos - no caso todos os “-r”, “-rmos” e “-rem” finais;
- quantas palavras à esquerda e à direita da expressão de busca eu queria que ele recuperasse;
- de qual arquivo vinha cada expressão encontrada; e
- onde ele deveria colocar os resultados.

1ª fase

Nessa fase, basicamente segui os comandos do manual introdutório do R para linguistas. Como vai poder ser visto, minhas escolhas iniciais estavam longe das soluções elegantes que programadores com mais experiência encontrariam.

Porque no início eu ainda não sabia carregar múltiplos arquivos, para facilitar o carregamento dos arquivos, eu preparei uma lista com os 180 comandos para carregamento dos vetores referentes aos 180 textos do corpus, nomeados de acordo com as 6 áreas. Cada área ficou em uma pasta, indicada antes de iniciar o carregamento dos arquivos a partir do comando:

```
setwd("C:/Users/FeCanever/Dropbox/EstudosR/Corpus/Filologia")
```

Após copiar e colar os 180 comandos no console do R, as pastas previamente determinadas eram abertas, e eu indicava qual era o arquivo que devia ser carregado, clicando sobre cada um dos 180 arquivos. Tal procedimento é ilustrado a partir do carregamento das 30 teses da área de Filologia na figura 3.6.

```
filo1<-scan(file.choose() , sep= "\n", what="char")
filo2<-scan(file.choose() , sep= "\n", what="char")
filo3<-scan(file.choose() , sep= "\n", what="char")
filo4<-scan(file.choose() , sep= "\n", what="char")
filo5<-scan(file.choose() , sep= "\n", what="char")
filo6<-scan(file.choose() , sep= "\n", what="char")
filo7<-scan(file.choose() , sep= "\n", what="char")
filo8<-scan(file.choose() , sep= "\n", what="char")
filo9<-scan(file.choose() , sep= "\n", what="char")
filo10<-scan(file.choose() , sep= "\n", what="char")
filo11<-scan(file.choose() , sep= "\n", what="char")
filo12<-scan(file.choose() , sep= "\n", what="char")
filo13<-scan(file.choose() , sep= "\n", what="char")
filo14<-scan(file.choose() , sep= "\n", what="char")
filo15<-scan(file.choose() , sep= "\n", what="char")
filo16<-scan(file.choose() , sep= "\n", what="char")
filo17<-scan(file.choose() , sep= "\n", what="char")
filo18<-scan(file.choose() , sep= "\n", what="char")
filo19<-scan(file.choose() , sep= "\n", what="char")
filo20<-scan(file.choose() , sep= "\n", what="char")
filo21<-scan(file.choose() , sep= "\n", what="char")
filo22<-scan(file.choose() , sep= "\n", what="char")
filo23<-scan(file.choose() , sep= "\n", what="char")
filo24<-scan(file.choose() , sep= "\n", what="char")
filo25<-scan(file.choose() , sep= "\n", what="char")
filo26<-scan(file.choose() , sep= "\n", what="char")
filo27<-scan(file.choose() , sep= "\n", what="char")
filo28<-scan(file.choose() , sep= "\n", what="char")
filo29<-scan(file.choose() , sep= "\n", what="char")
filo30<-scan(file.choose() , sep= "\n", what="char")
```

Figura 3.6 Carregamento de arquivos por áreas.

Em seguida, foi criado então um vetor *all.filos* a partir da concatenação de todas as teses dessa área, como pode ser visto na figura 3.7.

Criado o vetor *all.filos* com os 30 vetores referentes aos textos da área de Filologia, o mesmo foi feito para todas as áreas. Depois de ter preparado os 6 vetores maiores, contendo cada um 30 vetores com os arquivos carregados, esses 6 vetores foram concatenados em um vetor maior chamado *all.files* (ver figura 3.8).

```
all.filos<-c(filo1,filo2,filo3,filo4,filo5,filo6,filo7,filo8,filo9,filo10,filo11,filo12,filo13,  
filo14,filo15,filo16,filo17,filo18,filo19,filo20,filo21,filo22,filo23,filo24,filo25,filo26,  
filo27,filo28,filo29,filo30)
```

Figura 3.7 Criação do vetor *allfilos*

```
all.files<-c(all.filos, all.lings, all.lps, all.class,all.fran,all.dlo)
```

Figura 3.8 Criação do vetor *allfiles*

Com todos os arquivos carregados no vetor *all.files*, para dar início às buscas, escrevi um script que procurava as palavras terminadas em -rmos ('rmos\$) a partir da função **grep**:

esse comando quebra o vetor em todos os *non-word characters* (pontos, vírgulas, espaços, etc), ou seja, ele separa todas palavras, que se tornam elementos menores dentro do vetor maior.

```

all.files2<- unlist (strsplit(all.files,"\\W+"))
all.files3<- unlist(strsplit(all.files2," +"))
(matches.in.all.files3<- grep("(rmos$)", all.files3, ignore.case=T))

output.file= file.choose()

for(i in matches.in.all.files3) {

    cat(all.files3[max(0,i-10):max(0,i-1)],      "\t",      all.files3[i],      "\t",
        all.files3[(i+1):min(i+10,length(all.files3)+1)], "\n", file=output.file, append=T)

}

```

i-10 e i+10, significam, respectivamente, retorne 10 palavras antes e 10 palavras depois da expressão de busca.

Figura 3.9 Script inicial com a função *grep*

O que esse script faz é o seguinte: (i) separa todo o corpus em palavras; (ii) procura por aquelas terminadas em -rmos; (iii) a cada palavra encontrada, recupera o contexto precedente (até 10 palavras à esquerda) e o contexto subsequente (até 10 palavras à direita); e (iv) cola no arquivo dos resultados.

Para abrir o arquivo .csv que foi criado pelo R, é preciso fazer algumas alterações nos parâmetros de importação de textos do *OpenOfficeCalc*. Na janela que aparece quando se clica para abrir o arquivo, os parâmetros que precisam ser alterados estão destacados na figura 3.10:

Figura 3.10 *Parâmetros para abertura dos arquivos de resultados.*

Como funcionaria em um concordanceador comum, o arquivo com os resultados obtidos contém três colunas: uma com a expressão de busca, uma coluna com o contexto precedente e outra com o contexto subsequente. Antes que fosse feita qualquer tipo de filtragem, o arquivo gerado aparecia da seguinte forma:

EXTRAÇÃO E MANIPULAÇÃO DOS DADOS

	A	B	C
1	Contexto_precedente	Node	Contexto_seguite
2	caso por isso mesmo que é o mais obscuro para	apanharmos	facilmente nos outros essa mistura de prazer e de dor
3	na Poética 1449 a s Edmunds nos adverte para não	pensarmos	em uma possível proto comédia nesta peça mas para um
4	vez que ela se origina 373 a e É interessante	notarmos	que Diceópolis que representa a cidade justa também sofre a
5	como em Acarnenses ou os demagogos de Atenas É interessante	compararmos	a figura náutica apresentada por Aristófanes na aprendizagem do poeta
6	da cidade ou os dirigentes começaram a filosofar É interessante	notarmos	que o rei filósofo será educado entre os guardiões que
7	fazer sacrifícios com o produto das nossas injustiças Efetivamente se	formos	justos só estaremos livres de castigo por parte dos deuses
8	aos amigos enlouquecidos e na composição de fábulas por não	sabermos	onde está a verdade relativamente ao passado ao acomodar o
9	que os mestres as usem na educação dos jovens se	quisermos	que os nossos guardiões sejam tementes aos deuses e semelhantes
10	concorde que é Estrepsíades o que move a ação Se	analismos	o duplo cômico nesta peça veremos que na verdade são
11	velho que não lhe permitia deixar de condenar Pois se	observarmos	os oráculos de Cavaleiros onde o Paflagônio Cléon recita um
12	ferro ou de bronze a defendesse 415 c É interessante	verificarmos	que a discussão que antecede a passagem sobre o mito
13	a fim de ser livre 562 e É ainda interessante	notarmos	que Sócrates usa a figura do zangão kephén para representar
14	máscara feminina utilizada pelo poeta para criticar os homens Ao	compararmos	Lisístrata e Tesmoforiantes concluímos que o discurso do poeta cômico
15	homens de que não há deuses a ponto de não	vendermos	nem a metade Então a todos conselho e digo para
16	o homem que tem inteligência precisa Muitos exemplos há para	aprendermos	isso Este homem mostrou que é sensato e volta a
17	o jovem deus Nosso companheiro nesta dança 136 É interessante	notarmos	que Aristófanes está sempre requisitando para a sua comédia o
18	não se pode apreciar totalmente uma canção moderna se lhe	tirarmos	a melodia certamente há inúmeros elementos desses poemas que eram
19	de nossa tradução poética e um método com que nos	guiarmos	e que estabeleça os elementos aos quais o trabalho de
20	consequências ilativas que o termo sugere podemos cortar Sem nunca	estarmos	completamente seguros de que não perdemos uma reverberação ultravioleta uma
21	conjunto desses elementos cria e suscita em nossas psiques ao	lermos	o poema A tradução é um ato de interpretação e
22	forma como ocorre tantas vezes com fragmentos não há como	sabermos	com certeza se não haveria inclusive outros versos precedendo os
23	do fragmento é marcial e seu teor aparentemente solene Sem	sabermos	a exata ocasião de performance e sem termos o restante
24	primeira estrofe do fragmento 31 de Safo a fim de	analismos	sua estrutura métrica fa ne ta moi kA noj soj
25	o espírito se revela em forma de palavras se não	descobrimos	a verdade vital que a fala tem poder que as
26	uma capacidade de sentir compaixão e entendimento a qualidade de	sermos	humanos HESCHEL 1996 p 238 Segundo Heschel a consciência de
27	negócios falam a língua inglesa e que não há porque	aprendermos	11 PETERSON Brooks Cultural Intelligence A Guide to Working with
28	gerou para entender nossas reações imediatas e pouco a pouco	fortalecermos	nossas virtudes e diminuirmos nossos pontos fracos 14 Cf PETERSON
29	reações imediatas e pouco a pouco fortalecermos nossas virtudes e	diminuirmos	nossos pontos fracos 14 Cf PETERSON op cit pp 89
30	sem preconceitos é uma utopia no entanto a possibilidade de	treinarmos	a lidar com as diferenças pode ser realidade e é
31	seu caráter literário é passível de diferentes interpretações sobretudo se	considerarmos	a época de sua produção em relação ao momento atual
32	lógica de modo a verificar suas funções discursivas Ainda por	considerarmos	o fato de Vieira ter elaborado o Sermão da Sexagésima
33	e do contato intelectual a ser com ele estabelecido Por	estarmos	trabalhando com um discurso argumentativo de natureza religiosa julgamos procedente
34	sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda Por	considerarmos	aspectos fundamentais para o desenvolvimento de nossa tese dada a
35	com a intencionalidade do orador 6 Há simplificação exagerada Ao	simplificarmos	exageradamente uma afirmativa estamos na verdade encobrindo nossa falta de

Figura 3.11 *Arquivo com os resultados da busca*

Já na planilha, os resultados podem ser filtrados e ordenados. Como a primeira linha do script quebrava o corpus em palavras, nessa fase não era possível buscar sequências com duas ou mais palavras, como “de serem”, por exemplo. Sendo assim, a solução era procurar as palavras terminadas em -rem e, então, após obter os resultados com o R, filtrar os dados na planilha²¹. A coluna à esquerda contém as últimas 3 letras antes da palavra procurada.

²¹ A primeira abertura do arquivo de resultados era feita com o OpenOfficeCalc, porém, para filtrar os dados era preciso exportar para o Excel para que fosse utilizada a função *Vlookup*.

EXTRAÇÃO E MANIPULAÇÃO DOS DADOS

1	FILTRO	PRECEDENTE	NODE	SUBSEQUENTE
2	para nos	ica num significado todo especial Na mitologia grega para nos	atermos	a um referente importante na poesia
3	para nos	da casa a ser decorado melhor dizendo abarrotado para nos	atermos	ao gosto da época como aquela
4	para nos	Os deuses são úteis pois servem para nos	conduzirmos	entre os homens 25 são ao
5	para nos	desejo Não é precisa uma leitura muito atenta para nos	darmos	conta da recorrência de certas palavras
6	para nos	Doravante usaremos a sigla SD para nos	referenciarmos	ao conto O Senhor Diabo 53
7	para nos	nota 2 Usamos o termo esquema de conhecimento para nos	referirmos	às expectativas dos participantes acerca das
8	para nos	ita prudência quando usamos determinados adjetivos para nos	referirmos	a Deus a começar pelo fato
9	para nos	89 128 130 e 201 que será utilizado para nos	referirmos	a eles A numeração das linhas
10	para nos	a diferença entre mistakes e errors usamos errors para nos	referirmos	a quaisquer desvios provenientes das realizações
11	para nos	tentativa de se encontrar comunicação em português para nos	referirmos	a essa nova situação em que
12	r de nos	ou aos produzidos pela sensualidade mas ao prazer de nos	acharmos	livres de so frimentos do corpo
13	sem nos	A beira estrada Conforme calha enfim sem nos	envolvermos	e sem visarmos qualquer objetivo O
14	aos nos	torre abandonada do sobrenatural Outro 21 Doravante aos nos	referirmos	ao conto O mandarim utilizaremos a
15	s de nos	esta operação de mergulho em si mesmo Antes de nos	determos	em maior detalhe sobre os sombrios
16	s de nos	não estivesse morta ANDRESEN 2001 p 145 Antes de nos	referirmos	ao mês de abril em Portugal
17	o Se nos	assim explicitamente enfatizado inicia o terceiro verso Se nos	fixarmos	em maior detalhe no papel que
18	não nos	referências a Pessoa a quem são dirigidos Para não nos	alongarmos	demais fugindo ao escopo principal dessa
19	o se nos	que caracteriza o grande Deus Voltando a Acordo se nos	fixarmos	no primeiro verso do poema Acordo
20	ário nos	asil Para entender a perspectiva do intimismo é necessário nos	voltarmos	também para o estudo da literatura
21	r de nos	e no momento em que o escuro impedir de nos	distinguirmos	um ao outro você mete os
22	ntes nos	p 380 Sendo assim apesar de em momentos pertinentes nos	reservarmos	o direito de utilizar a metodologia
23	o de nos	arte do apóstolo tem seus riscos O desejo de nos	aproximarmos	dos nossos irmãos não deve traduzir
24	o de nos	os pobres e os humildes chegou o momento de nos	decidirmos	a proteger os fortes contra os
25	como nos	com 307 Mas no mundo em que vivemos como nos	ocuparmos	com os valores do espírito Segundo
26	1 Ao nos	ser simultâneas Chegou sentando se cf nota 1 Ao nos	reportarmos	às palavras do sacerdote vamos considerar
27	o Se nos	podem ser cometidas em nome da boa intenção Se nos	aprofundarmos	ainda mais veremos que na verdade
28	s de nos	formos capazes de saber quais são esses valores de nos	tornarmos	sensíveis a eles seremos incapazes de
29	s de nos	icular nos textos especificamente argumentativos Antes de nos	debruçarmos	sobre as análises do artigo de
30	a de nos	coloca diante de uma nova revolução na maneira de nos	comunicarmos	Em uma primeira análise torna se
31	s de nos	natural que a cibercultura ao inaugurar novas maneiras de nos	comunicarmos	seja fundadora de novos gêneros discursivos
32	não nos	dimensão do trabalho resolvemos fazer um recorte e então nos	concentrarmos	na escolha lexical dos nomes formação
33	dela nos	temos de elevar nos acima da língua de dela nos	abstrairmos	de contemplá-la utilizando nossos raciocínios

Figura 3.12 *Arquivo com os resultados da busca filtrados*

Se por um lado a extração dos dados com a flexão era possível através desse procedimento, no caso das buscas por ocorrências com infinitivo não-flexionado – palavras terminadas em -r – o mesmo não acontecia. O número de palavras terminadas com -r é tão grande que não fazia sentido extrair todas as milhares de palavras terminadas com -r para depois filtrá-las nas planilhas: o que deveria ser uma busca automática se tornaria um trabalho manual.

Entretanto, enquanto não era encontrada uma forma de filtrar os dados no próprio R, como eu precisava de dados para contrapor com os dados iniciais de infinitivo flexionado, uma solução temporária foi fazer uma amostra de 1 milhão de palavras. Ainda não era o ideal, mas padrões bastante interessantes puderam ser identificados, o que foi crucial para o andamento da pesquisa.

2ª fase

Nessa fase, o problema de carregamento dos arquivos foi facilitado através da função `loop`. Em vez clicar 180 vezes para carregar os 180 arquivos, foram criados 6 scripts - um para cada um dos 6 grupos.


```
all.filos<-list()
for (i in files) {
  all.filos[[i]]<-scan(files[i],what="char", sep="\n")
}
```

Outra questão importante nessa fase foi a busca por uma forma de identificar, na planilha, de quais arquivos cada ocorrência tinha sido extraída. Ou seja, era preciso criar uma espécie de etiqueta com o nome de cada arquivo para que em cada linha com a ocorrência encontrada, além dos contextos, tivesse também uma coluna indicando o arquivo-fonte.

Foi adicionado, então, a seguinte linha de código no script:

```
as.character(mapply(paste,  paste("Filos", 1:length(all.filos), sep=""), all.filos,
sep="\t"))->all.filos
```

O que este comando faz é colar nos arquivos uma etiqueta que começa com “Filos_”, por exemplo, ou com as iniciais de cada uma das áreas, seguida pelo número referente à ordem com que os arquivos são carregados. Sendo assim, para que não haja confusão entre as etiquetas que os arquivos vão receber e os nomes verdadeiros desses arquivos, todos os arquivos precisam ser carregados na ordem correta: o filol precisa ser carregado primeiro, o filo2 em segundo e assim por diante. Isso porque o R vai numerar de 1 a 30 pela ordem de carregamento e não pelos nomes dos arquivos.

A questão de como refinar as buscas de modo a diminuir a necessidade de filtragem nas planilhas não foi resolvida nessa fase. Além do grande número de palavras terminadas em -r dificultar a busca das ocorrências com o infinitivo não-flexionado, ao mesmo tempo que as etiquetas resolveram a questão da identificação dos arquivos, elas também trouxeram um problema: por serem

inseridos em diferentes posições nas colunas dos contextos, os nomes dos arquivos passaram a atrapalhar a aplicação dos filtros nas planilhas. Por exemplo, ao procurar todas as palavras terminadas em -rmos que fossem precedidas pela sequência nos, em alguns casos a etiqueta havia sido inserida exatamente nessa posição intermediária, portanto, a aplicação do filtro ficava comprometida.

3ª fase

O carregamento dos dados foi facilitado a partir do uso do seguinte comando²².

```
files<-select.list(dir(), multiple=TRUE, title="Choose some stuff")
```

A questão da inserção dos rótulos em uma coluna específica foi resolvida a partir do seguinte script²³:

²² Essa linha de comando funciona no sistema operacional Mac OS.

²³ Adaptado de um script original de Oushiro (c.p.).

```
rm(list=ls(all=T))

setwd("/Users/FeCanever/Documents/_qclwr/Files testes") #localização dos arquivos.

files<-select.list(dir(), multiple=TRUE, title="Choose some stuff") #vetor com todos
os arquivos

all.corpus<-list() #lista vazia que vai receber os vetores com os arquivos carregados

for (i in files){
  all.corpus[[i]]<-scan(files[i], what="char", sep="\n")
} #cada arquivo é carregado em um vetor que tem o mesmo nome e vai para a lista
all.corpus

output.file= file.choose() #define onde os resultados devem ser colocados.

number.of.files<-length(all.corpus)
all.corpusA<-character()

for (i in seq(number.of.files))
  all.corpusA<- append(all.corpusA, paste("[File_", i, "]", all.corpus[[i]], sep=""))
#cria etiquetas para os arquivos colando "[File_i]" no começo de cada elemento do
vetor.

all.corpusA #checar como está o all.corpusA com os tags
for (i in all.corpusA) {

  all.corpus1<-unlist(strsplit(i, "\\W+"))
  all.corpus2<-gsub("(\\W)", "\\1", i, perl=T)
  all.corpus3<-unlist(strsplit(all.corpus2, " "))
  matches.in.all.corpus<- grep("rmos\\b", all.corpus3, ignore.case=T) # procura
por -rmos finais

  for (j in matches.in.all.corpus) {
    cat(all.corpus3[1], "\t", all.corpus3[max(0,j-6):max(0,j-1)], "\t",
      all.corpus3[j], "\t", all.corpus3[(j+1):min(j+6, length(all.corpus3)+1)],
      file=output.file, append=T, "\n")
  }
}
# o passo que ajuda a identifica o arquivo-fonte de cada ocorrência é o seguinte:
all.corpus3[1]
```

Figura 3.13 *Script que resolve a questão dos rótulos*

O problema do nome dos arquivos resolvido, mas a busca das ocorrências de infinitivo não-flexionado ainda estava muito geral.

3.2.4 Scripts finais

As buscas se tornaram mais refinadas a partir da utilização da função `exact_matches`, desenvolvida por Stefan Gries.²⁴ Através dela, é possível refinar as buscas no próprio R porque podem ser feitas buscas por expressões maiores e não apenas as palavras, conforme era feito até a terceira fase. Trata-se, portanto, de uma função de fundamental importância para estudos de corpus a partir do R uma vez que facilita a extração apenas dos dados nos quais o pesquisador está interessado.

Para ser utilizada nos scripts, é preciso chamá-la a partir do seguinte comando:²⁵

```
source("/Users/FeCanever/Documents/exact_matches_mod.r")
```

A seguir apresento o script final em variadas versões, destacando, na cor cinza, os comandos de busca a partir de expressões regulares, conforme discutido na página 64. Como objetivo era procurar as ocorrências de infinitivos em complementos nominais que tivessem alguma marca de pluralidade no contexto próximo, todas as expressões de busca incluíram: (i) a própria flexão – *-rmos* ou *-rem*; (ii) alguma palavra próxima terminada em *-s*; (iii) algum verbo à esquerda terminado em *-m* ou *-mos*; (iv) o clítico ‘nos’; ou (v) alguma palavra específica, tais como as preposições ‘para’ e ‘ao’, seguidas por alguma palavra terminada em *-r*.

²⁴ A possibilidade de criação de novas funções, que, segundo Dalgaard (2008), é o grande atrativo de um programa como o R, permite que pesquisadores encontrem soluções para os problemas que surgem. Criada por Gries, a função `exact_matches` é um importante exemplo da dinamicidade envolvida no uso do R.

²⁵ O comando inclui o caminho ou da localização no computador ou na internet, sendo necessário haver conexão com a internet para chamar a função dessa maneira. Disponível em: “http://www.linguistics.ucsb.edu/faculty/stgries/exact_matches.r”

```
rm(list=ls(all=T))
source("/Users/FeCanever/Documents/exact_matches_mod.r")
setwd("/Users/FeCanever/Documents/Corpus/allCorpusFiles")

files<-select.list(dir(), multiple=TRUE, title="Choose some stuff")

for (i in 1:length(files)) {
  current.corpus<-scan(file=files[i], what="char", sep="\n")
  matches<- exact.matches ("\\w+s\\s+de\\s+ser\\b",current.corpus,
  files[i],pcre=TRUE)$`lines with delimited matches`
  if (!length(matches)==0) {
    output[length(output)+1]<-matches
  }
}
cat(output, file="novSdeSerOutput.csv.csv", sep="\n")
```

Figura 3.14 *Script final*

A expressão de busca do script 3.14 diz o seguinte: “uma palavra terminada em -s, um ou mais espaços, a palavra ‘de’, um ou mais espaços, a palavra ser”. Ou seja, esse comando especifica quais sequências de caracteres o R deve procurar.

```
rm(list=ls(all=T))
source("/Users/FeCanever/Documents/exact_matches_mod.r")
setwd("/Users/FeCanever/Documents/Corpus/allCorpusFiles")

files<-select.list(dir(), multiple=TRUE, title="Choose some stuff")

for (i in 1:length(files)) {
  current.corpus<-scan(file=files[i], what="char", sep="\n")
  matches<- exact.matches ("\\w+s\\s+de\\s+serem\\b",current.corpus,
  files[i],pcre=TRUE)$`lines with delimited matches`
  if (!length(matches)==0) {
    output[length(output)+1]<-matches
  }
}
cat(output, file="novSdeSeremOutput.csv", sep="\n")
```

Figura 3.15 *Script final – ajuste 1*

Já no script 3.15, a única alteração da expressão de busca foi a palavra ‘serem’ no lugar de ‘ser’.

```
rm(list=ls(all=T))
source("/Users/FeCanever/Documents/exact_matches_mod.r")
setwd("/Users/FeCanever/Documents/Corpus/allCorpusFiles")

files<-select.list(dir(), multiple=TRUE, title="Choose some stuff")

for (i in 1:length(files)) {
  current.corpus<-scan(file=files[i], what="char", sep="\n")
  matches<- exact.matches("\w+m\s+\w+rem\b",current.corpus,
  files[i],pcre=TRUE)$ lines with delimited matches`
  if (!length(matches)==0) {
    output[length(output)+1]<-matches
  }
}
cat(output, file="novMverboRem.csv", sep="\n")
```

Figura 3.16 *Script final – ajuste 2*

A expressão de busca do script na figura 3.16 dizia: “uma palavra terminada em -m, um ou mais espaços, uma palavra, um ou mais espaços, uma palavra terminada em -rem”.

```
rm(list=ls(all=T))
source("/Users/FeCanever/Documents/exact_matches_mod.r")
setwd("/Users/FeCanever/Documents/Corpus/allCorpusFiles")

files<-select.list(dir(), multiple=TRUE, title="Choose some stuff")

for (i in 1:length(files)) {
  current.corpus<-scan(file=files[i], what="char", sep="\n")
  matches<- exact.matches("\\bpara\\s+nos\\s+\\w+r\\b",current.corpus,
  files[i],pcre=TRUE)$`lines with delimited matches`
  if (!length(matches)==0) {
    output[length(output)+1]<-matches
  }
}
cat(output, file="novParaNosNaoFlexOutput.csv", sep="\n")
```

Figura 3.17 *Script final – ajuste 3*

Neste script, a expressão de busca pedia o seguinte: “a palavra ‘para’, um ou mais espaços, a palavra ‘nos’, um ou mais espaços, e uma palavra terminada em -rmos”.

O mesmo foi feito, então, para todas as construções pré-selecionadas para investigação, sendo necessário apenas alterar as expressões de busca a depender das sequências que eram de interesse.

3.2.5 Considerações finais

Como a função `exact.matches` torna possível a procura por sequências de palavra, foi possível refinar a busca por meio do próprio R, e não apenas nas planilhas, conforme era feito inicialmente. A extração automática realizada através do script final foi satisfatória porque, refinadas as buscas, facilitou a filtragem e quantificação manual dos dados.

Nas figuras a seguir, podem ser vistos os resultados consideravelmente mais filtrados do que os resultados obtidos nas primeiras fases do processo de aprendizado do R:

EXTRAÇÃO E MANIPULAÇÃO DOS DADOS

Arquivo	Linha	Contexto precedente	node	Contexto subsequente
File: class 27.txt	Line: 3242	de Horácio,	para nos restringirmos	à poesia não-dramática latina, têm em comum ser
File: class 6.txt	Line: 659	Virgílio	para nos deleitarmos	com o poeta. A sua poesia é pessoal e está ligada a duas
File: class30.txt	Line: 6138	eterno tormento do diabo seriam um novo apelo	para nos afastarmos	do desejo das realidades
File: dlo27.txt	Line: 1778	estamos à espera do tempo certo	para nos livrarmos	de um fardo, das
File: dlo8.txt	Line: 727		para nos remetermos	ao(s) sujeito(s) é sempre o discurso.
File: filo 1.txt	Line: 2350	Usamos o termo "esquema de conhecimento"	para nos referirmos	às
File: filo 3.txt	Line: 2810	que será utilizado	para nos referirmos	a eles. A numeração das linhas foi feita por
File: filo 9.txt	Line: 5376		para nos entregarmos	à quaisquer desvios provenientes das realizações da linguagem...
File: filo27.txt	Line: 1326	proposição, do mesmo modo que nos silogismos lógicos: não	para nos referirmos	indiferentemente às
File: fran13.txt	Line: 555	impediria de empregar o termo —literatura	para nos referirmos	às produções anteriores ao
File: fran19.txt	Line: 1715	(37). Iremos então utilizar a sigla "W.2"	para nos reportarmos	a essa segunda parte.
File: fran22.txt	Line: 3019	mas ainda é cedo	para nos ocuparmos	dessa questão.
File: fran24.txt	Line: 2801	sentimos e ainda	para nos compreendemos	(les mots qui
File: ling 1.txt	Line: 5277	apropriação do discurso alheio pelo arranjo	para nos posicionarmos	sobre em que
File: ling 16.txt	Line: 4594	Armamo-nos com a teoria	para nos depararmos	não apenas com todas
File: ling 18.txt	Line: 3511	que no Brasil falamos: maldita	para nos referirmos	à etisipela. Já em latim,
File: ling 22.txt	Line: 3262	106 Utilizaremos a marca do gênero feminino "companheira"	para nos referirmos	ao TU pois nos
File: ling 4.txt	Line: 367	7 Utilizaremos o termo maloca	para nos referirmos	à aldeia indígena, por ser a expressão corrente entre os índios...
File: ling30.txt	Line: 334	(1990 : 127) afirma que	para nos referirmos	a eventos usa-
File: lp 1.txt	Line: 4139	paganismo. Os deuses são úteis, pois servem "...	para nos conduzirmos	entre os
File: lp 14.txt	Line: 8190		para nos referirmos	ao diabo ou a qualquer tentação remetida a ele na narrativa.
File: lp 24.txt	Line: 1216	45 Por convenção, utilizaremos freqüentemente a sigla OESP	para nos referirmos	ao jornal.
File: lp 25.txt	Line: 941	pois, não decerto um paraíso, mas uma irremovível condição	para nos sabermos	e
File: lp 28.txt	Line: 4423	enfrentamos diariamente	para nos mantermos	íntegros em nossa dignidade de seres humanos.
File: lp 3.txt	Line: 1273	16 Doravante usaremos a sigla SD	para nos referencarmos	ao conto O Senhor
File: lp 4.txt	Line: 2658	mitologia grega,	para nos atermos	a um referente importante na poesia de Sophia, a

Figura 3.18 Resultados a partir do script final – 1p. plural

Arquivo	Linha	Contexto precedente	node	Contexto subsequente
File: class 1.txt	Line: 1098	E com o tempo sempre	ven para punir	.
File: class 11.txt	Line: 1863	177 No parágrafo 218, Cícero utiliza o termo genera	facieturum para compor	um conjunto formado pelo
File: class 12.txt	Line: 1276	um desses que	saem para aumentar	a turba, motivos vãos e leves os conduzem pela
File: class 13.txt	Line: 3166	vocativos, sobre os quais recaem as (duplas) breves que agora se	amódum para criar	uma
File: class 14.txt	Line: 3671	As alterações feitas pelo humanista português	servem para ajeitar	,com habilidade, o
File: class 15.txt	Line: 2477	vidência guia o gênero humano!85. Mas, por vezes, ele usa fatum	também para significar	as ocorrências (v. 1296 e segs.), apaziguar a
File: class 16.txt	Line: 531	da ex machina,	ven para aclarar	das bênçãos prometidas
File: class 17.txt	Line: 2753	pessoal.Dunn afirma (2003:74): (...) agora os gentios	serviam para entreter	e
File: class 18.txt	Line: 840	que os poetas tinham duas funções sociais: eles	tem para ressaltar	o fato de que, sem Hagesícora, está
File: class 19.txt	Line: 6030	Garzya (1954, p. 58) diz: o coro declara o que não	contribuem para enfatizar	da
File: class 2.txt	Line: 1670	"vigor", cuja velar sonora /g/ e a própria vogal /o/	Belém para vir	ao
File: class 20.txt	Line: 579	ois da Páscua de 398: Pauliniano e Eusébio de Cremona deixam	também para demonstrar	que determinadas
File: class 22.txt	Line: 235	explicar os mitos e as palavras, mas	utilizam para tratar	da mesma matéria que Marcial. Lembrando que o dístico elegíaco é
File: class 23.txt	Line: 1170		fitam para agradecer	a alma?
File: class 25.txt	Line: 2639	aduladores,	tem para investigar	(Met. IV.2, 1004b15-
File: class 26.txt	Line: 417	do ente, qual a primeira filosofia do mesmo modo	sim para receber	consolação, entenda-se, amantes, analogamente à matrona de Efeso de
File: class 27.txt	Line: 4986	33) - mas	pedem para ser	usados,
File: class 3.txt	Line: 1424	A beleza acaba rapidamente, vestidos bonitos	estivessem para aparecer	para ti mesmo durante a a leitura.
File: class 5.txt	Line: 1930	nomes eu mencionaria, se não	contribuem para acentuar	o texto com
File: class 6.txt	Line: 96	epigrama – gêneros esses que	contribuem para colocar	as oferendas feitas aos
File: class 8.txt	Line: 3827	O anapesto (´ ´ ´) e o dátilo (´ ´ ´), por sua vez,	esforçam para persuadir	o erro, saberiam desde o prêmio con-
File: class 9.txt	Line: 2056	triga, nata de leite e ovos, que os Itálotas	um para guardar	os
File: class30.txt	Line: 561	res, que se	também para discutir	os diferentes assuntos que diziam respeito aos interesses
File: dlo1.txt	Line: 652	devem ser levados em consideração. A habilidade de cada	vieram para fixar	-se na terra, cooperando com o processo de colonização.
File: dlo10.txt	Line: 441	mas	lutavam para expandir	os
File: dlo11.txt	Line: 1017	judeus	policiam para parar	antes, saber
File: dlo12.txt	Line: 863	para fortalecer o poder do Estado budista-confucionista, e	nem para ser	um combatente
File: dlo13.txt	Line: 270	Enquanto isso, muitas mulheres... se		
File: dlo14.txt	Line: 999	literatura e na vida; não havia nele inclinações		

Figura 3.19 Resultados a partir do script final – 3p. plural

Foi alcançado, portanto, o objetivo de realizar as buscas pelas ocorrências de infinitivo flexionado através do R e receber os resultados em uma planilha que tivesse o nome dos arquivos em que cada ocorrência havia sido encontrado. Após essa etapa de extração automática dos dados, o trabalho de filtragem e quantificação dos dados foi feito manualmente.

Capítulo 4

Análise dos dados

Neste capítulo, são apresentadas e discutidas as frequências de ocorrência das construções *instáveis* apresentadas no capítulo 2, que foram selecionadas a partir dos dados de [Maurer Jr \(1968\)](#). Maurer, procurando simplificar os critérios de emprego do infinitivo flexionado, afirma que os casos que configuram o que ele chama de “terreno vacilante”, em que as duas formas são possíveis, se resumem aos casos em que o infinitivo, apesar de não ter sujeito expresso, pode ser flexionado ou não-flexionado em razão de exprimir uma ação exercida por um agente conhecido pelo contexto.

A complexidade relacionada ao emprego do fenômeno, porém, que acaba por ser reforçada pela obra de Maurer, até hoje intriga os gramáticos. De um modo geral, tanto Maurer quanto os gramáticos modernos concordam que quando há um sujeito nominativo, a flexão do infinitivo é obrigatória. No entanto, a depender da intenção de quem fala, que pode escolher destacar a pessoa a que o verbo se refere ou focalizar a ação, tanto a flexão quanto a não-flexão são gramaticalmente corretas em inúmeros contextos ([Bechara, 2009](#); [Cunha & Cintra, 2008](#)).

Segundo Maurer, desde que a forma flexionada do infinitivo surgiu, a flexão

vem se espalhando para novas construções do infinitivo, sendo essa extensão da flexão para novos contextos sintáticos “lenta, mas progressiva” (Maurer Jr, 1968 : 100).

Para verificar as tendências de uso no *corpus* LLIC-PósLetrasUsp, após a filtragem manual dos dados extraídos através do programa R, foi então quantificada a variação no emprego das ocorrências das seguintes construções:¹

Construção 1 – Complemento adjetival

Construção 2 – Complemento nominal

Construção 3 – Perífrases aspectuais/modais

Construção 4 – Orações finais

Construção 5 – Orações causais

Construção 6 – Orações relativas

Construção 7 – Construções com verbos de alçamento

Construção 8 – Orações completivas

Construção 9 – Orações temporais

Construção 10 – Ênclise/Próclise

4.1 Quantificação da variação

Foram incluídas na análise todas as ocorrências das construções com infinitivo pré-selecionadas que tinham, em seu contexto próximo, alguma marca de pluralidade apontando para a possibilidade de flexão de 1p. ou 3p. do plural. Ou seja, não foram quantificados dados em que o contexto indicava que o

¹ Para este estudo, foram quantificadas e discutidas apenas as construções previamente selecionadas para investigação; porém a análise das concordâncias revela vários contextos interessantes de flexão do infinitivo não previstos na gramática normativa ou não considerados áreas de instabilidade e que podem vir a ser explorados em futuros estudos.

sujeito do infinitivo era de 1p. ou 3p. do singular uma vez que, nesses casos, não há marca de flexão no infinitivo.²

Embora inicialmente os dados apontem para uma preferência pela não-flexão, a análise das distribuições de frequência em cada uma das construções investigadas revela, na verdade, que a maior ou menor tendência à flexão do infinitivo varia a depender do tipo de construção. Sendo assim, nas seções seguintes, são apresentados e discutidos os dados de cada uma das construções analisadas.

4.1.1 Construção 1 – Complemento adjetival

Tabela 4.1 Construção 1 – Complemento adjetival (quadro geral)

Infinitivo	Ocorrências	%
<i>não-flexionado</i>	47	46,5
<i>flexionado</i>	54	53,5
Total	101	100

O que, em um primeiro momento, parece ser uma distribuição equilibrada, muda de figura quando analisamos de qual voz se trata – da passiva ou da ativa. No caso dos complementos adjetivais³ na voz passiva, há uma maior tendência para a flexão:

Tabela 4.2 Construção 1 – Complemento adjetival na voz passiva

Infinitivo - voz passiva	Ocorrências	%
<i>não-flexionado</i>	5	10,6
<i>flexionado</i>	42	89,4
Total	47	100

² As listas de concordâncias a partir das quais foi feita a quantificação dos dados estão no Anexo A, na página 121.

³ Nesta construção foram considerados tanto adjetivos quanto participios passados. Ainda em relação a esta construção, na defesa desta dissertação que ocorreu no dia 16 de março de 2012, a professora Maria Margarida Salomão, em sua arguição, enfatizou a necessidade de distinguir, nesta categoria, as construções de controle das construções de movimento de sujeito da passiva, distinção que será feita em estudos futuros.

A alta frequência de ocorrência das construções com complemento adjetival na forma passiva com verbo “ser” está em conformidade com o que Maurer já descrevia nos anos 1960. Nesses casos, em que a pluralidade dos adjetivos parece chamar a concordância do verbo, a enorme desproporção de frequência indica a preferência dos falantes pela flexão.

- (1) ... categorias referidas eram muito vagas, variáveis **difíceis de serem** controladas. (dlo_9)⁴
- (2) ... poéticas vanguardistas nascentes — tantas vezes **acusadas de serem** geradoras de produ- ... (lp_1)
- (3) ... derrancado passageiramente eram ridículos e **indignos de serem** dados como explicação de ... (lp_17)

Entre as poucas ocorrências com a forma não-flexionada de um complemento adjetival na voz passiva nesse tipo de construção, estão:

- (4) Certos tipos de colon são **capazes de ser** ... (Class_8)
- (5) Diferenças que são sutis e **difíceis de ser** ... (Filo_21)

Quando o complemento adjetival está na voz ativa, porém, a tendência para a flexão do infinitivo é consideravelmente menor:

Tabela 4.3 Construção 1 – Complemento adjetival na voz ativa

Infinitivo - voz ativa	Ocorrências	%
<i>não-flexionado</i>	42	77,7
<i>flexionado</i>	12	22,3
Total	54	100

Conforme ilustra a tabela 4.3, complementos adjetivais na voz ativa tendem a permanecer na forma não-flexionada, como nesses exemplos:

⁴ A ausência de contextos maiores, indicada, nos exemplos, pelas reticências, é um inconveniente trazido pela extração automática dos dados. Devido ao formato do corpus após as conversões, em alguns casos o R não consegue recuperar os contextos precedentes e subsequentes.

- (6) ... e trocaicos), mostram ritmos próprios, **capazes de imprimir**, no ânimo do ouvinte, sensações ... (class_8)
- (7) ... japoneses foram **incumbidos de localizar** áreas a serem adquiridas, visando um ... (dlo_23)
- (8) ... depois de terem feito o curso de fonética eles se sentiam mais **confiantes para falar** e ... (fran_4)
- (9) ... aos homens em tudo; não participavam da vida pública, estavam **desobrigadas de aprender** a Torá, na ... (class_17)

Embora a tendência de flexão de complementos adjetivais na voz ativa seja menor, foram encontrados no *corpus* 12 ocorrências de flexão nesses casos, entre elas:

- (10) ... sua fonte abriga passagens com temas diversos **capazes de participarem** de projetos literários ... (fran_17)
- (11) Os Tribunais plenários foram criados através do decreto-Lei nº35 044. **Incumbidos de julgarem** os “crimes ... (lp_8)
- (12) ... serem objetos estáticos, são sim, **passíveis de sofrerem** influências externas, cabendo ... (dlo_26)

4.1.2 Construção 2 – Complemento nominal

Em construções com a forma infinitiva na posição de complemento nominal, para as quais Maurer considerava as formas não-flexionadas mais naturais, neste estudo foi apurada uma alta frequência da flexão, sugerindo que, do final do anos 1960 para cá, a gramática dos falantes de português brasileiro tem passado por mudanças no que diz respeito à preferência pela flexão do infinitivo:

Tabela 4.4 Construção 2 - Complemento nominal

Infinitivo	Ocorrências	%
<i>não-flexionado</i>	3	5,5
<i>flexionado</i>	51	94,5
Total	54	100

- (13) ... **dificuldade de serem** entendidas pelo interlocutor, mas as que apresentam distorções serão mais ... (ling_10)
- (14) ... alguma coisa, **na tentativa de fazerem** prevalecer seus pontos de vista. Assim, também ... (filo_7)
- (15) ... **propósito de servirem** para a pesquisa de uma língua ou variedade lingüística ... (ling_19)
- (16) ... entristecidos com **o fato de fazerem** ouvir no estrangeiro a ‘nossa música’... (fran_7)
- (17) ... contam, sob **o pretexto de trazerem** um presente, com o qual fingia que o rei pudesse ser ... (class_22)

As 3 únicas ocorrências de infinitivo não-flexionado nessas construções são as seguintes:

- (18) ... cumprem seu **papel de guiar** o leitor rumo ao conhecimento das ... (dlo_2)
- (19) ... acontecimentos: os espiões, enviados com **o objetivo de reconhecer** a região a ser ... (dlo_24)
- (20) ... jornais e têm **o propósito de chamar** a atenção do leitor. (filo_21)

4.1.3 Construção 3 – Perífrases aspectuais/modais

Conforme explica Bechara, infinitivos que pertencem a locuções verbais “normalmente” não são flexionados (Bechara, 2009:284). Confirmando a

tendência pela não-flexão do infinitivo em perífrases aspectuais e modais, foram encontradas 94,9 % ocorrências de infinitivos não-flexionados nessas construções.

No que diz respeito às perífrases aspectuais, os resultados obtidos foram os seguintes:

Tabela 4.5 Construção 3a - Perífrases aspectuais

Infinitivo	Ocorrências	%
<i>não-flexionado</i>	167	94,9
<i>flexionado</i>	9	5,1
Total	176	100

Exemplos de não-flexão são:

- (21) As mulheres na minha posição **começam a ser** felizes quando se enterram de todo no charco... (lp_17)
- (22) Para não confessarem sua inventividade, muitos autores **chegam a citar** fontes. (fran_13)
- (23) ...estrutura semiótico-discursiva: os elementos não-verbais **passam a fazer** parte da organização. (filo_7)
- (24) através de sinalizações que **vêm a estabelecer** o contrato entre autor e leitor. (lp_5)

E, entre as poucas ocorrências com a forma flexionada, estão:

- (25) As virtudes **começam a serem** tratadas no capítulo 8. Entre eles, Christine (fran_12)
- (26) ... comparatistas nos quais as relações entre literaturas **passaram a serem** estudadas ... (fran_15)
- (27) Tudo isso por dinheiro. Depois as pessoas pobres **acabam por tornarem-se** ... (fran_2)

Casos de flexão dentro de locuções verbais como esses, que não acontecem com uma alta frequência no *corpus*, revelam uma espécie de emprego exagerado da flexão e podem ser considerados casos de hiperacomodação, conforme será discutido no capítulo 5.

No que diz respeito às perífrases modais, a opção pela não-flexão é ainda mais clara, como mostra a tabela a seguir:

Tabela 4.6 Construção 3b - Perífrases modais

Infinitivo	Ocorrências	%
<i>não-flexionado</i>	352	99,7
<i>flexionado</i>	1	0,3
Total	353	100

Abaixo, apresento alguns exemplos encontrados que mostram a opção pela não-flexão:

- (28) A partir dessa definição **podemos levantar** a seguinte hipótese inicial acerca ... (fran_14)
- (29) Ao mesmo tempo, **queremos mostrar** que o autor se propõe levar o homem a ... (lp_30)
- (30) ... distanciamento necessário que **precisamos tomar** de nossa própria cultura literária ao ... (class_19)
- (31) ... sentirem o seu aroma, perplexos, a única verdade que **poderiam contar** à mãe não teria ... (class_10)
- (32) Dentre essas tradições de pensamento **podem ser** listadas aquelas que ... (dlo_1)
- (33) Finalmente, fica claro que há lacunas teóricas e metodológicas que **precisam ser** ... (ling_9)

A única ocorrência de infinitivo flexionado em uma construção com perífrase modal encontrada é a seguinte:

- (34) ... em antigos manuscritos hebraicos e que eram tão importantes que não **poderiam serem** esquecidas, ... (dlo_29)

Já em perífrases modais com a 1p. do plural não foi encontrada nenhuma ocorrência da forma flexionada do infinitivo.

Essa considerável desproporção das frequências sugere que, em perífrases aspectuais e modais, a forma não-flexionada ainda está bastante arraigada, o que está em consonância com as tendências apresentadas pelos gramáticos modernos.

4.1.4 Construção 4 – Orações finais

No contexto de orações finais, a opção pelo infinitivo flexionado é mais robusta. É isso o que mostra a tabela a seguir:

Tabela 4.7 Construção 4 – Orações finais (quadro geral)

Infinitivo	Ocorrências	%
<i>não-flexionado</i>	119	37
<i>flexionado</i>	203	63
Total	322	100

A opção pelo infinitivo flexionado é clara nas orações finais em contextos de uso de 1p. plural:

Tabela 4.8 Construção 4 – Orações finais com 1p. plural

Infinitivo	Ocorrências	%
<i>não-flexionado</i>	10	14,7
<i>flexionado</i>	58	85,3
Total	68	100

Exemplos de flexão são:

- (35) ... sentimos e ainda **para nos compreendermos** ... (fran_24)

- (36) apropriação do discurso alheio pelo arranjo **para nos posicionar-mos** sobre em que ... (ling_1)
- (37) Armamo-nos com a teoria **para nos depararmos** não apenas com todas... (ling_16)
- (38) Passemos à elucidação deste termo grego, no intuito **para usarmos** as suas inúmeras... (lp_22)
- (39) Tarefa que não podemos recusar, especialmente **para entendermos** a falta de ... (ling_20)
- (40) Falamos de neologia léxica, pondera Cabré (1993:444), **para referirmo-nos** ao ... (filo_10)

Entre os poucos dados da forma não-flexionada nessa construção, estão:

- (41) Em geral, contudo, gostamos de muitos autores, e quando sentamos **para limitar** ... (class_2)
- (42) Dentre os meios de que dispomos **para nos comunicar** — gestos, atitudes, ... (fran_20)
- (43) encontramos algo **para nos enfeitar**. (lp_4)

Diferentemente dos contextos de 1p. plural, nos contextos com a 3p. plural, há um certo equilíbrio entre as formas flexionadas e não-flexionadas, como mostra a tabela 4.9:

Tabela 4.9 Construção 4 – Orações finais com 3p. plural

Infinitivo	Ocorrências	%
<i>não-flexionado</i>	109	42,9
<i>flexionado</i>	145	57,1
Total	254	100

Apesar de a distribuição geral das frequências de ocorrência de infinitivos flexionados em construções finais sugerir que há um equilíbrio entre as orações

finais com 3p. plural, se nós analisarmos em que voz estão os verbos mais frequentemente flexionados, a maior tendência de flexão do infinitivo na passiva se repete:

Tabela 4.10 Construção 4 – Orações finais com 3p. plural na voz passiva

Infinitivo - voz passiva	Ocorrências	%
<i>não-flexionado</i>	3	5,5
<i>flexionado</i>	51	94,5
Total	54	100

- (44) ... são, na sua maior parte, interessantes, mas estão ali mais **para serem lidos** ... (fran_21)
- (45) Faleceu no dia 13 de outubro de 2007, aos 65 anos, deixando vários livros **para serem** ... (filo_14)
- (46) ... então aparecerem nas transações, sob forma de proposições, **para serem aceitas**, negociadas ... (ling_6)

Entre as 3 ocorrências da não-flexão do infinitivo na voz passiva em orações finais, está o seguinte exemplo:

- (47) A beleza acaba rapidamente, vestidos bonitos **pedem para ser** usados ... (class_3)

Enquanto nos casos de orações finais com infinitivos na voz passiva foi constatada uma maior tendência de flexão, a distribuição fica equilibrada nos casos que ocorrem na voz ativa:

Tabela 4.11 Construção 4 – Orações finais com 3p. plural na voz ativa

Infinitivo - voz ativa	Ocorrências	%
<i>não-flexionado</i>	106	53
<i>flexionado</i>	94	47
Total	200	100

Entre os exemplos com a forma não-flexionada, estão:

- (48) ... eram insuficientes **para sustentar** nosso principal postulado.
(ling_1)
- (49) O objetivo é observar quais as palavras que podem ser utilizadas
para exemplificar ... (dlo_26)
- (50) ... de deixar suas famílias e seu país de origem **para atravessar** o
mundo. (ling_14)

Já entre os exemplos com a forma flexionada, estão:

- (51) ... quando pai e filho se juntaram **para formularem** um acordo.
(lp_6)
- (52) A poesia de superfície e a subterrânea são forças natagônicas que,
para continuarem ... (lp_18)
- (53) ... salazarista, sentem-se mais livres **para exporem** suas idéias e
não se filiam a grupos ... (lp_11)

4.1.5 Construção 5 - Orações causais

As orações causais também exibem uma clara tendência para o uso do infinitivo flexionado. Diferentemente do que acontece no caso das orações finais, não foi encontrada nenhuma assimetria em relação à voz ou à pessoa do plural que estava em jogo. É isso o que motram as tabelas e os exemplos a seguir:

Tabela 4.12 Construção 5 – Orações causais (quadro geral)

Infinitivo	Ocorrências	%
<i>não-flexionado</i>	5	11,1
<i>flexionado</i>	40	88,9
Total	45	100

Tabela 4.13 Construção 5a – Orações causais com 1p. plural

Infinitivo	Ocorrências	%
<i>não-flexionado</i>	1	3,5
<i>flexionado</i>	28	96,5
Total	29	100

Exemplos com a forma flexionada são:

- (54) ... o eixo temático. Escolhemos o termo “eixo” **por considerarmos** que ele é ao mesmo ... (fran_10)
- (55) Citamos esses dois livros didáticos **por pensarmos** ser importante o fato de que a ... (ling_9)
- (56) ... não transcenderíamos **por estarmos** imiscuídos nesse mundo, isto é, nossa própria ... (fran_30)

Exemplos de infinitivo não-flexionado são:

- (57) Isto implica dizer que nos esforçamos **por evitar** cair no erro... (class_21)

Tabela 4.14 Construção 5b – Orações causais com 3p. plural

Infinitivo	Ocorrências	%
<i>não-flexionado</i>	4	25
<i>flexionado</i>	12	75
Total	16	100

Exemplos de ocorrências de infinitivo na forma flexionada:

- (58) Estes poetas se distinguem **por aumentarem** a clareza das definições dos gêneros ... (class_23)

- (59) ... superioridade e não o **fizeram por terem** um comportamento entendido como masculino. (ling_23)
- (60) No caso das palavras com artigo definido, **ocorreram por serem** monossílabos. (filo_2)

Exemplos de ocorrências de infinitivo na forma não-flexionada:

- (61) ... gregos **sobressaem por compor**, ao lado dos hinos indo-iranianos, os principais exemplos ... (class_13)
- (62) ... morfossintáticas se **destacam por apresentar** configurações específicas que ... (dlo_5)

4.1.6 Construção 6 – Orações relativas

De forma igualmente robusta, os dados mostram que as orações relativas são um contexto sintático que favorece a flexão do infinitivo, como mostram a tabela e os exemplos abaixo:

Tabela 4.15 Construção 6 – Orações relativas

Infinitivo	Ocorrências	%
<i>não-flexionado</i>	21	17,6
<i>flexionado</i>	98	82,4
Total	119	100

- (63) É claro que surgem, habitualmente, **obstáculos a serem vencidos**. (Dlo_24)
- (64) Uma das **questões a serem investigadas** nesta pesquisa ... (Dlo_1)
- (65) Os **códices a serem discutidos** são ... (dlo_29)
- (66) ... inóspitos **ambientes a serem vencidos**, as barreiras **a serem derrubadas** e a insegurança do ... (class_8)
- (67) Nas próximas seções, serão apresentados os principais construtos **a serem utilizados** ... (ling_11)

- (68) Ao fazer a escolha dos **textos a serem analisados** também foi necessária a escolha dos ... (fran_6)

Embora sejam menos frequentes, também ocorrem infinitivos não-flexionados nesse tipo de construção, como em:

- (69) ... realidade dos **dados a ser examinados** desorientava o lingüista. (ling_25)
- (70) Os **primeiros a ser descritos** são os Pigmeus. (class_5)
- (71) Como se observa, os **termos a ser relativizados** ocupam posições diferentes: em (a) o ... (filo_28)
- (72) ... dedutiva que conduza a fenômenos **a ser explicados**. (ling_21)

4.1.7 Construção 7 – Construções com verbos de alçamento

Conforme aponta a tabela 4.16, no *corpus* analisado, a flexão do infinitivo não é frequente em construções com verbos de alçamento, tais como ‘bastar’, ‘parecer’ ou ‘convir’. A preferência pela não-flexão se manteve estável independente da pessoa do plural presente no contexto imediato, e independente da voz em questão.

Tabela 4.16 Construção 7 – Construções com verbos de alçamento (quadro geral)

Infinitivo	Ocorrências	%
<i>não-flexionado</i>	112	86,8
<i>flexionado</i>	17	13,2
Total	129	100

No casos de construções com 1p. plural do plural, das 89 ocorrências da forma infinitiva, 77 foram flexionadas, como mostra a tabela a seguir:

Tabela 4.17 Construção 7a – Construções com verbos de alçamento 1p. plural

Infinitivo	Ocorrências	%
<i>não-flexionado</i>	77	86,5
<i>flexionado</i>	12	13,5
Total	89	100

Abaixo, apresento exemplos que mostram a opção pela não-flexão:

- (73) ... no exterior, assim como os chamados afro-sambas. **Convém mencionar** ainda a ... (fran_7)
- (74) Usamos o termo presente no mesmo sentido que Murachco (2003:226) o fez: **Convém lembrar** que ... (class_17)
- (75) Entre os estudos realizados sobre as formas de tratamento, **convém retomar** ... (filo_12)
- (76) **Basta lembrar**, ainda com esse autor, que a gramática tradicional está relacionada com uma ... (filo_20)

Por sua vez, entre as poucas ocorrências de infinitivos flexionados nesse tipo de construção, estão:

- (77) ... Para comprovarmos este fato **basta lembrarmos** que Bernardo Santareno não ... (lp_8)
- (78) Antes de iniciarmos a análise propriamente dita, **convém esclarecermos** que ... (fran_7)

Tabela 4.18 Construção 7b – Construções com verbos de alçamento 3p. plural

Infinitivo	Ocorrências	%
<i>não-flexionado</i>	35	87,5
<i>flexionado</i>	5	12,5
Total	40	100

- (79) ... falantes de português, **parecem falar** em línguas diferentes, sobre realidades ... (lp_23)
- (80) Muitos lingüistas **parecem defender** o ponto de vista dos cognitivistas de que ... (filo_9)
- (81) ... dogmáticas do sistema hegeliano **pareciam restringir** as discussões sobre o caráter existencial ... (lp_22)

Embora as formas não-flexionadas sejam mais frequentes, ocorrem 5 ocorrências de infinitivo flexionado nessa construção:

- (82) ... assim **convém serem** lançados os dardos de Hércules ... (class_12)
- (83) E não pergunte em que proporção: **basta serem** meus. (class_14)
- (84) ... deles **pareciam terem sido** usados na mágica sincronizada como nos cuidados do nascimento, veja ... (dlo_28)
- (85) ... pele sempre jovem e bonita, pois **parece serem** essas as grandes preocupações do leitor. (filo_17)
- (86) A razão, a ciência, a tecnologia e todas as filosofias **parece conspirarem** contra o homem ... (lp_25)

4.1.8 Construção 8 - Orações completivas

Também nas orações completivas, o infinitivo tende a permanecer na forma não-flexionada:

Tabela 4.19 Construção 8 - Orações completivas (quadro geral)

Infinitivo	Ocorrências	%
<i>não-flexionado</i>	66	95,6
<i>flexionado</i>	3	4,4
Total	69	100

Em orações completivas com 1p. plural, esse padrão de maior tendência para a não-flexão é claro:

Tabela 4.20 Construção 8a - Orações completivas com 1p. plural

Infinitivo	Ocorrências	%
<i>não-flexionado</i>	48	100
<i>flexionado</i>	-	
Total	48	100

- (87) ... e no curso da fala **aprendemos a ser humanos** (ARENDT; 1993: 77). (lp_27)
- (88) ... sua função. Neste trabalho, **optamos por usar** o critério de Tadmor e escrever os nomes originais de forma ... (dlo_6)
- (89) ... importante cotejá-los cuidadosamente quando **nos propomos a preparar** uma ... (ling_29)
- (90) ... **dedicamo-nos a compreender** qual seria o nível de imbricação entre o núcleo de ... (ling_1)

Embora haja 3 ocorrências de infinitivos flexionados em orações completivas com 3p. plural, nesses casos a alta frequência de ocorrência também indica a preferência pela forma não-flexionada:

Tabela 4.21 Construção 8b - Orações completivas com 3p. plural

Infinitivo	Ocorrências	%
<i>não-flexionado</i>	18	85,7
<i>flexionado</i>	3	14,3
Total	21	100

As 3 ocorrências da forma flexionada nessas construções são:

- (91) ...pertinentes que se **caracterizam por serem** ou dialogais ... (fran_21)
- (92) ... particularmente as injunções paradoxais, são os que nos **interessam por serem** os ... (flo_1)

- (93) ... um problema pessoal, mas sim parte da administração do estado, o que **levou pessoas a delatarem** e a **agradecerem** por terem ... (dlo_30)

Já entre as ocorrências de infinitivos não-flexionados, que nessas construções são consideravelmente mais frequentes que as formas flexionadas, estão:

- (94) ... construir argumentos. Sobretudo, é preciso **levar os alunos a compreender** a relevância das ... (flo_8)
- (95) ... chamava a verdade do que em **auxiliar seus alunos a produzir** um discurso eficiente para o ... (dlo_9)
- (96) estudiosos críticos, quanto pessoas simples, **anseiam por encontrar**. (dlo_24)
- (97) No decorrer do texto, vemos que os autores **optaram por situar** o "sujeito de ... (ling_1)
- (98) ... familiaridade com a língua escrita, **forçando as campanhas publicitárias a privilegiar** a língua ... (ling_24)

4.1.9 Construção 9 - Orações temporais

Entre as construções infinitivas que apresentam uma alta tendência de flexão, estão as orações temporais que, no corpus investigado, ocorrem na forma flexionada em 93,9 % dos casos:

Tabela 4.22 Construção 9 - Orações temporais (quadro geral)

Infinitivo	Ocorrências	%
<i>não-flexionado</i>	10	6,1
<i>flexionado</i>	155	93,9
Total	165	100

Quantificando apenas os dados em que foi possível identificar alguma marca

de pluralidade no contexto próximo,⁵ o que apontaria para a possibilidade de ocorrência a flexão -rmos, a distribuição aponta para uma maior preferência pela flexão:

Tabela 4.23 Construção 9 - Orações temporais com 1p. plural

Infinitivo	Ocorrências	%
<i>não-flexionado</i>	8	10
<i>flexionado</i>	72	90
Total	80	100

Conforme demonstra a tabela acima, a flexão do infinitivo é bastante frequente em orações temporais com 1p. plural.⁶

- (99) ... nossas psiques **ao lermos** o poema. (class_2)
- (100) ... embora alguém pretenda que **ao pensarmos** as palavras, falamos interiormente na ... (class_21)
- (101) marcaram textos que lhe eram posteriores e, ainda, **ao tratar-mos** dos Comentários, ... (class_22)
- (102) Há simplificação exagerada. **Ao simplificarmos** exageradamente uma ... (filo_1)
- (103) **Depois de jantarmos** (R), comemos sobremesa (E) ... (filo_11)
- (104) **Ao recuperarmos** , aqui, o modelo de Lakatos ... (ling_12)
- (105) **Antes de prosseguirmos** à análise dos dados do PB e **propor-mos** uma hipótese explicativa ... (ling_28)

⁵ Foram consideradas marcas de pluralidades algum outro verbo com flexão de 1p. ou 3p plural ou até mesmo um possessivo, como “nosso”, por exemplo.

⁶ Foram encontradas outras 17 ocorrências de infinitivo não-flexionado sem nenhuma marca de pluralidade no contexto próximo. Ainda que a flexão seja possível nesses casos – supondo, por exemplo, que o falante-autor dos textos estivesse usando a 1p. pessoa do plural, esses 17 dados não foram incluídos devido à falta de alguma marca de pluralidade no contexto próximo que apontasse para um sujeito plural. Entretanto, caso tivessem sido incluídos, a distribuição seria 26 % de infinitivos não-flexionados e 74% de infinitivos flexionados, o que significa que a maior tendência de ocorrência da flexão seria mantida.

- (106) **Ao utilizarmos** o termo decadentismo/decadência é importante deixar claro ... (lp_6)

Essa alta frequência de ocorrência flexão nessas construções indica que há uma preferência pelas formas flexionadas também nesses casos. Por sua vez, exemplos não-flexionados de infinitivos em orações temporais são pouco frequentes, porém ocorrem:

- (107) **Ao tomar** conhecimento das obras do artista somos levados a questionar todas as ... (dlo_19)
- (108) Lembramos ainda que, **ao denominar** o escritor diferentemente de seu registro civil, ... (lp_8)
- (109) É, pois, essa voz feminina que pretendemos ouvir, **ao examinar** o percurso da ... (class_23)
- (110) **Antes de refletir** sobre os guias de educação, porém, devemos compreender ... (class_28)

Assim como as construções temporais com 1p. plural, construções temporais com 3p. plural apresentam uma alta frequência de ocorrência na forma flexionada:

Tabela 4.24 Construção 9 - Orações temporais com 3p. plural

Infinitivo	Ocorrências	%
<i>não-flexionado</i>	2	2,4
<i>flexionado</i>	83	97,6
Total	85	100

Exemplos que mostram a preferência pela flexão são:

- (111) ... dificuldades dos falantes **ao aprenderem** português como segunda língua. (filo_9)
- (112) nas relações em sociedade que os sujeitos, **ao interagirem** por meio da linguagem, vão ... (File: filo_24)

- (113) ... de tópico e de foco são assinalados por traços (no caso, criteriais) já ao entrarem na ... (filo_25)
- (114) ... alguns dados biográficos, **ao serem imbricados** à lei tura de sua obra, terminam ... (lp_12)
- (115) A dedicação a esse tema abrange importantes teóricos que, **ao lançarem** um olhar ... (lp_13)
- (116) ... definição controversa, ora tida como passional, ora como satírica. **Ao citarem** exemplos de ... (lp_17)

As duas únicas ocorrências de infinitivos não-flexionados nessas construções são as seguintes:

- (117) ... pensadores judeus divergem **ao comparar** o genocídio nazista com outras catástrofes. (dlo_4)
- (118) ... sobre três agentes secretos portugueses que desaparecem em África **ao vigiar** ... (lp_5)

4.1.10 Construção 10 - Ênclise/Próclise

Segundo Maurer Jr (1968), clíticos podem ser interpretados como sujeitos do infinitivo nos casos de próclise. Em casos de ênclise, por sua vez, visto que o pronome ocorre após o verbo, Maurer não acredita que a presença do pronome influencia a decisão do falante de flexionar ou não o infinitivo.

A tendência à flexão nos casos de próclise sugerida por Maurer foi confirmada pelos dados levantados neste estudo:

Tabela 4.25 Construção 10a - Próclise

Infinitivo	Ocorrências	%
<i>não-flexionado</i>	6	18,7
<i>flexionado</i>	26	81,3
Total	32	100

Exemplos de flexão são:

- (119) ... estamos à espera do tempo certo **para nos livrarmos** de um fardo, das ... (dlo_27)
- (120) ... enfrentamos diariamente **para nos mantermos** íntegros em nossa dignidade de seres humanos. (lp_28)
- (121) Doravante usaremos a sigla SD **para nos referenciarmos** ao conto O Senhor ... (lp_3)
- (122) ... mas ainda é cedo **para nos ocuparmos** dessa questão. (fran_22)
- (123) ... sentimos e ainda **para nos compreendermos** ... (fran_24.txt)

Entre os casos de infinitivos não-flexionados em contextos de próclise, que totalizam 18,7 % do total de ocorrências, estão:

- (124) Façamos um esforço de imaginação **para nos remeter** ao século XVIII... (fran_22)
- (125) Dentre os meios de que dispomos **para nos comunicar** — gestos, atitudes, ... (fran_20)
- (126) ... necessitamos **para nos compreender** ... (fran_24)

Nos contextos de ênclise, entretanto, a distribuição das frequências é mais equilibrada, sendo que a forma flexionada acontece em 59,1% dos casos:

Tabela 4.26 Construção 10b - Ênclise

Infinitivo	Ocorrências	%
<i>não-flexionado</i>	18	40,9
<i>flexionado</i>	26	59,1
Total	44	100

Entre as ocorrências de não flexão que totalizam 40,9 % dos casos, estão as seguintes:

- (127) Mas devemos **defender-nos** de toda palavra, toda linguagem que nos ... (filo_24)
- (128) ... julgamos necessário **referir-nos** a Valentim Facioli que tratou bem deste assunto. (fran_5)
- (129) ... custou tanto **desaproximar-nos** e o sr. já quer inutilizar ... (lp_24)
- (130) Quanto a nós, preferimos **apoiar-nos** nas leituras de Valmaggi ... (class_9)
- (131) ... corresponde à idéia de **libertar-nos** das nossas próprias dificuldades ou limitações, a ... (dlo_24)
- (132) ... consciência de nossas responsabilidades humanas podemos **definir-nos** , mesmo que ... (dlo_30)

E entre as ocorrências da forma flexionada, podem ser destacados os seguintes exemplos:

- (133) ... grotesco, nós que gastamos todo o nosso dinheiro brasileiro para **transformarmo-nos** ... (fran_3)
- (134) Devemos, no entanto, **lembrarmo-nos** sempre do que nos diz KENNEDY ... (class_3)
- (135) ... nosso dia-a-dia, **depararmo-nos** com inúmeros textos [...] cuja produção é ‘orientada’ ... (filo_3)
- (136) Em conseqüência, atingiríamos um outro discreto objetivo: o de **juntarmo-nos**... (ling_19)
- (137) ... japonês etc, julgamos que seria importante **determo-nos** em uma análise cuidadosa,... (dlo_26)
- (138) Por isso, só se nos revela existindo, na medida em que, ao **projetarmo-nos** nele, penetra-lhe a luz de ... (lp_25)

4.2 Considerações finais

Especialmente devido aos dados inovadores observados na fala cotidiana dos brasileiros, envolvendo usos da flexão do infinitivo que pareciam “exagerados”, este trabalho foi iniciado sob a intuição de que a flexão do infinitivo estava aumentando em português brasileiro. Embora o estudo não tivesse tido nunca a intenção de fazer uma análise diacrônica para quantificar o aumento, a expectativa intuitiva era a de que a flexão fosse ser massiva e generalizada em todo e qualquer contexto sintático. No entanto, os dados levantados e apresentados neste capítulo indicam que a distribuição dos casos de flexão do infinitivo é diferenciada. Enquanto em algumas construções, tais como as orações temporais, complementos adjetivais, complementos nominais, orações relativas e orações finais, foi verificada uma maior tendência à flexão, em outras, tais como as construções com perífrases aspectuais/modais ou as orações completivas, por exemplo, a forma não-flexionada do infinitivo ainda é mais frequente.

Além disso, foram observadas algumas assimetrias interessantes. No caso das orações finais, por exemplo, o contexto de 1p. plural se mostrou mais propício à flexão. Outra assimetria interessante foi a encontrada entre as orações finais com 3p. do plural, em que foi verificada uma maior tendência à flexão do infinitivo na voz passiva. De modo semelhante, nas construções com complemento adjetival, as passivas também constituem um contexto que favorece a flexão.

Com certeza, esses são resultados inesperados, que apenas estudos como este podem levantar. As peculiaridades do português brasileiro contemporâneo, quer quando comparadas ao português europeu, quer quando contrastadas com os preceitos da gramática normativa, são, comumente, consideradas categóricas, no sentido de que devem ser tomadas como aplicáveis a todo e qualquer contexto sintático. Entretanto, nem sempre é isso o que acontece. Por essa razão, a verificação de flutuações nas frequências é uma etapa fundamental na investigação da propagação de inovações e de como nosso conhecimento linguístico é atualizado. No caso deste estudo, apesar de a preferência pela flexão do infinitivo ainda não suplantaram a preferência pela

não-flexão, sua alta frequência de ocorrência em variados contextos sintáticos, inclusive em inúmeros contextos em que o sujeito do infinitivo está claro demonstra que a flexão do infinitivo está se tornando cada vez mais arraigada na gramática dos falantes.

No próximo capítulo, após fazer um esboço de uma proposta de modelo baseado no uso mais dinâmico e que leva em conta fatores sociais, dou continuidade à interpretação dos achados deste estudo à luz dessa que é uma proposta que revela a veia interdisciplinar característica da linguística cognitiva.

Capítulo 5

Esboço de uma proposta mais dinâmica e mais social

Conforme discutido no capítulo 1, modelos de língua baseados no uso assumem que o conhecimento linguístico de cada indivíduo é formado a partir da experiência concreta com a língua. Através de habilidades cognitivas gerais, tais como a capacidade de esquematização, categorização e formação do hábito, estruturas linguísticas com variados graus de abstração são armazenadas cognitivamente e são continuamente impactadas pela atividade linguística. Assim, essa reatualização contínua do nosso conhecimento linguístico através do uso concreto da língua faz com que a gramática seja vista como um sistema dinâmico aberto.

A ideia de que o uso serve de base para a formação da gramática enquanto a gramática serve de base para o uso sugere que gramática e uso estão em situação de realimentação, que é o que o diagrama 5.1 pretende capturar:

Figura 5.1 *Proposta de adaptação do diagrama 2*

Apresentada e discutida no capítulo 1, essa proposta de diagramação do que seria o vai-e-vem dinâmico que é a formação da gramática visa a enfatizar a ideia de dinamicidade central à proposta baseada no uso. Naturalmente, portanto, nessa perspectiva teórica, a frequência de ocorrência desempenha um papel importante no aumento do grau de arraigamento das estruturas na gramática dos falantes. Considerando que, ao surgir, inovações apresentam baixa frequência de ocorrência, a questão de como algumas dessas estruturas são adotadas por outros falantes é da mais alta importância. No entanto, ela não é explorada por teóricos baseados no uso, tais como [Langacker \(2000\)](#) ou [\(Bybee, 2006b\)](#).

Por sua vez, [Croft \(2000\)](#) propõe uma teoria de mudança linguística baseada no uso – *a teoria de seleção de enunciados*, segundo a qual a propagação de inovações linguísticas entre falantes de uma comunidade de fala depende, necessariamente, de fatores sociais. Sendo assim, além da frequência, outros fatores socialmente motivados parecem estar em jogo.

[Blythe & Croft \(no prelo\)](#) explicam que, mesmo não podendo determinar exatamente quais fatores sociais estão envolvidos na propagação de novas variantes, sabe-se que, para sobreviver na língua, as novas variantes linguísticas precisam adquirir algum valor social positivo. Fazendo uso de técnicas de modelagem matemática, esses pesquisadores testaram quais dos quatro mecanismos de propagação de variantes – que fazem parte da tipologia de [Croft \(2000\)](#) – precisariam estar envolvidos.

- Evolução neutra (*neutral evolution*)

A propagação depende da frequência de ocorrência da variante. Flutuações aleatórias levam à mudança. Meros efeitos de frequência.

- Seleção pela frequência de interação (*neutral interactor selection*)

Diferenças na frequência de interação com outros interatores levam à propagação. A frequência com que os interatores interagem determina se uma variante vai ser propagada ou não. Em conformidade com estruturas de redes sociais, membros de uma comunidade de fala interagem com certos membros mais do que com outros, e como resultado disso os membros são expostos a diferentes frequências de ocorrência das variantes. Valores sociais não estão envolvidos.

- Seleção pelo peso dado ao interator (*weighted interactor selection*)

A propagação da variante depende do valor social atribuído ao interator. Embora seja uma questão social, na medida em que envolve a interação, nem todos os interatores impactam a seleção da mesma forma: alguns são mais valorizados socialmente do que outros.

- Seleção pelo replicador (*replicator selection*)

A escolha depende do valor atribuído à variante (ex. prestígio e identidade).

O que o estudo de Blythe & Croft (no prelo) aponta é que a *seleção pelo replicador* é suficiente para explicar a curva de substituição de variantes em formato de S,¹ como comumente apontado por estudos de mudança linguística realizados no âmbito da sociolinguística. Caso receba algum valor social positivo, que pode ser, segundo os autores, uma marca de prestígio ou envolver questões de identidade, uma determinada variante pode ser adotada e propagada, levando ao seu arraigamento cognitivo na gramática dos falantes.

A meu ver, o problema com essa visão de que a *seleção pelo replicador* é suficiente para explicar fenômenos de incorporação de novas estruturas na gramática está relacionado ao fato de o valor ou significado social associado à

¹ Ver discussão na seção 1.2.1, na página 24.

variante ser fixo. Conforme sugere Eckert (2005, 2008), os significados sociais das variantes são dinâmicos e flexíveis, sendo continuamente negociados, reforçados e/ou incorporados na interação linguística. Em cada interação, nós não somos expostos a estruturas de modo neutro, mas, retomando o que foi dito a respeito das constantes avaliações que fazemos acerca da língua que usamos e a que somos expostos, está sempre acontecendo um processo automático de avaliação das estruturas utilizadas pelos nossos interlocutores, que depende crucialmente de quem são esses interlocutores e de como os percebemos (Campbell-Kibler, 2008, 2009).

Sendo assim, a ideia de que a mudança linguística pode ser explicada apenas pela *seleção pelo replicador* não condiz com a dinamicidade inerente a sistemas complexos como é o caso da língua. Considerando que tudo faz parte de um todo dinâmico e que avaliações da fala daqueles com quem interagimos estão sempre acontecendo, ainda que de modo não-consciente, a reatualização dos significados sociais das variantes a partir do uso linguístico sugere que a *seleção pelo peso dado ao interator* e a *seleção pela frequência de interação* também estão envolvidas em fenômenos de mudança. Isto é, as flutuações nos graus de arraigamento cognitivo das estruturas linguísticas nas gramáticas dos falantes não dependem de significados sociais fixos atribuídos às variantes, mas de como, de interação em interação, os significados sociais das variantes são atualizados, alterados e/ou reforçados.

Um modelo baseado no uso que assume que as variantes linguísticas armazenadas cognitivamente também têm significados sociais dinâmicos é um modelo baseado no uso *mais dinâmico e mais social*. Ao incorporar as propostas da terceira onda de investigação sociolinguística, esse modelo mais dinâmico complementaria as ideias de Langacker e de Bybee, auxiliando na compreensão de como e por que algumas estruturas inovadoras conseguem sobreviver e se tornar convencionais.

A depender, portanto, de quem são os interatores que usam uma determinada variante, da frequência com que a usam e da frequência de interação com esses interatores, essa variante pode receber valores sociais positivos, que podem também se tornar arraigados cognitivamente. A variante pode, então, vir a se tornar a variante preferida socialmente, acarretando aumentos na

frequência de uso, sua incorporação na gramática e uma possível extensão para novos contextos.²

Complementando também a proposta de Hymes (1991 [1979]) a respeito de nossa competência comunicativa, a partir da qual somos capazes de avaliar *quando falar como*, nossa gramática individual - o nosso conhecimento linguístico - incluiria também informações sociolinguísticas dinâmicas. Provenientes de processos avaliativos inconscientes que realizamos a cada interação, as estruturas linguísticas armazenadas, além de apresentar graus de arraigamento que podem ser reforçados ou não, também apresentariam valores sociais dinâmicos constantemente reforçados ou alterados.

Além de contribuir para o entendimento de como inovações são incorporadas na línguas e como nosso conhecimento linguístico é atualizado a cada interação, tais ideias estão em consonância com estudos recentes da terceira onda de investigação sociolinguística, representando uma tentativa de incorporar essa linha de pesquisa no quadro teórico baseado no uso.

5.1 A flexão do infinitivo à luz desta proposta

No capítulo 4, foi demonstrado que o padrão de opção pela flexão e o da não-flexão varia de acordo com o contexto sintático, o que sugere que uma única regra gramatical aplicável a toda flexão do infinitivo em português brasileiro não é tão óbvia.

Em alguns casos em que há algum elemento de pluralidade no contexto próximo que chama a concordância, a preferência pela forma flexionada sugere que a flexão está arraigada cognitivamente e parece ter adquirido um valor social positivo. Exemplos observados na língua cotidiana dos brasileiros, tais como o exemplo (1) em que a flexão tende a ser vista como “exagerada”, são, a meu ver, exemplos de hiperacomodação, resultantes de processos cognitivos baseados em frequência.

² Seguindo essa mesma linha de raciocínio, o contrário também é possível: a depender de quem são os interatores que usam determinadas variantes, elas podem receber significados sociais negativos, o que pode causar a estigmatização dessas formas e eventuais quedas na frequência de ocorrência.

- (1) Eu e meu primo viemos para São Paulo **para podermos lançarmos** nosso cd. (LLIC_fc31mai09)

Embora o falante tenha exagerado no emprego da flexão, seu objetivo, muito provavelmente, era fazer a concordância verbal da forma correta gramaticalmente. Exemplos como esse sugerem que a flexão cada vez mais está sendo interpretada de modo positivo em comunidades consideradas de fala culta. E essa avaliação positiva da flexão é ainda mais reforçada pelo alto estigma associado à falta de concordância verbal no português brasileiro, que é especialmente difundido nas escolas.

Devido à baixa frequência de ocorrência no *corpus*, construções como a do exemplo (1) parecem não fazer parte daquilo que os falantes investigados neste estudo consideram gramaticalmente correto. Entre os poucos casos encontrados no corpus que podem ser considerados hiperacomodação, destaco os seguintes:

- (2) As virtudes **começam a serem** tratadas no capítulo 8. Entre eles, Christine (fran_12)
- (3) ... comparatistas nos quais as relações entre literaturas **passaram a serem** estudadas ... (fran_15)
- (4) ... em antigos manuscritos hebraicos e que eram tão importantes que não **poderiam serem** esquecidas, ... (dlo_29)

Apesar de infrequentes, esses exemplos são interessantes porque, em se tratando da variedade escrita – mais conservadora que a fala e que permite, inclusive, revisões – a presença da flexão nesses contextos não-padrão revelam que a flexão continua se espalhando, o que está em conformidade com a visão de Maurer Jr (1968) acerca da natural e progressiva extensão da flexão do infinitivo para um número cada vez maior de construções.

Partindo da ideia de que os próprios significados/valores sociais são dinâmicos e flexíveis, a alta frequência de uso da flexão em contextos-padrão pode contribuir para a propagação da flexão em contextos não-padrão. Especialmente se utilizadas por pessoas avaliadas socialmente de modo positivo,

construções com a forma infinitiva flexionada podem, de interação em interação, causar impacto cognitivo no nosso estoque linguístico tanto em termos de arraigamento de estruturas linguísticas, como discutido por [Langacker \(2000\)](#), quanto em termos de reforço do significado social positivo atribuído à flexão do infinitivo ([Eckert, 2008](#)).

Assim, a depender do tipo de situação, mas especialmente naquelas em que há busca de aprovação social e um alto grau de monitoramento (aulas, entrevistas), a avaliação social positiva da flexão, reforçada pelo estigma da falta de concordância, aliada ao alto grau de arraigamento da flexão, é uma explicação viável para a alta frequência de ocorrência da flexão em casos em que o “sujeito” já está claro ou inclusive de usos exagerados como “Nós temos que nos preparamos para a copa”, que, a meu ver, são exemplos de hiperacomodação.

5.2 Considerações finais

Independentemente do fenômeno linguístico investigado, o que este esboço do que seria um modelo baseado no uso *mais dinâmico e mais social* visa a enfatizar é que, além da frequência, levar em conta fatores sociais é de particular importância para o entendimento de como inovações são incorporadas na língua. Além disso, a partir da incorporação da ideia de dinamicidade dos significados sociais das variantes linguísticas, esta proposta representa uma tentativa de acomodar a teoria da variação – especialmente na forma dos recentes estudos da terceira onda de investigação sociolinguística, no quadro teórico baseado no uso.

Conclusão

When we talk about the conventionality of language, we speak as if conventions are static (...) Neither language nor the social world is static – it is in the continual articulation of the two that people create meaning.

Penelope Eckert, *Three waves of variation study*

Este estudo, que tinha como objetivo contribuir para a investigação de como se dá a atualização constante do nosso conhecimento linguístico, ofereceu, a partir de um estudo de corpus, evidências empíricas para as teorias de língua baseadas no uso.

Dedicado aos pressupostos teóricos que nortearam este estudo, no capítulo 1, apresentei e discuti: (i) o que são modelos de língua baseados no uso; (ii) algumas teorias de mudança linguística baseadas no uso; (iii) a noção de hipercorreção/hiperacomodação; e (iv) os desdobramentos recentes da sociolinguística considerados a terceira onda de estudo da variação.

No capítulo 2, apresentei o fenômeno linguístico investigado no estudo de corpus – o infinitivo flexionado em português brasileiro, cujo emprego tem intrigado os gramáticos modernos.

Em seguida, no capítulo 3, dedicado à metodologia, discuti as etapas envolvidas no processo de manipulação e extração automática dos dados a

partir do programa R.

Os resultados do estudo de corpus, que sugerem um alto grau de arraigamento da flexão em algumas das construções investigadas, foram apresentados e discutidos no capítulo 4. O fato de que o padrão de opção pela flexão e o da não-flexão varia de acordo com o contexto sintático é um indício de que não estamos diante de um fenômeno gramatical que possa ser explicado por uma única regra gramatical aplicável a todo infinitivo em português brasileiro. Isso sugere que a opção assumida nesta pesquisa, de que a flexão do infinitivo em algumas construções inovadoras é um exemplo de hiperacomodação, pode estar no caminho certo.

Por fim, no capítulo 5, propus um modelo *mais dinâmico e mais social*, de acordo com o qual o armazenamento de estruturas em nosso “estoque linguístico” inclui também informações sociolinguísticas dinâmicas. Provenientes de processos avaliativos - talvez automáticos - que realizamos a todo momento, os significados sociais associados às variantes linguísticas, que, a partir do uso, são continuamente negociados, reforçados e/ou incorporados, desempenham, conforme proponho, um papel crucial na propagação de inovações entre os falantes de uma comunidade.

Como não se pode ter absoluta certeza do que acontece na cabeça das pessoas, quando falamos de processos cognitivos, estudos de corpus são particularmente importantes por facilitar a identificação de quais estruturas linguísticas estão mais arraigadas cognitivamente. Assim, esta pesquisa vem ressaltar a importância dos estudos de frequência para o mapeamento dos fatos linguísticos e para a descrição gramatical das línguas naturais.

Uma vez que a combinação entre o alto grau de arraigamento da flexão e o significado social positivo da flexão parece ser um fator decisivo para a propagação do infinitivo flexionado para contextos não-padrão, é importante que estudos futuros determinem, com mais precisão, para quais comunidades de fala qual é a concordância – inclusive a *exagerada* – que é considerada *chique* ou, simplesmente, *correta*. Além disso, entre as direções futuras deste estudo, estão estudos de frequência do infinitivo flexionado na língua falada e em diferentes comunidades de fala.

Referências Bibliográficas

- ARPPE, Antti, GILQUIN, Gaëtanelle, GLYNN, Dylan, HILPERT, Martin, ZESCHEL, Antti, ArneArppe, GILQUIN, Gaëtanelle, GLYNN, Dylan, HILPERT, Martin & ZESCHEL, Arne. “Cognitive corpus linguistics: five points of debate on current theory and methodology.” *Corpora*, vol. 5, 1–27, 2010.
- BARGH, John. A. & CHARTRAND, Tanya. L. “The unbearable automaticity of being.” *American Psychologist*, vol. 54(7), 462–479, 1999.
- BARLOW, Michael & KEMMER, Suzanne (Eds.). *Usage-Based Models of Language*. Stanford: CSLI Publications, 2000.
- BAXTER, Gareth J., BLYTHE, Richard A., CROFT, William & MCKANE, Alan J. “Utterance selection model of language change.” *Physical Review*, vol. E 73, 046–118, 2006.
- . “Modeling language change: An evaluation of trudgill’s theory of the emergence of new zealand english.” *Language Variation and Change*, vol. 21(2), 257– 296, 2009.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 37 ed., 2009.
- BLYTHE, Richard A. & CROFT, William. “S-curves and the mechanisms of propagation in language change.” *Language*, no prelo.
- BOYLAND, Joyce Tang. “Hypercorrect pronoun case in english? cognitive processes that account for pronoun usage.” *In*: BYBEE, J. & HOPPER, P.

- (Eds.), *Frequency and the emergence of linguistic structure*, pp. 383–404. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins., 2001.
- BYBEE, Joan. *Morphology: A study of the relation between meaning and form*. Filadélfia: Benjamins., 1985.
- . *Frequency of Use and the Organization of Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006a.
- . “From usage to grammar: the mind’s response to repetition.” *Language*, vol. 82(4), 711–733, 2006b.
- . *Language, Usage and Cognition*. Cambridge: Cambridge University., 2010.
- BYBEE, Joan & SLOBIN, Dan. “Rules and schemas in the development and use of the english past tense.” *Language*, vol. 58, 265–289, 1982.
- CAMERON, Deborah. *Verbal Hygiene*, chap. On Verbal Hygiene., pp. 1–32. Routledge: New York., 1995.
- CAMPBELL-KIBLER, Kathrin. “I’ll be the judge of that: Diversity in social perceptions of (ing).” *Language in Society*, vol. 37(5), 637–659, 2008.
- . “The nature of sociolinguistic perception.” *Language Variation and Change*, vol. 21(1), 135–156, 2009.
- CLARK, Herbert. *Using Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- CROFT, William. *Explaining language change: an evolutionary approach*. Harlow, Essex: Longman., 2000.
- . “Evolutionary linguistics.” *Annual Review of Anthropology*, vol. 37, 219–34, 2008.
- CUNHA, Celso. & CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira., 5ª ed. ed., 2008.

- ECKERT, Penelope. “Variation, convention, and social meaning.” *Paper Presented at the Annual Meeting of the Linguistic Society of America Oakland CA*, 2005.
- . “Variation and the indexical field.” *Journal of Sociolinguistics*, vol. 12(4), 453–476, 2008.
- GILES, Howard & WILLIAMS, Angie. “Accommodating hypercorrection: a communication model.” *Language and Communication*, vol. 12(3/4), 343–356, 1992.
- GRIES, Stefan. T. *Quantitative corpus linguistics with R: a practical introduction*. Londres, Nova York: Routledge, Taylor e Francis Group., 2009.
- HULL, David. *Science as a Process: An Evolutionary Account of the Social and Conceptual Development of Science*. Chicago, IL: Univ. Chicago Press, 1988.
- HYMES, Dell. “On communicative competence.” In: BRUMFIT, K., C. J. & Johnson (Ed.), *The Communicative Approach to Language Teaching*, p. 5–26. Oxford: Oxford University Press, 1991 [1979].
- JOHNSON, Mark. “Mind incarnate: From dewey to damasio.” *Daedalus: Journal of the American Academy of Arts & Sciences*, vol. 135(3), 46–54., 2006.
- KEMMER, Suzanne & ISRAEL, Michael. “Variation and the usage-based model.” *Chicago Linguistics Society*., vol. 30(Papers from Parasession on Variation and Linguistic Theory), 165–179, 1994.
- LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*, chap. Hypercorrection by the Lower Middle Class as a Factor in Linguistic Change, pp. 122–142. Philadelphia: University of Pennsylvania Press., 1972.
- LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. *Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and Its Challenge to Western Thought*. Basic Books, 1999.

- LANGACKER, Ronald. *Foundations of Cognitive Grammar: Theoretical Prerequisites* Stanford: Stanford University Press., vol. 1. Stanford: Stanford University Press., 1987.
- . “A usage-based model.” In: RUDZKA-OSTYN, Brygida (Ed.), *Topics in Cognitive Linguistics*, pp. 127–161. Amsterdam: John Benjamins, 1988.
- . *Foundations of Cognitive Grammar Descriptive Application*, vol. 2. Stanford: Stanford University Press, 1991.
- . *Grammar and Conceptualization*. Berlin e Nova York: Mouton de Gruyter., 1999.
- . “A dynamic usage-based model.” In: BARLOW, Michael & KEMMER, Suzanne (Eds.), *Usage-Based Models of Language*, p. 1–63. Stanford: CSLI Publications., 2000.
- MAURER JR, Theodoro Henrique. *O infinito flexionado português: estudo histórico-descritivo*. Imprensa. São Paulo: Cia. Ed. Nacional., 1968.
- MUFWENE, Salikoko. *The ecology of language evolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- . *Language evolution: contact, competition and change*. London: Continuum, 2008.
- PLAUT, David. “Connectionist modeling of language: Examples and implications.” In: BANICH, M. T. & MACK, (, M (Eds.), *Mind, Brain, and Language*, pp. 143–167. Mahwah, N.J.: Lawrence Erlbaum Associates, 2003.
- SAID ALI, Manuel. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos., 6 ed., 1921.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix., 1995 [1969]. Tradução em português: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein.

- SHEPHERD, Tania. “Panorama da linguística de corpus.” *In*: SHEPHERD, Tania, SARDINHA, Tony Berber & PINTO, Marcia Veirano (Eds.), *Caminhos da linguística de corpus*, chap. Panorama da linguística de corpus, pp. 15–30. Campinas, SP : Mercado de Letras, 2011.
- TEAM, R Development Core. *R: A Language and Environment for Statistical Computing*. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2011. ISBN 3-900051-07-0.
URL <http://www.R-project.org/>
- VOGEL SOSA, Anna. & MACFARLANE, James. “Evidence for frequency-based constituents in the mental lexicon: collocations involving the word of.” *Brain and Language*, vol. 83, 227–236, 2002.
- WEINREICH, Uriel, LABOV, William & HERZOG, Marvin I. “Empirical foundations for a theory of language change.” *In*: LEHMANN, Y., W.P. & Malkiel (Ed.), *Directions for Historical Linguistics: A Symposium*. Austin: University of Texas Press, 1968.
- ZUENGLER, Jane. “Accommodation in native-nonnative interactions: Going beyond the ‘what’ to the ‘why’ in second-language research.” *In*: GILES, Howard, COUPLAND, Justine & COUPLAND, Nikolas (Eds.), *Contexts of Accommodation*. Cambridge University Press, 1991.

Anexo A - Listas de concordâncias

File	contexto precedente	expressão	contexto subsequente	
ling29	língua são	capazes de narrar	histórias, acontecimentos e experiências	1
fran14		capazes de atrair	um grande número de leitoras assíduas ou casuais? Que arquitetura	1
ling_24	teorias cujo objetivo é apontar caminhos	capazes de conferir	algum destino, alguma explicação	1
fran7	teóricos e metodológicos de diferentes áreas disciplinares,	capazes de dar	conta	1
fran25	conseguimos distinguir o que deveria nos parece familiar, onde somos	capazes de ignorar		1
class_8	e trocacos), mostram ritmos próprios,	capazes de imprimir	, no ânimo do ouvinte, sensações	1
dlo11	contrastes que por vezes são	capazes de provocar	exclusão são patentes. O imigrante tem	1
lp_21		capazes de provocar	emoções reais. Assim, a arte constitui um	1
filo_7	filmadoras e microfones,	capazes de recuperar	os dados paralingüísticos da interação,	1
fran12		capazes de ter	outra função além daquela determinada para seu sexo: gerar. Além disso,	1
fran4	depois de terem feito o curso de fonética eles se sentiam mais	confiantes para falar	e	1
lp_15	reconstituição das oligarquias. Dívidas	contraídas para pagar	infra-estruturas agravaram	1
class_17	aos homens em tudo, não participavam da vida pública, estavam	desobrigadas de aprender	a Torá, na	1
class_7	magnânimes,	difíceis de persuadir	, ante a retórica condutora de almas frívolas, fáceis	1
fran22	mistério. Eis alguns elementos	dignos de figurar	num romance policial.	1
class28 hels	#####	disponíveis para atender	Ainda pairam	1
ling_15	autistas apresentam formas	distintas de correlacionar	#####	1
dlo2	que são	elaborados para facilitar	a linguagem com as	1
ling26	utilizados em sala de aula. Essas análises foram	examinadas para verificar	a vida de gerentes, traders e	1
filo27	resultem	impossíveis de explorar	, por um lado, por meio	1
dlo22	nível de produtividade e eram	incapazes de conferir		1
fran18	Os contemporâneos do gênio, como fica pressuposto, são	incapazes de possuir	dinamismo à economia brasileira, dadas as	1
dlo23	japoneses foram	incumbidos de localizar	a mesma	1
ling30	mos normalmente e parecem	indispensáveis para explicar	áreas a serem adquiridas, visando um	1
lp_22	vigentes no imaginário do senso comum são	insuficientes para explicitar		1
ling_14	mecanismos	jurídicos para restringir	poéticas, como estas,	1
fran20	estratégias	necessárias para suplantar	e até proibir, a entrada de imigrantes (e,	1
class_22	seriam cabíveis e, mesmo,	necessários para complemen	os conflitos psico-sócio-afetivos ou de	1
class_24	transmissão direta serão citados marginalmente, somente quando	necessários para referendar	e aprofundar as leituras?	1
filo28	difficuldade observada em	pacientes para entender		1
class_26	são, ou	possíveis de sentir	certos tipos de orações relativas ante a	1
lp_20		preparados para circular	ou possíveis de pensar, e a ciência é possível por	1
ling_13	colaboraram, sempre	prontos para ajudar	de forma escrita e publicados dispersos pelos tomos da editio	1
filo_8	pode ser melhorado, tem condições	reais para construir	no que fosse necessário e possível. Em especial,	1
lp_8	dados	reais para construir	o saber-fazer daquela escrita argumentativa,	1
class29 fran	#####	realizadas para demonstrar	sua ficção. O segundo, é que o autor, por já ter informado a seu	1
filo_18		realizados para estudar	#####	1
fran23	saiotes e rendas	sedutoras para empreender	esse tema, porém, poucos analisam esse fato do ponto de vista linguístico,	1
class30		utilizadas para comunicar	o "cancan"; e enfim demos o volume, mais	1
ling_3		utilizadas para dar	qualquer assunto, bom ou mau; e, segundo a própria definição do	1
dlo26	O objetivo é observar quais as palavras que podem ser	utilizadas para exemplificar	conta deste rumo de investigação o no âmbito das ciências da	1
filo_20		utilizados para justificar	a	1
class_26		capazes de ser	tal interpretação (REVISTA DO PROVÃO, 2001, p. 13). Dentre os	1
class_8	frase métrica única com, no máximo, doze sílabas. Certos tipos de colon são	capazes de ser	ao mesmo tempo verdadeiras e as que estão em situação	1 ser
class28 hels		suficientes para ser		1 ser
dlo7	enfermos são	dignos de ser	definido como tal,	1 ser
lp_4	Estarão as coisas	deslumbradas de ser	kasher, são considerados impuros.	1 ser
			elas? Quem me trouxe	1 ser
				47 5

Figura 2 Construção 1

ANEXOS

File	contexto precedente	expressão de busca	contexto subsequente	
File: filo30.txt	foram aprovados no referido concurso.	<i>habilitados para serem</i>	providos em	1
File: filo 8.txt	salazarista, sentem-se mais	<i>relevantes para serem</i>	estudados, como, por exemplo, a capacidade do bebê de criar,	1
File: ip_11.txt	alguma afirmação ou quando forem	<i>livres para exporem</i>	suas idéias e não se filiam a grupos	1
File: class_24	interacional, o discurso, seu contexto mais amplo de produção e os efeitos	<i>suficientes para suprirem</i>	elementos da tradição indireta	1
File: filo24.txt	No discurso, os valores são	<i>possíveis de serem</i>		1
File: fran29.txt	categorias referidas eram muito vagas, variáveis	<i>alinhavadas para serem</i>	difas, não lidas. Não poderia imaginar um elenco	1
File: ip_24.txt	considerou as unidades neles tematizadas como	<i>montados para serem</i>	idos no dia, não deveriam perder qualquer preocupação com a	1
File: filo_19.txt	políticas vanguardistas nascentes — tantas vezes	<i>possíveis de serem</i>	percebidos pelas marcas linguísticas,	1
File: filo9.txt	derrancado passageiramente eram, ridículos e	<i>difíceis de serem</i>	controladas. Em todo	1
File: ling_25.txt	Vários são os caminhos	<i>passíveis de encaixarem</i>	se nas categorias de	1
File: ip_1.txt	O léxico global de uma língua abrange todos os vocábulos	<i>acusadas de serem</i>	geradoras de produ-	1
File: ip_17.txt	que, ao selecionarem [...] enunciados	<i>indignos de serem</i>	dados como explicação de	1
File: ip_22.txt	linguísticas e discursivas	<i>passíveis de serem</i>	descritos através de um formalismo mais ou menos	1
File: fran24.txt	desencadeada pelo fato de naquele ano iniciar-se uma busca por	<i>passíveis de serem</i>	traçados para	1
File: filo 3.txt	linguísticas e discursivas	<i>possíveis de serem</i>		1
File: filo_10.txt	desencadeada pelo fato de naquele ano iniciar-se uma busca por	<i>capazes de constituírem</i>	a sequência do	1
File: filo 12.txt	linguísticas e discursivas	<i>suscetíveis de entrarem</i>	em qualquer discurso, em ocorrência mundana	1
File: filo14.txt	desencadeada pelo fato de naquele ano iniciar-se uma busca por	<i>passíveis de serem</i>		1
File: ling_11.txt	"problemas" devido à sobrecarga de NPs	<i>suspeitos de terem</i>	"em ação" na conceptualização de um localvo.	1
File: filo28.txt	vivos, no caso, as bactérias do Cólera.	<i>possíveis de serem</i>	utilizados na associação do NP	1
File: filo19.txt	existentes são muito	<i>escolhidas para receberem</i>	tal sentença e multiplicá-la	1
File: class_31	em alguns versículos corânicos — não explícitos e por isso	<i>suficientes para serem</i>	escondidos numa sela.	1
File: filo3.txt	as coisas que são reveladas são	<i>importantes para serem</i>	descartadas.	1
File: class_26	de maneira adequada" e "ficariam mais	<i>passíveis de serem</i>	contrárias e digo o	1
File: ling_24.txt	sua fonte abriga passagens com temas diversos	<i>susceíveis de serem</i>	únicos: lê-se, no final do primeiro parágrafo, que as peças nunca foram	1
File: filo 20.txt	6 Os Tribunais plena rios foram criados através do decreto-Lei nº35.044.	<i>concebidos para serem</i>	compreendidos". Esses	1
File: fran17.txt	processos de pensamento e emoções, que são	<i>fáceis de serem</i>	de projetos literários	1
File: ip_8.txt	tanto as unidades em uso, quanto aquelas	<i>capazes de participarem</i>	os "crimes"	1
File: ling_13.txt	três delas melhor	<i>incumbidos de julcarem</i>	entridos ou	1
File: class_84	dos meninos, as meninas são	<i>capazes de serem</i>	usadas.	1
File: ling12.txt	escola lende a recuperar as perdas linguísticas, mas nem todas elas s'o	<i>avaliadas para serem</i>	empregadas em série: geny o' is! on, dos dátilos: geny o'	1
File: ip_12.txt	Ao longo de sua vida, Voltaire carteu-se com mulheres	<i>criadas para serem</i>	reservadas, falar sem paixão, baixo, de	1
File: fran22.txt	escrivem contos, pena não haver estes livros	<i>passíveis de serem</i>	resumidos por meio das tendências	1
File: filo13.txt	rem características peculiares, são	<i>capazes de fazerem</i>	os modelos desta dissertação são mulheres, consideradas estrangeiras de	1
File: ling_22.txt	pré-moldados e	<i>disponíveis para serem</i>	mais	1
File: ling30.txt	narrativas	<i>capazes de serem</i>	classi-	1
File: ip_14.txt	são	<i>prontos para serem</i>	utilizados, produto do uso que	1
File: ling_16.txt	são	<i>capazes de serem</i>	datadas que contam a história dos israelitas entre os anos 970 a.C	1
File: filo2.txt	15 Tais listas são sugestões de produtos que determinados rabinos entendem como	<i>susceíveis de serem</i>	analisadas em conformidade com as exigências da	1
File: filo7.txt	favorece a expressão de situações e posturas antes	<i>diferentes de serem</i>	combinadas e organizadas.	1
File: ip_21.txt	tiveram suas filhas	<i>aptos para serem</i>		1
File: fran28.txt	serem objetos estáticos, são sim.	<i>passíveis de serem</i>	levadas em sacrifício para felicidade	1
File: filo_13.txt	serem objetos estáticos, são sim.	<i>passíveis de ocorrerem</i>	por meio da estruturação desses conceitos, o que pressupõe uma	1
File: filo26.txt	contra os agressores. Eles foram	<i>passíveis de sofrerem</i>	influências externas, cabendo	1
File: ip_27.txt	e acontecimentos que coloca apenas esses últimos como	<i>capazes de serem</i>	relacionadas. O gênero dramático pode fecundar o narrativo e	1
File: ip_6.txt	hino é a de que "oferendas aos deuses tinham de ser	<i>acusados de serem</i>	incapazes, balaúdores e	1
File: ling29.txt	Antiquidade. Estas eram por demais numerosas e	<i>passíveis de serem</i>	aceitas".	1
File: class_13		<i>irrepreensíveis para serem</i>		1
File: filo22.txt		<i>significativas para serem</i>	deixadas	1

Figura 3 Construção 1.

File	Line	contexto precedente	expressão	contexto subsequente	
dio2	Line: 60	cumprem seu papel	<i>de guiar</i>	o leitor rumo ao conhecimento das	1
dio24	Line: 145	acontecimentos: os espíões, enviados com o objetivo	<i>de reconhecer</i>	a região a ser	1
filo 21	Line: 47	jornais e têm o propósito	<i>de chamar</i>	a atenção do leitor. Selecionamos as	1

Figura 4 Construção 2.

ANEXOS

File	Line	contexto precedente	expressão	contexto subsequente		serem
File: fran13.txt	Line: 701	multos compêndios foram dedicados, tendo em comum, o fato	de insistirem	sobre a	1	stirem
File: dio14.txt	Line: 549	da nacionalidade, surgem as primeiras coleções com o objetivo	de serem		1	serem
File: lo 13.txt	Line: 138	uma dificuldade maior	de serem	conservadas por pertencerem a uma época em que a	1	serem
File: dio11.txt	Line: 970	estatais, como, pelo fato	de terem	sua imagem colada à do Estado, são alvo do ódio	1	terem
File: lp 22.txt	Line: 160	vislumbramos o fato	de constituírem	poéticas moventes, quer dizer, trata-se de concepções	1	tuírem
File: fran21.txt	Line: 1226	pois baseia-se na boa vontade dos participantes	de emitirem	opiniões que	1	ntirem
File: dio25.txt	Line: 1728	Craigie177, em comum, o fato	de estarem	relacionada ao calor à febre.	1	starem
File: ling 21.t	Line: 2090	com boas possibilidades	de estarem	corretas. (Chomsky 1997a: 61)	1	starem
File: lp 28.txt	Line: 1767	persuasivo. Em relação às crianças esta situação é deveras preocupante pelo fato	de estarem		1	starem
File: fran2.txt	Line: 917	agradar ou comover, mas são também argumentativas no sentido	de exprimirem	um	1	ntirem
File: fio 7.txt	Line: 296	alguma coisa, na tentativa	de fazerem	prevalecer seus pontos de vista. Assim, também	1	azarem
File: fran1.txt	Line: 3760	tendência	de fazerem	-no chefe ou porta-bandeira da nova	1	azarem
File: fran7.txt	Line: 2308	entristecidos com o fato	de fazerem	ouvir no estrangeiro a 'nossa música',	1	azarem
File: class 17	Line: 690	Interessam-nos também pelo fato	de indicarem	a existência de um período em que a transmissão oral era o	1	icarem
File: lp 23.txt	Line: 693	fechar em si mesmos, dada a impossibilidade	de interagirem	com a sociedade	1	agirem
File: ling 6.txt	Line: 349	humana exercida pelos interlocutores	de interpretarem	suas proposições, ou seja, a função	1	starem
File: dio13.txt	Line: 535	causada pelo vinho, e o fato	de lidarem	com a ancestralidade de Davi.	1	darem
File: fio 10.txt	Line: 568	Essas três escolas de terminologia, que têm em comum o fato	de moverem	-se em uma	1	ovarem
File: class 14	Line: 3531	tenham se refletido com mais intensidade na França pelo fato	de ocorrerem	em geral, no	1	rerem
File: fio25.txt	Line: 193	esquerda de sentenças e o porquê	de ocuparem	tal posição, isto é, se desempenham alguma	1	uparem
File: class 16	Line: 4320	e não sucumbir ao desejo	de pñarem	o que era necessário respeitar (vv. 341-2).	1	lnarem
File: dio22.txt	Line: 160	passava dificuldades de toda sorte. No Brasil, o sonho dos isseis	de regressarem	ao seu país	1	ssarem
File: lp 7.txt	Line: 1761	se uma nova oportunidade tanto ao Cristo quanto ao santo	de reverem	suas vidas. O	1	everem
File: fio 14.txt	Line: 1704	quase humanas. Nesse contexto, o fato	de rezarem	só faz aumentar o sentimento de repulsa	1	zarem
File: dio16.txt	Line: 647	se pagassem, seriam soltos se assinassem um compromisso	de saírem	do	1	saírem
File: class 3.t	Line: 830	dois têm em comum o fato	de serem	, cada um à sua maneira, inconformados moral e	1	serem
File: fio 15.txt	Line: 607	conclusão resultante: o fato	de serem	ou não referenciais empírica ou sensivelmente	1	serem
File: fio 4.txt	Line: 2396	estruturas sob a conduta	de serem	ou não verbos seriais. No entanto, Pal (2005) atribui esse	1	serem
File: fran12.txt	Line: 516	religiosa do momento de sua escrita. Algumas dessas obras alcançaram grande êxito, a ponto	de serem		1	serem
File: fran19.txt	Line: 1416	inovar num gênero notadamente marcado por clichês e lugares comuns, num anseio	de serem		1	serem
File: ling 10.t	Line: 883	dificuldade	de serem	entendidas pelo interlocutor, mas as que apresentam distorções serão mais	1	serem
File: ling 11.t	Line: 763	característica	de serem	eles padrões dinâmicos da experiência, apesar de apresentados de	1	serem
File: ling 18.t	Line: 967	exigência	de serem	naturais do lugar, terem pais da localidade, terem feito poucas	1	serem
File: ling 2.txt	Line: 1188	costumam deixar tempo	de serem	estas admiradas pelas visitas, antes de as virem	1	serem
File: ling 20.t	Line: 996	têm como característica o fato	de serem	sempre mais simples e mais abstratos. O percurso	1	serem
File: ling 24.t	Line: 1104	que lhe é exterior e que o constitui). Uma das propriedades dos sujeitos é a	de serem		1	serem
File: ling 7.txt	Line: 177	e mexicanos, não refletindo a nossa realidade e tendo apenas a pretensão	de serem	um	1	serem
File: ling 8.txt	Line: 2988	[...] o importante não é o fato	de serem	histórias novas ou não, mas de	1	serem
File: ling26.txt	Line: 1074	que seguem não foram elaboradas com o objetivo	de serem	levadas prontas para a sala de aula.	1	serem
File: lp 19.txt	Line: 657	Além disso, umas quantas pessoas esperavam a sua vez	de serem	atendidas	1	serem
File: lp 25.txt	Line: 1832	rem. Variará o que afirmam, não esse modo	de serem	ho-	1	serem
File: ling 19.t	Line: 2347	propósito	de servirem	para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística. Como	1	rvirem
File: class 12	Line: 255	mais evidência	de terem	sido formados por uma literatura anterior do que Sêneca. (...))	1	terem
File: class 27	Line: 1128	Nesse sentido, pode-se sugerir a possibilidade	de terem	esses tratados se utilizado	1	terem
File: fio 16.txt	Line: 350	verbos be, sit e come satisfazem a caracterização	de terem	sujeitos cujos papéis θ são os	1	terem
File: fio 18.txt	Line: 250	em comum o fato	de terem	sido colonizados principalmente por aportianos (PIAZZA, 1983:	1	terem
File: fio27.txt	Line: 345	inclusive) o fato	de terem	fugido do local do crime sem prestar auxílio à vítima, o	1	terem
File: class 20	Line: 227	dificuldade	de tornarem	-se independentes do judaísmo, do qual se nutrem por algum tempo.	1	marem
File: dio20.txt	Line: 681	no qual os homens estando agrupados, cooperam entre si no desejo	de tornarem	-se	1	marem
File: dio15.txt	Line: 1432	comum o fato	de tratarem	, direta ou indiretamente, de cavalos. No primeiro, a personagem de	1	starem
File: class 22	Line: 1657	contam, sob o pretexto	de trazerem	um presente, com o qual fingia que o rei pudesse ser	1	azarem

51

18

Figura 5 Construção 2.

ANEXOS

File	Line	contexto precedente	expressão	contexto subsequente	
filo 10	1014	usufruir desse prestígio é que	acabam por banalizar	o vocabulário	ser
filo24	2226	formadas	acabam por determinar	nestas situações, as ações que regem a interação entre eles.	izar
fran29	875	aprendizes, as autoras	acabam por eleger	a prática adjectivamente teatral dos jogos de papéis	eger
ling 2	485	(GREIMAS, 2002, p. 25), na qual ambos buscam um ao outro e	acabam por fundir	se, isto é,	ndir
lp 23	1035	cognitivo ao texto, as ligações que propiciam	acabam por indicar	ao interlocutor	icar
fran15	1108	relações entre os presentes na festa. Eles	acabam por mostrar	seu caráter e	trar
class 13	2655	9) Delícias que	acabam por persuadir	a deusa, pois, chegada a quarta estrofe, lá está ela	adir
ling 11	712	literatura, os esquemas imagéticos	acabam por ser	vistos como: estáticos, já que a sua face	ser
class 2	877	totalidade ou parcialmente, à maneira do dístico elegíaco,	acabam por emprestar	as	star
lp 2	478	Assim, do ponto de vista teórico, os vários 'ismos'	acabam por afirmar	-se	rmar
fran18	163	sempre	acabam por encantar	a todos. O romance, por si só, devido ao seu conjunto febril, às	ntar
ling29	1370	realidades que	acabam por forjar	a práxis social de cada grupo ou cultura no	rjar
dio22	414		acabaram por reforçar	a tendência de superprodução do café. Neste período, as crises	rçar
dio11	966	financiar o Estado e a fortalecê-lo economicamente. Nesse jogo, os judeus	acabaram por ser		ser
class 22	200	Os eruditos alexandrinos, que	acabaram por suplantar	o	ntar
lp 11	110	exercício inconsciente do dia-a-dia,	acabaram por asfixiar	o dinamismo histórico do	xiar
fran7	1505	impostas pelas fábricas de São Paulo,	acabaram por desenvolver	uma cultura viva	lver
lp 14	439	seguir. Os demônios cristãos	acabaram por manter	somente o aspecto malféfico desses entes	nter
fran13	763	um livro. Para não confessarem sua inventividade, muitos autores	chegam a citar	fontes	ltar
lp 4	414	Há opiniões que	chegam a comparar	Sophia a Camilo Pessanha, como faz a	arar
filo 2	321	como crioulos de base portuguesa,	chegam a compor	quase a totalidade de seu léxico	mpor
class 15	225	literatura e da cultura latinas. Reflexos dessa obra	chegam a perpassar	, com intensidades	ssar
filo 15	414	definições na gramática tradicional é tal que algumas pessoas	chegam a negar	a possibilidade de se	egar
class 1	483	observam o Sol em momentos de eclipse: é sabido que alguns	chegam a perder	a vista, se não for através da água	rder
dio8	1164	vezes	chegam a proibir	a venda de frutas e leite para as crianças polonesas. Os in-	ibir
fran24	1083	metodologias tradicional ou estrutural,	chegam a usar	livros inspirados em	usar
class 21	2759	do indireto Aristóteles que	chegaram a abrir	educandários (Academia e Liceu,	brir
fran22	6892	santos em suas igrejas. Os fiéis aderiram às reformas com ardor e	chegaram a colocar		ocar
ling 15	1039	Comentário, entre outras, nem	chegaram a ocorrer		rrec
dio15	1911	explicações. As vezes as crianças trazem gatos consigo, uma ocasião	chegaram a trazer	até dois	azer
fran1	489	personagens	começam a desfilar	e a serem apresentados: com a chegada de	ltar
lp 8	921		começam a exigir	a vida do casal incestuoso. Amá lia pede a Rui que leve Antônio para	lgir
ling 7	1073		começam a ficar	, cognitivamente, mais atentos para o efeito de segredo que envolve a	icar
ling 8	247	quando	começam a pensar	alternativas para a realidade. Eles não são, então, mais	nsar
class 11	479	afetos que os movem. Assim, quando eles	começam a sentir	que vão favorecer,	ntir
lp 17	733	As mulheres na minha posição	começam a ser	felizes quando se enterram de todo no charco	ser
fran21	708	marcadores conversacionais, entre outros —	começam a ter	importância	ter
class 7	3111	vituperiosos e do terceiro laudatório,	começam a discutir	as condições apropriadas à	ultr
lp 19	798	De fato, são essas muitas vozes sociais que	começam a emergir	no tecido da	rgir
ling 13	1525		começam a pensar	que só eram lembrados na hora de pagar impostos e não	nsar
dio26	583	início do aprendizado das coisas, pequenas e grandes, que	começam a ser	reveladas a ele. Há, portanto,	ser
filo 9	441	modelos estruturalistas,	começam a surgir	opiniões mais pertinentes e funcionais à	rgir
dio6	963	oficiais	começam a apresentar	as incursões militares e as conquistas pessoais de	ntar
class 18	6415	noites	começam a vencer	as luzes do dia ou quando cedem a 310	ncer
dio7	960	1991. Para Decol35 "os imigrantes judeus	começaram a chegar	a números	egar
ling 21	74	No final da década de 1960,	começaram a circular	no cenário acadêmico brasileiro as	ular
class 17	730	Quando os registros escritos	começaram a surgir	, eles foram lidos34, examinados,	rgir
lp 21	970	nas últimas décadas do século XX as mulheres	começaram a colher	frutos	lher
dio16	115	século passado, os falantes de língua idiche somente	começaram a chegar	no	egar
filo 21	785	jornais	começaram a circular	na Europa:	ular
filo 20	1942		começaram a correr	então, quando eles foram ver o que estava	rrec
fran12	98	da autora. Durante os séculos XII e XIII os eruditos	começaram a demonstrar	sua	trar
dio18	1238	membranosos. Entretanto, os peixes	começaram a fregar	a isca — e, desdenhando, da vara	sgar
ling26	388	objeto de "veneração", do que com as metodologias posteriores, nas quais	começaram a ganhar		nhar
filo 17	2058	depois, os selos	começaram a inchar	e liberar leite. As agulhas só fizeram estimular a produção	char
class 5	258		começaram a lutar	. A esquerda dos heliolas fugiu imediatamente, sequer se deixando cair nas	utar
lp 27	704	de Schiller	começaram a povoar	as perspectivas pitorescas e goticizantes dos	voar
filo 4	223	partir de então, unidades maiores	começaram a ser	estudadas. O item-fonte, então, pode ser uma	ser
fran23	3667	conforme veremos,	começaram a ser	assinadas pelo nome próprio do autor (até porque a	ser
fran17	237	desde que alguns médicos	começaram a sovar	o Guimarães Rosa, num	ovar

Figura 6 Construção 3.

ANEXOS

fran19	645	vindo e como haviam evoluído. Os relatos históricos, que	começaram por anotar	otar
ling 1	3165	primeiros barracões	começaram a aparecer	ecer
fran4	1256	professores	começaram a buscar	scar
filo 5	627	Quando eles foram dormir eles perceberam que os bezerros	começaram a correr	rter
dio23	210	A partir de então, os japoneses	começaram a imigrar	grar
lp 7	1118	Muitas mudanças	começaram a ocorrer	rter
dio12	64	Quando os missionários das religiões japonesas	começaram a traduzir	uzir
lp 3	617	mundo	continuam a ser	ser
fran28	347	e	continuam a organizar	izar
ling 22	1322	nomes à guisa de sugestão, uma vez que	continuam a ser	ser
ling 25	559	Por muito tempo, os congressos	continuam a acontecer	ecer
filo30	533		continuam a trabalhar	lhar
ling 14	344	Após a Proclamação da República, os imigrantes	continuam a ser	ser
class 3	2689	e mais grauius, e as histórias dessas mulheres	passam a ser	ser
fran14	358	lugares-comuns	passam a ser	ser
filo27	505	No terceiro capítulo, o foco da análise	passam a ser	ser
class 19	1153	"momento após a refeição, quando todos	passam a beber	eber
class 27	1153	destaca que, a tal ponto os termos iambizw e iambopoieln	passam a designar	gnar
fran25	213		passam a dominar	inar
class 9	715	criativos	passam a fazer	azer
fran10	1145	corps), sob os escombros (sous les décombres)	passam a fazer	azer
lp 24	533		passam a nortear	tear
dio17	139		passam a ser	ser
filo25	1234	eram desconsideradas. Mais tarde, esses estudos	passam a ser	ser
ling 4	1297	Neste novo cenário, são os campos que	passam a ser	ser
ling27	618		passam a ser	ser
fran16	231	também de ser narrativos e	passam a concentrar	trar
lp 6	564	A lógica perde espaço para o absurdo e, lado a lado,	passam a conviver	iver
lp 9	1493	que não mais existem e que	passam a existir	stir
filo 7	1169	estrutura semiótico-discursiva: os elementos não-verbais	passam a fazer	azer
fran27	874	tratam de um gênero. Se vistas assim,	passam a fazer	azer
fran26	505	resolvem formar um certo tipo de sociedade à qual	passam a prestar	star
lp 12	809	média burguesa, que	passam a regeer	eger
a spinelli	51	himentos usados na frente e atrás são abolidos, assim como os phalloiz que	passam a ser	ser
dio10	298	Arquelau é deposto por Augusto no ano 6 a.C.A Judéia, Samaria e Iduméia	passam a ser	ser
filo 1	848		passam a ser	ser
filo 13	445	que	passam a ser	ser
filo28	156	preposição perdem o traço lexical e	passam a ser	ser
fran3	937	I A partir de 1821, o Ordinário e o Desembargo do Paço	passam a ser	ser
fran30	725	leitura muito bem articulada dos vários elementos de Le Voyage d'hiver, que	passam a ser	ser
ling 5	1550	ao acréscimo do sintagma resultativo,	passam a ser	ser
ling30	4660	que	passam a ser	ser
lp 13	513	estudo para os textos de Codax, pois dúvidas presentes nos cancioneiros	passam a ser	ser
lp 18	342	mantida da primeira à última linha,	passam a ser	ser
filo 3	516	pelos PCNs de língua portuguesa (1997/1998), em que "	passam a ter	ter
fran5	676	Mário e sua mãe	passam a viver	iver
ling 19	406	autora, depois do cinema, as pessoas	passaram a contar	ntar
class 6	282		passaram a dar	dar
dio26	215		passaram a falar	alar
ling 23	417	dos homens, foram rechacadas por eles mais uma vez, as mulheres	passaram a formar	mar
filo 18	313	podemos citar os engenhos, de farinha de trigo (que	passaram a processar	ssar
dio19	568	telefônicas, como a Internet, entre outros,	passaram a ser	ser
lp 16	461	do paraíso e o seu consecutivo distanciamento	passaram a ser	ser
lp 25	296	Renascença Portuguesa, título que os republicanos	passaram a usar	usar
dio27	442	grande número de acadêmicos	passaram a adotar	otar
dio4	411		passaram a apoiar	oar
filo 14	709	estilística da língua logo	passaram a contemplar	plar
ling 24	631	estudos	passaram a dar	dar
ling28	437	gramáticos gregos	passaram a denominar	inar
class 14	749		passaram a disputar	utar
filo 8	852		passaram a exercer	roer

Figura 7 Construção 3.

ANEXOS

class 24	153	comerciantes gregos	passaram a importar	papiros do Egito.	rtar	
fran11	1105		passaram a isolar	também os loucos. Portanto, o horror despertado por essa doença altamente	olar	
fran2	737	discurso e, consequentemente, a argumentação,	passaram a ocupar	um	upar	
ling 3	200	a dimensão da frase e	passaram a ocupar	-se também d a dimensão textual e	upar	
dio1	407	judaismo. Em vista disso, razão e revelação	passaram a ocorrer	se. Os	opor	
class 4	451	nas obras da época. Os temas recorrentes então	passaram a ser	disputas entre pais e	ser	1
sa class	94	o do Epítome da Biblioteca de Apolodoro no final do século XIX, os sumários	passaram a ser	mais valorizados, dada a coincidência entre seu conteúdo e o do Epítome no	ser	1
dio14	637	Os irmãos Grimm	passaram a ser	conhecidos também como os fundadores da	ser	1
dio21	3153	judeus	passaram a ser	atacados na imprensa e no rádio; seus livros foram arrancados das prateleir	ser	1
dio30	866	ões políticas, igrejas e centros comunitários. Após certo tempo os ingressos	passaram a ser		ser	1
ling 12	707	depuradas de suas "imperfeições" (LAGORIO, 2003, p.50).	passaram a ser	utilizadas	ser	1
ling 17	477	aspectos gramaticais	passaram a ser	utilizados em outros laboratórios de pesquisa	ser	1
fran9	151	Céline, uma rede de ideias foi se formando. As resenhas	passaram a significar	mais do que	icar	
lp 10	844	posição das mulheres que	passaram a votar	tomaram-se juridicamente iguais no	otar	
dio2	211	administradores	tendem a tomar	decisões irracionais e que a	otar	
dio29	2084	base a Massorá do Códice L. Alguns eruditos	tendem a aprovar	e considerar	ovar	
dio13	466	autores	tendem a fazer	diminuir a importância feminina no contexto político, social,	azer	
ling 6	742	As crianças	tendem a impor	preferencialmente suas escolhas sobre o tema, sobre a	mpor	
filo 19	1379	Ainda, salientamos que, no campo político, os discursos	tendem a orientar	certas	ntar	
dio9	1940		tendem a ressaltar	sua singularidade em relação ao seu entorno social. E essa singularidade	ltar	
filo 6	307	de maior escolaridade	tendem a utilizar	mais a categoria vazia com o traço [+animado].	izar	
ling 16	416	Canções temáticas como essas	tendem a conotar	o sentido de continuidade associado à	otar	
dio3	3003	com outros que são alegóricos (muta:ábiht1). Mas aqueles cujos corações	tendem a desviar	-se da	viar	
dio5	99	gramáticos e estudiosos do hebraico, em geral,	tendem a divergir	entre si quando	rgir	
class 8	4875		tendem a extorquir	os poemas: o que queres que eu faça?	quir	
class 20	1133	quais	tendem a generalizar	, em suas formulações, uma gama variada de casos ou deixar outros	izar	
filo 11	6786	subordinadas condicionais	tendem a ocorrer	antes da principal, porque criam um	rrer	
filo 22	514		tendem a ocorrer	no ambiente	rrer	
lp 26	219	coloração, a mobília e sua disposição	tendem a passar	alguma mensagem ao	ssar	
class 16	1702	O a)dwj assim como makrañ, le/sxai e skolh/	tendem a ser	mais	ser	1
filo29	1113	semântico ou mais opacas	tendem a ser	suprimidas ou substituídas por outras com significado	ser	1
lp 28	453	simulação tomando a forma de objetos e de experiências que	tendem a ser	mais reais do que a	ser	1
filo 12	292	a) os falantes santistas	tendem a usar	a forma tu em situações informais,	usar	
lp 5	862	através de sinalizações que	vêm a estabelecer	o contrato entre autor e leitor. E	ecer	
ling 18	1699	"granizo" e "saraiva"	vêm a ser	a mesma coisa;	ser	1
class 23	245	parte, a arte do flauteiro e a do citaredo, todas	vêm a ser	de modo geral, imitações.	ser	1
lp 22	425	coisas	vêm a ser	segundo discórdia e necessidade ¹⁵ . Portanto, a existência de todas as cois	ser	1
ling 9	993	oralidade na modalidade escrita	vieram a constituir	se nas categorias que agora	uir	
class 12	262	anos de História que	vieram a culminar	num período cultural e histórico tão pitoresco	inar	
dio28	1155	p. 67). Após isso, como as propriedades individuais aumentaram, os tappa'u	vieram a designar	os vizinhos.	gnar	
fran20	291	esses que	vieram a fundamentar	nossa análise interpretativa.	ntar	
class30	4401	no fim, vagando mais e além,	vieram a perder	até mesmo a intuição de sua	rder	
class 26	1178	depois quantas das mais primeiras delas	vieram a ser	acreditadas, e separar	ser	1
lp 20	698	depois	vieram a ser	. A este altíssimo pintor e capitão nos preceitos convém seguir os pintores, n	ser	1
class 25	291		voltaram a atrair	os eruditos e a serem centros de uma nova e importante atividade	rair	
dio24	3564	A partir de Machelot, os israelitas	voltaram a viajar	para o sul,		
Total: 167 ocorrências						44

Figura 8 Construção 3.

File	Line	contexto precedente	expressão	contexto subsequente	
File: class 19	Line: 9306	após serem examinadas,	acabam por constituírem	meras restaurações ou mesmo	1
File: dio1.txt	Line: 461		passaram a serem	organizados dentro daquelas instituições sociais que, na	1 serem
File: dio12.txt	Line: 1845	razão, os cultos residenciais,	passam a serem	realizados às escondidas,	1 serem
File: dio13.txt	Line: 2189	conquistar uma posição, e)	acabam por serem	tão condenadas pela sociedade quanto	1 serem
File: dio28.txt	Line: 3627	483 Olvan salienta que alguns comentadores admitem necessariamente tal associação: eles	tendem a serem		1 serem
File: fran12.txt	Line: 4037	As virtudes	começam a serem	tratadas no capítulo 8. Entre eles, Christine	1 serem
File: fran15.txt	Line: 3473	comparatistas nos quais as relações entre literaturas	passaram a serem	estudadas	1 serem
File: fran2.txt	Line: 6054	veses até matá-las. Tudo isso por dinheiro. Depois as pessoas pobres	acabam por tornarem	-se	1
File: lp 21.txt	Line: 2059	que	acabam por revelarem	-se profundamente íntimos e apaixonados. A tragédia dá-	1
					9 6

Figura 9 Construção 3.

ANEXOS

File	Line	contexto precedente	expressão	contexto subsequente	
File: class 1.txt	Line: 159	Discurso Justo de Nuvena, mas,	podemos acrescentar	semelhante também aos termos de	1
File: class 11.txt	Line: 641	Quintiliano não	podemos chamar	de erros, mas, sim, de imprecisão, ademais,	1
File: class 12.txt	Line: 577	to quanto se aproxima de uma estética romana inovadora,	podemos observar		1
File: class 13.txt	Line: 1843	(8.23.12ab).	queremos ganhar	o rico em tesouros, riqueza plena de	1
File: class 14.txt	Line: 296	as científicas regulares desta tese. Dentro tais limitações,	podemos, claro	as seguintes	1
File: class 15.txt	Line: 471	uma tensão própria, de uma forma bem simplificada,	podemos definir	o bem como a	1
File: class 16.txt	Line: 1234		podemos entender	olhamo como metonímia para Dioniso: sem ele não há Cig	1
File: class 17.txt	Line: 470	E evidente que não	podemos deixar	de observar que Deus era quem o impulsionava	1
File: class 18.txt	Line: 1634	Mas com isso não	queremos dizer	que se está respondendo à poesia do or-	1
File: class 19.txt	Line: 461	distanciamento necessário que	precisamos tomar	de nossa própria cultura literária ao	1
File: class 2.txt	Line: 529	las,	podemos escandir	o verso de Tirteu abaixo:	1
File: class 20.txt	Line: 255	li deveram sua existência a estas heresias, dentre as quais	podemos, claro	o ordenismo ao qual	1
File: class 21.txt	Line: 531	aprendizagem, a investigação do que	podíamos demoni	de magistério socrático, mesmo	1
File: class 22.txt	Line: 124	isso tudo também	podíamos dizer	tanto a respeito do texto de Virgílio, a	1
File: class 23.txt	Line: 620		podemos entrever	certa mudança de mentalidade, como vemos em seu epis	1
File: class 25.txt	Line: 253		podemos ver	em Eurípides (As Troianas 1191) em Heródoto (5, 59, 7, 2)	1
File: class 26.txt	Line: 759	ponto de encontro do intelecto e das coisas. Assim,	podíamos pensar	a	1
File: class 27.txt	Line: 210	Amplio, é o viés temático da invectiva e	podemos perceber	a existência de longa	1
File: class 3.txt	Line: 653	última instância,	podemos dizer	que essa personagem da Comédia, presente em Tibulo,	1
File: class 4.txt	Line: 380	Comédia Nova Grega,	podemos elencar	os seguintes, o soldado fanfarrão, que voltava,	1
File: class 5.txt	Line: 1016		podíamos fazer	, pois nem era possível navegar pelo meio das árvores – p	1
File: class 6.txt	Line: 98	Outrossim,	podemos afirmar	que As Bucólicas de Virgílio servi-	1
File: class 7.txt	Line: 180		podemos entender	os limites do saber humano, proferidos por Sócrates, refere	1
File: class 8.txt	Line: 839	hunjam suas possíveis leituras e formação. Através delas	podemos refletir	sobre suas	1
File: class 9.txt	Line: 167	arcaica, e a adjectivação dupla o é da linguagem ritual, como	podemos atestar	, ainda, no	1
File: class28.html	Line: 512	Pl. Por Zeus, estou totalmente arruinado. Sóstrato, não	podíamos morrer	, tinha cuidado,	1
File: class30.txt	Line: 774	Para concluir esta já dilatada introdução,	podemos dizer	que enviámos esforços a fim	1
File: dio1.txt	Line: 544	divina. A isso	podemos chamar	de idéia da "revelação verbal". A revelação	1
File: dio10.txt	Line: 366	Assim	podemos, claro	Paulo, um dos mais importantes seguidores de Jesus	1
File: dio11.txt	Line: 296	egro, e do mulato na construção social brasileira? Ou ainda,	podemos entender	que Erico	1
File: dio12.txt	Line: 261	nos	podemos situar	entre eles, (Geertz, 1989, p. 101)	1
File: dio13.txt	Line: 660	“Não	podemos modificar	o passado. Podemos apenas transformar o	1
File: dio14.txt	Line: 128	artísticas nos mais diferentes períodos. Desse repertório,	podemos, claro	as épicas bilnas	1
File: dio15.txt	Line: 510	internalização da força humana desentorçante (se é que	podemos chamar	assim)	1
File: dio16.txt	Line: 389	Ao pesquisarmos o ano de 1937 do S. P. I. T.	podemos observar	que a	1
File: dio17.txt	Line: 136	lutos, imagens e junto deles, a linguagem. No dia-a-dia, não	podemos deixar	de perceber	1
File: dio18.txt	Line: 3596	perquirir se	podemos esperar	a vida após a morte. - Você se interessa muito por isso?	1
File: dio19.txt	Line: 341	sua trajetória. E é neste contexto que	podemos refazer	um possível caminho dentro da mescla	1
File: dio2.txt	Line: 1646	Pelo pouco exposto acima,	podemos deduzir	que muitas das	1
File: dio20.txt	Line: 298	Numa primeira abordagem	podemos verificar	algumas indicações a respeito do	1
File: dio21.txt	Line: 670	Dachau, mas, neste ponto,	precisamos fazer	a crítica de Adorno, ao engajamento da	1
File: dio22.txt	Line: 264	ível para sua reinserção no Brasil. Mas, pela entrevista, não	podemos saber	como foi a	1
File: dio23.txt	Line: 386	Mesmo assim, dentre os isseis,	podemos detectar	uma certa restrição e	1
File: dio24.txt	Line: 278	diversos lugares, assim, não	podemos identificar	com exatidão diversos locais por	1
File: dio25.txt	Line: 188	serão consultados, para	podemos, comtem	nossa análise de	1
File: dio26.txt	Line: 188	se conduziu, ao longo dos anos, em Israel, e por ele	podemos enxergar	a inevitável	1
File: dio27.txt	Line: 349	hoje, sem dúvida,	podemos dizer	que ele preservou o humanismo que os	1
File: dio28.txt	Line: 285	rituais de fertilidade,	podemos incluir	os pastores, que possuem pouco motivo para estarem	1
File: dio29.txt	Line: 3403	meio do versículo. Provavelmente	podemos supor	que a Massorá ignorou a passagem em	1
File: dio3.txt	Line: 505		podemos presumir	de se criar um projeto cultural andalusino capaz de repre	1
File: dio30.txt	Line: 1604	chamar atenção de como facilmente	podemos agir	como. Cairn, isto é, ser capazes de	1
File: dio4.txt	Line: 2332	afirma: "O quadro bíblico não é simplista, não	podemos afirmar	simplesmente que na Bíblia o homem	1
File: dio5.txt	Line: 571	entre Israel e seus vizinhos era intensa e, desta forma,	podemos dizer	que a	1
File: dio6.txt	Line: 248	Ferro B1 – que, é, a época, do Reino Unido de Israel –	podemos encontrar	na	1
File: dio7.txt	Line: 154	#####	podemos pensar	que o judaísmo moderno corresponde aos diversos	1
File: dio8.txt	Line: 1454	10.000 pessoas, mas	podemos afirmar	que somente o número de judeus internados	1
File: dio9.txt	Line: 486	No que	podíamos chamar	de uma fenomenologia do sublime, há, em um primeiro	1
File: fio 1.txt	Line: 463	E não	podemos afirmar	quando ou se o ouvinte ou leitor deseja – ou, até,	1
File: fio 10.txt	Line: 278	Também não	podíamos estender	a análise voltada para um corpus científico, porque	1
File: fio 11.txt	Line: 864	não	podemos mudar	o mundo mudando apenas nós mesmos. (Fórum	1

Figura 10 Construção 3.

ANEXOS

File: fio_12.txt	Line: 437	próprio Wilhelm explicita as falhas de seu trabalho, conforme	<i>podemos ler</i>		1
File: fio_13.txt	Line: 408	peritinha na mesa, em que	<i>podemos abrir</i>	caminhos, a novas interpretações e buscar	1
File: fio_14.txt	Line: 515	dessa combinação. De um certo modo,	<i>podemos compreend</i>	o texto, em seu conjunto, como	1
File: fio_15.txt	Line: 364	quotidiano? Como	<i>podemos observar</i>	ecoram aqui dois antigos problemas: a) as	1
File: fio_16.txt	Line: 180	com verbos mono-argumentais quanto com VIs, nas quais	<i>podemos observar</i>	que as	1
File: fio_17.txt	Line: 250	como	<i>podemos notar</i>	nesta passagem do texto	1
File: fio_18.txt	Line: 174	exemplificar,	<i>podemos citar</i>	o ALERS (2002) – Atlas lingüístico-etnográfico da região	1
File: fio_19.txt	Line: 747	Na figura 04,	<i>podemos constatar</i>	direcionamento de sentido a respeito das situações	1
File: fio_20.txt	Line: 1038	Não	<i>podemos deixar</i>	ainda de mencionar o tronco dos crioulos, onde se encont	1
File: fio_21.txt	Line: 3147	[19] No texto elaborado pela menina,	<i>podemos identificar</i>	que no	1
File: fio_22.txt	Line: 588	assíduo de jornais escritos para	<i>podemos entender</i>	e analisar como se processa	1
File: fio_23.txt	Line: 3168	Assim	<i>podemos dizer</i>	mais, Clarice não só produz máximas de sentir como	1
File: fio_24.txt	Line: 586	o fato de que nele	<i>podemos encontrar</i>	mesmo, que variavelmente, em um	1
File: fio_3.txt	Line: 120	ou regime com que se relacionam. Completa, afirmando que	<i>podemos utilizar</i>		1
File: fio_4.txt	Line: 76	unilinear quanto ao desenvolvimento de um léxico em que	<i>podemos reconhecer</i>	pontos	1
File: fio_5.txt	Line: 384		<i>precisamos ver</i>	a produção escrita como um processo, uma atividade que	1
File: fio_6.txt	Line: 238	Inicialmente,	<i>podemos observar</i>	a forma "voz", originalmente uma forma de "v"	1
File: fio_7.txt	Line: 295	Em vista do exposto,	<i>podemos definir</i>	os objetivos deste trabalho, conforme segue:	1
File: fio_8.txt	Line: 2185	resposta a essa questão induz à outra:	<i>podemos modificar</i>	as representações associadas à escrita?	1
File: fio_9.txt	Line: 424	Todavia, não	<i>podemos ignorar</i>	a existência de insatisfações em relação à AC,	1
File: fio24.txt	Line: 314	Uma outra reflexão que	<i>podemos fazer</i>	é que a pluralidade de sentidos não advém	1
File: fio25.txt	Line: 446	"[...] somente nos dados a partir do século XIX é que	<i>podemos avançar</i>		1
File: fio26.txt	Line: 589	uma construção que pode ser considerada peritress, já que	<i>podemos interpretar</i>		1
File: fio27.txt	Line: 305	De início,	<i>podemos imaginar</i>	que, no orador do Direito, predominaria um	1
File: fio28.txt	Line: 852	b. Os países que	<i>podemos contar</i>	com a colaboração deles...	1
File: fio29.txt	Line: 788	afirma com as de um lugar. Portanto, de acordo com Mielo,	<i>podemos dizer</i>	que hVE	1
File: fio30.txt	Line: 161	para o Riachão. "(DOC2710-11),	<i>podemos observar</i>	trazos da cultura patriarcal; também	1
File: fran1.txt	Line: 155	Dito de outro modo,	<i>podemos notar</i>	a partir de críticas feitas à literatura	1
File: fran10.txt	Line: 205	encontraria com os surrealistas),	<i>podemos marcar</i>	três momentos. O primeiro se dá no	1
File: fran11.txt	Line: 129	Considerando-se o título do romance,	<i>podemos afirmar</i>	que se trata de uma	1
File: fran12.txt	Line: 82	Como conclusão	<i>podemos verificar</i>	estas transformações apresentadas nos	1
File: fran13.txt	Line: 296	ler Yvain, para	<i>podemos trocar</i>	ideias,	1
File: fran14.txt	Line: 1017	palavra. A partir dessa definição	<i>podemos levantar</i>	a seguinte hipótese inicial acerca	1
File: fran15.txt	Line: 239	que cuidava deles quando criança. E aqui	<i>podemos usar</i>	na semelhança com	1
File: fran16.txt	Line: 169	comunicação entre a pintura e a literatura. No entanto,	<i>podemos encontrar</i>	um	1
File: fran17.txt	Line: 176	escolher o que observar, mas não	<i>podemos dizer</i>	que aquele manuscrito analisado atesta ou	1
File: fran18.txt	Line: 228	alias,	<i>podemos lembrar</i>	Bakhtin quando este disse, de maneira muito feliz, que o	1
File: fran2.txt	Line: 1294	trabalho, entretanto, só ganhará algum relevo ao	<i>podemos analisar</i>	um quarto elemento ao	1
File: fran20.txt	Line: 119	de pesquisa,	<i>podemos identificar</i>	os blocos de ordem psico-sócio-afetiva que	1
File: fran21.txt	Line: 375	no capítulo seguinte). Segundo Gaulmy (1987), ainda	<i>podemos colocar</i>		1
File: fran22.txt	Line: 586	Por que	<i>podemos perguntar</i>	-nos, Voltaire decidiu empenhar-se de corpo e alma no	1
File: fran23.txt	Line: 457	se histórias". Do mesmo modo, não o	<i>podemos deixar</i>		1
File: fran24.txt	Line: 63	línguas dentro do universo da globalização, já que não	<i>podemos desatrelar</i>	a	1
File: fran25.txt	Line: 177	se separa os brasileiros de culturas tão similares com quem	<i>podemos estabelecer</i>		1
File: fran27.txt	Line: 190	Lendo. Mes mémoires	<i>podemos traçar</i>	um painel dos historiadores	1
File: fran28.txt	Line: 1150	tornou-se uma evidência para a política colonial, como	<i>podemos notar</i>	na	1
File: fran29.txt	Line: 192	dos aprendizes um fragmento textual escrito em francês,	<i>podemos observar</i>	que o	1
File: fran3.txt	Line: 361	Assim, nesse contexto	<i>podemos encontrar</i>	ao jornal um caráter de objeto	1
File: fran30.txt	Line: 357	d'ameur4. Para explicar tal fato,	<i>podemos apontar</i>	a pouca exposição que o conto	1
File: fran4.txt	Line: 234	difficultades e suscita muitas dúvidas. E é o que	<i>podemos constatar</i>	na observação dos	1
File: fran5.txt	Line: 561	por uma oposição. A pobreza aqui passa de uma, aliás que	<i>podemos qualificar</i>		1
File: fran6.txt	Line: 442	Neste trecho da Ballade des proverbes de François Villon,	<i>podemos reconhecer</i>	o	1
File: fran7.txt	Line: 188	existência,	<i>podemos afirmar</i>	então, que o idioma francês fazia parte tanto do	1
File: fran8.txt	Line: 515	ou no caso do verbo "ne pas douler", no qual	<i>podemos deixar</i>	ou não o discordância.	1
File: fran9.txt	Line: 171	forma alguma	<i>podemos afirmar</i>	que é um trabalho comparativo entre eles, mas sim entre a	1
File: ling_1.txt	Line: 749	existe como possibilidade ou facilidade, não como realidade".	<i>podemos inferir</i>		1
File: ling_12.txt	Line: 455		<i>precisamos admitir</i>	que a questão do desenvolvimento da Linguística,	1
File: ling_13.txt	Line: 198	Pela movimentação da população de cada área,	<i>podemos notar</i>	que tentamos,	1
File: ling_14.txt	Line: 267	conceito de identidade sem o seu contrário, a alteridade,	<i>podemos dizer</i>	que a	1
File: ling_15.txt	Line: 1154	abordagem	<i>podemos refletir</i>	sobre formas alternativas e complementares	1

Figura 11 Construção 3.

File: ling_16.txt	Line: 292	as estruturais pode querer dizer coisas bem diferentes, pois	<i>podemos entrever</i>		1
File: ling_17.txt	Line: 1728	refere à pontuação para as flexões verbais. Como exemplo,	<i>podemos citar</i>	as	1
File: ling_18.txt	Line: 195	que	<i>podemos observar</i>	em seu estudo sobre este tema é a carência de exemplos e	1
File: ling_19.txt	Line: 3402	Quanto à variação diafásica,	<i>podemos observar</i>	o seguinte exemplo:	1
File: ling_2.txt	Line: 303		<i>podemos perceber</i>	por exemplo, que o recurso semiótico da sobreposição de	1
File: ling_20.txt	Line: 131	Tarefa que não	<i>podemos recusar</i>	especialmente por reconhecermos a falta de	1
File: ling_21.txt	Line: 1169	[...] Sem muito exagero,	<i>podemos dizer</i>	que a G&S sempre foi, e continua sendo, essencialmente,	1
File: ling_22.txt	Line: 1395	Tratando dos dois últimos estilos, o dândi e o urso,	<i>podemos dizer</i>	que o	1
File: ling_23.txt	Line: 3209	that they	<i>podemos afirmar</i>		1
File: ling_24.txt	Line: 1435	Não	<i>podemos passar</i>		1
File: ling_25.txt	Line: 2629	Devido à confusão que reina no próprio país, não	<i>podemos estranhar</i>	que Marius tenha	1
File: ling_3.txt	Line: 510	ção de Roman Jakobson, não	<i>podemos deixar</i>	de	1
File: ling_4.txt	Line: 414	também a língua. Portanto,	<i>podemos tratar</i>	a linguagem como condição da cultura, pois é através	1
File: ling_5.txt	Line: 105		<i>queremos agradecer</i>	A todos aqueles que contribuíram para os "resultados" des	1
File: ling_6.txt	Line: 185	seu papel para o desenvolvimento infantil? b) que relações	<i>podemos identificar</i>	entre	1
File: ling_7.txt	Line: 941	valores da cultura e integração? Portanto,	<i>podemos construir</i>	dois quadrados	1
File: ling_8.txt	Line: 7	Entim,	<i>podemos tecer</i>	uma grande rede adjetivando a linguagem, pois é	1
File: ling_9.txt	Line: 134		<i>podemos citar</i>	vários autores que tratam do assunto como, por exemplo, S	1
File: ling26.txt	Line: 212	Como antecipamos no título deste trabalho, o que	<i>queremos afirmar</i>	aqui é, em primeiro	1
File: ling28.txt	Line: 233	Notemos, que em 13),	<i>podemos ver</i>	a substituição dos pronomes oblíquos de 1ª e 2ª pessoa p	1
File: ling29.txt	Line: 112	possível, estruturadas como um jogo em que	<i>podemos saltar</i>	"graciosamente"	1
File: ling30.txt	Line: 902	viduais — pois	<i>podemos imaginar</i>	muitos sóis e acreditar	1
File: ip_1.txt	Line: 185	mento,	<i>podemos dizer</i>	que o epicurismo e o estoicismo se voltam de modo ma	1
File: ip_10.txt	Line: 678	trata do relacionamento paterno-filial?	<i>podemos verificar</i>	o tom antistocástico	1
File: ip_11.txt	Line: 222	fontes importantes da imagem grotesca do corpo. Só	<i>podemos passar</i>	em revista,	1
File: ip_12.txt	Line: 312	Nesse sentido,	<i>podemos constatar</i>	a existência de uma leitura de	1
File: ip_13.txt	Line: 1938	do Tombo viu-se confirmada logo que	<i>podemos confrontar</i>	os nossos	1
File: ip_14.txt	Line: 237	Não	<i>podemos esquecer</i>	de algumas análises relevantes sobre a obra de Eça, nas o	1
File: ip_15.txt	Line: 2259	uma menção explícita a Eça de Queirós. Não obstante,	<i>podemos encontrar</i>		1
File: ip_16.txt	Line: 725	o que	<i>podemos obter</i>	desproporção que só existe por causa do conhecimento e	1
File: ip_17.txt	Line: 191	portuguesa,	<i>podemos perceber</i>	certas semelhanças no tratamento dado, a Camilo3. Na d	1
File: ip_18.txt	Line: 659	ou os da irracionalidade, uma vez que não	<i>podemos escapar</i>	dos nossos próprios padrões	1
File: ip_19.txt	Line: 633		<i>podemos imaginar</i>	como um ditador, mas existe de forma distribuída entre to	1
File: ip_2.txt	Line: 1657	criatura do nosso sexo, não a	<i>podemos possuir</i>	Logo,	1
File: ip_20.txt	Line: 2834	arraçoado da causa postule uma coisa sobre a qual	<i>queremos tratar</i>	o tipo de tal forma	1
File: ip_21.txt	Line: 2334	sendo o supremo problema moral. Não	<i>podemos esperar</i>	entender o	1
File: ip_22.txt	Line: 225	Em suma, a presente dissertação possui, como	<i>podemos entrever</i>	um caráter	1
File: ip_23.txt	Line: 815	do qual nos	<i>queremos apoderar</i>		1
File: ip_24.txt	Line: 757	Deste modo, como	<i>podemos notar</i>	o índice de analfabetismo no Brasil e	1
File: ip_25.txt	Line: 196	Limitados ao escopo deste trabalho, só	<i>podemos afirmar</i>	o que Aparição representa em ter-	1
File: ip_26.txt	Line: 191	Por meio da descrição,	<i>podemos detalhar</i>	cada um dos espaços da	1
File: ip_27.txt	Line: 3206	particularmente na linguagem da mídia, tanto que	<i>podemos acrescent</i>	a	1
File: ip_28.txt	Line: 1404	casa onde não	<i>podemos mexer</i>	em nada, numa casa	1
File: ip_3.txt	Line: 265	dentre os quais	<i>podemos citar</i>	Kant, Schopenhauer e Freud.	1
File: ip_4.txt	Line: 170	maneira,	<i>podemos dizer</i>	multo viva, agrupando elementos geométricos, recurs	1
File: ip_5.txt	Line: 1116	do jogo,	<i>precisamos aceitar</i>	que esses conceitos fundantes são	1
File: ip_6.txt	Line: 990	reconhecida. Em seu segundo parágrafo	<i>podemos perceber</i>	que Gautier coloca	1
File: ip_7.txt	Line: 190	Na construção da "nova teologia" proposta por Saramago,	<i>podemos crer</i>		1
File: ip_8.txt	Line: 105	Após a leitura de O inferno,	<i>podemos perceber</i>	que os dados reais serão acrescidos	1
File: ip_9.txt	Line: 293	deixou de existir. Assim, não	<i>podemos medir</i>	o que não existe, não podemos medir o	1
File: ip29.txt	Line: 157	Sophia, porém, acredita na linguagem, busca o rítor para	<i>podemos ver</i>	sua	1
File: ip30.txt	Line: 135	Ao mesmo tempo,	<i>queremos mostrar</i>	que o autor se propõe levar o homem a	1

173

Figura 12 Construção 3.

ANEXOS

File	Line	contexto precedente	expressão de busca	contexto subsequente	usca	SER	Total	outros verbos
class 1	580		<i>podem expressar</i>	opiniões diferentes das suas próprias, através dos seus prota	ssar		1	
class 10	1622	sentirem o seu aroma, perplexos, a única verdade que	<i>poderiam contar</i>	a mãe não teria	ntar		1	
class 11	425	Os afetos	<i>podem ser</i>	movidos tanto pelo acusador quanto pelo defensor.	ser	1	1	
class 12	174		<i>podem ter</i>	constatadas entre as peças de Sêneca e as de Eurípides, es	ter	1	1	
class 13	388	pois a estrutura de ambas as seções revela paralelismos tais que só	<i>podem ser</i>	obra de um	ser	1	1	
class 14	1105	conduziram, por sua vez, a três classificações diversas, que	<i>podem ser</i>	associadas e	ser	1	1	
class 15	740	Hércules, a culpa jurídica existe, e os homens	<i>podem ser</i>	virtuosos ou viciosos, de acordo	ser	1	1	
class 16	700		<i>podem colher</i>	, mas para os maus, tal não seria lícito (toil)	lher	1	1	
class 17	401	Os desenvolvimentos do período imperial romano não	<i>podem ser</i>		ser	1	1	
class 18	475		<i>podem ser</i>	três: o utilitário (prodesse: w/fele=n, xrhsmologei=	ser	1	1	
class 19	389	às quais a abordagem aqui adotada se manterá atenta, pois elas	<i>podem enriquecer</i>		ecer	1	1	
class 2	394		<i>podem ser</i>	seus valores alterados pelo contraste com outros sons, além	ter	1	1	
class 20	724		<i>podem representar</i>	de suspeita de heresia, por haver Jerônimo utilizado os méto	ntar	1	1	
class 21	858	aspectos que, sob julgamento ligeiro,	<i>poderiam ser</i>	considerados marginais.	ser	1	1	
class 22	338	manuscritos e a do professor de gramática	<i>precisaram ser</i>	diferenciadas. A partir de um	ser	1	1	
class 23	151	como algo cujo aprendizado é possível e para o qual se	<i>podem definir</i>	novos objetivos.	inir	1	1	
class 24	173	Traços de coletâneas desse tipo	<i>podem ser</i>	encontrados em textos de autores posteriores a	ser	1	1	
class 25	332	adotaremos os seus critérios de tipologia: as recolhidas epigramáticas	<i>podem ser</i>		ser	1	1	
class 26	518	elementos	<i>podem ser</i>	estabelecidos para o texto Peri (E	ser	1	1	
class 27	732	licâmbides. Entretanto, os suicídios	<i>podem ser</i>	acréscimos míticos ³⁹ . No caso das	tar	1	1	
class 3	696	casual: eles	<i>podem ter</i>	feito uso justamente do conteúdo erótico expresso subjetivam	ter	1	1	
class 5	118	ltros e ainda sobre seres que não existem em absoluto e nem por princípio	<i>podem existir</i>	. Por	stir	1	1	
class 6	215	bucolismo tem caráter híbrido. Neste gênero, embora o lirismo seja patente,	<i>podem aparecer</i>		ecer	1	1	
class 7	209	argumentação praticados na pólis ateniense	<i>precisam sintetizar</i>	os âmbitos político,	izar	1	1	
class 8	335	Segundo Meillet, o edílico da Ásia, o tessálio e o beócio	<i>podem ser</i>	do ponto de vista	ser	1	1	
class 9	186		<i>podem ser</i>	reduzidas ao denominador comum da Calábria, chamada	ter	1	1	
class 28	180	ito ao que é apresentado pelo autor nas cenas dramáticas. Esses discursos	<i>podem ocorrer</i>	#####	rer	1	1	
class 29	209	#####	<i>poderiam permanecer</i>	em Delos, onde a subsistência seria assegurada por suas filh	ecer	1	1	
class 30	315	"arte", um conjunto de habilidades-diretrizes que, como um "instrumento",	<i>podem ser</i>		ser	1	1	
dio1	132	Dentre essas tradições de pensamento	<i>podem ser</i>	listadas aquelas que	ser	1	1	
dio10	204	responderiam a questionários, pois	<i>poderiam ter</i>	sua s palavras distorcidas e	ter	1	1	
dio11	170	variedade de tipos humanos que	<i>podem possuir</i>	diferenças raciais em seu próprio interior	sur	1	1	
dio12	164	diferentes interpretações que	<i>podem ocorrer</i>	quando se trata de comunidades	rer	1	1	
dio13	228	narrativa bíblica	<i>podem ser</i>	notados pelas distorções encontradas nas atitudes sociais.	ser	1	1	
dio14	271	situações produzidas pela imaginação	<i>podem servir</i>	de cenário para a atuação da Baba-	rvir	1	1	
dio15	604	e que esses questionamentos fazem parte do intento criativo do autor e só	<i>podem ser</i>		ser	1	1	
dio16	411	imigrantes,	<i>queriam proporcionar</i>	o bem estar às suas famílias, que os	onar	1	1	
dio17	379	Os estrangeirismos presentes na língua japonesa	<i>podem ser</i>	divididos em dois grandes	ser	1	1	
dio18	2429	tão esgotado por causa do calor, das canções que	<i>precisavam ser</i>	incessantemente	ser	1	1	
dio19	147	O trabalho tem alguns objetivos que	<i>precisam ficar</i>	claros desde já: o primeiro deles	icar	1	1	
dio2	118	encontrados pelos negociadores	<i>podem ser</i>	mais facilmente	ser	1	1	
dio20	438	intelectuais que não	<i>queriam comprometer</i>	sua independência aceitando	eter	1	1	
dio21	336	obrigação de, no mínimo, não prolongar a vida daqueles que	<i>poderiam gerar</i>	filhos	erar	1	1	
dio22	630	promoção do êxodo rural. Os agricultores, que não	<i>queriam pagar</i>	os impostos, desistiram de	agar	1	1	
dio23	363		<i>precisaram fazer</i>	uso do português a fim de estabelecer comunicação e atingir	azer	1	1	
dio24	289	andanças ou jornadas	<i>podem ser</i>	vistas como paradigmas de rituais de	ser	1	1	
dio25	164	doente e sobre os elementos contidos no processo de cura	<i>podem ser</i>	obtidas textos não	ser	1	1	
dio26	45	O objetivo é observar quais as palavras que	<i>podem ser</i>	utilizadas para exemplificar a	ser	1	1	
dio27	255	9. 6. 5. Joseph e os Napoleões. Que não	<i>precisam estar</i>	conscientes	star	1	1	
dio28	534	Hoffner observa que algumas referências adicionais	<i>podem ser</i>	feitas, como por	ser	1	1	

Figura 13 Construção 3.

ANEXOS

dlo29	556	38.13 e 15. As funções dessas letras suspensas são diversas e	<i>podem assinalar</i>	casos de	alar	1	
dlo3	815	astronômicos	<i>podem ser</i>	verificados num resumo do Almagesto, que ainda existe em s	ser	1	1
dlo30	271	significantes que	<i>podem evidenciar</i>	que as (re)interpretações das primeiras histórias	clar	1	1
dlo4	226	judaicos, como o sofrimento de Jô,	<i>podem ser</i>	aplicados à Shoá? O nazismo teria sido	ser	1	1
dlo5	558	de desenvolvimento linguístico, pelo que não	<i>podem deixar</i>	de refletir hebraicos	ixar	1	1
dlo6	279	destruição em guerras ou terremotos e conquistas militares –	<i>podem auxiliar</i>	na	liar	1	1
dlo7	566	produtos que sejam kasher e mashguichim19	<i>podem trabalhar</i>	. e se	thar	1	1
dlo8	152	ética. As palavras	<i>podem matar</i>	: sabemos disso muito bem. Mas as pala-	atar	1	1
dlo9	455	sublime, Martins, ao considerar objetos que	<i>podem suscitar</i>	o terror, escreve que "a noite é	tar	1	1
filo 1	356		<i>podem ser</i>	ocupados por determinadas pessoas; estas, por sua vez, não	ser	1	1
filo 10	805		<i>podem gerar</i>	termos diferentes para um mesmo conceito ou mais de um	erar	1	1
filo 11	99	registro informal em interações virtuais, também	<i>podem ser</i>	observadas nos fóruns	ser	1	1
filo 12	308	formas	<i>podem estar</i>	estáveis, numa relação de contem porização	star	1	1
filo 13	100	terminológicas, já que os mesmos	<i>podem traduzir</i>	-se em pistas para a adequada alocação de	uzir	1	1
filo 14	123	atenção para algumas características recorrentes, que	<i>podem ser</i>	consideradas como traços	ser	1	1
filo 15	355	o vocabulário da ciência em desenvolvimento,	<i>podem seguir</i>	um percurso	quir	1	1
filo 16	267	Algumas afirmações	<i>podem ser</i>	feitas a partir da observação dos exemplos	ser	1	1
filo 17	209	elementos do plano peritextual (os títulos e as imagens) que, a princípio,	<i>podem apontar</i>	para o	ntar	1	1
filo 18	274	local do desembarque	<i>podem ser</i>	encontrados, por exemplo, em PIAZZA (1983) e FARIAS	ser	1	1
filo 19	279	o De que modo as condições específicas de produção	<i>podem intervir</i>	na	rvir	1	1
filo 2	280		<i>precisam ser</i>	diretos; brasileiros e portugueses nunca tiveram contato com	ser	1	1
filo 20	656	Nesse sentido, várias disciplinas	<i>poderiam cont</i>	para o processo	buir	1	1
filo 21	278	Os estudos feitos	<i>tiveram por</i>	base as características principais dos provérbios	por	1	1
filo 22	204	E cinzas, restos dispersos	<i>podem ser</i>	lidos no começo da vida em trânsito de	ser	1	1
filo 23	266	transitoriamente: todos os que	<i>poderam adquirir</i>	uma cultura	rir	1	1
filo 3	408	atividade de linguagem a ser executada. Duas dimensões	<i>podem ser</i>	distinguidas:	ser	1	1
filo 4	307	fazem parte de pensamentos, ações e fala, e	<i>podem ser</i>	exemplificados, principalmente, através	ser	1	1
filo 5	263	que não	<i>podem ser</i>	ignorados "fatores como as relações de poder e dominação d	ser	1	1
filo 6	267	vez que	<i>podem ser</i>	atestados diferentes realizações se contrastamos a influênci	ser	1	1
filo 7	646	universal" em que as pessoas	<i>poderiam trocar</i>	imagens, sons, filmes, documentos, diálogos,	ocar	1	1
filo 8	80	O presente trabalho tem o objetivo de mostrar como os lugares (topoi)	<i>podem ser</i>	uma	ser	1	1
filo 9	425	as quais	<i>podem ser</i>	atribuídas ao fato de não encontrarmos em seus estudos uma	ser	1	1
filo24	232	continuam denunciando essa situação (e, por isso,	<i>precisam ser</i>	ainda mostrados), defendo a	ser	1	1
filo25	282	apenas estas	<i>podem ser</i>	utilizadas no decorrer desta tese.	ser	1	1
filo26	154	Segundo MOISES (1995: 388), citando E. M. Forster, as personagens	<i>podem ser</i>	planas ou redondas:	ser	1	1
filo27	228	crime, atenuação ou agravamento de penas, que	<i>podem ser</i>	maiores ou menores. São	ser	1	1
filo28	292	independentes ou grupos de fatores	<i>podem ser</i>	de natureza interna ou externa à língua e podem exercer pres	ser	1	1
filo29	277	eficaz (este qualitativo e até este tempo	<i>podem ser</i>	bem questionáveis), enquanto a aquisição da	ser	1	1
filo30	222		<i>poderiam ser</i>	excluídos.	ser	1	1
fran1	417	economia industrial. As dificuldades, derrotas e vitórias de Jean	<i>podem ser</i>		ser	1	1
fran10	867	No poema "La femme acéphale", de Choses et autres, aos que	<i>querem avaliar</i>	o	liar	1	1
fran11	433	descrições estão imbricadas na diegese e	<i>podem ser</i>	consideradas um dos "aspectos" "le plus	ser	1	1
fran12	981	sermões	<i>poderiam ser</i>	reorganizados e transformados em tratados. No conjunto, n	ser	1	1
fran13	251	Da leitura de Calvino, depreende-se que os utilitaristas	<i>podem respirar</i>	aliviados:	trar	1	1
fran14	249	fatores culturais	<i>poderiam conotar</i>	representações muito distintas do verão francês e	otar	1	1
fran15	169	texto, de modo que	<i>podem surgir</i>	discussões relativas a um aspecto no capítulo	gir	1	1
fran16	624	No entanto, tanto a literatura como a pintura não	<i>poderiam ficar</i>	durante muito	car	1	1
fran17	244	Guimarães Rosa?, mas, quando esses contos (muitos	<i>podem ser</i>	identificados como crônicas)	ser	1	1
fran18	231	de criminoso para eles. É que os bons não	<i>podem criar</i>	, pois sempre serão o	riar	1	1
fran19	1081	lembança passiva, ambas	<i>podem constituir</i>	relatos de histórias, sejam eles literários,	uir	1	1
fran2	123	como, por exemplo, criticar, persuadir e argumentar, entre outros,	<i>podem ser</i>		ser	1	1

Figura 14 Construção 3.

File	Line	contexto precedente	expressão de busca	contexto subsequente
File: dio29.txt	Line: 680	em antigos manuscritos hebraicos e que eram tão importantes que não	<i>poderiam serem</i>	esquecidas,

Figura 18 Construção 3.

Arquivo	Linha	Contexto precedente	expressão de busca	Contexto subsequente	dados
fran20	467	Dentre os meios de que dispomos	<i>para nos comunicar</i>	— gestos, atitudes,	1
fran22	262	Façamos um esforço de imaginação	<i>para nos remeter</i>	ao século XVIII. Não à	1
fran24	2804	necessitamos	<i>para nos compreender</i>		1
lp_4	1704	encontramos algo	<i>para nos enfeitar</i>	(PONGE, 2000, p. 71)	1

Figura 19 Construção 4.

Arquivo	Linha	Contexto precedente	expressão de busca	contexto subsequente
File: class_27.txt	Line: 3242	de Horácio	<i>para nos restringirmos</i>	à poesia não-dramática latina, têm em comum: ser
File: class_6.txt	Line: 559	Virgílio	<i>para nos deletarmos</i>	com o poeta. A sua poesia é pessoal e está ligada a duas
File: class30.txt	Line: 6138	eterno tormento do diabo seriam um novo apelo	<i>para nos afastarmos</i>	do desapo das realidades
File: dio27.txt	Line: 1778	eslamos, à espera do tempo certo	<i>para nos livrarmos</i>	de um fardo, das
File: dio8.txt	Line: 727		<i>para nos remetermos</i>	ao(s) sujeito(s) é sempre o discurso. Mas o sujeito não é
File: filo_1.txt	Line: 2359	Usamos o termo "esquema de conhecimento"	<i>para nos referirmos</i>	às
File: filo_3.txt	Line: 5810	que será utilizado	<i>para nos referirmos</i>	a eles. A numeração das linhas foi feita por
File: filo_8.txt	Line: 5376		<i>para nos referirmos</i>	a quaisquer desvios provenientes das realizações da linguagem, não importando a
File: filo27.txt	Line: 1326	proposição, do mesmo modo que nos silogismos lógicos, não	<i>para nos entregarmos</i>	indiferentemente às
File: fran13.txt	Line: 365	impedira de empregar o termo —literatura]	<i>para nos referirmos</i>	às produções anteriores ao
File: fran19.txt	Line: 1715	(37). Irems então utilizar a sigla "W 2"	<i>para nos reportarmos</i>	a essa segunda parte.
File: fran22.txt	Line: 2019	mas ainda é cedo	<i>para nos ocuparmos</i>	dessa questão.
File: fran24.txt	Line: 2801	sentimos e ainda	<i>para nos compreendemos</i>	(les mots qui
File: ling_1.txt	Line: 5277	apropriação do discurso alheio pelo arranjo	<i>para nos posicionarmos</i>	sobre em que
File: ling_16.txt	Line: 4594	Armamo-nos com a teoria	<i>para nos depararmos</i>	não apenas com todas
File: ling_18.txt	Line: 3511	que no Brasil falamos maldita	<i>para nos referirmos</i>	à erisipela. Já em latim,
File: ling_22.txt	Line: 3262	106 Utilizaremos a marca do gênero feminino "companheira"	<i>para nos referirmos</i>	ao TV, pois nos
File: ling_4.txt	Line: 367	Utilizaremos o termo mítica	<i>para nos referirmos</i>	à ideia indígena, por ser a expressão corrente entre os índios de
File: ling30.txt	Line: 334	(1990 : 127) afirma que	<i>para nos referirmos</i>	a eventos usa-
File: lp_1.txt	Line: 4139	paganismo. Os deuses são úteis, pois servem	<i>para nos conduzirmos</i>	entre os
File: lp_14.txt	Line: 5190		<i>para nos referirmos</i>	ao diabo ou a qualquer tentação remetida a ele na narrativa.
File: lp_24.txt	Line: 1216	45 Por convenção, utilizaremos frequentemente a sigla OESP	<i>para nos referirmos</i>	ao jornal.
File: lp_25.txt	Line: 941	utros são, pois, não decerto um paraiso, mas uma imóvel condição	<i>para nos sabermos</i>	e
File: lp_28.txt	Line: 4423	enfrentamos diariamente	<i>para nos mantermos</i>	íntegros em nossa dignidade de seres humanos.
File: lp_3.txt	Line: 1273	16 Doravante usaremos a sigla SD	<i>para nos referirmos</i>	ao conto O Senhor
File: lp_4.txt	Line: 2656	mitologia grega	<i>para nos atermos</i>	a um referente importante na poesia de Sophia, a
			26	

Figura 20 Construção 4.

Arquivo	Linha	Contexto precedente	Expressão de busca	Contexto subsequente
File: fran24.txt	Line: 303	social. Isso porque,	<i>para abriremos</i>	uma língua estrangeira, nós tentamos
File: fran26.txt	Line: 2248	texto diante de nós,	<i>para analisarmos</i>	um equivalente em nossa língua, podemos checar
File: fran28.txt	Line: 556	suficientemente eloquente	<i>para chegarmos</i>	as razões de mais um exílio:
File: fran4.txt	Line: 1721	aprendizagem. Assim, depois	<i>para compreendermos</i>	esta atividade perguntei aos alunos por que
File: fran5.txt	Line: 3616	Antes	<i>para compreendermos</i>	a fundo o problema do espaço nas duas obras, reportemo-
File: fran7.txt	Line: 289	decorre a necessidade de uma catalogação. Deste modo,	<i>para compreendermos</i>	a revisão da literatura, faremos uma
File: fran8.txt	Line: 312	Com esse intuito, primeiramente	<i>para compreendermos</i>	
File: ling_1.txt	Line: 54	da Canção convincentemente instituiu a ideia segundo a qual	<i>para conhecermos</i>	
File: ling_11.txt	Line: 439	percepção	<i>para criarmos</i>	sempre circundados ou não por ambientes ou espaços no mundo físico
File: ling_13.txt	Line: 64	grande importância	<i>para deixarmos</i>	impulsionados na busca de novas respostas, mas nada pode
File: ling_14.txt	Line: 387		<i>para entendermos</i>	um dos possíveis papéis da língua na relação da sociedade
File: ling_19.txt	Line: 377	signo, e,	<i>para entendermos</i>	mais exatos, um signo lingüístico, comunica ou
File: ling_2.txt	Line: 211	suficiente	<i>para entendermos</i>	compará-las e também para identificarmos os tipos de mecanismos
File: ling_20.txt	Line: 131	Tarefa que não podemos recusar, especialmente	<i>para entendermos</i>	a falta de
File: ling_22.txt	Line: 194	forma, de falsos problemas. Ou seja, o fato	<i>para estabelecermos</i>	a Literatura Negra, um
File: ling_5.txt	Line: 513	gramatical. Para o autor, essa seria uma motivação semântica	<i>para examinarmos</i>	as resultativas
File: ling_6.txt	Line: 197	"Lego"	<i>para examinarmos</i>	a situação de faz-de-conta e estudar sua comunicação peculiar,
File: ling_7.txt	Line: 741	As três irmãs conversam a respeito do amor; todavia, antes	<i>para inserirmos</i>	
File: ling26.txt	Line: 636	enunciador. Decidimos adotá-lo,	<i>para optarmos</i>	que ele ajuda a sublinhar a participação do enunciatário na
File: ling29.txt	Line: 185	particularmente, a narrativa do sonho. A fim	<i>para podermos</i>	o tema em
File: ling30.txt	Line: 549		<i>para podermos</i>	com outros, negligenciamos muitas das
File: lp_11.txt	Line: 113	mais precisamente, sua obra O Conquistador (1990).	<i>para podermos</i>	uma leitura
File: lp_12.txt	Line: 225	A fim	<i>para podermos</i>	como a maior parte da vasta produção
File: lp_14.txt	Line: 120	séculos até nossos dias. Posteriormente,	<i>para sabermos</i>	a concepção do diabo que Eça
File: lp_15.txt	Line: 3628	traduções de sua obra, podem contribuir	<i>para sermos</i>	o que havia no mundo
File: lp_16.txt	Line: 975	intertextualidade	<i>para sermos</i>	Fernando Pessoa numa tradição de poetas
File: lp_18.txt	Line: 205	Antes	<i>para tomarmos</i>	para o ponto mais importante deste estudo — a análise da lírica
File: lp_22.txt	Line: 243	Passemos à elucidação deste termo grego, no intuito	<i>para usarmos</i>	as suas inúmeras

Figura 21 Construção 4.

Arquivo	Linha	Contexto precedente	expressão de busca	Contexto subsequente
File: filo_9.txt	Line: 297	partes. Recorremos a esse procedimento	<i>para estabelecer</i>	uma estrutura
File: ling_6.txt	Line: 57	proposto por Verba (1999), utilizamos o logo "Lego"	<i>para intermediar</i>	a interação entre
le: class_2.txt	Line: 121	Em geral, contudo, gostamos de muitos autores, e quando sentamos	<i>para limitar</i>	
File: filo_16.txt	Line: 28	Nos traz sonhos	<i>para seguir</i>	

Figura 22 Construção 4.

ANEXOS

Arquivo	Linha	Contexto precedente	node	Contexto subsequente
File: filo_1.txt	Line: 5358	sentimento de medo não é lógico e sequer é apropriado para	<i>referirno-nos</i>	a
File: filo_10.txt	Line: 1132	Falamos de neologia léxica, pondera Cabré (1993:444), para	<i>referirno-nos</i>	ao
File: fran3.txt	Line: 559	grotesco, nós que gastamos todo o nosso dinheiro brasileiro para	<i>transformar-nos</i>	
File: ling_12.txt	Line: 380	Por outro lado, para	<i>aproximar-nos</i>	da geistesgeschichte, é preciso não abrir

Arquivo	Linha	Contexto precedente	node	Contexto subsequente
File: lp_13.txt	Line: 423	composição para	<i>deixar-nos</i>	uma poética fortemente caracterizada. Conforme Correia (1978,
File: lp_8.txt	Line: 6715	Para	<i>explicar-nos</i>	essa ideia, o escritor francês explanou acerca da “negação

Figura 23 Construção 4.

Arquivo	Linha	Contexto precedente	Expressão de busca	Contexto subsequente	busca	serem	total	outros verbos
class_1	2151	rejuvenescido, conjecturas, que, nos primeiros diálogos, foram levantadas apenas	para serem	reveladas ou	serem	1	1	
class_10	1084	capulas	para virem	a luz, de sorte que ambas, têm uma origem triplíce: são geradas pela	virem	1	1	
class_12	1059	que,	para serem	fortalecidos, os homens bons sejam golpeados? Uma árvore não é sólida	serem	1	1	
class_13	5416	hino é a de que “oferendas aos deuses tinham de ser improporcionais	para serem	aceltes	serem	1	1	
class_14	1326	dos anos consecutivos são significativas demais	para serem	ignoradas. Por isso, optamos por	serem	1	1	
class_15	1078	No registro da tradução, utilizo com frequência os parênteses	para conterem	as portas	terem	1	1	
class_16	5261	Após conhecer o ocorrido, lixeu pelo as serenos	para abrirem		terem	1	1	
class_17	717	evangelhos foram sendo escritos	para formarem	um registro permanente	marem	1	1	
class_19	8997	sobrepõem apenas o suficiente	para serem	por assim dizer, coladas uma à outra. Há uma	serem	1	1	
class_20	7310	mundo, todo por sua escolha	para serem	lidos? Onde, está seu alojamento, pelo qual tentas	serem	1	1	
class_22	856	seguem o critério da antiguidade	para serem	Incluídas no comentário, “hus”, “orchus” e	serem	1	1	
class_24	104	alguma afirmação ou quando forem suficientes	para suprirem	elementos da tradição indíeta	terem	1	1	
class_25	245	forma escrita, apenas para fins mememórios,	para serem	conservadas para	serem	1	1	
class_26	6548		para serem	descobertas, embora, abstratamente elas possibilitem o enunciado.	serem	1	1	
class_27	5389	81 Cf. VI, 2. O epigrama evidencia no desleixo o subterfúgio de muitas adúlteras que,	para evitarem	o	terem	1	1	
class_3	230	existentes são muito importantes	para serem	descartadas,	serem	1	1	
class_5	2234	por terem sido educados	para terem	maus hábitos”	terem	1	1	
class_7	5235	afecções psíquicas, conjuntamente,	para serem	percebidos e do recurso à atividade	serem	1	1	
class_8	3001	três delas melhor avaliadas	para serem	empregadas, em sérs: genn o’ la on, dos dados; genn o’	serem	1	1	
class_9	1623	formado pelos governadores, mais tarde, após a República,	para desapparem	o seu status	naem	1	1	
class25	1139	os homens fazem o reconhecimento de Cartago, Mercurio predispõe os punicos e Edo	para receberem	bem os troiares	terem	1	1	
class30	4487		para existirem	de algum, modo, reside neelas algo de forma [...]. Portanto, sea,	terem	1	1	
dio10	2705	de não judeus que buscam uma corte rabínica (beth din)	para fazerem	a conversão	zarem	1	1	
dio11	2644	facilidades e oportunidades, incluindo,	para poderem	seus dependentes da	terem	1	1	
dio13	364	escolhidas	para comporem	os modelos desta dissertação são mulheres, consideradas estrangeiras de	comem	1	1	
dio14	2683	representam o herói	para serem	assadas e devoradas, o que é resolvido com a fuga e	serem	1	1	
dio16	648	até em 15 dias	para irem	para qualquer país, só que os cobrões dessem	terem	1	1	
dio17	309	algum, mas precisa passar por aqueles	para serem	utilizados na língua japonesa	serem	1	1	
dio18	5287	anexamento - o hero do lavagem	para serem	“Atás, ele era enorme - para esse	terem	1	1	contat
dio19	1472		para formarem	as piláras equivalentes às coisas e fenômenos” (LUPINER, p. 94).	marem	1	1	
dio2	1447	sugeridas como interessantes	para serem	usadas pelo visitante,	serem	1	1	
dio20	2190	ela mobiliza os dramas subversivos dessa emoção	para apirem	a favor desse	ntrem	1	1	
dio21	3670	judaicas, e propunha que os judeus recebessem uma educação euroclética	para poderem	ser aceitos pelas	derem	1	1	
dio22	1093	de uma imensa rede de empresas subcontratadas	para produzirem	peças, componentes e	zarem	1	1	
dio23	155	os imigrantes vindos da Ásia (japoneses e chineses)	para trabalharem	nas lavours	harem	1	1	
dio24	601	demais do Edo	para retornarem		harem	1	1	
dio25	2242	suficientes	para serem	escondidos numa sala,	serem	1	1	
dio26	1369	empregar os termos existentes em sua própria língua	para usarem	outros que são	serem	1	1	
dio28	2573	profetas a espada: “48 Quando ele pediu aos israelitas reunidos	para escolherem	entre	herem	1	1	
dio29	6122	expressões coram o risco de serem modificadas, omitidas ou harmonizadas	para ficarem		carem	1	1	
dio3	602	da “dinastia almorávida, de irem a Alandárus,	para serem	formados em meio de seus	serem	1	1	
dio4	5267	ficou claro que, ao concordar com o chamado de Deus	para serem	testemunhas, os	serem	1	1	
dio7	481	as listas são sugestões de produtos que determinados rabinos entendem como aplos	para serem		serem	1	1	
dio8	1469	“Heróis”	para serem	distribuídas entre os participantes da primeira guerra mundial.	serem	1	1	
dio9	2731	Aqui surge um paradoxo: os judeus dependiam do favor real	para permanecerem	em	comem	1	1	
filio_1	3044		para figurarem	juntos em uma sentença, ou incompatível, pela impossibilidade de	rarem	1	1	
filio_10	1321	caráter de emprestimo	para tornarem	se parte integrante do universo cultural que os acolheu.	carem	1	1	
filio_11	5070	moradores da casa	para falarem	menos, palavrd e para conversarem	larem	1	1	
filio_14	1247	Faleceu no dia 13 de outubro de 2007, aos 65 anos, deixando vários livros	para serem		serem	1	1	
filio_15	1753	independentemente da comunicação do pensamento	para outrem	deve desempenhar um papel	utrem	1	1	
filio_17	1985	número de citações quanto pelo procedimento usado	para serem	transmitidas, foram colocadas na	serem	1	1	
filio_19	2639	Entre as quaranta e uma expressões, selecionamos as mais significativas	para serem		serem	1	1	
filio_20	778	estudo. Nesses trabalhos,	para diferenciarem	se das outras escolas linguísticas, com a intenção	terem	1	1	
filio_21	186	amplitude e dispo de muitos dados	para serem	analisados e interpretados, fiz-se	serem	1	1	
filio_22	1661	andam mais ou menos intimamente ligados,	para exprimirem	determinada	miem	1	1	
filio_23	1708	supostamente sofisticadas o bastante	para expressarem	as culturas ocidentais	terem	1	1	
filio_3	1026		para constituírem	a arena comunicativa (Cf. MARCUSCHI, L. A. O diálogo no contexto da aula expositiva,	utrem	1	1	
filio_7	1580	todas as mensagens correspondentes	para responderem	não tendo acesso a outros argumentos	derem	1	1	
filio_8	136	81 Cf. p. 67-68: de que o salmista é um instrumento do qual os indivíduos se apropriam	para merecerem	suas	carem	1	1	contat
filio_9	735	individuais, circunstanciais ou momentâneos — condições méticas —	para serem		serem	1	1	
filio24	1189	outra parte) ou as partes podem se auto-selecionar	para começarem	a falar,	carem	1	1	
filio25	1442	parte do conhecimento partilhado entre eles	para fazerem	a conexão do típico com o	carem	1	1	
filio28	1569	Na próxima subseção,	para serem	se, as reflexões desenvolvidas até aqui, e a fim de	marem	1	1	
filio30	1061	foram aprovados no referido concurso, habilitados	para serem	providos em	serem	1	1	
fran1	1924	em 1887, os críticos franceses encontram o pretexto desejado	para atacarem		carem	1	1	
fran10	252	e Robert Desnos	para escreverem	juntos,	verem	1	1	
fran11	4174	dlacerante, guitarra	para expressarem	o “inmommable”	serem	1	1	
fran12	3261	dos mentiros, as mentiras, são criadas	para serem	reservadas, falar sem párdio, baixo de	serem	1	1	
fran13	235	são indispensáveis justamente	para serem	confrontadas com os estrangeiros,	serem	1	1	

Figura 24 Construção 4.

ANEXOS

Arquivo	Linha	Contexto precedente	Expressão de busca	Contexto subsequente	busca	serem	total	outros verbos
class 1	2153	rejuvenescido, conjecturas, que, nos primeiros diálogos, foram inventadas apenas	para serem	repetidas ou	serem	1	1	
class 10	1054	capulas	para virem	a luz, de sorte que ambas têm uma origem triplíce: são geradas pela	virem	1	1	
class 12	1059	que,	para serem	toralecosos, os homens bons sejam golpeados? Uma árvore não é sólida	serem	1	1	
class 13	9416	hino é a de que "oferendas aos deuses tinham de ser inoperantes/inef	para serem	aselas"	serem	1	1	
class 14	1326	dos anos consecutivos são significativas demais	para serem	ignoradas. Por isso, optamos por	serem	1	1	
class 15	1076	No registro da tradução, utilizo com frequência os parênteses	para conterem	Por isso, optamos por	terem	1	1	
class 16	5061	Após contrair o ocorrido, Itazu pede aos senos	para abrirem	as portas	terem	1	1	
class 17	717	evangelhos foram sendo escritos	para formarem	um registro permanente.	terem	1	1	
class 19	9997	sobrepõem apenas o suficiente	para serem	por assim dizer, coisas uma à outra. Há uma	serem	1	1	
class 20	7310	mundo, todo por sua escolha	para serem	idos? Onde, está seu alojamento, pelo qual tentas	serem	1	1	
class 22	856	sequem o critério da antiguidade	para serem	incluídas no comentário, "thus", "orchus" e	serem	1	1	
class 24	104	alguma afirmação ou quando, forem suficientes	para serem	elementos da tradição indireta	terem	1	1	
class 25	245	forma escrita apenas para fins memóricos,	para serem	preservadas para	serem	1	1	
class 26	6548		para serem	descobertas, embora, abstratamente elas possibilitem o enunciado.	serem	1	1	
class 27	5389	CT. VI, 2. O epigrama evidencia no deslecho o subterfúgio de muitas adúlteras que,	para evitarem	o	serem	1	1	
class 3	230	existentes são muito importantes	para serem	descartadas.	serem	1	1	
class 5	2234	por terem sido educados	para terem	maus hábitos" Holzberg acredita que também possa ter	terem	1	1	
class 7	5236	afecções passivas, conjugalmente,	para serem	percebidos e do recurso à atividade	serem	1	1	
class 8	3001	até desta melhor avaliação	para serem	empregadas, em série, nem o" lá" on, dos dâtilos, nem o"	serem	1	1	
class 9	1623	tornado pelos governadores, mais tarde, após a República,	para designarem	o seu status	terem	1	1	
class 27	11338	homens fazem o reconhecimento de Caratag, Mercuro predição os punios e Dado	para receberem	de um troco	terem	1	1	
class 30	4487	de não judeus que buscam uma corte rabínica (beith din)	para fazerem	a conversão	terem	1	1	
dio10	2705	facilidades e oportunidades, inclusive	para poderem	seus descendentes da	terem	1	1	
dio13	354	escolhidas	para comporem	os modelos desta dissertação são mulheres, consideradas estrangeiras de	terem	1	1	
dio14	2683	representam o herói	para serem	assadas e devoradas, o que é resolvido com a fuga e	terem	1	1	
dio16	648	pela em 15 dias	para irem	para qualquer país, só que, os consules dessem	terem	1	1	
dio17	309	algum, mas precisa passar por aulas	para serem	utilizados na língua japonesa	serem	1	1	
dio18	2267	analisamento - o hero de lavagem-	para serem	-Alto, ele era enorme- para esse	terem	1	1	contad
dio19	1472		para formarem	as palavras equivalentes às coisas e fenômenos" (LIPINER, p. 94).	terem	1	1	
dio2	1447	sugeridas como interessantes	para serem	usadas pelo visitante,	serem	1	1	
dio20	2190	ela mobiliza os órgãos subserventes dessa emoção	para agirem	a favor desse	terem	1	1	
dio21	3670	judaicas, e propunha que os judeus recebessem uma educação europeia	para poderem	ser aceitos pelos	terem	1	1	
dio22	1093	de uma imensa rede de empresas subcontratadas	para produzirem	peças, componentes e	terem	1	1	
dio23	158	os imigrantes vindos da Ásia (japoneses e chineses)	para trabalharem	nas lavouras	terem	1	1	
dio24	601	demais do Egipto	para retornarem		terem	1	1	
dio25	2242	suficientes	para serem	escondidos numa sela,	serem	1	1	
dio26	1369	empregar os termos existentes em sua própria língua	para usarem	outros que são	serem	1	1	
dio28	2573	profetas, a escola "Sad Quando ele pediu aos israelitas reunidos	para escreverem	entre	terem	1	1	
dio29	6122	expressões coram o risco de serem, modificadas, omitidas ou harmonizadas	para ficarem		terem	1	1	
dio3	602	da dinastia almorávida, de trem a Alandalus,	para serem	tornados em meio de seus	terem	1	1	
dio4	5057	ficou claro que, ao concordar com o chamado de Deus	para serem	testemunhas, os	terem	1	1	
dio7	485	tais listas são sugestões de produtos que determinados rabinos entendem como aptos	para serem		terem	1	1	
dio8	1469	Heróis,	para serem	distribuídas entre os participantes da primeira guerra mundial.	terem	1	1	
dio9	2731	Aqui surge um paradoxo: os judeus dependiam do favor real	para permanecerem	em	terem	1	1	
dio1	3044		para figurarem	juntos em uma sentença, ou incompatível, pela impossibilidade de	terem	1	1	
dio10	1321	caráter de empréstimo	para tomarem	se parte integrante do universo cultural que os acolheu.	terem	1	1	
dio11	5070	monções da casa	para falarem	menos, falando e para conversarem	terem	1	1	
dio14	1247	Faleceu no dia 13 de outubro de 2007, aos 65 anos, deixando vários livros	para serem		terem	1	1	
dio15	1753	independentemente da comunicação do pensamento	para serem	deixa desempenhar um papel	terem	1	1	
dio17	1985	número, de citações quanto pelo procedimento usado	para serem	transmitidas, foram colocadas na	terem	1	1	
dio19	2839	Entre as quarenta e uma expressões, selecionamos as mais significativas	para serem		terem	1	1	
dio20	778	então, Nessen trabalhos,	para diferenciarem	se das outras escolas lingüísticas, com a intenção	terem	1	1	
dio21	186	amplitude e dispõe de muitos dados	para serem	analisados e interpretados, faz-se	terem	1	1	
dio22	1661	andam mais ou menos intimamente ligados,	para exprimirem	determinada	terem	1	1	
dio23	1709	supostamente sofisticadas o bastante	para expressarem	as culturas ocidentais	terem	1	1	
dio3	1026		para constituírem	a arma comunicativa (cf. MARCUSCHI, L. A. O diálogo no contexto da aula expositiva.	terem	1	1	
dio7	1580	todas as mensagens correspondentes	para responderem	não tendo acesso a outros argumentos	terem	1	1	
dio9	109	dele, p. 67-69) - de que o gênero é um instrumento de qual os indivíduos se apropriam-	para receberem	esse	terem	1	1	contad
dio9	735	individuais, circunstanciais ou momentâneos — — — ocorrências incógnitas — — —	para serem		terem	1	1	
dio24	1189	outra parte) ou as partes podem se auto-selecionar	para começarem	a falar;	terem	1	1	
dio25	1442	parte do conhecimento, partilhado entre eles	para fazerem	a conexão do tópico com a	terem	1	1	
dio28	1569	Na próxima subseção,	para somarem	se, às reflexões desenvolvidas até aqui, e a fim de	terem	1	1	
dio30	1061	foram aprovados no referido concurso, habilitados	para serem	providos em	terem	1	1	
fran1	1924	em 1887, os críticos franceses encontram o pretexto desejado	para atacarem		terem	1	1	
fran10	252	e Robert Desnos	para escreverem	juntos,	terem	1	1	
fran11	4174	ilacerante, arrebatado	para expressarem	o "inimmuable"	terem	1	1	
fran12	3067	dos meninos, as meninas são crianças	para serem	reservadas, falar sem paído, baixo, de	terem	1	1	
fran13	235	são indispensáveis justamente	para serem	confrontados com os estrangeiros.	terem	1	1	

Figura 25 Construção 4.

fran16	1342		Normandia	para estabelecerem	os fundamentos de uma nova tendência pictórica.	cerem	1
fran18	2563		sob o pretexto de que são pequenas e ainda é cedo	para tomarem	conhecimento.	marem	1
fran19	1182		atividades o incoerente deve obedecer	para serem	incorporadas, seus atos respectivos	serem	1
fran2	89			para encontrarem	um momento de comunhão	rarem	1
fran20	1087		realizar com a linha trabalhada, e o que deviam saber	para serem	capazes de	serem	1
fran21	291		são, na sua maior parte, interessantes, mas estão ali mais	para serem	idos.	serem	1
fran22	481		no convento da "Visitation"	para serem	convertidas ao Catolicismo. Agraciar os demais	serem	1
fran23	6614		[sic] abstenção	para encherem	a existência sem aquela agradável desertado	serem	1
fran24	2841		trabalhassem em grupos (de, no máximo, dez pessoas),	para discutirem	lumbos.	serem	1
fran25	1672		pede-se aos alunos	para trazerem	de casa seu próprio apêrio, caso queiram adotar sua bebida	serem	1
fran26	453		desdes africanos criados	para trabalharem	nas plantações de café e cana-de-açúcar.	harem	1
fran27	453		Antes disso, com outras obras	para serem	escritas, Dunas, encerra sua	serem	1
fran28	5134		tiveram suas filhas escolhidas	para serem	levadas em sacrifício para fidelidade	serem	1
fran29	1204		as filhas avoadas	para serem	ditas, não lidas. Não poderia manifestar um elenco	serem	1
fran3	1202		dar aos leitores uma sucinta idéia dele, não aconce	para conhecerem	uma canção	serem	1
fran30	378			para comporem	seus livros e, depois, queimam-nas. Como podemos ver, o conto de	serem	1
fran4	4471		"-ripior exercícios	para serem	feltos em casa.	serem	1
fran5	2441	[] sem escravos não se produziria apêrio. E escravos em grande número,	para plantarem			serem	1
fran7	2072	"Batucou" ou "Samba" tomaram-se dos termos generalizados	para designarem		a dança profana	serem	1
fran8	2622		Os exemplos acima,	para serem	gramaticais em português, precisam ter o termo	serem	1
lin 1	2093	respectivamente - podem se rezevar, de maneira paradoxal,	para serem			serem	1
lin 10	1444		palavras	para serem	imitadas, sendo 21 sílabas para cada som [f], [z], [] [] [] [] e []	serem	1
lin 11	9138	"... aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas,	para ficarem			serem	1
lin 14	14		para trabalharem		com a policultura (em oposição ao capitalismo)	serem	1
lin 15	850	Bates, Camano e Volterra (1978),	para compreenderem		como a	serem	1
lin 16	4368	vivam em competição pela vida	para subsistirem		precisam ser úteis e bem adaptados ao	serem	1
lin 17	4368	elementos autônomos. Suoçem a presença de sistemas	para performarem		em uma	serem	1
lin 18	495	Antigidade. Estas eram por demais numerosas e significativas	para serem		deixadas	serem	1
lin 19	4669	"as palavras que são feitas	para serem		lidas e as que são feitas para serem ditas	serem	1
lin 20	338	"... enunciados	para serem		o que dizem, não em sua dimensão ontológica, mas como sujeitos	serem	1
lin 20	3301	como recortes	para serem		estudados. Podemos analisar a construção do sentido do timbre	serem	1
lin 22	358	escrevem contos, pena não haver estes livros disponíveis	para serem		mais	serem	1
lin 23	358	por eles, são imitadas demais	para serem		uma vida com um homem, elas previam	serem	1
lin 24	2652		para serem		unidos. I.e., no final do primeiro parágrafo, que as peças nunca foram	serem	1
lin 25	2026	hora"	para recolhirem		dações. Lidas, durante a primeira expedição ao Brasil cheflada por	serem	1
lin 26	2026	Entre os Wapiana, não é usual o uso da expressão	para referirem		ao lugar onde vivem.	serem	1
lin 5	7	então apareciam nas transações, sob forma de proposições,	para serem		aceltas, negociadas	serem	1
lin 7	1236	de Maleo. No início da cena, ela prepara seus destinatários	para receberem		uma grande	serem	1
lin 8	815	menores, os CS	para acrescentarem		seus anônimos fardos para todos da sala. Já	serem	1
lin 10	1516	os quais	para serem		lidos em sua complexidade, precisam ser vistos como enunciado e	serem	1
lin27	1652	esquemas - e cada novo - informação se modifica - ou se adapta -	para abastecerem		os	serem	1
lin28	1740	ascerca/causado - requeim um ambiente vazio	para serem		propósitos.	serem	1
lin30	1588	de estar vinculados a descrições	para podem		referir, co-	serem	1
lin 1	2689	orgânica. 26 Dentre outras coisas, isto quer dizer, que	para entrarem		na arte, as senten-	serem	1
lin 11	101	maneira	para darem		notize e a grande de duração à sua posição dependente e	serem	1
lin 12	1043	salazarista, sentem-se mais livres	para exporem		suas idéias e não se filiam a grupos	serem	1
lin 13	116	Arbunus, [] [era] escasso o tempo	para fugirem		na direção do	serem	1
lin 14	1011	vítimas para as de representantes do diabo, na terra, voluntários do Malino	para realizarem		oferecidas a pessoas variadas: amigos, apreciadores ou a alguma dama	serem	1
lin 16	533	medonhas encontram fardá via de acesso	para inflamarem		as fendas da mata	serem	1
lin 17	533	único revado, a de	para passarem		a passagem do apaz" (OPM, p. 1255-1256)	serem	1
lin 18	855	A poesia de superfície e a subterrânea são forças natutônicas que,	para continuarem			serem	1
lin 19	2621	instituição de total respeito levar suas vestes nagônicas, condições	para serem		lavadas e	serem	1
lin 20	428	religiosas, a serem lavadas e	para expugnam		os Ties. A esta sagrada Ordem concederão os Pontífices notáveis	serem	1
lin 21	1072	No soneto de Camões, as palavras selecionadas	para fugirem		para Pira. E o fracasso dessa tentativa de fuga que permite todo o	serem	1
lin 22	2578	principalmente a criada,	para formarem		as mias são	serem	1

Figura 26 *Construção 4.*

Concordâncias com a 3 pessoa do plural				dados	
Arquivo	Linha	Contexto precedente	Expressão de busca	Contexto subsequente	
File: class 5.t	Line: 169	gravinhas, também eles em breve estariam prontos	para dar	frutos.	1
File: class 6.t	Line: 96	_____ epigramas _____ gêneros _____ esses que contribuem _____	para acontecer		
File: class 9.t	Line: 102	palavras corretas e de sonoridade adequada	para expressar	a alegria da gratidão que cada	1
File: di023.txt	Line: 194	um líder, criaram um grupo	para realizar	seus ideais. O terceiro grupo surgiu em	1
File: di025.txt	Line: 239	enemas, ou ainda na forma de loções ou pomadas. Serviam como laxativos.	para curar		1
File: di026.txt	Line: 45	O objetivo é observar quais as palavras que podem ser utilizadas	para exemplificar	a	1
File: flo_18.t	Line: 81	_____ realizados _____	para estudar	esse tema, porém, poucos analisam esse fato do ponto de vista linguístico,	1
File: flo_31.t	Line: 203	utilizadas pelos alunos-autores,	para convencer	e também persuadir seus	1
File: fran28.txt	Line: 351	a identificação autóctone com a tradição não foram suficientes	para obter	a	1
File: fran3.txt	Line: 172	impulso do comércio, dados que contribuem	para fazer	do Rio de Janeiro o maior	1
File: fran4.txt	Line: 225	desenvolvimento das competências orais: muitos vieram me procurar	para dizer	que	1
File: ling_1.txt	Line: 137	eram insuficientes	para sustentar	nosso principal postulado. Necessitaríamos de	1
File: ling_14.txt	Line: 71	de deixar suas famílias e seu país de origem	para atravessar	o mundo, e	1
File: ling_3.txt	Line: 202	utilizadas	para dar	conta deste rumo de investigação o âmbito das ciências da	1
File: lp_1.txt	Line: 491	_____ Duas passagens servem _____	para ilustrar	o que acabo de comentar:	
File: lp_17.txt	Line: 163	_____ tempo em que contribuem _____	para plasmar	determinada imagem, são por sua vez construídas a	
File: lp_20.txt	Line: 33	_____ preparados _____	para circular	de forma escrita e publicados dispersos pelos tomos da edição	1
File: lp_27.txt	Line: 80	histórias sobre as perversidades macabras dos "nascidos	para matar	" Ian Brad e	1

Figura 27 *Construção 4.*

ANEXOS

Arquivo	Linha	Contexto precedente	Expressão de busca	Contexto subsequente	
linq27	1652	esquemas, a cada nova informação, se modificam ou se	<i>adaptam para absorverem</i>	a	1
filio 8	198	57-63), de que o gênero é um instrumento do qual os indivíduos se	<i>apropriam para nortearem</i>	suas	1
class 8	5693	que se entrelaçam, ultrapassam barreiras, se distanciam e se	<i>aproximam para promoverem</i>		1
filio 9	4709	próprios	<i>criam para serem</i>	distinguidos e caracterizados como nomes-substantivos.	1 serem
lp 11	886	misturam e se	<i>entrecruzam para estimularem</i>	e enriquecerem tanto o exercício da	1
lp 6	1161	quando pai e filho se	<i>juntaram para formularem</i>	um acordo. O estudante	1
dio18	2267	ansiosamente a hora da	<i>lavagem para assentarem</i>	.Aliás, ela era enorme para esse	1
dio16	4474	2000 agentes árabes receberam	<i>ordem para manterem</i>	-se alertas para uma	1
fran10	4787	sejam eles de autoria de Prévert ou não, saem de seu lugar de	<i>origem para formarem</i>		1
lp 9	2188	fazer uso das armas materiais que	<i>possuem para começarem</i>	sua luta contra os burgueses.	1
fran3	2054	saem para sofrerem		o processo final de pelação entre grandes escôvas.	1
filio 7	3348	fogo, os interlocutores usam o espaço	<i>também para exercitarem</i>	a crítica social. Nesse sentido,	1
filio 20	4975	base e uma descrição dos recursos que os formandos	<i>utilizaram para executarem</i>	-na,	1

*lavagem para assentarem; apropriam para nortearem; e adaptam para absorverem contidas aqui, mas não na tabela do FinaisRem geral, sem contextoanterior -m

13

Figura 28 Construção 4.

Arquivo	Linha	Contexto precedente	Expressão de busca	Contexto subsequente	
filio 15	369	mundo exterior; b) o mundo é constituído de coisas: c) as coisas se	<i>associam para formar</i>		1
dio24	2190	mar: os israelitas	<i>atravessariam para fugir</i>	dos egípcios, e os	1
lp 12	755	ricos que	<i>bastem para desempenhar</i>	o papel de grandes	1
fran26	423	espanhóis que	<i>chegavam para ocupar</i>	suas terras. Cristóvão Colombo é o primeiro europeu	1
class 12	12753	agora os gentios	<i>chegavam para participar</i>	das bênçãos prometidas	1
ling 7	3260	seu tom de voz	<i>colaboram para construir</i>	esse efeito de sentido de descontração. Porém,	1
filio24	407		<i>colaborassem para amenizar</i>	os conflitos.	1
filio 14	1126		<i>combinam para criar</i>	este ou aquele efeito de sentido. As análises, obviamente, não fornecem	1
ling 10	635	significados, os fonemas, e na forma como se organizam e se	<i>combinam para formar</i>	unidades	1
fran16	311	formas de arte que se	<i>completam para formar</i>	uma obra única, como provam as	1
lp 28	466	do homem e o apelo consumista	<i>concorreram para instalar</i>	a descartabilidade, a	1
dio3	1221	72 Muitos fatores	<i>concorreram para manter</i>	a importância dos "leitores" do Córdo na vida religiosa: a	1
filio 12	1414		<i>conjugam para estabelecer</i>	a escolha pronominal de referência à segunda pessoa.	1
lp 24	3468	perspectiva do colonizador e	<i>contribuem para fomentar</i>	o "poderio" e o ego nacional.	1
lp 19	245	que	<i>contribuem para esclarecer</i>	melhor o processo dialógico de formação da	1
class 6	96	epigrama – gêneros esses que	<i>contribuem para acentuar</i>		1
class 2	1670	"vigor", cuja velar sonora /g/ e a própria vogal /o/	<i>contribuem para enfatizar</i>	da	1
lp 17	163	tempo em que	<i>contribuem para plasmar</i>	determinadas imagens, são por sua vez construídas a	1
filio 19	741	de charges utilizadas durante a exibição, elementos que	<i>contribuem para criar</i>	os efeitos de	1
lp 2	915	formas aéreas, as quais	<i>contribuem para criar</i>	uma insondável e imponderável atmosfera	1
ling 9	236	coletivo, os gêneros	<i>contribuem para ordenar</i>	e estabilizar as atividades comu-	1
class 8	3827	O anapesto (" ") e o dátilo (" "), por sua vez,	<i>contribuem para ornar</i>	o texto com	1
lp 4	1747	tempo que trazem uma certa sacralização,	<i>contribuem para revestir</i>	o "instante" de	1
dio16	637	refletindo a tendência anti-sentida do povo,	<i>contribuem para tornar</i>	mais	1
ling 11	462	Dois aspectos formais	<i>corroboram para demonstrar</i>	esse desmoronamento	1
ling 4	981	impressionou foram as pausas que os Wapixana	<i>davam para responder</i>	as questões, entre uma pergunta de um	1
lp 7	619	nome que os estudiosos	<i>deram para indicar</i>	o problema das biografias de São	1
lp 22	4894	sinaliza que as formigas	<i>devoraram para renovar</i>	anunciando o advento de um novo processo	1
ling29	3032	comunicação específica, lançando mão dos recursos que	<i>dispem para dar</i>		1
lp 5	4292	sou mulher e me	<i>educaram para ser</i>	mulher, isto é, para entender fingindo que não	1 ser
filio 20	823	sobre sua própria língua, mas também as técnicas que	<i>empregam para converter</i>	esse	1
filio 9	421	para o ensino de uma L2 e nos	<i>encaminham para maior</i>	concentração nos aspectos	1
filio 21	1610	tomais	<i>escolhem para informar</i>	o usuário sobre um mesmo assunto.	1
class30	961	res, que se	<i>esforçam para persuadir</i>	o erro, saberiam desde o proêmio con-	1
fran4	319		<i>esforçaram para dar</i>	respostas coerentes, permanentes e universais à	1
class 5	1930	nomes eu mencionaria, se não	<i>estivessem para aparecer</i>	para ti mesmo durante a a leitura.	1
filio 2	847		<i>existam para nomear</i>	respectivamente, as línguas existentes na Europa antes da	1
lp 20	4590	ainda	<i>faltavam para encher</i>	o número do quarto tomo, um dos quais julgou o senhor Arcebispo de Brag	1
lp 21	1686	ao poco mais águas	<i>ficam para tirar</i>	e desgracado do homem que	1
class 25	2639	aduladores,	<i>fitam para agradar</i>	a alma?	1
fran3	5134	inteiramente perdidas São as que se	<i>inventaram para desenfadar</i>	os eleitores.	1
fran28	2473		<i>lutam para resgatar</i>	sua honra, são personagens históricos cujas trajetórias	1
dio12	863	para fortalecer o poder do Estado budista-confucionista, e	<i>lutavam para expandir</i>	os	1
class29	149	psíquico-afetivo de que	<i>marcham para resgatar</i>	a irmã, nessa expedição, saqueiam Afidna, resgatam Helena e arrebatam E	1
fran20	705		<i>necessitam para avançar</i>	na aprendizagem. Acerca do	1
dio30	896	seus inimigos no Congresso os fatos de que	<i>necessitavam para cortar</i>	as verbas do projeto e enfraquecer o governo Roosevelt. O	1
filio 16	610	dos quais os constituintes se	<i>organizam para formar</i>	sentenças. Os papéis é correspondem	1
fran22	1636	que	<i>participam para divulgar</i>	os fatos, empenham-se com força, finalidade e rumo	1
class 3	1424	A beleza acaba rapidamente, vestidos bonitos	<i>pedem para ser</i>	usados.	1 ser
ling 6	298	identificação, pela criança, dos eventos ou ações que	<i>pedem para ser</i>	explicados.	1 ser
filio 1	1038		<i>permaneceram para servir</i>	de exemplo aos novos pregadores e, ainda que assim	1
dio13	270	Enquanto isso, muitas mulheres, se	<i>policiam para parar</i>	antes, saber	1
dio27	5334	tropas de Napoleão já se	<i>preparavam para expandir</i>	a Revolução ao país de	1
class 12	1276	um desses que	<i>saem para aumentar</i>	a turba, motivos vãos e leves os conduzem pela	1
dio18	1057	Logo, ambos	<i>sairam para telefonar</i>	Ferdinand gostava dessas chamadas	1
filio 5	632	perceberam que o barco não estava lá. Os homens	<i>sairam para explorar</i>	a ilha, e no meio do caminho	1

Figura 29 Construção 4.

ANEXOS

ip_6	223	influências e pensamentos que sua história ajudou a construir,	sejam para negar		1
ira_16	2214	alarmas,	servem para afastar	do astro a sombra do monstro ameaçador. É uma	1
class_14	5671	As alterações feitas pelo humanista português,	servem para agitar	com habilidade o	1
fran10	793	muitas vezes	servem para designar	instituições como a Igreja, o Estado, o País,	1
ling_13	4540	compram na farmácia ou no supermercado e	servem para fazer	um chá	1
ip_1	491	Duas passagens	servem para ilustrar	o que acabo de comentar	1
ip_9	1545	Os fatos da infância e de um passado mais recente	servem para provocar	o diálogo	1
ling30	647	como esses	servem para abarcar	um número de idéias in-	1
fran21	362	interação face a face são funcionais, ou seja, muitos	servem para chamar		1
fran2	2709	expressões ou termos que, além do conteúdo informativo,	servem para dar	uma	1
ilo_10	715	a partir das mesmas categorias que	servem para descrever	as palavras, consideradas no	1
ling_1	250	exemplo, termos que	servem para designar	determinados conceitos da teoria são	1
fran13	234		servem para entender	quem somos e aonde chegamos e por isso os italianos	1
ip_13	1704	gráficas e que, tanto quanto se sabe, não	servem para inferir	realizações fonéticas ocultas"	1
fran14	988	tópicos,	servem para reativar	os topoi projetados na imagem; cálculos axiológicos	1
ira_15	1024		servem para regular	interações sociais (p. ex. pedir permissão). Estudos	1
ling27	1445	fatores de tolerância	servem para simplificar	o funcionamento da CAPb, pois não são	1
class_18	840	que os poetas tinham duas funções sociais: eles	serviam para entreter	e	1
fran6	271	as menções na China e na Índia antigas. Predominantemente, eles	serviam para inculcar		1
ing_25	1972	círculos de intelectuais no período 1890-192926 e que tão bem	serviam para justificar	o	1
ling_21	2439	instituta,	serviam para delimitar	o início de um programa de pesquisa em GG no Brasil?	1
ling_17	1350	de idade, os valores da FME-m	serviam para diferenciar	dois grupos de sujeitos	1
ilo6	985	Os anais	serviam para expressar	a ideologia real e mostrar os reis como	1
fran29	589	/ Estruturas que	serviam para indicar	.	1
ira_22	2132	obviamente não	sobreviveram para narrar	os fatos, ou tiveram sua	1
ilo19	1216	os a uma área ou outra do conhecimento, mas que justamente	surgem para borrar		1
fran15	701	monólogo interior; longas digressões que	surgem para explorar	determinado assunto	1
ilo_8	925	dois filósofos	surgem para tentar	corrigir os sofistas, Isócrates, que não os condena, e Platão, que	1
ilo8	194		tribuem para ressaltar	marcas no discurso. No Brasil, trata-se de um momento políti-	1
ilo20	741	cidades se	unem para atingir	a felicidade, é uma nação virtuosa. A associação	1
ilo_11	2386	usam para lutar		Entre os dois relatos, não há relação de causalidade ou de	1
class_9	2056	triga, nata de leite e ovos, que os Italoitas	usavam para colocar	as oferendas feitas aos	1
fran19	697	Vinci conhecesse a fábula científica que os eqüócios	usavam para representar	sua idéia de mãe.	1
ling_11	262	línguas	utilizam para representar	o espaço (McCLEARY; VIOTTI, 2004).	1
class_23	1170		utilizam para tratar	da mesma matéria que Marcial. Lembrando que o dístico elegiaco é	1
ilo_17	1327	nos títulos, estas reportagens se	valem para captar	o leitor-consumidor e como se revela a síntese	1
ling_19	3439	amigas	vêm para passar	a noite com ela e conversam, brincam, dançam, comem	1
ilo11	1017	judeus	vieram para fixar	-se na terra, cooperando com o processo de colonização.	1
Total					94
3 ocorrências com o verbo "ser"					3
verbos em geral					91

Figura 30 Construção 4.

File	Line	contexto precedente	expressão	contexto subsequente	
File: ip_25.txt	Line: 4485	"(...) criticaram-nos, diz Sartre,	por acentuarmos	a	1
File: ling_17.txt	Line: 2096	análise geral dessas duas categorias	por acreditarmos	que refletem dados	1
File: ling_18.txt	Line: 408	um todo, propomos o estudo do tabu linguístico	por acreditarmos	que este	1
File: ling29.txt	Line: 2257		por adotarmos	a descoberta freudiana como ponto de partida, não	1
File: filo_1.txt	Line: 291	Ainda	por considerarmos	o fato de Vieira ter elaborado o "Sermão da	1
File: filo_23.txt	Line: 1147	[1977], p. 154).	por considerarmos	esta influência, justamente, mais ligada a	1
File: filo_3.txt	Line: 3891	olhar passou por um processo de ampliação,	por considerarmos	similares as	1
File: fran10.txt	Line: 460	o eixo temático. Escolhemos o termo "eixo"	por considerarmos	que ele é ao mesmo	1
File: fran2.txt	Line: 8230	apenas para uma oração, não o fazemos	por considerarmos	o que	1
File: ling_6.txt	Line: 1915	Sítio do Pica-Pau Amarelo foram escolhidos	por considerarmos	ser um facilitador para a	1
File: ling26.txt	Line: 636	enunciador. Decidimos adotá-lo,	por considerarmos	que ele ajuda a sublinhar a participação do enunciat	1
File: filo_7.txt	Line: 252	). Privilegiamos esses três gêneros, entre outros,	por constataremos	.	1
File: class30.txt	Line: 2497	uma análise de seu conteúdo filosófico,	por crermos	mais útil às conclusões que pretendemos	1
File: class_25.txt	Line: 3645	2 Preferimos deixar a palavra em seu original	por desconhecemos	a acepção do termo para Meleagro.	1
File: class_20.txt	Line: 720	de Jerônimo contra Rufino	por entendermos	que o movimento de defesa parte de Jerônimo em	1
File: class_21.txt	Line: 501	das letras clássicas, ancorados na língua grega,	por entendermos	que o	1
File: fran14.txt	Line: 148	imagem,	por entendermos	que elas também são enuncia tivas e constrõem ser	1
File: filo25.txt	Line: 5816	qual há de demorar algum tempo	por estarmos	hoje no mais embrulhado da	1
File: ling_9.txt	Line: 1922	Citamos esses dois livros didáticos	por pensarmos	ser importante o fato de que a	1
File: fran29.txt	Line: 258	n língua estrangeira; pelo contrário, é justamente	por reconhecemos	os avanços	1
File: ling_20.txt	Line: 131	arefa que não podemos recusar, especialmente	por reconhecemos	a falta de	1
File: class28 he	Line: 182	quanto, toda a tragacidade é atenuada unicamente	por sabermos	que Cnêmon não está morrendo, o que confere a ce	1
File: filo_19.txt	Line: 895	expressão "discurso (de) políticos",	por selecionarmos	como objeto de nossa investigação os	1
File: fran7.txt	Line: 2235		por sermos	produto da mestiçagem - portanto, de vários out	1
File: ling_14.txt	Line: 1331	norma que seguimos necessariamente	por sermos	membros duma comunidade	1
File: ip_20.txt	Line: 4983	dizendo apenas que isto ocorre	por sermos	incapazes de nos elevarmos	1
File: filo_21.txt	Line: 759	c)	por vivermos	em meio à intensa carga informacional, o público pr	1
File: fran30.txt	Line: 1843	não transcenderíamos	por estarmos	imiscuídos nesse mundo, isto é, nossa própria	1
					28

Figura 31 Construção 5.

File	Line	contexto precedente	expressão	contexto subsequente
File: class_21.txt	Line: 327	palavra na língua de Homero. Isto implica dizer que nos	esforçamos por evitar	cair no erro

Figura 32 Construção 5.

ANEXOS

File	Line	contexto precedente	expressão de busca	contexto subsequente	
File: dio5.txt	Line: 3622	morfossintáticas se	<i>destacam por apresentar</i>	configurações específicas que	
File: class 9.txt	Line: 1503		<i>Disputavam por saber</i>	se chamariam a cidade Roma ou Rêmore:	
File: class 27.txt	Line: 388	abelhas operárias, dias a fio, se	<i>extenuam por tornar</i>	plenos "os brancos favos" (v. 597).	
File: lp 12.txt	Line: 309	inevitavelmente,	<i>findam por simplificar</i>	em demasia o legado camiliano, uma	
File: class 13.txt	Line: 233	gregos	<i>sobresseem por compor</i>	ao lado dos hinos indo-iranianos, os principais exemplos	
					4

Figura 33 Construção 5.

File	Line	contexto precedente	expressão	contexto subsequente	serem
File: fran29.txt	Line: 1668	Panorama, Tempo, Forum, Campus), ou	<i>bem por representarem</i>	alguns dos recentes lançamentos de duas	1 ntarem
File: filo 3.txt	Line: 3161	nas oficinas, supomos que os alunos o	<i>conheçam por serem</i>	usuários da língua.	1 serem
File: filo 8.txt	Line: 4112	presentadas e/ou reforçadas (porque alguns alunos já as	<i>conheciam por terem</i>	sido	1 terem
File: class 25.txt	Line: 997	e outros pesquisadores se	<i>destacam por terem</i>	trabalhado com conceitos de	1 terem
File: filo 20.txt	Line: 4102	esta ressaltar, ainda, que, dentre esses textos, alguns se	<i>destacam por apresentarem</i>	abeilhas, sendo sempre idênticas. Para toda pluralidade ap	1 ntarem
File: class 7.txt	Line: 689	se	<i>diferem por serem</i>	abeilhas, sendo sempre idênticas. Para toda pluralidade ap	1 serem
File: class 23.txt	Line: 1828	Estes poetas se	<i>distinguem por aumentarem</i>	a clareza das definições dos gêneros	1 ntarem
File: ling 23.txt	Line: 778	superioridade e não o	<i>fizeram por terem</i>	um comportamento entendido como masculino.	1 terem
File: class 8.txt	Line: 310	Romanas	<i>impressionam por serem</i>	compostas no mesmo esquema métrico, estroles alcaicas	1 serem
File: filo 2.txt	Line: 2574	No caso das palavras com artigo definido,	<i>ocorrem por serem</i>	monossilábos. Em	1 serem
File: ling30.txt	Line: 2134	tes (eles tomam tempo e	<i>perduram por terem</i>	partes.	1 terem
File: class 9.txt	Line: 2257	pelos filhos de Anco Márcio, que se	<i>revoltaram por verem</i>	o trono cedido a um estrangeiro	1 verem
					4
					12 4 serem

Figura 34 Construção 5.

File	Line	contexto precedente	expressão	contexto subsequente	
File: lp 25.txt	Line: 4485	"(...) criticaram-nos, diz Sartre,	<i>por acentuarmos</i>	a	1
File: ling 17.txt	Line: 2096	análise geral dessas duas categorias	<i>por acreditarmos</i>	que refletem dados	1
File: ling 18.txt	Line: 408	um todo, propomos o estudo do tabu linguístico	<i>por acreditarmos</i>	que este	1
File: ling29.txt	Line: 2257		<i>por adotarmos</i>	a descoberta freudiana como ponto de partida, não	1
File: filo 1.txt	Line: 291	Ainda	<i>por considerarmos</i>	o fato de Vieira ter elaborado o "Sermão da	1
File: filo 23.txt	Line: 1147	[1977], p. 154).	<i>por considerarmos</i>	esta influência, justamente, mais ligada a	1
File: filo 3.txt	Line: 3891	olhar passou por um processo de ampliação,	<i>por considerarmos</i>	similares as	1
File: fran10.txt	Line: 460	o eixo temático. Escolhemos o termo "eixo"	<i>por considerarmos</i>	que ele é ao mesmo	1
File: fran2.txt	Line: 8230	apenas para uma oração, não o fazemos	<i>por considerarmos</i>	o que	1
File: ling 6.txt	Line: 1915	Sítio do Pica-Pau Amarelo foram escolhidos	<i>por considerarmos</i>	ser um facilitador para a	1
File: ling26.txt	Line: 636	enunciador. Decidimos adotá-lo.	<i>por considerarmos</i>	que ele ajuda a sublinhar a participação do enuncia	1
File: filo 7.txt	Line: 252	). Privilegiamos esses três gêneros, entre outros,	<i>por constataremos</i>	,	1
File: class30.txt	Line: 2497	uma análise de seu conteúdo filosófico.	<i>por cremos</i>	mais útil às conclusões que pretendemos	1
File: class 25.txt	Line: 3645	2 Preferimos deixar a palavra em seu original	<i>por desconhecemos</i>	a acepção do termo para Meleagro.	1
File: class 20.txt	Line: 720	de Jerônimo contra Rufino	<i>por entendermos</i>	que o movimento de defesa parte de Jerônimo em	1
File: class 21.txt	Line: 501	das letras clássicas, ancorados na língua grega,	<i>por entendermos</i>	que o	1
File: fran14.txt	Line: 148	imagem,	<i>por entendermos</i>	que elas também são enuncia tivas e constróem ser	1
File: filo25.txt	Line: 5816	qual há de demorar algum tempo	<i>por estarmos</i>	hoje no mais embrulhado da	1
File: ling 9.txt	Line: 1922	Citamos esses dois livros didáticos	<i>por pensarmos</i>	ser importante o fato de que a	1
File: ling 29.txt	Line: 258	a língua estrangeira, pelo contrário, é justamente	<i>por reconhecemos</i>	os avanços	1
File: ling 20.txt	Line: 131	arefa que não podemos recusar, especialmente	<i>por reconhecemos</i>	a falta de	1
File: class28.txt	Line: 182	stanto, toda a tragicidade é atenuada unicamente	<i>por sabermos</i>	que Cnêmon não está morrendo, o que confere à ce	1
File: filo 19.txt	Line: 895	expressão "discurso (de) políticos".	<i>por sermos</i>	como objeto de nossa investigação os	1
File: fran7.txt	Line: 2235		<i>por sermos</i>	produto da mestiçagem – portanto, de vários out	1
File: ling 14.txt	Line: 1331	norma que seguimos necessariamente	<i>por sermos</i>	membros duma comunidade	1
File: lp 20.txt	Line: 4983	dizendo apenas que isto ocorre	<i>por sermos</i>	incapazes de nos elevarmos	1
File: filo 21.txt	Line: 759	c).	<i>por vivermos</i>	em meio à intensa carga informacional, o público pi	1
File: fran30.txt	Line: 1843	não transcenderíamos	<i>por estarmos</i>	imiscuidos nesse mundo, isto é, nossa própria	1
					28

Figura 35 Construção 5.

File	Line	contexto precedente	expressão de busca	contexto subsequente	
File: class 5.txt	Line: 2116	pela cor da pele. Os	<i>primeiros a ser descritos</i>	são os Píomeus (46a): segundo Ctésias, eles	1
File: filo28.txt	Line: 1677	Como se observa, os	<i>termos a ser relativizados</i>	ocupam posições diferentes: em (a) o	1
File: ling 21.txt	Line: 1462	dedutiva que conduza a	<i>fenômenos a ser explicados</i>		1
File: ling 22.txt	Line: 324	alguns	<i>tópicos a ser desenvolvidos</i>	em pesquisas futuras, como por exemplo, o	1
File: ling 25.txt	Line: 1270	realidade dos	<i>dados a ser examinados</i>	desorientava o linguista.	1
File: lp 19.txt	Line: 1733	irá tardar umas quantas	<i>semanas a ser enviadas</i>	pela central e que, quem sabe,	1
File: ling 22.txt	Line: 6358	emulação de textos preexistentes, tendo-os como verdadeiros	<i>modelos a ser imitados</i>		1
File: class 5.txt	Line: 2116	pela cor da pele. Os	<i>primeiros a ser descritos</i>	são os Píomeus (46a): segundo Ctésias, eles	1
File: filo28.txt	Line: 1677	Como se observa, os	<i>termos a ser relativizados</i>	ocupam posições diferentes: em (a) o	1
File: ling 21.txt	Line: 1462	dedutiva que conduza a	<i>fenômenos a ser explicados</i>		1
File: ling 22.txt	Line: 324	alguns	<i>tópicos a ser desenvolvidos</i>	em pesquisas futuras, como por exemplo, o	1
File: ling 25.txt	Line: 1270	realidade dos	<i>dados a ser examinados</i>	desorientava o linguista.	1
File: lp 19.txt	Line: 1733	irá tardar umas quantas	<i>semanas a ser enviadas</i>	pela central e que, quem sabe,	1
File: ling 22.txt	Line: 6358	emulação de textos preexistentes, tendo-os como verdadeiros	<i>modelos a ser imitados</i>		1
					21

Figura 36 Construção 6.

ANEXOS

File	Line	contexto precedente	expressão de busca	contexto subsequente	
ile: fran24.txt	Line: 278	para si mesmo uma relação das	ações a serem realizadas	na sala de aula;	1
usa: class.txt	Line: 894		acontecimentos a serem explorados	na Enéida.	1
File: filo_5.txt	Line: 1251		alterações a serem efetuadas	pelos formandos sobre o texto da menina se apoiass	1
ile: filo_17.txt	Line: 2490	nativas. Entretanto, como se viu, não há propriamente	alternativas a serem escolhidas		1
e: class_8.txt	Line: 6402	inóspitos	ambientes a serem vencidos	, as barreiras a serem derrubadas e a insegurança do	1
File: dio21.txt	Line: 492		aspectos a serem considerados	no começo de qualquer obra doutrinal, ou seja, assu	1
File: dio3.txt	Line: 1762	últimas compreendem cinco	aspectos a serem seguidos	pelo crente: a profissão de fé	1
File: filo_3.txt	Line: 4106		atividades a serem desenvolvidas	, além de procurar motivar o professor para que ele	1
: class_10.txt	Line: 1678	no sobre os dois tonéis de onde Zeus tira os males e os	bens a serem distribuídos	aos homens,	1
: class_13.txt	Line: 1002	os pensamentos adversos. Tu, ó @ !, confere-nos	bens a serem invejados		1
File: lp_21.txt	Line: 4137	de queixo apoiado nos joelhos, os	braços a envolverem as	pernas, e	1
ile: fran27.txt	Line: 81	novos	caminhos a serem trilhados	. Pelas indicações bibliográficas, pelo	1
ile: filo_21.txt	Line: 467	Em nossa tese é este um dos	caminhos a serem percorridos	nas análises dos	1
ile: fran29.txt	Line: 3342	próprio texto indica os	caminhos a serem seguidos	. Não se pode esquecer de	1
ile: filo_20.txt	Line: 1493	como	categorias a serem buscadas	tais e quais nos textos analisados. Busco apenas tor	1
e: ling_20.txt	Line: 1359	de intensidade, ou outras possíveis	categorias a serem pesquisadas		1
File: dio29.txt	Line: 919	Os	códices a serem discutidos	são:	1
File: lp30.txt	Line: 1878	como símbolos de modelos	comportamentais a serem espelhado	pelo homem moderno e	1
File: filo_4.txt	Line: 283	metaforicamente, assinalando que os primeiros	conceitos a serem compreendidos	são os	1
ile: ling_11.txt	Line: 387	as próximas seções, serão apresentados os principais	construtos a serem utilizados		1
ile: filo_10.txt	Line: 274	Tivemos que necessariamente limitar o número de	contextos a serem examinados		1
: class_25.txt	Line: 1551	No terceiro distico seguem os	cuidados a serem tomados	pelo mensageiro	1
File: ling27.txt	Line: 708		dados a serem utilizados	estarão em formato digital, não existe perda ou disto	1
: class_19.txt	Line: 1708	gênero de canções	destinadas a serem cantadas	ao som da lira, só entrou em uso	1
File: lp_13.txt	Line: 178	de tempos diversos que, encantados pela riqueza de	detalhes a serem explorados	em sua série	1
ile: ling_5.txt	Line: 1363	tags. Partindo das	diferenças a serem ressaltadas	entre PB e inglês, nosso objetivo é reforçar	1
e: class_3.txt	Line: 1212	combatidos, as	difficultades a serem enfrentadas	. Ao final da elegia, temos:	1
e: class30.txt	Line: 1759	tam-se	difficultades a serem resolvidas	e que exigem, por isso, a penetração	1
File: lp_14.txt	Line: 2787	inquieta, solipistas, labirínticos,	enigmas a serem decifrados	pelo leitor. Todos se debatem para	1
File: lp_26.txt	Line: 184	e, por fim, interpretar o sentido dos	espaços a serem analisados	e a busca pela	1
File: filo26.txt	Line: 2138	relações estruturais	espectros a serem reconhecidas	pela interface conceptual-intencional. Por	1
ile: filo_11.txt	Line: 2792	leitor quanto às	estratégias a serem usadas	para a sua decodificação. Dessa forma,	1
: class_21.txt	Line: 377	filosóficos”), a concretude, as	etimologias a serem resgatadas	graças à sensibilidade de um	1
File: dio12.txt	Line: 316	participação na festa ou se organizam	eventos a serem apresentados		1
ile: ling_19.txt	Line: 1902	que as duas modalidades têm	exigências a serem cumpridas	na execução do	1
File: lp_23.txt	Line: 263	reflexão e, portanto, de seleção das	falas a serem ditas	, aumentando, em	1
ile: filo_19.txt	Line: 2589	que há apresentação dos	fatos a serem debatidos	durante a interação, por meio de uma voz	1
e: ling_23.txt	Line: 493	casamento bem sucedido com	lenhos a serem queimados	para o colégio, roupas a serem	1
ile: filo14.txt	Line: 2635	ligada com o seu destino pessoal, os objetos e	finis a serem atingidos	são responsáveis	1
ile: fran30.txt	Line: 2832	sejam resolvidas as tensões entre os	fragmentos a serem relacionados	.	1
ile: ling_2.txt	Line: 2237	A concepção da obra como tecido cheio de lacunas, de	hiatos a serem preenchidos	pelo leitor, a quem cabe	1

Figura 37 Construção 6.

ile: ling_7.txt	Line: 220	são retratadas enquanto modelos sociais e	históricos a serem seguidos	Partimos do	1
File: dio2.txt	Line: 1156	imitada. O sucesso da obra deveu-se não somente às	indicações a serem seguidas	para	1
File: dio2.txt	Line: 757	das	informações a serem passad	. Há outras maneiras de se	1
File: lp_22.txt	Line: 421	conflitos entre as coisas como grandes	injustiças a serem expiadas	na ordem do tempo.	1
: class_22.txt	Line: 366	Platão enumera, sob a fala do Ateniese, uma série de	itens a serem aprendidos		1
e: ling_22.txt	Line: 650	valores fônicos e	junfos a serem incorporados	onde o estereótipo era uma marca	1
: class_12.txt	Line: 1953	fogueira cresce com os	lenfos a serem queimados	, com sacrifício votivo honrarei o	1
ile: ling26.txt	Line: 1573	seis horas, vou morrer em até um ano). Ele se impõe	limites a serem respeitados		1
File: dio9.txt	Line: 532	Assim, não considerarei, nas análises de textos	literários a serem empreendidas	neste	1
e: ling_14.txt	Line: 740	de terra junto ao governo imperial para dividi-las em	lotes a serem distribuídos		1
ile: ling_10.txt	Line: 613	apoiou-se no fato de os fonemas líquidos serem os ú	litos a serem adquiridos	(WERTZNER,	1
File: lp_1.txt	Line: 6772	é uma das	máscaras a serem arrancadas	. Não a última, pois, sob ela, há camadas e	1
: class_14.txt	Line: 1035	enascentistas passaram a imitá-los, adotando-os como	modelos a serem seguidos		1
File: dio5.txt	Line: 3593	hebraico na atualidade, tende a ditar os	modelos a serem seguidos	. Contudo,	1
: class_17.txt	Line: 8858	O mesmo escritor que orientou as	mulheres a serem submissas	a seus maridos e	1
ile: ling_8.txt	Line: 195	Para tanto, temos em vista três	objetivos a serem atingidos	em nosso estudo:	1
ile: fran16.txt	Line: 1740	Na primeira frase, situam-se os	objetos a serem descritos	e o lugar onde se	1
File: fran5.txt	Line: 474	determinada teoria crítica sobre o conteúdo das	obras a serem comparadas	. Nós nos	1
File: dio4.txt	Line: 1093	Não há lista de mandamentos, nem	obrigações a serem observadas	104.	1
File: filo_8.txt	Line: 303	prever o maior número de	obstáculos a serem superados	Assim, não cabe aqui levar adiante	1
File: dio24.txt	Line: 300	psicológico. É claro que surgem, habitualmente,	obstáculos a serem vencidos	, e isso	1
File: filo28.txt	Line: 381	da linguagem, e os interruptores são as	opções a serem determinadas	pela	1
: class_24.txt	Line: 2840	as: o corpo, dividido em duas partes, onde estavam os	oríficos a serem pressionados		1
File: dio17.txt	Line: 367		palavras a serem decoradas	. Deve-se encarar a unidade lexical contextualizada, p	1
ile: filo_6.txt	Line: 664	cenários e nem	papéis a serem representados	somente a atribuição de denominações e	1
ile: filo_23.txt	Line: 458	São Paulo, propôs uma série de	passos a serem dados	para a	1
File: dio13.txt	Line: 3346	ao planejarem meticulosamente os	passos a serem seguidos		1
ile: fran23.txt	Line: 5789	das	peças a serem encenadas	, sabemos que no dia 7 foi representado um texto e	1
File: lp_20.txt	Line: 1506	como se não fossem	peças a serem lidas	cujos horizontes de destinação é o leitor, mesmo	1
File: lp_4.txt	Line: 1454		penumbras a serem transpostas	), coragem que poderíamos ver simbolizada pela	1
ile: filo_9.txt	Line: 810		perguntas a serem respondidas	pelo critério de livre escolha do entrevistado (cf. doc.	1
File: lp_16.txt	Line: 972	dos	poemas a serem apresentadas	, que, naqueles poemas de Fernando Pessoa, há	1
File: fran3.txt	Line: 2172	que se constrói a partir da tradução. São vários os	pontos a serem observados		1
ile: fran26.txt	Line: 277	novas	populações a serem exploradas	. Vieram as grandes aventuras marítimas e os	1
ile: fran11.txt	Line: 726	A descrição dos	pratos a serem servidos	se apresenta altamente simbólica.	1
e: ling_12.txt	Line: 781	São três as fontes	primárias a serem utilizadas	como materiais sistemáticos de	1
File: lp_27.txt	Line: 289	Obviamente, os	primeiros a serem chamados	foram os agentes da lei e da	1
ile: ling29.txt	Line: 860	ele nos alerta para duas questões	principais a serem consideradas	:	1
ile: fran28.txt	Line: 4193	exaltados, jovens	príncipes a serem instruídos	, mitos a serem rememorados ou	1
File: fran4.txt	Line: 62	os	princípios a serem levados	em conta na elaboração de um programa e das ativ	1
ile: fran13.txt	Line: 3776	envolvidas numa descrição: escolha das	propriedades a serem atribuídas	ao tema-título e	1
ile: fran25.txt	Line: 1850	importante nesse processo. Ela vai determinar as	providências a serem adotadas	pelo poder	1

Figura 38 Construção 6.

ANEXOS

File: dlo1.txt	Line: 195	reflexão filosófica. Uma das	questões a serem investigadas	nesta pesquisa	1
File: dlo23.txt	Line: 227	japoneses foram incumbidos de localizar a	reas a serem adquiridas	visando um	1
e: ling_24.txt	Line: 395	com um grau de maior ou de menor consciência – os	recursos a serem empregados	para	1
File: lp_12.txt	Line: 570		romances a serem apreciados		1
e: ling_13.txt	Line: 103	sabiamente, sobre alguns	rumos a serem seguidos	Sua colaboração foi essencial para a	1
File: fran1.txt	Line: 2578	indicava os	rumos a serem seguidos		1
e: class_9.txt	Line: 1226	há alguns	sofrimentos a serem suportados	por ti" (Skutsch, 1985: 211). Elliott (2007: 50)	1
e: class_20.txt	Line: 860	instâncias	teóricas a serem consideradas	para uma completa descrição do corpus em questão	1
File: fran6.txt	Line: 2146	Ao fazer a escolha dos	textos a serem analisados	também, foi necessária a escolha dos	1
File: lp_28.txt	Line: 280	sócio-econômico e cultural, passando a delimitar os	títulos a serem analisados	na obra de cada	1
e: ling_21.txt	Line: 298		tópicos a serem abordados	por uma disciplina, ponto de resolução nem sempre	1
e: class_15.txt	Line: 384	dizem os textos do próprio Sêneca sobre os	tópicos a serem desenvolvidos	na tese. Os	1
File: filoz7.txt	Line: 2983	mo tempo, é um discurso da sociedade que contém os	valores a serem buscados	.No	1
e: ling_15.txt	Line: 3658	normal respectivamente. Nas Tabelas 36 e 37 as	variáveis a serem destacadas	são	1
File: dlo11.txt	Line: 1047	que se traduziria em	verbas a serem usadas	na construção de escolas profissionalizantes e	1
					98

Figura 39 Construção 6.

File	Line	contexto precedente	expressão de busca	contexto subsequente
File: ling_5.txt	Line: 211	sa e empíricos: porque as construções	parecem ser	1
File: dlo5.txt	Line: 1855	resultativos do PB não	parecem desencavar	1
File: dlo6.txt	Line: 319	surtem pedras pontiagudas que	parecem ser	1
File: ling_6.txt	Line: 506	inscrições assírias – que	parecem caminhar	1
File: class_6.txt	Line: 465	de apresentarem perspectivas diferentes, essas teorias	parecem ser	1
File: class_7.txt	Line: 710	Os personagens são ou	parecem ser	1
File: dlo19.txt	Line: 174	que nos	parecem ser	1
File: ling_2.txt	Line: 865		parecem ser	1
File: ling30.txt	Line: 75	evento não	parecem ser	1
File: dlo28.txt	Line: 183	muito antigos. Tais atividades entre indivíduos do mesmo sexo	parecem ter	1
File: ling26.txt	Line: 243		parecem ter	1
File: class30.txt	Line: 479	7 (Retórica, 1357a): "Nós deliberamos sobre as questões que	parecem admitir	1
File: ling_11.txt	Line: 123	aqueles nos quais as duas preposições	parecem alternar	1
File: lp_5.txt	Line: 454	modo,	parecem centralizar	1
File: fran10.txt	Line: 274	Seus livros	parecem cortar	1
File: filio_9.txt	Line: 651	Muitos linguistas	parecem defender	1
File: fran26.txt	Line: 175	surpreso	parecem dizer	1
File: ling_7.txt	Line: 2890	das mães de que seus filhos não-	parecem estar	1
File: ling_20.txt	Line: 329	Seus depoimentos	parecem exibir	1
File: lp_23.txt	Line: 414	falantes de português,	parecem falar	1
File: fran29.txt	Line: 799	Ora, os diálogos de teatro, mesmo se	parecem imitar	1
File: fran8.txt	Line: 156	termos, "ne... que" ou "seulement" – é possível. Os exemplos analisados	parecem indicar	1
File: fran1.txt	Line: 154	As reações opostas das críticas francesa e brasileira	parecem refletir	1
File: class_13.txt	Line: 317	na tradição grega, na qual alguns poucos hinos	parecem seguir	1
File: dlo25.txt	Line: 383	salvo melhor juízo, as fontes	parecem ser	1
File: fran18.txt	Line: 101	mínimo,	parecem ser	1
File: fran21.txt	Line: 763	ambos	parecem ser	1
File: ling_12.txt	Line: 453		parecem ser	1
File: ling_15.txt	Line: 1414	desenvolvimento da criança	parecem ser	1
File: ling_17.txt	Line: 570	alteração no desenvolvimento da linguagem e	parecem ser	1
File: fran6.txt	Line: 1263	instâncias,	parecem ter	1
File: lp_14.txt	Line: 6271	quisermos que alguma coisa pareça claramente grande,	parecem ter	1
File: lp_24.txt	Line: 616	podem ter um diabo de "assimilação" dentro de si o qual,	parecem ter	1
File: lp_8.txt	Line: 541	modo, penso que	convém termos	1
File: fran17.txt	Line: 3224	estudos medievalistas de Paul Zumthor, Bernard Cerquiglini e outros,	convém encontrarmos	1
File: lp_8.txt	Line: 1313	pertinente. Para comprovarmos, este fato	basta lembrarmos	1

Figura 40 Construção 7.

File	Line	contexto precedente	expressão de busca	contexto subsequente
File: dlo15.txt	Line: 1145	de Georg Bendemann	basta tomarmos	1
File: filio_1.txt	Line: 2728	encontro à idéia de um Deus cujos juízos são retos,	basta considerarmos	1
File: filio_23.txt	Line: 618	aspecto,	basta observarmos	1
File: fran22.txt	Line: 539		basta termos	1
File: fran30.txt	Line: 2133	a partir da década de 60. Para termos uma dimensão de sua importância,	basta lembrarmos	1
File: fran7.txt	Line: 3497	Antes de iniciarmos a análise propriamente dita,	convém esclarecermos	1
File: ling_1.txt	Line: 4914	instâncias,	convém chamarmos	1
File: lp_11.txt	Line: 929	quisermos que alguma coisa pareça claramente grande,	basta colocarmos	1
File: lp_14.txt	Line: 6271	podem ter um diabo de "assimilação" dentro de si o qual,	basta desejarmos	1
File: lp_20.txt	Line: 3956	modo, penso que	convém termos	1
File: lp_22.txt	Line: 3224	estudos medievalistas de Paul Zumthor, Bernard Cerquiglini e outros,	convém encontrarmos	1
File: lp_8.txt	Line: 1313	pertinente. Para comprovarmos, este fato	basta lembrarmos	1

Alçamento - 3p plural

File	Line	contexto precedente	expressão de busca	contexto subsequente
File: class_12	Line: 2343	assim	convém serem	1
File: class_14	Line: 7703	E não perguntes em que proporção:	basta serem	1
File: dlo28.txt	Line: 1765	deles	pareciam terem	1
File: filio_17.txt	Line: 2632	pelo sempre jovem e bonita, pois	parece serem	1
File: lp_25.txt	Line: 1245	A razão, a ciência, a tecnologia e todas as filosofias	parece conspirarem	1

Figura 41 Construção 7.

ANEXOS

File	Line	contexto precedente	expressão de busca	contexto subsequente	
File: fio26.txt	Line: 2030		Convém destacar	que as possibilidades são algo antagônicas: se a primeira41 sugere um	1
File: ling_12.txt	Line: 1636		Convém assinalar	que, na prática, ambas as posições justificavam o domínio	1
File: class_27.txt	Line: 1992		Convém lembrar	por fim, a epístola que acompanha o livro II de Marcial: nela,	1
File: fran10.txt	Line: 2244		Convém lembrar	que em francês "Boomerang", em sentido figurado, pode	1
File: ling_22.txt	Line: 1476		Convém notar	que se mudamos o marco referencial e testamos a matriz	1
File: fio_1.txt	Line: 205		Convém observar	que a pretensão de dominar o desconhecido vigorou em	1
File: fio09.txt	Line: 584		convém reiterar	não têm a mesma natureza: esta se constitui por regras estilísticas enc	1
File: lp_20.txt	Line: 403		Convém ressaltar	todavia, que a lição que ensina Sêneca a Lucílio na referida	1
File: lp_1.txt	Line: 2262		convém ressaltar	que o próprio Freud acolheu essa noção, inicialmente. Como já foi	1
File: lp_4.txt	Line: 550	suas "solenes penumbras",	convém abordar	o cenário mais amplo onde ambos se	1
File: class_8.txt	Line: 4049		Convém citar	mais alguns autores que apontaram em passant, nas Odes de Horácio,	1
File: fio_14.txt	Line: 1597	mânticas — silêncios que acentuam a ironia e o estranhamento.	Convém destacar		1
File: fran3.txt	Line: 539	contribuições, dentre elas	convém destacar	as de Alexandre Dumas. Pai, Eugène	1
File: fran24.txt	Line: 236		Convém dizer	que sempre esteve presente em minha memória a	1
File: lp_24.txt	Line: 2224		Convém esclarecer	neste ponto, que os veículos de comunicação de massa	1
File: class_23.txt	Line: 3267		Convém escrever	no vento.	1
File: ling_4.txt	Line: 1338	outra razão porque	convém estar	antes fortificado no primeiro, do que no segundo dos ditos	1
File: class_22.txt	Line: 600	virtuoso no texto, e o que é vicioso e	convém evitar	Exemplo disso é o uso das palavras	1
File: class30.txt	Line: 704	retórico uma morte. E um novo nascimento.	Convém lembrar	que em Eu-	1
File: ling_16.txt	Line: 1301		Convém lembrar	que o elemento de composição quase é tomado aqui em seu sentido eitr	1
File: fran7.txt	Line: 336	no exterior, assim como os chamados afro-sambas.	Convém mencionar	ainda a	1
File: class_14.txt	Line: 448		Convém notar	que D. João III investiu não apenas na arte, mas também na educação.	1
File: fran3.txt	Line: 965		Convém observar	ainda que estas informações remetem às traduções	1
File: lp_10.txt	Line: 869		Convém oferecer	aos outros uma imagem apresentável. A roupa é objeto de	1
File: fio09.txt	Line: 2043		Convém observar	que a hipótese desse estudo é que as relativas preposicionais são mais	1
File: class_9.txt	Line: 150	suplantaria os Anais em fama.	Convém ressaltar	a importância da tradição: se é verdade que	1
File: fio_23.txt	Line: 1015		Convém ressaltar	que fundamentamos as nossas conjecturas, sobre a	1
File: fio_14.txt	Line: 466	rocam uma reação no leitor (cf. CAMARA Jr., 1996, p. 114) —	convém retomar	o método	1
File: class_4.txt	Line: 763	O nome Psicompso, em grego, significa "toda enfeitada".	Convém salientar		1
File: fio_1.txt	Line: 1050	sobre esse ponto, porém,	convém salientar	um uso do gerúndio considerado	1
File: class_22.txt	Line: 7142	encontramos.	Convém ser	preservada a natureza da letra também nos polissílabos.	1
File: fran5.txt	Line: 480	percepção, por parte do analista, dos fenômenos investigados.	Convém ter	sempre em	1
File: fio_15.txt	Line: 544		Convém considerar	que o texto definidor é um discurso que expressa, sempre que possível d	1
File: fio_12.txt	Line: 1419		Convém entender	que há compatibilidade entre o Funcionalismo e a o	1
File: dio23.txt	Line: 1038		Convém frizar	que o motivo da permanência do inglês nessas relações se dá	1
File: dio4.txt	Line: 2735		convém garantir	proteção para a comunidade judaica.	1
File: class_17.txt	Line: 4602	rmo presente no mesmo sentido que Murachco (2003:226) o fez:	Convém lembrar	que,	1
File: fran7.txt	Line: 225	música popular. Em relação a esta última,	convém notar	o trabalho de José Miguel	1
File: fio_9.txt	Line: 2115		Convém observar	que o paciente na sentença ativa se encontra precedido do artigo indefini	1
File: class29_franco	Line: 1416		Convém relembrar	a alusão à querela entre os ramos, mais precisamente à condenação do	1
File: dio23.txt	Line: 1646	Ainda em Masanori M.,	convém ressaltar	que o informante utiliza em seu dia-a-	1
File: fio_12.txt	Line: 768	Entre os estudos realizados sobre as formas de tratamento,	convém retomar		41

Figura 42 Construção 7.

File	Line	contexto precedente	expressão de busca	contexto subsequente	
File: class_15.txt	Line: 2312	pensamento estético.	Basta analisar	o tratamento que Sêneca dá aos quatro elementos da	1
File: fran2.txt	Line: 11096	7 de tão elevado valor.	Basta analisar	as estatísticas, mais de cinquenta e dois mil	1
File: dio3.txt	Line: 688		basta assegurar	que os especulativos saibam melhor que os místicos o que é a visão	1
File: dio2.txt	Line: 1516	guias dessa natureza.	Basta citar	o fato de dedicar a introdução	1
File: fran23.txt	Line: 6245	inteiramente desproporcionais ao seu valor intrínseco.	Basta citar	uma "descaídaeira"	1
File: fran20.txt	Line: 447	não	basta colocar	faço a faço dois homo sapiens quaisquer para que os	1
File: fio_20.txt	Line: 2717		basta compreender	que os anacolutos, repetições e redundâncias,	1
File: fran24.txt	Line: 1008	não	basta conhecer	a língua: o importante é saber utilizá-la.	1
File: dio18.txt	Line: 2246	provações subsequentes.	Basta dizer	que conseguir voltar para o exterior me custou uma	1
File: lp_1.txt	Line: 3517	mo das coisas/ É elas não terem sentido íntimo nenhum" [210].	Basta existir	para se	1
File: fran19.txt	Line: 4222	história da arte, antropologia, literatura, economia, etc.	Basta fornecer	um número restrito de	1
File: dio21.txt	Line: 2284		Basta lembrar	o artigo escrito por Rawet para marcar sua ruptura formal com a comunid	1
File: dio27.txt	Line: 2735	um papel representativo na ficção norte americana.	Basta lembrar	os heróis	1
File: fio_20.txt	Line: 558		Basta lembrar	, ainda com esse autor, que a gramática tradicional está relacionada com	1
File: fran13.txt	Line: 3204	paradisiaco, em que tudo é harmonioso.	Basta lembrar	que só conheceremos o nome do protagonista de Le Chevalier	1
File: fran14.txt	Line: 1596	consolidação da linguística no cenário acadêmico brasileiro.	Basta lembrar	que se inaugurou	1
File: ling_21.txt	Line: 2993	monstruosos.	Basta lembrar	da conhecida foto que tornou seu rosto notório na	1
File: lp_27.txt	Line: 2104		basta listar	os	1
File: dio9.txt	Line: 280	ra que se tenha uma idéia da importância do Grupo Maranhense	Basta mencionar	que a caracterização de João Batista está muito mais afinada com	1
File: dio13.txt	Line: 1384	literatura israelita.	basta observar	que ele se coloca como sexto de	1
File: dio21.txt	Line: 557	Para avaliarmos a opinião de Dante a seu próprio respeito,	Basta olhar	o quadro dos incipits da correspondência de Voltaire para	1
File: fran22.txt	Line: 1213	mesma forma.	Basta olhar	um pouco para a vida de Sá-Carneiro para perceber como todas estas	1
File: lp_6.txt	Line: 263	Mena pelo contrário é um tratado de tentações.	basta olhar	. Numa	1
File: lp_21.txt	Line: 1684	a insistentemente pelo menos desde o início do século passado.	Basta pensar	a aproximação das figuras mais usadas na trilogia com as	1
File: lp_5.txt	Line: 4538	Antunes.	Basta perceber	sua história, seus costumes ou	1
File: ling_13.txt	Line: 981	grupo humano, não	basta pesquisar	(...) a escola tem que se transformar em um meio real, de experiências re	1
File: fio24.txt	Line: 444	Mas não	basta praticar	se a "impressões" para explicá-las. E	1
File: lp_9.txt	Line: 2320	realidades humanas não	basta refletir	um pouquinho sensível à transcendência para ver que uma	1
File: lp_4.txt	Line: 3811	passar e tornar a passar por portas.	Basta ser	uma atividade de discriminação	1
File: fran4.txt	Line: 3973	orais. E para que isto aconteça, não	basta trabalhar	a	1
File: fio_2.txt	Line: 3257	o perfil expresso do português e é o mais simples de conjugar.	Basta unir	a	1
File: class_21.txt	Line: 652	non permanece sendo um dos diálogos mais lidos e estudados.	Basta ver	a profusão de	1
File: dio11.txt	Line: 1095	Espanhola.	Basta ver	o caso de Stein, Marcus Silberstein, Levinski, Simão, Moisés, Glido	1
File: lp_27.txt	Line: 242	A confirmar essa afirmação na atualidade,	basta ver	ficar a insistente	1
File: fio_3.txt	Line: 2201	ter uma abrangência nacional.	Basta verificar	a procedência dos textos vencedores:	1
File: class_23.txt	Line: 1020	Me	basta voltar	sempre às tuas mãos.	1
					37

Figura 43 Construção 7.

ANEXOS

File	Line	contexto precedente	expressão de busca	contexto subsequente	
File: filo 17.txt	Line: 476	Bakhtin afirma ainda que	<i>aprendemos a falar</i>	nossa língua materna não pela sua	f
File: lp 27.txt	Line: 634	e no curso da fala	<i>aprendemos a ser humanos</i>	(ARENDT; 1993: 77).	f
File: dlo27.txt	Line: 1831		<i>aprendemos a ser insensíveis</i>	e desinteressados em relação a	f
File: class 1.txt	Line: 3366	porém ainda nos	<i>arriscamos a ser arruinados</i>	por vós.	f
File: dlo21.txt	Line: 249		<i>dispusemos a educar</i>	nossos soldados.3	f
File: ling 20.txt	Line: 192	Da música popular instrumental, tal como nos	<i>nos a buscar</i>	mais informações sobre essas obras e o	f
File: dlo16.txt	Line: 32	judaica paulistana, propusemo-	<i>nos a realizar</i>	um levantamento que pudesse	f
File: filo26.txt	Line: 755	Esses fatos levam-	<i>nos a concluir</i>	que o Lírico é construído, dentro do conto, numa	f
File: dlo7.txt	Line: 103	convivência mesmo em meio à guerra, nos dispomo-	<i>nos a conviver</i>	em	f
File: ling26.txt	Line: 246	e fato, pela maneira como são estruturados, os cursos induzem-	<i>nos a formar</i>	-se	f
File: fran11.txt	Line: 320	Esse universo ambíguo e provocador convida-	<i>nos a acompanhar</i>	a autora nesse	f
File: fran12.txt	Line: 245	conforme sua posição social levou-	<i>nos a buscar</i>	mais informações sobre essas obras e o	f
File: ling 1.txt	Line: 123	dedicamo-	<i>nos a compreender</i>	qual seria o nível de imbricação entre o núcleo de	f
File: lp 22.txt	Line: 222	Gumbrecht, pode ajudar-	<i>nos a estabelecer</i>	um nexo entre a poética do século XVI e a de	f
File: lp 16.txt	Line: 551	objetividade e o amor, a ética e a ciência, arriscamo-	<i>nos a socobrar</i>	num "crack metafísico".	f
File: lp 9.txt	Line: 1721		<i>Optamos por utilizar</i>	nas análises a denominação frase e não oração por ser um t	1
File: filo27.txt	Line: 1616	retórica, com os quais trabalharemos. No entanto,	<i>optamos por apresentar</i>	as teorias em	1
File: fran18.txt	Line: 972	Como já falamos um pouco, em nossa introdução,	<i>optamos por estudar</i>	a loucura na	1
t: class 20.txt	Line: 719	composição de uma apologia.	<i>Optamos por nomear</i>	nossa tradução com o título de Apologia	1
File: ling 7.txt	Line: 235	didática,	<i>optamos por recortar</i>	as cenas e reorganizá-las de acordo com o que chamamos	1
File: fran12.txt	Line: 1786	o público brasileiro,	<i>optamos por situar</i>	os momentos em que a autora foi lida e por	1
File: dlo4.txt	Line: 358	inédito na academia brasileira,	<i>optamos por apresentar</i>	informações gerais sobre este	1
File: filo 21.txt	Line: 609	No sétimo capítulo,	<i>Optamos por definir</i>	dentro da fraseologia popular, os	1
File: fran28.txt	Line: 3607	160	<i>Optamos por deixar</i>	entre aspas a expressão empregada por Bauman a fim de	1
File: ling 4.txt	Line: 408	função das abordagens propostas,	<i>optamos por dividir</i>	o capítulo em duas partes. A primeira,	1
File: ling 18.txt	Line: 6414	menos escolaridade. Por isso,	<i>optamos por elaborar</i>	uma carta especialmente com os registros	1
File: lp30.txt	Line: 206	nossa investigação,	<i>optamos por escolher</i>	três contos da obra Bichos como eixos de nosso	1
File: ling 1.txt	Line: 289		<i>Optamos por estabelecer</i>	uma ordem cronológica entre os textos de que	1
File: ling 13.txt	Line: 1365	estudo da variação diatópica,	<i>optamos por estudar</i>	a variação semântico-lexical num	1
File: ling 6.txt	Line: 175	ntação de trabalho, em eventos científicos na área de linguística,	<i>optamos por estudar</i>		1
File: ling29.txt	Line: 2730		<i>Optamos por limitar</i>	nosso foco aos mecanismos mais comuns por constituírem	1
File: ling 14.txt	Line: 3509	23	<i>Optamos por manter</i>	a grafia utilizada na época de cada um dos autores.	1
File: ling 17.txt	Line: 1719		<i>Optamos por realizar</i>	a análise dos dados de forma combinada, sendo assim,	1
File: filo 9.txt	Line: 366	o HUURV –	<i>optamos por seguir</i>	Coseriu (1969) e estabelecemos como norma da	1
File: lp 13.txt	Line: 2216	71	<i>Optamos por seguir</i>	a disposição de versos já utilizada por Cunha em que o refrão	1
t: class 27.txt	Line: 6975	er a correlação imediata com o grande apetite sexual de Flólide,	<i>Optamos por traduzir</i>	ulcus	1
File: ling26.txt	Line: 3406	54 Os "settimanali" são, na verdade, hebdomadários.	<i>Optamos por traduzir</i>	simplesmente por "revistas" por achar	1
File: filo 1.txt	Line: 311	A fim de facilitar a leitura no decorrer de nossa tese,	<i>optamos por transcrever</i>		1
File: dlo5.txt	Line: 1894	sua função. Neste trabalho,	<i>optamos por usar</i>	o critério de Tadmor e escrever os nomes originais de forma	1
File: filo 12.txt	Line: 1950	até mesmo, social e estilística. Por essa razão, neste trabalho,	<i>optamos por utilizar</i>	o termo interatividade como sendo a ação prática do	1
File: ling 20.txt	Line: 803	6 Por coerência teórica,	<i>optamos por utilizar</i>	a forma atual.	1
File: ling 22.txt	Line: 2976	e/ou gráfico. Após consulta direta ao autor,	<i>optamos por utilizar</i>	a versão	1
File: lp 8.txt	Line: 5632	ontramos este poema de Lermontov traduzido para o português,	<i>propomos a preparar</i>	uma	f
File: ling29.txt	Line: 261	importante cotejá-los cuidadosamente quando nos	<i>propusemos a apresentar</i>	ao leitor brasileiro uma obra	f
File: ling 15.txt	Line: 178	referenciais; em verdade,	<i>Tenderíamos a achar</i>	que tais textos são adequados	f
File: ling28.txt	Line: 559	brasileiro contemporâneo.	<i>volvamos a ser crianças</i>	que, sem o clítico se (Aqueles	f
File: filo 1.txt	Line: 6729			, podemos ser irresponsáveis, inconsequentes e prejudicar	f

Figura 44 Construção 8.

File	Line	contexto precedente	expressão de busca	contexto subsequente	
File: filo 8.txt	Line: 288	onstruir argumentos. Sobre tudo, é preciso levar os	<i>alunos a compreender</i>	a relevância das	f
File: dlo9.txt	Line: 367	chamava a verdade do que em auxiliar seus	<i>alunos a produzir</i>	um discurso eficiente para o	f
File: dlo24.txt	Line: 6078	estudiosos críticos, quanto pessoas simples,	<i>anseiam por encontrar</i>	. Não podemos	f
File: class29 fr	Line: 34		<i>artistas a tomar</i>	tal tema o objeto de sua arte. Uma a uma, Enéias as conter	f
File: fran10.txt	Line: 1990	coisas de sua estabilidade, levando-	<i>as a ser nômades</i>	, sem lugar fixo. Neste caso, o	f
File: lp 28.txt	Line: 438	leva uma multidão de pessoas	<i>comuns a derrotar</i>	o mundo novo da hiper-realidade e da	f
File: class 10.txt	Line: 169	que o Olimpio é exortado pelos outros.	<i>deuses a tomar</i>	o poder. Tal adjetivo, então, parece indicar não apenas a	f
File: class 7.txt	Line: 966	listides, a arte da cavalaria, não puderam ensin ar-	<i>lhes a ser melhores</i>	homens.	f
File: dlo2.txt	Line: 348	empresas ainda	<i>optam por contratar</i>	descendentes de uma cultura	f
File: lp 21.txt	Line: 5687	das mortes criminosas, mas	<i>optam por esquivar</i>	-se de qualquer responsabilidade,	f
File: dlo14.txt	Line: 3140	s mesmos nomes. Dessa forma, muitos tradutores	<i>optam por substituir</i>	o nome dos personagens do título	f
File: ling 25.txt	Line: 3541	e Nimuendajú-Unkel (1915)	<i>optaram por expor</i>		f
File: filo 5.txt	Line: 2628	ficativo também foi o número de formandos que	<i>optaram por manter</i>		f
File: ling 1.txt	Line: 1451	No decorrer do texto, vemos que os autores	<i>optaram por situar</i>	o "sujeito de	f
File: lp 8.txt	Line: 2968	do um modelo a ser reproduzido por aqueles que	<i>optaram por prosseguir</i>	, ao mesmo tempo em que	f
File: lp 23.txt	Line: 337	aldeia, em oposição, avulta e motiva-	<i>os a sobreviver</i>	com o	f
File: class 17.txt	Line: 521	mensagem do evangelho cristão exortasse seus	<i>ouvintes a romper</i>	com o	f
File: ling 24.txt	Line: 422	bde com a língua escrita, forçando as campanhas	<i>publicitárias a privilegiar</i>	a língua	f

18

Figura 45 Construção 8.

File	Line	contexto precedente	expressão de busca	contexto subsequente	
File: fran21.txt	Line: 883	pertinentes que se	<i>caracterizam por serem</i>	ou dialogais (interação,	1
File: filo 1.txt	Line: 2136	laramente as injunções paradoxais, são os que nos	<i>interessam por serem</i>	os	1
File: dlo30.txt	Line: 5185	do do estado, o que levou pessoas a delatarem e a	<i>agradecerem por terem</i>		1

3

Figura 46 Construção 8.

ANEXOS

Arquivo	Linha	Contexto precedente	Expressão de busca	Contexto subsequente	Marca plural
File: di019.txt	Line: 131		<i>ao tomar</i>	construído casas.	rem 1
File: di04.txt	Line: 238	pensadores judeus divergem	<i>ao comparar</i>	o prodígio e	1 1
File: ling_7.txt	Line: 213	aproximadamente uma hora e trinta minutos. Esclareçamos que	<i>ao falar</i>	de texto ou	1 1
File: ip_5.txt	Line: 340	sobre três agentes secretos portugueses que desapareceram em África	<i>ao vigiar</i>	a necessidade de contextualização para que se possa compreender	1 1
File: ip_7.txt	Line: 237	história '12 Logo, podemos crer que	<i>ao escrever</i>	estabelecer definição adequada para auditório	1 1
File: ip_8.txt	Line: 235	Lembramos ainda que	<i>ao denominar</i>	o escritor diferentemente da seu registro civil.	1 1
File: class_23.txt	Line: 211	É, pois, essa voz feminina que pretendemos ouvir.	<i>ao examinar</i>	o percurso da	1 1
File: class28_h	Line: 368		<i>Antes de refletir</i>	sobre os guias de educação, porém, devemos compreender	1 1
					8 8

Figura 47 Construção 9.

Arquivo	Linha	Contexto precedente	Expressão de busca	Contexto subsequente	marc
File: class_1.txt	Line: 793	vestuário e calçado? E	<i>depois de terem</i>	construído casas.	rem 1
File: class_10	Line: 1621	Dem. v.44-46). Todavia, se todos os assistentes ficaram temerosos	<i>ao virem</i>	o prodígio e	rem 1
File: class_11	Line: 3440	10. Disto servem de exemplo alguns jovens de Tarento, que,	<i>depois de terem</i>	dito	rem 1
File: class_12	Line: 229	ação. 5	<i>ao comentarem</i>	a necessidade de contextualização para que se possa compreender	rem 1
File: class_17	Line: 449	11 Pereلمان & Oltrechts-Tyleca (2000: 22)	<i>ao procurarem</i>	estabelecer definição adequada para auditório	rem 1
File: class_18	Line: 1736	o seu acontecimento específico,	<i>depois de terem</i>	por longos 65	rem 1
File: class_19	Line: 904	Assim, os acadêmicos helenistas realizaram uma primeira seleção	<i>ao filtrarem</i>	o melos	rem 1
File: class_24	Line: 2751	flui ???TTPF 624FP1, e emprestam charme a Pandora,	<i>ao colocarem</i>	colares de ouro em seu pescoçoTTPF 625FP1.	rem 1
File: class_25	Line: 607	Longo foi o caminho dos epiranos, de Mesagro,	<i>antes de chegarem</i>	a fazer	rem 1
File: class_27	Line: 306		<i>ao virem</i>	ingrênis incombíveis ardi aos homens	rem 1
File: class_5.txt	Line: 547	persegui-los por algum tempo, quando já era noite,	<i>ao voltarem</i>	se aos naufrágios, dominaram a	rem 1
File: class_9	Line: 604	Enio e Homero, estes o fazem no conto dos seus textos,	<i>ao invocarem</i>	as Musas, e nisto	rem 1
File: class30	Line: 4408	dirige-se ao que lhes é estranho, e,	<i>ao apogarem</i>	se a isto, apuram-se tanto	rem 1
File: di01.txt	Line: 3917	revelação como sendo tão tremenda que israelitas morreram	<i>ao serem</i>	expostos	rem 1
File: di011.txt	Line: 2272	opiniões, foram banidas: todas as novas relações se tornam antiquadas	<i>antes de chegarem</i>	a se	rem 1
File: di013.txt	Line: 806	influência do próprio texto bíblico. Porém,	<i>ao observarem</i>	est mais atentamente as	rem 1
File: di018.txt	Line: 324		<i>Depois de passarem</i>	alguns anos em Paris, devido à ascensão e iminentes	rem 1
File: di021.txt	Line: 516	reira enfatizam ainda mais o caráter ético, moralizante, da Comédia,	<i>ao assinalarem</i>	alguns anos em Paris, devido à ascensão e iminentes	rem 1
File: di022.txt	Line: 2138	níveis de flutuação,	<i>ao serem</i>	despedidos e afastados facilmente do local de trabalho no	rem 1
File: di023.txt	Line: 161	Logo	<i>ao desembarcarem</i>	no Brasil, os imigrantes trazidos do Japão foram	rem 1
File: di024.txt	Line: 664	As outras nações, especialmente aquelas a serem conquistadas,	<i>ao ouvirem</i>	a se	rem 1
File: di028.txt	Line: 270	bíblia	<i>ao conduzirem</i>	a questão da homossexualidade bíblica para o campo da	rem 1
File: di029.txt	Line: 1194	fato, apresenta muito poucas variantes. 17 Iov. e John A. Thompson,	<i>ao caracterizarem</i>	o	rem 1
File: di030.txt	Line: 687	complementação no Novo ou é por ele substituído. Os judeus,	<i>ao rejeitarem</i>	o termo	rem 1
File: di04.txt	Line: 1200	profetas modificaram radicalmente esta visão	<i>ao universalizarem</i>	a fé bíblica 118. O	rem 1
File: di05.txt	Line: 908	Conforme Neves (2005: 196)	<i>ao trabalharem</i>	com as categorias	rem 1
File: di07.txt	Line: 875	estudiosos a se conhecerem melhor	<i>antes de analisarem</i>	outras sociedades.	rem 1
File: di09.txt	Line: 1788	linhas forçadas	<i>ao serem</i>	preços - lido este procedimento era contrário às ideias poli-	rem 1
File: fio_10.txt	Line: 2028	forma que	<i>ao juntarem</i>	se todos os elementos, uns aos outros, obtem-se o objeto em	rem 1
File: fio_14.txt	Line: 232	pensamento, Lakoff e Johnson (1980),	<i>ao analisarem</i>	diversas expressões idiomáticas da	rem 1
File: fio_15.txt	Line: 354	expressa. Os termos utilizados por tal linguagem,	<i>ao constituírem</i>	progressivamente	rem 1
File: fio_17.txt	Line: 787	textos	<i>ao utilizarem</i>	o discurso relatado, acabam mostrando não só os interlocutores e o quadro	rem 1
File: fio_2.txt	Line: 75	portuguesas,	<i>ao entrarem</i>	no léxico do sálotomense, sofreram metáforas para se	rem 1
File: fio_20.txt	Line: 124	Brasil	<i>ao responderem</i>	à questão de Linguística e Língua Portuguesa da prova do Exame	rem 1
File: fio_21.txt	Line: 56	Como os provérbios são penetrados na memória coletiva,	<i>ao serem</i>	conotações particulares aos	rem 1
File: fio_22.txt	Line: 579	semanticamente ao seu enunciado:	<i>ao atribuírem</i>	["..."] enunciados capazes de constituírem a sequência do	rem 1
File: fio_3.txt	Line: 1712	que,	<i>ao selecionarem</i>	avaliadas unicamente	rem 1
File: fio_5.txt	Line: 582	construir a cidadania" (2002: p. 16). Para este autor,	<i>ao serem</i>	avaliadas unicamente	rem 1
File: fio_7.txt	Line: 350	máquina	<i>ao serem</i>	sobre ela e receberem, em troca, uma "retroação".	rem 1
File: fio_8.txt	Line: 272	Magalhães em Português: Línguagens (São Paulo: Atual, 2003, p. 119)	<i>ao proporem</i>	português como segunda língua. Iniciamos	rem 1
File: fio_9.txt	Line: 374	difficultades dos falantes	<i>ao aprenderem</i>	português como segunda língua. Iniciamos	rem 1
File: fio04.txt	Line: 187	nas relações em sociedade que os sujeitos	<i>ao interagirem</i>	por meio da linguagem, vão	rem 1
File: fio05.txt	Line: 2515	de tópico e de foco são assinalados por traços (no caso, critérios) já	<i>ao entrarem</i>	na	rem 1
File: fio06.txt	Line: 416	sagrada, para que se guarde, por sua vez. As histórias,	<i>antes de serem</i>	narrativas, são	rem 1
File: fran11.txt	Line: 3202		<i>ao acenderem</i>	se os dez lustres, ela dá um grito, não é o desespero daquela noite,	rem 1
File: fran12.txt	Line: 1059		<i>ao explorarem</i>	o currículo de grandes personagens e, ao mesmo tempo, a fazer	rem 1
File: fran14.txt	Line: 347	específicos, característicos de um único gênero da retórica,	<i>ao serem</i>	anunciadas e se fossem iguais, o participante que fez a pergunta se	rem 1
File: fran15.txt	Line: 1104		<i>antes de serem</i>	essa distinção, os autores pretendem elucidar a sua posição	rem 1
File: fran2.txt	Line: 2111		<i>ao retomarem</i>	essa distinção, os autores pretendem elucidar a sua posição	rem 1

Figura 48 Construção 9.

File: fran21.txt	Line: 59	estudo mais detalhado	<i>ao integrarem</i>	o corpus da pesquisa.	rem 1
File: fran22.txt	Line: 346	uma, vela pela escada.	<i>ao chegarem</i>	ao térreo, notaram a porta da loja entreaberta. Do lado	rem 1
File: fran27.txt	Line: 386	Suas memórias adquirem uma espécie de linha lógica	<i>ao encontrarem</i>	seus	rem 1
File: fran3.txt	Line: 4273	representados pelo silêncio dos convivas/bestas à mesa	<i>ao satisfazerem</i>	feito o curso de fonética eles se sentiam mais confiantes para falar e	rem 1
File: fran4.txt	Line: 226		<i>depois de terem</i>	na	rem 1
File: ling_10.txt	Line: 3468	e resultado concorda com o encontrado por Wertzner et al. (2005a), que	<i>ao estudarem</i>	sobre as transformações de	rem 1
File: ling_11.txt	Line: 751	alguns autores alterarem a terminologia utilizada	<i>ao escreverem</i>	estabelecidos.	rem 1
File: ling_14.txt	Line: 4162	se aliados do país que os recebesse para	<i>depois de estarem</i>	sobre a integração entre o	rem 1
File: ling_15.txt	Line: 928	Pitzant e Wetherby (1990)	<i>ao responderem</i>	questões que ainda constituem tabu nas áreas rurais –	rem 1
File: ling_18.txt	Line: 213	quais	<i>ao serem</i>	disparadas sucessivamente, possibilitaram imagens fixas do galope	rem 1
File: ling_19.txt	Line: 479	Vários estudantes foram estudar nos Estados Unidos e	<i>ao voltarem</i>	tomaram a frente em suas cidades. Veja	rem 1
File: ling_22.txt	Line: 680	auto-representação,	<i>ao tecerem</i>	a estratégia dessa literatura,	rem 1
File: ling_23.txt	Line: 596	Millet	<i>ao levantarem</i>	a questão social da mulher, como resultado de sua condição	rem 1
File: ling_24.txt	Line: 6914	forma	<i>ao serem</i>	formuladas, elas devem levar em consideração o repertório do consumidor: suas	rem 1
File: ling_6.txt	Line: 632	cada um, que	<i>ao serem</i>	confrontadas, criam uma zona intermediária de "colocação comum"	rem 1
File: ling_7.txt	Line: 174	produções conseguem notoriedade em outras terras	<i>ao serem</i>	exportadas para mais de	rem 1
File: ling_9.txt	Line: 183	Educação, verificamos que	<i>ao descobrirem</i>	sobre o ensino da língua materna no	rem 1
File: ip_1.txt	Line: 619	zão e,	<i>ao abrirem</i>	se as comportas, criaram não um, mas vários suportes. Por	rem 1
File: ip_10.txt	Line: 1346	Sua função subalterna, servil, fica, desde o início, definida. Só	<i>depois de terem</i>	um olhar	rem 1
File: ip_11.txt	Line: 96	alguns dados biográficos	<i>ao darem</i>	uma dimensão existencialista à obra em prosa, ao revolucionarem	rem 1
File: ip_12.txt	Line: 271		<i>ao serem</i>	implicados à lei tura de sua obra, terminam	rem 1
File: ip_13.txt	Line: 191	A dedicação a esse tema abrange importantes teóricos que	<i>ao lançarem</i>	um olhar	rem 1
File: ip_17.txt	Line: 269	definição controversa, ora tida como passionai, ora como satírica.	<i>ao citarem</i>	exemplos de	rem 1
File: ip_19.txt	Line: 1624	números de todos os tumultos desta ala	<i>antes de serem</i>	coladas as "placas de mármore"	rem 1
File: ip_20.txt	Line: 697	fez e teve os exemplos e ideias das obras que depois fez, e as viu,	<i>antes de serem</i>	lido perfetos como	rem 1
File: ip_21.txt	Line: 1266	especialmente se forem belas	<i>ao crescerem</i>	desenvolvem certo	rem 1
File: ip_23.txt	Line: 1112	Os membros de um grupo social,	<i>ao interagirem</i>	constantemente e	rem 1
File: ip_25.txt	Line: 2305	perplexos,	<i>ao saberem</i>	que Vergílio não gostava de lecionar. Entretanto, ele era o profissional cuida-	rem 1
File: ip_27.txt	Line: 1305	geral, à moda dos antigos pregões que	<i>ao cumprirem</i>	seu papel, transformam-se em	rem 1
File: ip_5.txt	Line: 1958	e	<i>ao desligarem</i>	o interruptor fecharem uma tampa sobre mim e	rem 1
File: ip_8.txt	Line: 989	iguais a nautas	<i>ao notarem</i>	que o piloto? perde o domínio do timão e	rem 1
File: ip_9.txt	Line: 303	Santo Agostinho chama de tempo à impressão que as coisas,	<i>ao passarem</i>	deixaram no	rem 1
File: ip30.txt	Line: 2361	insensibilidade do homem, em relação ao animal.	<i>ao subirem</i>	durante a noite, uma serra	rem 1

Figura 49 Construção 9.

ANEXOS

Arquivo	Linha	Contexto precedente	Expressão de busca	Contexto subsequente	mos	1
File: class 13	Line: 663	quer que formos	ao vagarmos	[175] pelas cidades bem ordenadas dos homens, e eles	mos	1
File: class 14	Line: 1604		Antes de prosseguirmos	na análise, é necessário expor um pequeno comentário de	mos	1
File: class 15	Line: 266	Sêneca é uma porta para o estudo do mundo romano.	Ao analisarmos	o poeta.	mos	1
File: class 16	Line: 1035	as conduzir a ação. Tal passagem é analisada no capítulo 4.	ao estudarmos		mos	1
File: class 2	Line: 712	nossas psiques	ao termos	o poema.	mos	1
File: class 21	Line: 249	embora alguém pretenda que	ao pensarmos	as palavras, falamos interiormente na	mos	1
File: class 22	Line: 127	marcaram textos que lhe eram posteriores e, ainda	ao tratarmos	dos Comentários.	mos	1
File: class 3	Line: 628	E	ao pensarmos	na influência de Catulo sobre Ovídio, percebe-se que	mos	1
File: class 4	Line: 61	antigos, apresentada neste trabalho.	ao citarmos	Northrop Frye. Após isso, focalizamos	mos	1
File: class 7	Line: 1321	mento ingênuo existente na alma imortal. Se se supõe que,	ao nascermos		mos	1
File: class 8	Line: 427	na maioria dos seus cola13.	Ao compararmos	a composição desses versos entre si constatamos a	mos	1
File: class 29	Line: 46	seção da retórica. Essa hipótese inspira algumas questões.	Ao analisarmos	a história das religiões percebemos que a maioria das	mos	1
File: dio10.txt	Line: 473		Ao ouvirmos	a palavra "tradução", imediata e inevitavelmente a associamos a	mos	1
File: dio12.txt	Line: 125		Ao lermos	esses	mos	1
File: dio14.txt	Line: 213	nente ao estudo do conto de magia (volchíebnaia skázka)	Ao fazermos	uma estatística dos órgãos de imprensa dirigidos	mos	1
File: dio15.txt	Line: 294		Ao discutirmos	sua poética. A	mos	1
File: dio16.txt	Line: 120	ssíveis chaves interpretativas que poderiam ser acessadas	ao falarmos	do governo doméstico e o dos escravos, um	mos	1
File: dio19.txt	Line: 1999	natureza, como dissemos desde o começo	ao levamos	em conta a localização do falante no momento da enunciação a partir de um	mos	1
File: dio20.txt	Line: 785	passa a se integrar na forma da língua que acolheu. Além,	Ao observarmos	as várias aparições dos vocábulos dangling ou o verbo to	mos	1
File: dio26.txt	Line: 1337		Ao simplificarmos	exageradamente uma	mos	1
File: dio27.txt	Line: 564		Depois de lantarmos	(R), comemos sobre mesa (E).	mos	1
File: fio 1.txt	Line: 871	6. Há simplificação exagerada.	Antes de tratarmos	efluentemente sobre a constituição do corpus de trabalho.	mos	1
File: fio 11.txt	Line: 1561	(1 50)	Antes de iniciarmos	os estudos a respeito do discurso (de) político em situação de	mos	1
File: fio 12.txt	Line: 1492	desempenho de papéis em eventos sociais.	Ao substituírmos	a língua comum por	mos	1
File: fio 13.txt	Line: 1078		Ao analisarmos	o modo como vamos	mos	1
File: fio 19.txt	Line: 553	tinhamos perdido a "noção de valor"	Ao trabalharmos	com a teoria tem-ética, estamos considerando a função semântica dos	mos	1
File: fio 23.txt	Line: 2599		Ao iniciarmos	para o resultado de lre no	mos	1
File: fio 4.txt	Line: 7365		Ao tomarmos	em	mos	1
File: fio27.txt	Line: 947	Vejamos algumas dessas interpretações.	Antes de iniciarmos	nosso percurso, gostaria de informar o leitor acerca de alguns	mos	1
File: fio29.txt	Line: 656		Ao compararmos	o texto de Rousseau à pintura de Gainsborough, notamos	mos	1
File: fio30.txt	Line: 4655	mistura dos usos das formas pronominais se reforça	Ao recuperarmos	aqui, o modelo de Lakatos	mos	1
File: fran1.txt	Line: 3955	ara conferir à sua crítica momentos de rara criatividade.	ao chegarmos	descobrimos que o endereço não existia etou que o	mos	1
File: fran10.txt	Line: 380	se "poética do movimento". Temos a ideia de tal conceito	antes de passarmos	ao próximo	mos	1
File: fran13.txt	Line: 360		Antes de iniciarmos	a discussão sobre os resultados encontrados é	mos	1
File: fran16.txt	Line: 558		Antes de iniciarmos	essa discussão sobre significação e construção do sentido na	mos	1
File: fran17.txt	Line: 2540	descrever a heterogeneidade dos manuscritos para	ao consultarmos	a própria pesquisa de Koch-Grünberg, (1922, p. 73) o mesmo diz a respeito dos	mos	1
File: fran18.txt	Line: 267	No entanto,	Antes de avançarmos	para a análise sintática, porém, passaremos para a análise semântica a	mos	1
File: fran19.txt	Line: 228	trabalho, entretanto, só ganhará algum relevo	ao observarmos	os encaideamentos, constatamos que, no turno (3), temos	mos	1
File: fran20.txt	Line: 292	Contudo,	Antes de definirmos	de que maneira foram calculadas aqui a precisão, a fluência e a	mos	1
File: fran23.txt	Line: 1695		Antes de prosseguirmos	à análise dos dados do PB e propormos uma hipótese explicativa	mos	1
File: fran24.txt	Line: 303	social. Isso porque,	Ao buscarmos	um ponto de convergência entre elas, identificamos a	mos	1
File: fran26.txt	Line: 2146	universais, afinal elas não são percebidas como arbitrárias.	ao comunicarmos	com outros, negligenciamos muitas das	mos	1
File: fran28.txt	Line: 1902	momento,	antes de partirmos	para nossa leitura crítica, analisaremos o diabo da	mos	1
File: fran29.txt	Line: 1381	Ora,	Ao levamos	em conta o longo período de isolamento que viveram os povos	mos	1
File: fran30.txt	Line: 1967	Porém,	Antes de partirmos	para o ponto mais importante deste estudo — a análise da lírica	mos	1
File: fran5.txt	Line: 1567		ao investigarmos	a literatura sob outra faceta, veremos que isto nem	mos	1
File: fran6.txt	Line: 252		Ao analisarmos	este trecho, constatamos que são os escravos que se dedicam	mos	1
File: fran7.txt	Line: 193		Ao tracarmos	um provérbio, estudamos um pouco de poesia, de interpretação semântica	mos	1
File: fran8.txt	Line: 1348	mas aos burros ou aos asnos.	Ao tentarmos	a genealogia destas ocorrências, notamos que o uso da língua	mos	1
				substituir "bourrique" por "tigre", por exemplo,	mos	1

Figura 50 Construção 9.

File: fran9.txt	Line: 1101	Mas,	antes de passarmos	para esse novo tópico, fiquemos ainda com essa imagem do	mos	1
File: ling 1.txt	Line: 54	Canção convincentemente instituiu a ideia segundo a qual	ao analisarmos		mos	1
File: ling 12.txt	Line: 564	há saber" (AURoux, 1992, pp. 11-12).	Ao recuperarmos	aqui, o modelo de Lakatos	mos	1
File: ling 13.txt	Line: 2093	locais e,	ao chegarmos	descobrimos que o endereço não existia etou que o	mos	1
File: ling 16.txt	Line: 3695	Dois pontos devem ser ainda mencionados	antes de passarmos	ao próximo	mos	1
File: ling 17.txt	Line: 7277		Antes de iniciarmos	a discussão sobre os resultados encontrados é	mos	1
File: ling 20.txt	Line: 906		Antes de iniciarmos	essa discussão sobre significação e construção do sentido na	mos	1
File: ling 4.txt	Line: 1836		ao consultarmos	a própria pesquisa de Koch-Grünberg, (1922, p. 73) o mesmo diz a respeito dos	mos	1
File: ling 5.txt	Line: 898		Antes de avançarmos	para a análise sintática, porém, passaremos para a análise semântica a	mos	1
File: ling 8.txt	Line: 2903	Assim,	ao observarmos	os encaideamentos, constatamos que, no turno (3), temos	mos	1
File: ling26.txt	Line: 4855		Antes de definirmos	de que maneira foram calculadas aqui a precisão, a fluência e a	mos	1
File: ling28.txt	Line: 723		Antes de prosseguirmos	à análise dos dados do PB e propormos uma hipótese explicativa	mos	1
File: ling29.txt	Line: 169		Ao buscarmos	um ponto de convergência entre elas, identificamos a	mos	1
File: ling30.txt	Line: 549		ao comunicarmos	com outros, negligenciamos muitas das	mos	1
File: lp 14.txt	Line: 125	individualista. Ainda,	antes de partirmos	para nossa leitura crítica, analisaremos o diabo da	mos	1
File: lp 15.txt	Line: 3926		Ao levamos	em conta o longo período de isolamento que viveram os povos	mos	1
File: lp 18.txt	Line: 205		Antes de partirmos	para o ponto mais importante deste estudo — a análise da lírica	mos	1
File: lp 22.txt	Line: 1135		ao investigarmos	a literatura sob outra faceta, veremos que isto nem	mos	1
File: lp 24.txt	Line: 256	Porém,	Ao considerarmos	o período Pré-Moderno como fundamental na	mos	1
File: lp 26.txt	Line: 461	Em princípio,	ao analisarmos	a estrutura da narrativa, devemos fazê-	mos	1
File: lp 3.txt	Line: 1247	Goethe. Isto fica ainda mais claro	ao relacionarmos	a data na	mos	1
File: lp 4.txt	Line: 122		Ao percorreremos	toda a sua obra poética, percebemos o quanto Sophia	mos	1
File: lp 6.txt	Line: 395		Ao utilizarmos	o termo decadentismo/decadência é importante deixar claro	mos	1

72

Figura 51 Construção 9.

Arquivo	Linha	Contexto precedente	Expressão de busca	Contexto subsequente	mos	1
File: dio4.txt	Line: 238	pensadores judeus divergem	ao comparar	o genocídio nazista com outras catástrofes	1	
File: lp 5.txt	Line: 340	secreto portugueses que desaparecem em África	ao vigiar		1	
						2

Figura 52 Construção 9.

ANEXOS

Arquivo	Linha	Contexto precedente	expressão de busca	Contexto subsequente	
File: class 27.	Line: 3242	de Horácio,	<i>para nos restringirmos</i>	a poesia não-dramática latina, têm em comum ser	I
File: class 6.1	Line: 659	Virgílio	<i>para nos deitarmos</i>	com o poeta. A sua poesia é pessoal e está ligada a duas	I
File: class30.1	Line: 6138	eterno tormento do diabo seriam um novo apelo	<i>para nos alístarmos</i>	do desejo das realidades	I
File: dlo27.txt	Line: 1778	estamos à espera do tempo certo	<i>para nos livrarmos</i>	de um fardo, das	I
File: dlo8.txt	Line: 727		<i>para nos remetermos</i>	ao(s) sujeito(s) é sempre o discurso.	I
File: filo 1.txt	Line: 2350	Usamos o termo "esquema de conhecimento"	<i>para nos referirmos</i>	às	I
File: filo 3.txt	Line: 2810	que será utilizado	<i>para nos referirmos</i>	a eles. A numeração das linhas foi feita por	I
File: filo 9.txt	Line: 5376		<i>para nos referirmos</i>	a quaisquer desvios provenientes das realizações da língua	I
File: filo27.txt	Line: 1326	ação, do mesmo modo que nos silogismos lógicos: não	<i>para nos entregarmos</i>	indiferentemente às	I
File: fran13.txt	Line: 555	impediria de empregar o termo —literatura]	<i>para nos referirmos</i>	às produções anteriores ao	I
File: fran19.txt	Line: 1715	(37). Iremos então utilizar a sigla "W2"	<i>para nos reportarmos</i>	a essa segunda parte.	I
File: fran22.txt	Line: 3019	mas ainda é cedo	<i>para nos ocuparmos</i>	dessa questão.	I
File: fran24.txt	Line: 2801	sentimos e ainda	<i>para nos compreendermos</i>	des mots qui	I
File: ling 1.txt	Line: 5277	apropriação do discurso alheio pelo arranjo	<i>para nos posicionarmos</i>	sobre em que	I
File: ling 16.txt	Line: 4594	Armamo-nos com a teoria	<i>para nos depararmos</i>	não apenas com todas	I
File: ling 18.txt	Line: 3511	que no Brasil falamos maldita	<i>para nos referirmos</i>	à erisipela. Já em latim,	I
File: ling 22.txt	Line: 3262	Utilizaremos a marca do gênero feminino "companheira"	<i>para nos referirmos</i>	ao TU, pois nos	I
File: ling 4.txt	Line: 367	7 Utilizaremos o termo maloca	<i>para nos referirmos</i>	à aldeia indígena, por ser a expressão corrente entre os ind	I
File: ling30.txt	Line: 334	(1990: 127) afirma que	<i>para nos referirmos</i>	a eventos usa-	I
File: lp 1.txt	Line: 4139	paganismo. Os deuses são úteis, pois servem "...	<i>para nos conduzirmos</i>	entre os	I
File: lp 14.txt	Line: 8190		<i>para nos referirmos</i>	ao diabo ou a qualquer tentação remetida a ele na narrativa	I
File: lp 24.txt	Line: 1216	r convenção, utilizaremos freqüentemente a sigla OESP	<i>para nos referirmos</i>	ao jornal.	I
File: lp 26.txt	Line: 941	ão decerto um paraíso, mas uma irremovível condição	<i>para nos sabermos</i>	e	I
File: lp 28.txt	Line: 4423	enfrentamos diariamente	<i>para nos mantermos</i>	íntegros em nossa dignidade de seres humanos.	I
File: lp 3.txt	Line: 1273	16 Doravante usaremos a sigla SD	<i>para nos referenciarmos</i>	ao conto O Senhor	I
File: lp 4.txt	Line: 2658	mitologia grega,	<i>para nos atermos</i>	a um referente importante na poesia de Sophia, a	I

26

Figura 53 Construção 10.

Arquivo	Linha	Contexto precedente	expressão de busca	Contexto subsequente	
File: filo 8.txt	Line: 1904	freqüência, como resposta a: "Faz calor", algo como "Fiquemos em casa".	<i>para nos abrigar</i>	do	1
File: filo 9.txt	Line: 6113	funcionalidade: precisamos pensar na língua	<i>para nos comunicar</i>	adequadamente,	1
File: fran20.txt	Line: 467	Dentre os meios de que dispomos	<i>para nos comunicar</i>	— gestos, atitudes,	1
File: fran22.txt	Line: 262	Façamos um esforço de imaginação	<i>para nos remeter</i>	ao século XVIII. Não à	1
File: lp 4.txt	Line: 1704	encontramos algo	<i>para nos enfeitar</i>	.(PONGE, 2000, p. 71)	1
File: fran24.txt	Line: 2804	necessitamos	<i>para nos compreender</i>		1

6

Figura 54 Construção 10.

ANEXOS

Arquivo	Linha	Contexto precedente	expressão de busca	Contexto subsequente		pt
File: class 18.txt	Line: 4606	E isso de	determo-nos	apenas nos signos isoladar	1	
File: class 3.txt	Line: 2805	Devemos, no entanto,	lembrarmo-nos	sempre do que nos diz KEN	1	1
File: dlo26.txt	Line: 193	japonês etc, julgamos que seria importante	determo-nos	em uma análise cuidadosa,	1	1
File: filo 1.txt	Line: 5358	ento de medo não é lógico e sequer é apropriado para	referimo-nos	a	1	
File: filo 10.txt	Line: 1132	de neologia léxica, pondera Cabré (1993:444), para	referimo-nos	ao	1	1
File: filo 23.txt	Line: 2831		rebaixarmo-nos	(nós mesmos e a língua he	1	
File: filo 3.txt	Line: 2391	nosso dia-a-dia,	depararmo-nos	com inúmeros textos [...] cu	1	1
File: filo24.txt	Line: 3001		lembrarmo-nos	do fragmento 1, vemos qu	1	
File: filo27.txt	Line: 1213	diferentes totalidades. Nossa opção é	atermo-nos	ao reconhecimento das car	1	1
File: fran19.txt	Line: 5787	preciso, porém,	limitarmo-nos	nesta analogia entre o ato d	1	
File: fran20.txt	Line: 3650	Ao	servirmo-nos	desse pequeno recorte da	1	
File: fran21.txt	Line: 948		atermo-nos	a uma discussão mais impo	1	
File: fran23.txt	Line: 478	relaçã o de dependência com as culturas européias e	libertarmo-nos		1	
File: fran3.txt	Line: 559	ós que gastamos todo o nosso dinheiro brasileiro para	transformarmo-nos		1	1
File: fran30.txt	Line: 3992	análise não foi sem importância, uma vez que permitiu	situarmo-nos	em	1	
File: ling 12.txt	Line: 380	Por outro lado, para	aproximarmo-nos	da geistesgeschichte, é pre	1	
File: ling 18.txt	Line: 638	Ao	depararmo-nos	com sentidos diferentes atr	1	
File: ling 19.txt	Line: 331	eqüência, atingiríamos um outro discreto objetivo: o de	juntarmo-nos		1	1
File: ling 20.txt	Line: 4025	tempero. Não se trata, aqui, de	preocuparmo-nos	com	1	
File: lp 1.txt	Line: 3359	Por que é que ver e ouvir seria	iludirmo-nos		1	
File: lp 10.txt	Line: 270	constelação queirosiana. De Juliana,	lembrarmo-nos	de Joana não foi difícil. A ai	1	
File: lp 14.txt	Line: 2235	necessário	remetermo-nos	a outra obra que ajudou a	1	
File: lp 23.txt	Line: 5781	s: "Agora mais do que nunca é preciso sermos amigos,	amarmo-nos		1	1
File: lp 25.txt	Line: 1272	isso, só se nos revela existindo, na medida em que, ao	projetarmo-nos	nele, penetra-lhe a luz de	1	1
File: lp 3.txt	Line: 1178	pouco surpreendidos, ao	referimo-nos	a este dualismo,	1	
File: lp 9.txt	Line: 3289	angústia'(...)A angústia portanto procede de um súbito	deslocarmo-nos	das coisas, de um	1	
					26	9

Figura 55 Construção 10.

Arquivo	Linha	Contexto precedente	expressão de busca	Contexto subsequente	total
File: class 1.txt	Line: 194		arrepender-nos	em nossas ações e escolhas do grande e do	1
File: class 17.txt	Line: 611	or de uma data situada antes ou depois do ano 70, devemos	dar-nos	por	1
File: class 21.txt	Line: 1973	sempre que quisermos	lembrar-nos	de algo visto ou ouvido, ou mesmo pensado,	1
File: class 22.txt	Line: 2177	Por sua vez, "dizei que se fixam" isto é, se acaso podemos	fixar-nos	E foi dito	1
File: class 3.txt	Line: 161	multo vasto. A ideia é	concentrar-nos	nas letras latinas, na Elegia Erótica Romana, e,	1
File: class 9.txt	Line: 1039	14, em referência ao pai. Quanto a nós, preferimos	apoiar-nos	nas leituras de Valmaggi (op.	1
File: dlo24.txt	Line: 961	corresponde à ideia de	libertar-nos	das nossas próprias dificuldades ou limitações, a	1
File: dlo30.txt	Line: 5513	insciência de nossas responsabilidades humanas podemos	definir-nos	mesmo que	1
File: dlo4.txt	Line: 3510		prosternar-nos	e depois voltaremos a vós" (Gn 22:1 a 5)	1
File: filo 10.txt	Line: 1718	temos de	eleva-r-nos	acima da língua, de dela nos abstrairmos, de contemplá-la, utilizando	1
File: filo 12.txt	Line: 749	Não podemos	limitar-nos	apenas a esses argumentos, pois em línguas como	1
File: filo 21.txt	Line: 6048		exprimir-nos	assim, ela não passa de sua projeção no plano das palavras", como	1
File: filo24.txt	Line: 1813	Mas devemos	defender-nos	de toda palavra, toda linguagem que nos	1
File: filo27.txt	Line: 2325		compadecer-nos	deles e indignarmo-nos perante os êxitos injustificados. É injusto	1
File: fran5.txt	Line: 2897	julgamos necessário	referir-nos	a Valentin. Facili que tratou bem deste assunto. Ao	1
File: lp 24.txt	Line: 1961	custou tanto	desaproximar-nos	e o sr. já quer inutilizar	1
File: lp 25.txt	Line: 974	devêssemos	submeter-nos	" 48	1
File: lp 26.txt	Line: 870	sequer de	dizer-nos	como nos chamamos, e para quê, para	1
					16

Figura 56 Construção 10.

Anexo B - Teses e dissertações utilizadas

Código	Nome	Total palavras	Código	Nome	Total palavras
filo_1	Claudia Assad Alvares	91413	lp_1	Sandra Never Abdo	77894
filo_2	Marcus Vinicius Barreto	39191	lp_2	Fiorella Ornellas de ARAUJO	32359
filo_3	Genize Molina Zillo Barros	49725	lp_3	Roberta Rosa de Araújo	19117
filo_4	Kelly Viviane Bernardo	33295	lp_4	Luiz Carlos de Moura Azevedo	62268
filo_5	Orasir Guilherme Teche Cális	64595	lp_5	Elizabeth Maria Azevedo Bilange	69178
filo_6	Arnaldo Rebello Camargo Junior	24107	lp_6	Maria Carolina Vazzoler Biscaia	30789
filo_7	Marcio Marconato de Carvalho	60013	lp_7	Ana Paula Carraro Borges	31819
filo_8	Ana Maria Junqueira Fabrino	84238	lp_8	Fernanda Verdasca Botton	123392
filo_9	Maria do Rosario Montes Galleg	94411	lp_9	Vera Maria de Miranda Leão de Brito	38001
filo_10	Francisco Gilberto Labate	32076	lp_10	Sonia Mara Ruiz Brown	35038
filo_11	Karin Gutz Inglês	77524	lp_11	ALZIRA PIRES	29728
filo_12	Artaxerxes Tlaço Tácito Modesto	43560	lp_12	ANA LUIZA PATRÍCIO CAMPOS DE OLIVEIRA	32997
filo_13	Luciana Pissolato Oliveira	30397	lp_13	ANDREIZA VALÉRIA DE OLIVEIRA	62515
filo_14	Isabel de Andrade Moliterno	81313	lp_14	ANTONIO AUGUSTO NERY	109267
filo_15	Eugênio Pagotti	123130	lp_15	Vera Maria Monteiro de Souza Rios	48017
filo_16	Erika Inoue Nagase	26123	lp_16	HÉLIO VALDECI RODRIGUES	31579
filo_17	Ariadne Mattos Olímpio	67510	lp_17	LUCIENE MARIE PAVANELO	41699
filo_18	Amábilie Bianca Nogueira	155033	lp_18	Nelson de Oliveira	67355
filo_19	Renata Palumbo	56807	lp_19	PATRICIA CONCEIÇÃO SILVA SANTOS	40688
filo_20	Orlando de Paula	67030	lp_20	RODRIGO GOMES DE OLIVEIRA PINTO	110081
filo_21	Marlene Assunção de Nóbrega	68799	lp_21	Sheila Pelegri de Sá	69156
filo_22	Juliana Jurisberg Oliveira	30951	lp_22	TATIANA APARECIDA PICOSQUE	77597
filo_23	Jorge Viana Moraes	38657	lp_23	Éliida Jacomini Nunes	67505
filo_24	ROSANA RIBEIRO RAMOS	52608	lp_24	Fernanda Suely Müller	65136
filo_25	TÉRCIO CAMPOS POLLI	80081	lp_25	MANOEL FERNANDO PASSAES	63467
filo_26	Flávio Alexandre Ponchirolli	50048	lp_26	Nanci Geroldo Richter	33084
filo_27	Maria Helena Crux Pistori	144556	lp_27	Valdeci Batista de Melo Oliveira	82700
filo_28	Bosana dos Santos Silva	45811	lp_28	CLEIDE DA COSTA E SILVA PAPES	47275
filo_29	Érika Salgado	26141	lp_29	Vivian Steinberg	38429
filo_30	Iraíldes Almeida Sales	73857	lp_30	ALEXANDRE EMÍDIO COSTA	37489
Total Filo	30 teses	1913000	Total Lp	30 teses	1675619

Figura 57 LLIC-PósLetrasUsp

ANEXOS

Código	Nome	Total palavras	Código	Nome	Total palavras
ling_1	Mascos Gusmão Coelho	64075	class_1	AnaMariaCésarPompeu	65181
ling_2	BERENICE BAEDER	36321	class_2	Carlos Leonardo Bonturim Antunes	34648
ling_3	DAYANE CELESTINO DE ALMEIDA	31793	class_3	CECILIA GONÇALVES LOPES	49549
ling_4	oVeo Paulo Jeannine Andrade Carneiro	44331	class_4	DAMARES BARBOSA CORREIA	28003
ling_5	JULIO WILLIAM CURVELO BARBOSA	29762	class_5	LUCIA SANO	73053
ling_6	Ana Lucia da Silveira Barros	44202	class_6	Márcio Luiz Moitinha Ribeiro	30503
ling_7	ELAINE APARECIDA SOUTO ANTUNES	68766	class_7	RODOLFO JOSÉ ROCHA RACHID	78321
ling_8	Terezinha de Jesus Costa	34243	class_8	Heloísa Maria Moraes Moreira Penna	129912
ling_9	KARIN ELISABETH FVRLDES DE ARAUJO	21825	class_9	EVERTON DA SILVA NATIVIDADE	85600
ling_10	LUCIANA AMARO	45454	class_10	MARIA LÚCIA GILI MASSI	41691
ling_11	PAULO JEFERSON PILAR ARAVôJO	31716	class_11	Ivan Neves Marques Júnior	68424
ling_12	Roberta Henriques Raqi Cordeiro	54230	class_12	Luciano Antonio B. S. Marchiori	45260
ling_13	Adriana Cristina Cristianini	91561	class_13	JOSÉ MARCOS MARIANI DE MACEDO	119969
ling_14	Alexandre Marcelo Bueno	58826	class_14	RICARDO DA CUNHA LIMA	109523
ling_15	CIBELLE ALBUQUERQUE DE LA HIGUERA AMATO	35866	class_15	José Geraldo Heleno	127062
ling_16	José Roberto do Carmo	52756	class_16	Maria Cristina Rodrigues da Silva Franciscato	81441
ling_17	Karina Araújo	84152	class_17	MOISES OLÍMPIO FERREIRA	149646
ling_18	Laura de Almeida	84480	class_18	Marcelo Vieira Fernandes	105158
ling_19	Livia Rosa Barros	50435	class_19	GIULIANA RAGUSA DE FARIA	291268
ling_20	Marcos Augusto Arrais	47205	class_20	Luís Carlos Lima Carpinetti	101323
ling_21	Ronaldo Oliveira Batista	71409	class_21	OSCAR DE LIRA CARNEIRO	38822
ling_22	Silvia Regina Lorenzo Castro	39090	class_22	PRISCILA DE OLIVEIRA CAMPANHOLO	86337
ling_23	Tarsila Lemas Borges	50315	class_23	Fábio Paifer Cairolli	36296
ling_24	vanda Baruffaldi	99667	class_24	Alisson Alexandre de Araújo	57684
ling_25	Beatriz Protti Christino	97535	class_25	FLÁVIA VASCONCELLOS AMARAL	53180
ling_26	Elisabetta Santoro	124977	class_26	GUILHERME MELLO BARRETO ALGODOAL	100227
ling_27	João Carlos Almeida Prado	30377	class_27	ALEXANDRE AGNOLON	84296
ling_28	JULIANA DA COSTA PACHECO	22859	class_28	Helena de Negreiros Spinelli	34644
ling_29	Daniela Viana Pannuti	40882	class_29	Francisco Edi de Oliveira Sousa	70761
ling_30	Anna Maria Russo	45169	class_30	Ricardo Reali Taurisano	139107
Total Ling	30 teses	1370015	Total Class	30 teses	2516889

Figura 58 LLIC-PósLetrasUsp

Código	Nome	Total palavras	Código	Nome	Total palavras
fran1	ANA LUIZA RAMAZZINA GHIRARDI	73298	dlo1	Alexandre G. Leone	61402
fran2	DÉBORA RAQUEL MASSMANN ELEODORO	204510	dlo2	ANDRÉIA LOPES DA COSTA	19804
fran3	DIRCEU MAGRI	128136	dlo3	ANNA ROSA MARTINO COVELLI	39913
fran4	Daniela Akie Hirakawa	59232	dlo4	Ariel Fingerman	88868
fran5	KOUASSI LOUKOU MAURICE	56210	dlo5	Candido Sousa da Silva	35996
fran6	MARIA TEREZA GUIMARÃES CÔRTEZ	28565	dlo6	Carmia Kotler	30710
fran7	Nancy Aparecida Alves	74406	dlo7	CLÉSIO AGOSTINHO GERALDO	43720
fran8	Teresa Cristina Silveira Hilst	85517	dlo8	Cristina Rosalino Braule Pinto	43870
fran9	Isabel Lopes Coelho	29779	dlo9	DANIEL SANTANA DE JESUS	46402
fran10	Eclair Antonio Almeida Filho	55422	dlo10	Deborah Hornblas Travassos	33002
fran11	MARIA CRISTINA VIANNA KUNTZ	70965	dlo11	José da Silva	65456
fran12	LUCIMARA LEITE	75119	dlo12	ELIANE SATIKO WARAGAI	30271
fran13	LUÍS CLÁUDIO KINKER CALIENDO	63957	dlo13	Eliézer Serra Braga	63199
fran14	Maria de Fátima Bezerra	19147	dlo14	FLAVIA CRISTINA MOINO CAROLINSKI	64440
fran15	MARIA ESTELA DOS SANTOS LIMA	42951	dlo15	THIAGO BLUMENTHAL	34025
fran16	MARIA LUCIA CLARO CRISTOVÃO	26663	dlo16	ESTHER WAJSKOP TERDINAN	56607
fran17	Mônica Fernanda Rodrigues Gama	60567	dlo17	EDNA IZUMI MIWA DELAROZA	112003
fran18	RODRIGO BARBOSA PALMA	37305	dlo18	GRAZIELA SCHNEIDER URSO	131625
fran19	RODRIGO FERRAZ DE CAMARGO	74662	dlo19	IARA MAIA COVAS	35868
fran20	SÔNIA REGINA NÓBREGA DE OLIVEIRA	53981	dlo20	JACQUELINE BEYROUTI DEL NERO	33205
fran21	ALCINÉIA EMMERICK DE ALMEIDA	39404	dlo21	Saul Kirschbaum	66550
fran22	ANA LUIZA REIS BEDÉ	97295	dlo22	Lina Kojima	35312
fran23	Angela das Neves	135540	dlo23	Luiz Maximiliano Santin Gardenal	83587
fran24	CÉLIA REGINA DOS ANJOS	35032	dlo24	Manu Marcus Hubner	57530
fran25	Cristianne Aparecida de Brito Lameirinha	48389	dlo25	Marcia Lima Zollner Paes de Figueiredo	33568
fran26	Heloisa Caldeira Alves Moreira	74033	dlo26	MÔNICA REGINA LOPES CAVALCANTI	27678
fran27	MARIA LÚCIA DIAS MENDES	106097	dlo27	RICARDO VAIDERGORN	62191
fran28	Maria Suzana Moreira do Carmo	72281	dlo28	SÉRGIO AGUIAR MONTALVÃO	71598
fran29	Paulo Roberto Massaro	45097	dlo29	Edson de Faria Francisco	81612
fran30	Samira Murad	49839	dlo30	Alexandre Daniel de S. Feldman	80391
total fran	30 teses	2023399	total dlo	30 teses	1670403

Figura 59 LLIC-PósLetrasUsp